



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DA TELA À TRAMA: O EFEITO METAFÓRICO E A HETERONORMATIVIDADE
NA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”

ANE CRISTINA THUROW

PELOTAS

2019

ANE CRISTINA THUROW

**DA TELA À TRAMA: O EFEITO METAFÓRICO E A HETERONORMATIVIDADE
NA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aracy Ernst

PELOTAS

2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T542d Thurow, Ane Cristina

Da tela à trama : o efeito metafórico e a heteronormatividade na série de televisão "Sessão de Terapia" / Ane Cristina Thurow ; Aracy Ernst, orientadora. — Pelotas, 2019.

240 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Discurso. 2. Efeito metafórico. 3. Gênero. 4. Série de televisão. I. Ernst, Aracy, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Ane Cristina Thurow

Da tela à trama: O efeito metafórico e a heteronormatividade na série de televisão ‘Sessão de terapia’.

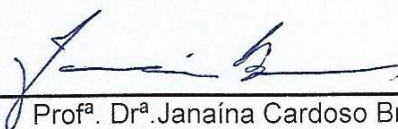
Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Letras, Área de concentração Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

28 de fevereiro de 2019

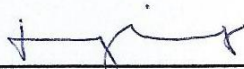
Banca examinadora:



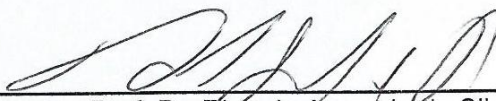
Prof.ª Dr.ª Aracy Ernest
Orientador/Presidente da Banca
Universidade Federal de Pelotas



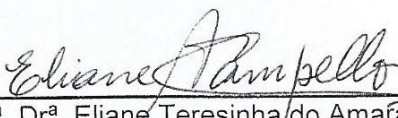
Prof.ª Dr.ª Janaína Cardoso Brum
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Prof.ª Dr.ª Luciana Iost Vinhas
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. Ricardo Azevedo da Silva
Membro da Banca
Universidade Católica de Pelotas



Prof.ª Dr.ª Eliane Teresinha do Amaral Campello
Membro da Banca
Universidade Federal do Rio Grande

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa concedida por três anos, que me possibilitou a dedicação necessária para o aperfeiçoamento dos meus conhecimentos.

Aos professores do PPGL – UCPel, pela seriedade, competência e acolhida na universidade.

À professora Aracy Ernst, pelo apoio na orientação, pela atenção e reflexões teóricas.

À professora Ercília Cazarin, pela confiança, dedicação e considerações dadas na qualificação da tese.

Às professoras Janaína Cardoso Brum, Luciana Iost Vinhas, Eliane Teresinha do Amaral Campello e ao professor Ricardo Azevedo da Silva, pela dedicação de seu tempo na leitura da tese e pelas contribuições dadas ao trabalho.

Aos colegas de Doutorado, pelos encontros reflexivos e agradáveis.

Ao grupo do LEAD, pelas inúmeras reflexões, discussões e amizades.

Ao meu marido, Jeferson Schneider, pela dedicação, apoio, amor e compreensão quanto ao tempo de estudo dedicado ao meu crescimento profissional.

Às minhas amigas, Carol, Sabrina e Cássia, pela amizade, carinho e ajuda.

À minha família, pela motivação, confiança e entendimento das minhas escolhas.

Tenho memórias que não são minhas. Lembranças rabiscadas na parede da ilusão, que não ousa ler. Talvez sejam palavras que não mereçam decifradas. E algo fica por dizer. Mas a vida continua pelos canais concretos da racionalidade e eu continuo a esconder-me de mim. Ando à espera do inverno. Recipiente de óleos sobre a cômoda, lãs, lenços, filmes para os dias curtos e intensos. Nada de versos, as rimas são parentas das lágrimas. Guarda-chuva esquecido atrás da porta de saída. Vazios lógicos e explicáveis. Viver é individual. Três dias pensando uma palavra. Para quê? Amor é verbo intransitivo. Amor é clichê quando derramado sobre a cama. A cama é grande a vida é pequena. A luz que entra agora pelo quarto, é a luz da ciesta, docemente acolhida pela vidraça brilhante. Cama branca, corpo descoberto. As imagens escapam e se vão em silêncio, sem realidade e sem sentidos.

Lucilene Machado

RESUMO

Nosso intuito, neste trabalho, é compreender os efeitos de sentido produzidos no discurso do personagem sujeito-paciente, Felipe, da série de televisão “Sessão de Terapia”, a partir das pistas encontradas na materialidade discursiva de enunciados presentes em sete episódios da terceira temporada dessa série, as quais desenredam o fio que (des)conecta os efeitos metafóricos ao discurso heteronormativo. Os pressupostos teóricos baseiam-se na Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana. Consideramos que o discurso é palavra em movimento (ORLANDI, 2012a), e o sujeito, atravessado pelo processo histórico-ideológico e pelo inconsciente, significa em certas condições. Pela regulação dos modos de dizer do sujeito, presente nas práticas discursivas terapêuticas, observamos saberes que revelam (ou não) a normatização e a adequação aos padrões de gênero estabelecidos em sociedade. Nosso estudo visa à descrição e à interpretação do modo de funcionamento do discurso do personagem sujeito-paciente, a partir da observação dos efeitos metafóricos de sequências discursivas, considerando a questão de gênero. Nossa preocupação está em trabalhar com as (in)visibilidades do discurso do personagem, cuja identidade de gênero corresponde a de uma parcela socialmente silenciada da população. As análises mostram que os efeitos metafóricos em jogo representam subjetivamente a identidade sexual do sujeito-paciente e se apresentam como sintomas em seu dizer. Esses sintomas originam-se do atravessamento da ideologia heteronormativa na constituição subjetiva e identitária do sujeito com a consequente censura social, fazendo emergir a “verdade” do inconsciente e o desejo recalcado. Os efeitos metafóricos observados, entendidos na perspectiva discursiva pecheuxtiana, produzem indícios da contraidentificação do sujeito-paciente com a FD heterossexual e da identificação com a FD homossexual. A partir dos efeitos metafóricos, novos processos discursivos são produzidos e consequentemente novos efeitos de sentido relativos à ruptura dos saberes estabilizados da ideologia heteronormativa e capitalista, constituindo subjetivamente a identidade homossexual do sujeito-paciente.

Palavras-chave: Discurso. Efeito metafórico. Gênero. Série de televisão.

ABSTRACT

Our aim, in this work, is to understand the effects of meaning produced in the discourse of the subject-patient character, Felipe, the television series “Sessão de Terapia”, from the clues in the discursive materiality of statements presents in the seven episodes of the third series which unravel the thread that (dis)connects the heteronormative discourse metaphorical effects. The theoretical presuppositions are based on the Discourse Analysis (AD) from Pêcheux’s affiliation. We consider that the discourse is word in movement (ORLANDI, 2012a), and the subject, crossed by the historical-ideological process and by the unconscious mind, means in some conditions. By the regulation of the subject’s ways of speaking, inserted in the therapeutic discursive practices, we observe knowledge that reveals (or not) the normativity and the adjustment of established gender patterns in society. Our study aims the description and the interpretation of the functioning way of the subject-patient character discourse, from the observation of metaphorical effects of discursive sequences, considering the gender issue. The worry is to work with the (in)visibilities of the character discourse, whose gender identity corresponds to that of a portion socially muttered of the population. The analyzes show that the metaphorical effects in play represent subjectively the sexual identity of the subject-patient and present themselves as symptoms in their speech. These symptoms originate from the crossing of the heteronormative ideology in the subjective identitary constitution of the subject with the consequent social censorship, causing the “truth” of the unconscious and the repressed desire to emerge. The observed metaphorical effects, understood in the Pêcheux’s discursive perspective, produce indications of the counteridentification of the subject with the heterosexual FD and the identification with the homosexual FD. From the metaphorical effects, new discursive processes are produced and consequently new effects of sense relative to the rupture of stabilized knowledge of the heteronormative and capitalist ideology, subjectively constituting the homosexual identity of the subject-patient.

Key-words: Discourse. Metaphorical effect. Gender. Television series.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	145
Figura 2	158
Figura 3	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	29
Quadro 2	97
Quadro 3	116
Quadro 4	143
Quadro 5	163
Quadro 6	171
Quadro 7	186
Quadro 8	197

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1	68
Fotograma 2	73
Fotograma 3	73
Fotograma 4	76
Fotograma 5	76
Fotograma 6	79
Fotograma 7	79
Fotograma 8	84
Fotograma 9	93
Fotograma 10	99
Fotograma 11	102
Fotograma 12	105
Fotograma 13	105
Fotograma 14	109
Fotograma 15	111
Fotograma 16	126
Fotograma 17	129
Fotograma 18	129
Fotograma 19	132
Fotograma 20	136
Fotograma 21	136
Fotograma 22	148
Fotograma 23	153
Fotograma 24	156
Fotograma 25	159
Fotograma 26	164
Fotograma 27	167
Fotograma 28	170
Fotograma 29	172
Fotograma 30	177
Fotograma 31	179
Fotograma 32	182
Fotograma 33	182
Fotograma 34	187
Fotograma 35	191
Fotograma 36	193
Fotograma 37	193
Fotograma 38	196

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAD – Análise Automática do Discurso

AD – Análise de Discurso

AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado

APA – American Psychiatric Association

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CPs – Condição de Produção

ILGA – Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex

IPA - International Psychological Association

FD – Formação Discursiva

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

OMS – Organização Mundial de Saúde

SDR – Sequência Discursiva de Referência

TMC – Teoria da Metáfora Conceptual

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS	14
2. NO <i>SCRIPT</i>: A METÁFORA.....	21
2.1. NA CONSTRUÇÃO: APRECIÇÃO TRADICIONAL DA METÁFORA.....	21
2.2. NA CONSTITUIÇÃO: A ANÁLISE DE DISCURSO	26
2.2.1. Na consequência: os significantes e a construção de sentidos	29
2.2.2. No código: as pistas discursivas	33
2.3. EM PAUTA: OS PROCESSOS METAFÓRICOS NA AD.....	34
2.3.1. No ajuste: as metáforas e as formações do inconsciente	38
3. DA TELA AO DISCURSO HETERONORMATIVO	42
3.1. O PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE	46
4. O GESTO DE INTERPRETAÇÃO: UM ROTEIRO METODOLÓGICO	55
4.1. NA SEQUÊNCIA: O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	55
4.2. NO PLANO: A PROPOSTA ANALÍTICA	58
5. NA NARRATIVA: O PROCESSO TERAPÊUTICO.....	61
6. DA TELA AOS DIZERES DO SUJEITO.....	68
6.1. A IDENTIFICAÇÃO.....	68
6.2. OS ATRAVESSAMENTOS – IDEOLÓGICO E DISCURSIVO	98
6.3. AS NOÇÕES PSICANALÍTICAS	117
6.4. O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE.....	144
6.5. O CONFLITO: A ORIENTAÇÃO SEXUAL	164
6.6. DA TELA À CONSTITUIÇÃO FAMILIAR.....	172
6.7. DA TELA À FICÇÃO: O SUJEITO SEM MÁSCARA	187
7. O ARREIMATE: PALAVRAS FINAIS	199
REFERÊNCIAS	203
ANEXOS	211

TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS DA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”	211
---	-----

1. PALAVRAS INICIAIS

O discurso constitui-se nas relações sócio-históricas presentes em uma dada formação social. Os saberes que nela circulam transformam-se na/pela ideologia, que é um mecanismo de produção de evidências que se realizam no discurso e no sujeito. Pela necessidade de significar, o sujeito, sem o perceber, submete-se à ideologia e constitui-se subjetivamente. A partir de tomadas de posição, ele revela suas filiações e as consequentes normatizações e coerções a que se encontra submetido. São elas que determinam os padrões reguladores de suas práticas discursivas. Esses padrões instituem-se no interior das formações discursivas (FDs), e o sujeito a eles se ajusta, o que não significa uma automatização dos sentidos nelas previstos, uma vez que há movimentação nas redes de memória, fazendo com que eles possam se deslocar, derivar ou tornar-se outros (cf. PÊCHEUX, 2009).

O discurso compõe o sujeito, também o gênero o faz, de maneira que os pressupostos ideológicos, vivenciados pelo sujeito, normalmente legitimam a existência de um padrão que precisa ser seguido em prol da aceitação e da adequação de uma identidade¹ social e sexual. Lembramos que o ato de assumir uma identidade sexual surge como uma necessidade social, cultural e histórica, pois na dinâmica do gênero e da sexualidade, as identidades são construídas e não são determinadas, nem acabadas, pois estão em formação (LOURO, 1997). Portanto, tanto as identidades quanto os discursos estão em permanente processo de construção e de transformação.

Tratamos, neste trabalho, da discursivização da norma relativa à questão de gênero, visto que os constructos heterossexuais são reproduzidos de forma a manter a estrutura binária e assimétrica do masculino/feminino (BUTLER, 2003). Essa estrutura se relaciona à “coerção lógica disjuntiva” que acontece nos espaços discursivos “logicamente estabilizados”, de maneira que existe a “falsa-aparência de real natural-social-histórico homogêneo” com inúmeras “evidências lógico-práticas”, necessárias (desejáveis) ao sujeito em sua gestão social (PÊCHEUX, 2008, p. 30). A multiplicidade de sistemas lógicos, presente na sociedade, incide em certas práticas discursivas vivenciadas pelos sujeitos, sendo possível representá-las nas telas de televisão.

¹ A identidade social relaciona-se ao desejo do sujeito de enquadrar-se e pertencer a um grupo social. O sujeito é constituído pela identidade social, sexual, de gênero, de raça, de classe, etc., que o interpelam por diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais, no âmbito histórico (LOURO, 2000).

O entretenimento televisivo tem transformado as dinâmicas espectatoriais², permitindo a interlocução do sujeito com o seriado e a observação da interação da vida real com a fictícia. Muitos seriados apresentam construções narrativas e imagens baseadas na reiteração de personagens, falas e músicas, que exploram o cotidiano e a expressão de sujeitos. A imagem projetada capta nossa atenção, e nosso olhar clama por uma interpretação, nesse espaço em que distintas materialidades são apresentadas. A reprodução ficcional de práticas discursivas do contexto psicanalítico e com visibilidade à sexualidade do sujeito aparece na terceira temporada da série de televisão brasileira “Sessão de Terapia”, nosso objeto de estudo.

O diferencial deste trabalho é desenvolver a noção de efeito metafórico, na perspectiva da teoria da Análise de Discurso (AD), dialogando com a Psicanálise e os Estudos de Gênero, de modo a relacioná-lo ao atravessamento heteronormativo do processo sócio-histórico atual. A partir do contexto ficcional psicanalítico do seriado, apresentamos a constituição da identidade de gênero do sujeito-paciente, oriunda das relações sociais, da identificação e das demonstrações midiáticas atuais. Buscamos desconstruir as evidências, relacionadas aos padrões heteronormativos, com vistas a compreender o modo de funcionamento do discurso de um sujeito-paciente fictício, apresentado com uma identidade homossexual. Salientamos que a homossexualidade deixou de ser considerada doença mental há quatro décadas em decorrência das investidas de poder dos sujeitos e da mobilidade da linguagem frente às mudanças sócio-históricas.

Situamos nossa pesquisa na perspectiva teórica que entende as metáforas como a substituição de um significante por outro significante, ocasionando efeitos de sentido novos. As formações do inconsciente – atos falhos, sonhos, chistes e sintomas – emergem no discurso do sujeito-paciente através de efeitos metafóricos, que condensam e fazem deslizar os significantes na cadeia simbólica³, constituindo a posição do sujeito em relação à FD em que está inscrito. Cabe, pois, ao analista do discurso analisar os efeitos metafóricos, enquanto deslizamentos de sentidos na movimentação do discurso. Nossa proposta teórico-analítica direciona-se ao desenvolvimento da noção de metáfora na perspectiva da teoria da AD, a partir da observação das configurações da materialidade discursiva dos enunciados produzidos pelo sujeito-paciente Felipe em sete episódios do seriado.

² As novas dinâmicas espectatoriais surgem do movimento dos discursos dos espectadores, originado de trocas simbólicas entre os espectadores/público e os produtores/mídia do seriado/filme nas redes sociais (SILVA, 2014).

³ Conforme Lacan (1998, p. 471), “um psicanalista deve assegurar-se nessa evidência de que o homem, desde antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela se bordasse a história”. Na cadeia simbólica está situado o significante, lugar que aponta para os deslocamentos, deslizamentos que determinam o lugar ocupado pelos significantes que ao adentrarem a cadeia discursiva, constituem o sujeito.

As relações sociais de gênero são permeadas por relações de poder que se manifestam – ou são representadas – em diferentes espaços, como nas telas de televisão. Os discursos e os gêneros compreendem uma pluralidade de conformações históricas, sociais e políticas, a partir das quais homens e mulheres se identificam. Essa pluralidade apresenta-se nas práticas discursivas e produzem distintos efeitos de sentido, através dos processos metafóricos. Para Lacan (1988), não há sentido sem metáfora, pois o inconsciente é estruturado pela linguagem e, nesse jogo de substituição de um significante por outro, surgem sentidos sempre novos, revelados ao consciente. Em que pesem as diferenças entre o objeto da Psicanálise e o da Análise de Discurso, de forma similar no que respeita à produção de sentidos, Pêcheux (2009) explica que a língua está sujeita a falhas e, nas relações de metáfora, constitui-se o sentido, de maneira que as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos na formação discursiva (FD) à qual pertencem.

A noção teórica da metáfora, desenvolvida por Lacan (1988) e ressignificada por Pêcheux (2009), embasa esta pesquisa, possibilitando que se encontrem pistas do modo como operam as determinações sócio-históricas na constituição dos sentidos. Isso se relaciona às práticas dos sujeitos, realizadas em diferentes instituições através da ideologia e constituídas pelos gêneros e constituintes dos gêneros (LOURO, 1997). Entendemos que as metáforas estão atreladas ao discurso e comportam deslizamentos, falhas, equívocos, processos de sinonímia que surgem em diferentes condições de produção (CPs). Partindo dessa premissa, nosso objetivo geral é compreender os efeitos de sentido produzidos no discurso do personagem sujeito-paciente, Felipe, da série de televisão “Sessão de Terapia”, a partir das pistas encontradas na materialidade discursiva de enunciados presentes em sete episódios da terceira temporada dessa série as quais desenredam o fio que (des)conecta os processos metafóricos ao discurso heteronormativo.

Para tanto, precisamos compreender os movimentos dos processos metafóricos através da materialidade discursiva da narrativa fictícia do sujeito-paciente, Felipe, e das discussões teórico-analíticas que expressam a sua constituição. Para isso, estabelecemos algumas questões norteadoras: (i) os efeitos metafóricos, que produzem novos sentidos, possibilitam a compreensão da constituição do discurso e do sujeito?; (ii) as divergências e/ou convergências do discurso do sujeito-paciente quanto aos padrões heteronormativos encontram-se representadas nos efeitos metafóricos?; e, (iii) os processos metafóricos produzem efeitos de sentido que rompem e/ou marcam a heteronormatividade mantida por práticas discursivas institucionalizadas?

A fim de tentarmos responder às questões propostas ao longo do desenvolvimento do trabalho, apresentamos nosso percurso de reflexão por meio dos episódios do seriado. Iniciamos pelo desenvolvimento de concepções teóricas da metáfora e a noção na AD. Posteriormente, discutimos a metodologia que será utilizada para as análises e o funcionamento das metáforas. Nos sete capítulos posteriores, apresentamos um episódio da série por vez, trabalhando com a constituição subjetiva do sujeito-paciente através das metáforas envolvidas na cena. Nas considerações finais, tratamos das relações de gênero e dos efeitos metafóricos, de modo a permitir futuras discussões sobre o assunto.

Iniciamos com a apresentação do enredo da série. A tela pode apresentar diferentes materialidades criadas por artistas, escritores, cineastas e profissionais que buscam atrair e entreter os sujeitos com sua expressão artística. No caminho do entretenimento, atentamos para a terceira temporada da série de televisão “Sessão de Terapia”, transmitida pelo canal GNT, em 2014, com roteiros de Jaqueline Vargas e direção de Selton Mello. Mais especificamente, focamos nos sete episódios da série, transmitidos nas quartas-feiras. A partir da narrativa fictícia do sujeito-paciente Felipe, buscamos descrever os episódios de maneira descritiva e simplificada para compreender a rede que tece esse enredo.

Na estreia, Felipe questiona a maneira como trabalha o terapeuta Theo. O personagem apresenta-se, diz o nome completo e comenta que “parece nome de príncipe”. Seu trabalho diário é na empresa da família. No consultório, Theo recebe uma sacola e flores, vindas da mãe de Felipe, e ele devolve o presente a Felipe. Para tratar de suas relações, caracteriza o pai, como o “*playboy*” que tem uma rotina de regalias, a mãe dona Carmen, que “é o máximo” e a namorada Guta, que “é maravilhosa, super companheira”, “veterinária, super competente, trabalhadora”. Na continuidade, Felipe conta de uma viagem a Paris em que conhece Nicole. Assistimos à revelação de que a família e os amigos não sabem da existência de Guta, pois Felipe está “namorando a Nicole”, escolhida pela sua mãe. A mãe “vê tudo como um investimento, até os relacionamentos”, por isso não aceitaria o relacionamento com a Guta, que “não tem grana”. A discussão da aceitação e do namoro com Guta e Nicole vira pauta, seguida da declaração: “Se eu não fosse filho dos meus pais, eu poderia casar com quem eu quisesse”. O clímax do episódio ocorre quando ele diz: “Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Já tentei, mas... gosto de homem, sempre gostei. A Guta não existe, Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Ele é veterinário, super competente, trabalhador.”.

No segundo episódio, Felipe aborda a angústia e a vergonha que sentiu por ter contado sobre o Guto e sobre a vontade de não ir mais à consulta. Conta da discussão com Guto, seu namorado há três anos, que solicita uma decisão sobre o relacionamento. O relato de sua vida

dupla, por namorar duas pessoas ao mesmo tempo, é algo retratado. A mãe torna-se pauta, por ser “possessiva” e mostrar “ciúme de namoradinha de escola” em situações na empresa e em festas. Felipe traz à tona a orientação sexual ao questionar: “Você acha errado eu ser gay?”. Após, conta sobre o seu noivado com Nicole e sobre o casamento marcado para “daqui a dois meses” e da falta de tesão por ela. Surge então a lembrança da primeira comunhão e da conversa com o padre para saber “se menino podia namorar menino” e a resposta do padre de que “não se deita com homem como se deita com uma mulher, ele disse que era uma abominação”. O dizer: “Se eu gostasse de mulher, a minha vida seria perfeita, seria tudo muito melhor.” remete aos compromissos que tem com a mãe. Novamente, discutem a relação de Felipe e Guto e do medo da separação. Por fim, o terapeuta diz: “Eu te pergunto Felipe, e você, você se aceita?” e a resposta de Felipe de que precisa “aprender a viver sem o Guto”.

No episódio seguinte, Felipe conta três sonhos, “uma trilogia”, sonhada em “três noites seguidas”. No primeiro, ele estava “casando com o Guto”, e a mãe levava-o ao altar, mas quando olha de novo, o Guto era o pai e, no altar, a noiva era a mãe. Depois, Guto e Felipe moravam “debaixo de um viaduto” e “uma onda gigante” vinha e arrastava cada um para um lado. No segundo, Felipe estava na praia e, em uma casa na beira da praia, começa a transar com o Guto, mas de repente “quem estava transado com o Guto” era a mãe dele. Diz que “foi muito estranho” porque dentro do sonho, estava com nojo dele, “mas ao mesmo tempo não conseguia parar de olhar”, ficando cada vez mais nervoso, angustiado e com um ciúme. No terceiro, Guto e Felipe eram casados e moravam “numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro” e todos podiam ver. Alguém bate na porta e é o terapeuta, dizendo ser o vizinho e convidando-os para almoçar na sua casa. Quando eles saíam, “a casa de vidro se espatifava, quebrava toda”, “o Guto também era de vidro” e quebrava como a casa, Felipe não conseguia juntar os cacos e começava a chorar. O terapeuta e Felipe interpretam os sonhos, observando a presença da mãe e a aceitação de Guto pela mãe. Felipe tem a ideia de se assumir “bissexual” para não falar que é gay e que “é muito incômodo pensar nesse negócio do Freud de que todo gay tem Complexo de Édipo”. O terapeuta explica de maneira simplificada, voltando-se para os desejos de Felipe e de sua mãe. A conversa é finalizada com a discussão sobre o amor de Felipe por Guto e pela mãe.

O quarto episódio inicia pelo relato da internação hospitalar de dona Carmen por “estafa” no trabalho e da forma como o pai é ausente. Felipe se lembra da infância com o pai, do compromisso de cuidar da empresa da família e que o terapeuta Theo parece estar “do lado do Guto” e contra ele, pois tratam de forma parecida os acontecimentos. A preocupação com a mãe é excessiva e o terapeuta questiona se ele “pode estar aumentando a gravidade da

situação pra ter uma nova desculpa e manter tudo como está” e se “acha que ser homossexual é ser fraco”. Essas indagações fazem com que Felipe conte sobre a tentativa frustrada de falar com a mãe. Após, relata: “Se os meus pais morressem, minha vida seria mais fácil.”. Ele atende a ligação de Guto que pede para ir à próxima terapia juntos. A lembrança da sua iniciação sexual remonta sua atual situação, amando o Guto, mas tendo que casar com a Nicole. Theo pergunta: “Será, então, que agora não é o momento de você dirigir a própria vida?” e Felipe responde que precisa ver a mãe e sai.

A sessão deste episódio conta com a presença de Felipe e Guto juntos. Eles começam a discutir e Guto expõe a interferência de dona Carmen na história deles e que “toda decisão do Felipe é baseada no que ela quer”. Surge o relato do adiantamento do casamento que acontecerá em um mês, o que faz Guto se assustar e encher os olhos de lágrimas. Guto interroga Felipe sobre sua orientação sexual e pede para pensar na Nicole quando descobrir que “o marido dela é gay”. Guto insiste para que ele fale: “Eu sou gay”. Theo interrompe para discorrer sobre a dificuldade de Felipe se assumir e construir sua “própria identidade”. Felipe trata do medo da reação dos pais e de “como as pessoas vão reagir”. Guto diz que não quer mais ser a causa do sofrimento de Felipe, termina o relacionamento e os dois choram. Guto sai da sala e Felipe vai atrás.

Na sexta sessão, Felipe fala da raiva que sente do Guto, e Theo pergunta se a mãe dele percebeu sua tristeza. Felipe responde que não é só culpa da mãe, que não quer mais fazer terapia porque está tudo resolvido e se casará em três semanas. Ele relata que a mãe percebeu sua tristeza, mas que estava feliz porque sabia que ele era gay. O terapeuta pergunta como ele sabe disso e Felipe conta sobre a conversa com o pai. A ideia do pai omisso se desfez, pois o pai sabia da outra pessoa que o fazia feliz, contou do casamento com a mãe e do porquê do afastamento da empresa. A vergonha surge quando o pai pergunta: “Qual o nome do rapaz?” e diz que sabia desde criança e que sua mãe também sabia, mas preferia fingir que não. O pai disse que ficaria ao seu lado se ele assumisse e que não perderia o emprego ou seria deserdado, pois ele “podia ser filho da dona Carmen, mas que era filho dele também.”. Felipe expõe ter ficado irritado e com raiva da mãe, dizendo: “Mãe, eu sei que a senhora sabe.”. Para Felipe, a mãe deixa de ser perfeita e passa a ser vista como egoísta e fria, especialmente quando diz que ele “podia continuar fazendo o que fazia” depois do casamento. Felipe chora e termina a sessão.

Na última sessão, Felipe conta do rompimento da relação com a mãe e de como ela agiu quando soube da verdade pela Nicole. A mãe disse que “ainda dava pra consertar” o que tinha sido feito, e Felipe expõe que não fará, e ela chora e diz que ele “devia esse

casamento pra ela” e “que era pra esquecer que tinha mãe e foi embora”. Felipe relatou seu pedido de demissão da empresa e que seus medos podiam ser uma desculpa para não se assumir. No consultório, uma sacola e flores chegam para Felipe, vindas da mãe, dona Carmen. Felipe diz que é chantagem ela dizer para ele voltar para a empresa e levar o amigo para jantar, sem nem pedir desculpas. Theo quer saber como ele está se sentindo e recebe a resposta: “Adulto”. Felipe diz que não vai “poder contar tudo isso pro Guto”, mas o terapeuta insiste, perguntando se Guto sabe do cancelamento do casamento. Felipe diz que vai procurar Guto e que, na próxima semana, conta como foi. Ele se despede, dizendo: “Obrigado, Theo!”.

Nesse relato dos sete episódios da série, propusemo-nos a delimitar um breve quadro da narrativa ficcional criada para o sujeito-paciente Felipe, cujos enunciados constituem-se em objeto deste trabalho. A análise empreendida focaliza os efeitos metafóricos ali presentes em busca da compreensão do movimento dos sentidos e da constituição do processo de subjetividade implicado na construção da identidade de gênero. Portanto, efeito metafórico, subjetividade e sentido são temas entrelaçados que definem as coordenadas teórico-analíticas empregadas nesta busca reflexiva sobre os sentidos a partir da dimensão significativa num contexto psicanalítico em que o sujeito é obrigado a falar de si com as errâncias, os desvios, as máscaras e as perturbações de identidade que o constituem. Nosso enfoque incorpora, de maneira decisiva, a teoria semântica do discurso pecheuxtiana naquilo que tem de fundamental: o efeito de sentido produz-se não na instância do sujeito, mas naquilo que lhe é exterior, ou seja, nas determinações sócio-históricas que o afetam e que o constituem, melhor dizendo, trata-se de um fora/dentro que o dota de subjetividade e de significância. O discurso, em ambiente psicanalítico, mantém aberta a cadeia significativa, pois o relato deve ser entendido como reconfiguração nunca acabada ou como deslizamento metafórico em que se tecem os fios de nossa constituição subjetiva e identitária.

2. NO *SCRIPT*: A METÁFORA

Quando falamos de *script*⁴, referimo-nos a um manuscrito, um roteiro instrutivo que auxilia a produção de uma obra e que é seguido pelos atores em suas representações artísticas. Assim como uma obra fílmica/televisiva/teatral é organizada por um *script* produzido por um autor, também nosso trabalho tem um *script* que constitui o objeto de nossa interpretação. Por isso, nosso roteiro far-se-á pela descrição e interpretação dos efeitos metafóricos produzidos pelo personagem Felipe, que possibilitam as discussões e as reflexões realizadas nesta tese.

A produção deste trabalho inicia pela noção de metáfora, investigada por diferentes campos teóricos como a Linguística, a Filosofia e a Psicologia. A frequente utilização nos mais diversificados textos teóricos e literários constitui evidências de um significado aparentemente comum e de fácil compreensão, fato que pode estar relacionado à sua primeira definição, datada no século IV a.C., que mostramos no tópico seguinte. Apresentamos, pois, algumas considerações acerca das concepções da metáfora em diferentes áreas teóricas até chegarmos à sua concepção discursiva.

2.1. NA CONSTRUÇÃO: APRECIÇÃO TRADICIONAL DA METÁFORA

As metáforas foram conceituadas, inicialmente, por filósofos e teóricos que tentaram explicar o uso recorrente de palavras com significado não literal. No decorrer do tempo, o estudo da metáfora vem sendo ampliado e aprofundado. Ela era vista como figura de linguagem, ligada à estilística e à linguagem literária, e, posteriormente, passou a ser foco de interesse de pesquisas de diferentes áreas. Essa explicação parte do pressuposto da dualidade literal e não literal, e pode ser observado na exposição do dicionário Priberam *online*, em que a metáfora⁵ é vista como “figura de retórica em que a significação habitual de uma palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subentendida”. A evidência do uso da metáfora como uma figura estilística de uso comum nos textos literários e linguísticos é tratada a seguir.

O primeiro conceito de metáfora é registrado em Aristóteles, no século IV a.C.. No livro *Arte Poética*, o autor diz: “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra,

⁴ O *manuscript* é de origem inglesa, sendo sua abreviatura o *script*.

⁵ Metáfora. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/met%C3%A1fora>>. Acesso em 15 abr. 2017.

transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia” (ARISTÓTELES, 2014, p. 29). O enfoque é dado à palavra, o que se nota no exemplo “o meu barco parou”, que trata da questão de gênero para a espécie e a explicitação de que estar ancorado é uma maneira de estar parado. Para Aristóteles (2014), alguém que utiliza metáforas em sua elocução é um ser enigmático, por isso, seu uso pelos poetas.

Para o autor, “palavras estrangeiras, metáforas, ornatos e todos os outros nomes de que falamos elevam a linguagem acima do vulgar e do uso comum, enquanto os termos correntes lhe conferem a clareza” (ARISTÓTELES, 1991, p. 275). Por isso, “descobrir metáforas apropriadas equivale a ser capaz de perceber as relações” entre as significações (ARISTÓTELES, 2014, p. 33). Sua concepção de metáfora parte do interesse de imitar a linguagem cotidiana apresentada em poesias heroicas, o que pressupõe a presença do trabalho mental do ouvinte ou leitor para encontrar o sentido metafórico.

A teoria aristotélica da metáfora mantém-se na base da compreensão clássica do fenômeno. Na base literária, aprendemos que a metáfora, uma figura de linguagem, aparece pelo uso figurado de um termo sem a presença do elemento comparador. Na visão tradicional, tomada pela literatura, a metáfora é “a transferência ou transporte do significado total ou possível de uma palavra para outra palavra” (MAZZAROTTO, 2009, p. 87). Essa figura de linguagem tem relação com o uso simbólico⁶ de uma palavra e, na maioria dos casos, tem como elemento de ligação o verbo ser. Essa concepção é vista nos livros didáticos e passada aos alunos para realizar a classificação frente aos textos literários.

Quanto ao conceito da Retórica tradicional, notamos que a metáfora é uma figura que evidencia um ponto de semelhança entre dois termos. Isso acontece por meio de um processo de transferência de significação própria de uma palavra por outra significação através da elipse do elemento comparativo (MAZZAROTTO, 2009). O que ocorre é a substituição de um vocábulo ou expressão por outro/outros em um processo sinonímico. Esse tipo de metáfora é frequentemente perceptível. No entanto, nem toda metáfora é entendida como tal pelo falante, que, através da língua, transmite o seu dizer e a reutiliza. Isso se deve ao fato de a língua ser passível de falhas e equívocos que podem ser verificados pelo analista do discurso.

Distintas abordagens teóricas fazem o estudo da estrutura da língua através de sua fragmentação. Surge no século XX, a partir do Estruturalismo, duas abordagens: a da

⁶ A metáfora pode ser vinculada às representações simbólicas, aos significantes, mas não pode ser reduzida ao símbolo.

Semântica Formal, com os estudos da linguagem formal de Frege e Russel, indicando a lógica e os métodos de estudo das línguas formais para aplicar às línguas naturais; e, a Pragmática, com uma perspectiva descritiva da língua para o estudo das línguas naturais. Na Semântica Formal, o estudo do discurso surge como alternativa para entender o significado das orações, por meio da teoria dos atos de fala, de Austin, e da teoria da conversação, de Grice, o que origina a Pragmática. O estudo da metáfora é exposto e descrito como uma estrutura incoerente que viola as regras da língua, da leitura literal e das sentenças delimitadas pela Semântica e Pragmática.

Diferentemente disso, uma abordagem Pragmática da metáfora, fundamentada na diferença entre significado natural (linguístico) e não natural (do falante) é desenvolvida por Grice (1987). O autor expõe que, em um ato de comunicação, o falante e o ouvinte respeitam o “Princípio Cooperativo” e, pela inferência, utilizam as “Máximas da Conversação”⁷ para manter a lógica conversacional. E, assim, as produções metafóricas são vistas com um significado figurado e não literal, o que fere a máxima de qualidade. O que nos remete a uma abertura do estudo, mas não a uma teoria de fato.

No Gerativismo, a linguagem é vista como “um produto cultural sujeito a leis e princípios” (CHOMSKY, 1973, p. 18), e a aquisição de uma língua e seu sistema de regras determina o modo como o falante utiliza e entende a expressão oral. O autor expõe que “os princípios da gramática universal oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar”, definindo o modo de usá-la. Por isso, a linguagem é explicada em termos semânticos e funcionais, ficando as metáforas fora desses estudos linguísticos.

Numa visão funcionalista, exposta no Dicionário de Filologia e Gramática (CÂMARA Jr, 1974), a metáfora é “a figura da linguagem que consiste na transferência (gr. *metaphorá*) de um termo para um âmbito de significação que não é o seu” e, dessa forma, “tem uma função expressiva, que é pôr em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo” (p. 260). O autor explica a metáfora como uma questão “de sincronia, que só existe quando o termo tem a significação própria nitidamente distinta da do termo que é substituído” e/ou de diacronia, em que as metáforas “entram na evolução semântica e o termo incorpora a significação, de início metafórica, na significação própria, cuja polissemia – a) aumenta, ou – b) não, conforme a antiga significação própria – a) se mantém, ou – b) se esvai” (CÂMARA Jr, 1974, p. 260-261). Se na sincronia ela tem seu termo substituído por

⁷ As quatro Máximas da Conversação são: quantidade (diga o necessário), qualidade (diga o que sabe), relação (diga o relevante) e modo (diga de forma clara e breve).

outro, podemos nos referir ao conceito que Aristóteles propõe. E mais, a metáfora tratada historicamente e relacionada à semântica e à língua, é algo bem promissor para nosso estudo.

Na Linguística Cognitiva, a linguagem é vista como meio de constituir o conhecimento de mundo e, por ser de uso dinâmico e experiencial, envolve o comportamento e a adaptação do falante ao contexto de uso da língua. Na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a metáfora é vista como fenômeno cognitivo, presente na mente do sujeito e de apreciação automática. Por serem convencionais, as metáforas se confundem com o senso comum, uma vez que estão ligadas a relações cotidianas da cultura do sujeito (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Como elas são culturais, refletem a ideologia e o modo de ver o mundo (SARDINHA, 2007).

As “metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque existem metáforas no sistema conceptual de uma pessoa” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 6). Elas são consideradas produtivas quando os falantes criam um amplo conjunto de expressões que as realizam, pois seus “conceitos abstratos são em grande parte metafóricos” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 3). As metáforas estabelecem mapeamentos entre domínio-fonte (estruturalmente mais concreto) e domínio-alvo (mais abstrato e com novos sentidos) em um sistema conceptual com relações estáveis e sistemáticas (LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2010).

Nesse sentido, é possível fazer mapeamentos entre os dois domínios, que “podem ser determinados por meio da fórmula A é B ou A como B, onde A e B indicam diferentes domínios conceptuais”⁸ (KÖVECSES, 2010, p. 324, tradução nossa). A metáfora conceptual envolve tanto questões da linguagem como do pensamento e raciocínio que se constroem na interação social. Um dos exemplos mais conhecidos e citados é AMOR É VIAGEM⁹, em que elementos cognitivos e socioculturais são integrados, mostrando a noção cultural de fases diferentes da vida e a noção tanto de transição temporal como de transição espacial. Dessa forma, as projeções de experiências culturais possibilitam o uso do conhecimento sobre viagem aos relacionamentos amorosos e até mesmo à vida.

A partir de experiências compartilhadas, as pessoas podem interpretar algumas expressões como “estamos numa encruzilhada” e “temos que tomar caminhos separados”, de maneira a relacioná-las à metáfora AMOR É VIAGEM. Assim, as projeções das vivências geram correspondências através de padrões inferenciais relacionados aos contextos

⁸ [...] can be given by means of the formula A is B or A as B, where A and B indicate different conceptual domains.

⁹ Estudos anteriores têm convencionado apresentar as metáforas conceptuais grafadas em letras maiúsculas.

comunicativos e socioculturais. Além de ancorada a esses fatores, a metáfora conceptual tem uma forte relação com a experiência corpórea, com as características do corpo humano e o conjunto de experiências físicas que este proporciona (SILVA, 2006). Nessa conjuntura, o corpo exerce um papel decisivo na criação do significado e da compreensão, visto que a interação do sujeito com ambiente físico e cultural define o que é significativo para ele e, conseqüentemente, determina a maneira de compreender.

Lakoff e Johnson defendem que a visão filosófica tem como principal ferramenta o pensamento metafórico porque “usamos uma razão moldada pelo corpo, um inconsciente cognitivo a que não temos acesso direto e um pensamento metafórico de que é em grande parte inconsciente”¹⁰ (1999, p. 4, tradução nossa). Dessa forma, as experiências das pessoas permitem que as expressões linguísticas recebam significação, porque a mente não está isolada das experiências corporais na compreensão do mundo. Espontaneamente, as metáforas e suas expressões metafóricas são utilizadas com diferentes propósitos e algumas delas ficam desgastadas ou tornam-se clichês, pois “a metáfora é altamente convencional ou convencionalizada (isto é, bem estabelecida e profundamente enraizada) no uso de uma comunidade linguística”¹¹ (KÖVECSSES, 2010, p. 34, tradução nossa).

As formas de compreensão e utilização das metáforas estão ligadas à moralidade, à ética e à empatia, isto porque “praticamente todos os nossos conceitos morais abstratos são estruturados metaforicamente”¹² (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 290, tradução nossa). Estes têm relação com os modelos familiares que organizam as metáforas culturalmente partilhadas de diferentes maneiras, dando prioridade a certas metáforas e ocultando outras. Nem todas as metáforas se manifestam a partir de palavras em um idioma, “algumas são manifestadas na gramática, outras em gesto, arte ou ritual. Essas metáforas não linguísticas podem, contudo, ser secundariamente expressas através da linguagem e outros meios simbólicos”¹³ (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 58, tradução nossa).

A TMC percebe o sujeito como um ser ligado às experiências sócio-histórico-culturais e que utiliza seu discurso para interagir com os outros e constituir seus significados individuais e sociais, de maneira que a ideologia é refletida no discurso. As noções de ideologia e de sujeito distanciam-se da perspectiva da AD, entretanto, funciona aqui como

¹⁰ [...] we use a reason shaped by the body, a cognitive unconscious to which we have no direct access, and metaphorical thought of which we are largely unaware.

¹¹ [...] the term “conventional” is used here in the sense of well established and well entrenched. thus, we can say that a metaphor is highly conventional or conventionalized (i.e., well established and deeply entrenched) in the usage of a linguistic community.

¹² Virtually all of our abstract moral concepts are structured metaphorically.

¹³ Some are manifested in grammar, others in gesture, art, or ritual. These nonlinguistic metaphors may, however, be secondarily expressed through language and other symbolic means.

contraponto. O sujeito, na TMC, munido de suas experiências pessoais, é responsável pela construção do sentido, distintamente do sujeito ideológico e histórico da AD, que é efeito da linguagem, marcado pelo mecanismo ideológico. A AD concebe o sujeito como um ser não intencional que se constitui na relação com o Outro, não sendo dono do seu dizer e nem dos sentidos, pois esses se formam através de processos histórico-ideológicos. Dessa maneira, o sujeito apresentado pela TMC é o sujeito empírico da AD, um ser que tem suas vontades e motivações ligadas às suas experiências sociais e históricas.

Como podemos notar, a TMC conjectura a metáfora como arraigada ao sujeito empírico e ao seu dizer, havendo o mapeamento de dois domínios – alvo e fonte (saberes). Por ser convencional, a linguagem é essencialmente metafórica e está relacionada ao pensamento que é, em grande parte, inconsciente. O que notamos, na TMC, é um dizer com uma significação quase cristalizada em si, pois ao proferir determinada sentença linguística, tem-se um significado conectado às vivências corporais e cognitivas do sujeito e as relações de sentido surgem das experiências sociais, culturais e históricas.

Em uma perspectiva distinta, a metáfora na AD está atrelada à língua e ao sujeito histórico, ocorrendo pela substituição de um termo por outro, de uma expressão por outra e caracterizando o fenômeno semântico de deslizamento de sentido (PÊCHEUX, 2008). Outro ponto é que não há classificação desse fenômeno como o faz a TMC, mas a observação dos efeitos de sentido mais ou menos provisórios de um discurso em certas condições de produção, de modo que uma mesma palavra ou expressão pode produzir distintos sentidos relacionados às FDs a que está vinculado o sujeito.

O que para a AD é um deslizamento de sentido entre termos que envolve questões sócio-ideológicas, para a TMC é um conhecimento cognitivo refletido pelas experiências do sujeito no mundo. A partir disso, discutimos algumas noções que se entrecruzam com a metáfora na AD, a fim de explorar mais a distinção entre as teorias aqui expostas.

2.2. NA CONSTITUIÇÃO: A ANÁLISE DE DISCURSO

A relação estabelecida entre três áreas do conhecimento – Linguística, Marxismo e Psicanálise –, realizada por Michel Pêcheux, permitiu a constituição da Análise de Discurso de linha francesa, na década de 1960. Como uma disciplina interpretativa, serviu-se de diferentes noções para compreender os efeitos de sentido produzidos pelos discursos. A teoria vincula-se à Linguística, em seus processos sintáticos e enunciativos; ao Marxismo, baseado em Althusser, para compreender a teoria das reproduções/transformações sociais; e, à

Psicanálise, pela releitura que Lacan fez de Freud, para entender o sujeito. Desse modo, a AD “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia materialmente relacionada ao inconsciente” (ORLANDI, 2012a, p. 20).

A AD tem como objetivo compreender o funcionamento do discurso através da descrição de um objeto empírico, buscando compreender os efeitos de sentidos produzidos em CPs específicas. Na Análise Automática do Discurso (AAD-69), a língua é vista como o alicerce para as relações sociais e possibilita a constituição do discurso. Para Pêcheux (2009), a base linguística é de suma importância para realizar a análise, por isso, a língua serve como aparato técnico e a fala, de ordem subjetiva, permite entender os processos sócio-históricos que produzem diferentes efeitos de sentido presentes no discurso. Não podemos confundir fala e discurso, pois a primeira noção refere-se ao efeito das relações sociais e, a segunda, à materialidade de um conjunto de enunciados determinado ideologicamente. Posteriormente, a língua é vista como lugar do possível – o que é permitido pela gramática – e do impossível, que é próprio da língua e se realiza através de retomadas, equívocos, falhas (PÊCHEUX, 2008).

Em AD, o discurso é a fala desembaraçada de implicações subjetivas, o que se distingue da noção teórica apresentada na concepção saussuriana. A obra “Curso de Linguística Geral”, baseada nas aulas de Ferdinand de Saussure, expõe que a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (2006, p. 17), ou seja, ela é um sistema de expressões convencionais utilizado por uma comunidade. Já a fala, é “um ato individual de vontade e de inteligência” (SAUSSURE, 2006, p. 22) em que se distinguem as combinações e seleções do código linguístico, usadas pelo falante para expressar seu pensamento. Enquanto a língua é social e essencial, a fala é de uso individual e acessório.

A partir da dicotomia língua e fala, passamos aos estudos de Anika Lemaire¹⁴, fundamentados na Linguística saussureana e na Psicanálise lacaniana. A autora explica que a seleção de palavras do código linguístico é uma “escolha”, possível pela “substituição de um

¹⁴ Em sua tese, “Jacques Lacan: uma introdução”, a psicanalista explica e relaciona alguns conceitos de Linguística Geral e de Psicanálise. O texto trata da constituição do sujeito, do acesso à linguagem, dos elementos significantes e dos mecanismos da formação do inconsciente, como a metáfora e a metonímia. Essas noções auxiliam-nos na compreensão dos efeitos metafóricos, apresentados neste trabalho. Também, o prefácio dessa tese é produzido pelo próprio Lacan, remetendo à importância do entendimento de seus Escritos.

termo por outro, visto o número de associações que podem ser feitas entre as palavras, à base de quaisquer semelhanças” (1979, p. 71). Essas palavras combinam-se por ter algo em comum, criando diferentes grupos e relações de sentido, associadas à memória. No plano de seleção está toda a gama de palavras, o sistema da língua, possibilitando as substituições pela variação de “similaridade” (sinônimos) e “oposição” (antônimos). As associações de significantes, permitidas pela língua, estão no eixo vertical. No eixo horizontal, temos o plano da combinação que estabelece relações de contiguidade e concatenação. Segundo a autora, os planos da seleção e da combinação “estão ligados de tal maneira que a combinação não pode avançar senão por apelos sucessivos a novas unidades tiradas do código. Vê-se que o plano da combinação está mais ligado à fala e o plano da seleção, à língua como sistema” (LEMAIRE, 1979, p. 72). Para a autora,

A seleção das unidades linguísticas na construção do discurso opera-se no interior de grupos de palavras associadas no código, com base em alguma semelhança. Esses agrupamentos autorizam uma série de *substituições* de significantes. Nesses grupos os significantes se associam por similaridade de som ou por similaridade de sentido. (LEMAIRE, 1979, p. 253, grifo da autora)

Os grupos de significantes se assemelham por uma ordem da língua, sendo que as relações estabelecidas nos planos da seleção e da combinação “encontram sua expressão mais condensada, respectivamente, na metáfora e na metonímia” (LEMAIRE, 1979, p. 74). Também, configurada nessa noção, a “sincronia” e “diacronia” designam a ordem da seleção e da combinação, respectivamente. Conforme expressa a autora, em Lacan, a noção de sincronia, na verticalidade, remete aos “termos associados implicitamente às unidades do discurso” que “são igualmente unidos por alguma semelhança de som ou de sentido”, caracterizando “os significantes substituídos na metáfora” (LEMAIRE, 1979, p. 254). Contudo, sabemos que essa noção é mais ampla quando tratamos de metáfora para Lacan. Para a autora, a metáfora, sendo uma substituição de um significante por outro, configura-se na cadeia de termos sincrônicos e similares. Para relacionar essas dicotomias, apresentadas por Saussure, Lemaire (1979) apresenta um quadro para fazer referência aos dois eixos da linguagem.

Quadro 1. Relações paradigmáticas e sintagmáticas.

Seleção	Combinação
Substituições } Associações }	Contexto
Paradigma	Sintagma
Oposições	Contrastes
Similaridade	Contiguidade
Metáfora	Metonímia
Língua	Fala

Fonte: LEMAIRE (1979, p. 76)

A partir dessa exposição, temos a metáfora relacionada ao eixo de seleção, distanciando-a da combinação, da metonímia. Na perspectiva lacaniana, “é na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, da metáfora”, que surge pelo entrecruzamento dos significantes, produtores de sentidos (1999, p. 35).

2.2.1. Na consequência: os significantes e a construção de sentidos

O discurso traz, em sua constituição, diferentes significantes que podem gerar diferentes efeitos de sentido. Pêcheux, a partir das leituras lacanianas, dá ênfase ao significante, apresentando duas consequências de que o significante não representa a “palavra” nem a “coisa”: a primeira relacionada ao “*primado do significante sobre o signo e o sentido*” (2009, p. 239) e a segunda, ao “*significante toma parte na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito*” (PÊCHEUX, 2009, p. 241).

A primeira consequência apresenta o significante como “efeito de uma relação no elemento do Significante” em que o sentido é produzido no *non-sens* através das relações de metáfora e afasta as noções de signo e sentido da literalidade, por constituí-los (PÊCHEUX, 2009, p. 239). Entendemos, pois, que o sentido não está nas palavras, pois o significante não é dotado de sentido, mas possibilita a constituição de sentidos através do discurso, oriundos de determinada FD em determinadas CPs. O autor conclui que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não *tem* um *sentido* que lhe é próprio, preso a sua literalidade”, porque “o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição” (PÊCHEUX, 2009, p. 239).

Na relação entre os elementos significantes que se confrontam e compõem sentidos, não há determinação das propriedades da língua, pois são eles determinados pelo interdiscurso, “por *uma região* do interdiscurso” (PÊCHEUX, 2009, p. 240). O eixo

interdiscursivo é marcado pela movimentação dos significantes, o que possibilita a transferência de sentidos realizada na produção do efeito metafórico. Diz-nos Pêcheux:

Nessa medida, pode-se dizer que o que torna possível a metáfora é o caráter local e determinado do que cai no domínio do inconsciente, enquanto lugar do Outro (*Autre*), onde, diz J. Lacan, “se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito”... e do sentido, acrescentaríamos. Em outros termos, nenhuma formação discursiva, por ser o *Lugar* de realização da transferência que acabamos de descrever, poderia ser a *causa*, porque o sentido se engendra a si próprio, mas “se produz no *non-sens*”. (PÊCHEUX, 2009, p. 240)

A partir da ideia de que o significante tem primazia sobre o sujeito e o sentido, a produção discursiva metafórica torna-se a expressão de algo latente, oriunda do inconsciente, transpassada para o manifesto (consciente). Ao tratar do sujeito, subjugado pelo significante, passamos para a segunda consequência referente à “*interpelação-identificação do indivíduo em sujeito*” (PÊCHEUX, 2009, p. 241). Para o autor,

“um significante representa o sujeito por um outro significante”, o que acarreta que o significante não representa nada para o sujeito, mas opera sobre o sujeito fora de toda compreensão; “o sujeito, se ele já pode parecer escravo da linguagem, o seria tanto mais de um discurso – em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde o seu nascimento – quanto se assim o fosse sob a forma de seu nome próprio”: o “nome próprio” não é uma “propriedade” como os outros, e ele designa o sujeito sem representá-lo. (PÊCHEUX, 2009, p. 241)

O que observamos é a manifestação do efeito de exterioridade e o *non-sens* através da atribuição do “nome próprio” como forma de *efeito de pré-construído*, representando “a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso (aquilo por meio do qual ele diz: ‘Eu, Fulano de Tal’) como ‘sempre-já’ sendo sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 241). A evidência de sentido é “contemporânea à interpelação do indivíduo em sujeito”, uma vez que a identificação do sujeito é imaginária pela ação do *efeito de intradiscorso* que constitui sua identidade, conectada à “zona de esquecimento nº 2” (PÊCHEUX, 2009, p. 241-242). No entanto, o sujeito, interpelado pela ideologia, não fica sobre o domínio do simbólico, pois o imaginário e o simbólico são duas instâncias distintas que estão em relação.

As ideologias constituem nosso dizer e são feitas de práticas que interpelam os indivíduos em sujeitos (PÊCHEUX, 2009). Essas práticas, configuradas por distintas formações ideológicas que comportam “uma ou várias formações discursivas interligadas”, viabilizam as produções de sentido no interior das FDs (PÊCHEUX e FUCHS, 2014, p. 164). A forma-sujeito, atrelada ao simbólico, controla os dizeres e cria um efeito de

homogeneidade, embora a constituição da FD seja heterogênea. Para Pêcheux, “chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (2009, p. 147).

Os dizeres podem ser desdobrados e transformarem-se, criando sentidos distintos, mas estão continuamente interligados à FD, à inscrição do sujeito que os produziu. Segundo Pêcheux, “uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é ‘invadido’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (2014, p. 310). Assim, a exterioridade pode interferir nos efeitos de sentido, construídos historicamente e produzidos discursivamente, visto que as FDs, por meio das CPs, criam redes de relações discursivas através da linguagem. As FDs são configuradas pelas relações com discursos anteriores e vindouros, sendo que o sentido das palavras não está determinado *a priori*. Isso porque “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina” (PÊCHEUX e FUCHS, 2014, p. 176). A FD mostra-se porosa e heterogênea, permeada por dizeres convergentes e divergentes, que advêm da regulação da forma-sujeito.

Esse espaço heterogêneo tem relação com as ideias e aos fatos fazerem “sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas”, presentes na memória discursiva desse sujeito (ORLANDI, 2012c, p. 90). Um discurso produzido reflete a ideologia que subjaz à linguagem, sendo constituída por diferentes FDs. Segundo a autora:

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2012a, p. 43)

A FD relaciona-se a saberes permitidos pela mesma e não traz um sentido qualquer, pois as palavras de um discurso possuem sentidos provenientes da ideologia. Pêcheux explana que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincando no complexo das formações ideológicas” (2009, p. 148-149). Os dizeres fazem sentido pela sua pré-existência no interdiscurso, pelos já-ditos, pela sua materialização.

Assim como as formações ideológicas são compostas por uma forma-sujeito que controla os saberes possíveis e admitidos em seu interior, também as FDs têm uma forma-sujeito. Com fronteiras instáveis, “uma FD comporta uma forma-sujeito historicamente determinada que, de certa forma, regula o dizer das diferentes posições-sujeito que nela convivem” (CAZARIN, 2005, p. 28). Esses dizeres podem apresentar concordâncias e discordâncias com os saberes da forma-sujeito, delimitando, assim, diferentes posições-sujeito presentes na FD.

O sujeito, filiado à FD de maneira inconsciente, pode se identificar, se contrair identificar ou se desidentificar com a forma-sujeito. De acordo com essas modalidades, temos o “bom” ou o “mau” sujeito. o “bom sujeito” tem uma identificação plena¹⁵ e sofre “cegamente essa determinação”, esse assujeitamento livre à forma-sujeito (PÊCHEUX, 2009, p. 199). Já o “mau sujeito”, rejeita, duvida e se revolta contra a forma-sujeito, apresentando uma “tomada de posição” distinta, de modo a deslizar no interior da FD, se contrair identificando (PÊCHEUX, 2009, p. 199). Por fim, a desidentificação advém do rompimento do sujeito, “uma *tomada de posição não-subjetiva*” e pela ruptura, há uma “transformação-deslocamento” dos saberes da forma-sujeito para fora da FD (PÊCHEUX, 2009, 201-202). A identificação-interpelação do sujeito é uma evidência da identificação, em que atua o “efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, 2009, 142). Para o autor,

[...] essa discrepância [...] funciona “por contradição”, quer o sujeito, em toda a sua ignorância, se submeta a ela, quer, ao contrário, ele a apreenda por meio de sua agudeza de espírito: um grande número de brincadeiras, anedotas etc., são, de fato, regidas pela contradição inerente a essa discrepância; elas constituem como que sintomas dessa apreensão e tem como sustentáculo o círculo que liga a contradição sofrida (isto é, a “estupidez”) à contradição apreendida e exibida (isto é, a “ironia”) [...]. (PÊCHEUX, 2009, p. 142)

A partir dessa discrepância, observamos a identificação do processo significativo e/ou da apreensão desse efeito de pré-construído como um sintoma, que pode ser estranho ao sujeito, por vir de outro lugar, de outra forma-sujeito. A forma-sujeito é configurada pelas práticas discursivas, pelos processos sócio-históricos que lhe são exteriores. A exterioridade determina a produção discursiva, de forma que o sujeito fica submetido aos pressupostos ideológicos e configura sua posição-sujeito. Na tomada de posição do sujeito surgem pistas da

¹⁵ A identificação plena é ilusória, pois o sujeito do discurso questiona os saberes da FD a que está inscrito, o que abre espaço para a incompletude e a possibilidade da diferença e da dúvida, responsável pela contradição existente no interior da FD (INDURSKY, 2000). Texto “A noção de sujeito em AD: do desdobramento à fragmentação”, de Freda INDURSKY.

aceitação, revolta e/ou ruptura com os saberes da FD. Também, o sujeito é determinado por dois tipos de esquecimento, necessários para que ele continue a produzir o seu discurso. Na ordem da enunciação, temos o esquecimento nº 2, em que se estrutura o enunciado, e o sujeito acredita que o seu dizer é proveniente de sua escolha subjetiva. O esquecimento nº 1, da ordem do inconsciente e da ideologia, regula a relação entre dito e não-dito, e o sujeito acredita ser a fonte e a origem de seu dizer, apagando a sua filiação à FD (PÊCHEUX e FUCHS, 2014).

Ao tratar da articulação das noções de inconsciente e ideologia, temos o duplo movimento da constituição da subjetividade através do assujeitamento do sujeito. Nesse processo não consciente, a subjetividade surge, criando no sujeito a ilusão de constituição identitária e do dizer. Para Orlandi (2012b), esse movimento acontece pela inserção da linguagem na vida do sujeito, constituindo o aparelho psíquico e a subjetividade. O sujeito, pela ação do ego, acredita configurar um eu, mas está submisso aos pressupostos inconscientes.

Nesse sentido, “é necessário que o indivíduo se inscreva, habite um sistema de linguagem para tornar-se sujeito do que diz e ser habitado pelo inconsciente. Entrar na linguagem é condição para haver o inconsciente e para estabelecer laço social. (MAGALHÃES e MARIANI, 2010, p. 395). A língua, enquanto meio de inserção social, é a chave para o sujeito entrar na cadeia de significantes e estabelecer a relação com o outro/Outro, formando o inconsciente. Para criar laços sociais, o sujeito relaciona-se com o outro e apresenta sua ilusão de domínio do eu e do dizer.

2.2.2. No código: as pistas discursivas

Os enunciados produzidos pelo sujeito revelam diferentes pistas discursivas para marcar a sua tomada de posição e encaminhar para a estabilização de certos sentidos. Três pistas são relevantes para a compreensão dos sentidos: a falta, o excesso e o estranhamento. A falta acontece pela elisão de palavras, expressões “que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor” ou pela “omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor” (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 4). Assim, a falta tem relação com as CPs históricas e/ou enunciativas, marcando, algumas vezes, a posição do sujeito.

O excesso aparece quando algo está em demasia na materialidade discursiva. A autora Ernst-Pereira expõe duas formas de uso: o primeiro é o “acréscimo necessário” com repetições de palavras e expressões para “garantir a estabilização de determinados efeitos de

sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem” (2009, p. 4); e, o segundo apresenta-se pela “reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento” de um saber no interior de certa FD (2009, p. 4).

Por fim, temos o estranhamento que traz “a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado” (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 5), apresentando a tensão e o conflito entre as FDs, pois “consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma desordem no enunciado” (2009, p. 5). Nesse tipo de produção discursiva, “se dá o efeito de pré-construído através do qual ‘um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente’, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado” (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 5). Essas três noções remetem a pistas linguísticas facilitadoras da compreensão dos efeitos de sentido existentes na materialidade discursiva.

2.3. EM PAUTA: OS PROCESSOS METAFÓRICOS NA AD

Conforme os pressupostos teóricos da AD, a metáfora “significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam” (ORLANDI, 2012a, p. 44), e, na sua constituição, o sentido é compreendido de acordo com a posição do sujeito em determinadas CPs do discurso. Como apresenta a autora, “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro”, designando sentidos que se instalam na memória do sujeito (2012a, p. 62). Para Pêcheux, necessitamos entender a memória “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (2008, p. 50), visto que é “um espaço de desdobramentos, polêmicas e contra-discursos” que são heterogêneos (2008, p. 52). Dessa forma, os dizeres são retomados, divididos e deslocados.

Os dizeres produzem efeitos de sentido e encontram-se tanto no eixo da memória (constituição) quanto no da atualidade (formulação). No eixo da memória discursiva existem sentidos já cristalizados e que são legitimados na sociedade e recuperados pela historicidade, o que permite que o discurso produza sentidos. A produção de sentidos ocorre porque eles já estão lá, no eixo da constituição e significaram em algum momento, sendo chamados “já-ditos” (PÊCHEUX, 2014). Na atualização dos dizeres, novos sentidos transbordam e a

polissemia é exemplo disso, por ser “a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer” (ORLANDI, 2012a, p. 38). Também, a polissemia produz o “deslocamento, ruptura de processos de significação” e assim, “joga com o equívoco” (ORLANDI, 2012a, p. 36).

A polissemia pode surgir através da transformação das estruturas linguísticas, que permitem a produção do efeito metafórico. Pêcheux diz que, em dada materialidade discursiva, o “efeito metafórico” é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” compõe as sinonímias contextuais (2014, p. 96). A abordagem semântica das palavras é enfatizada, relacionando-se a um dado contexto. Conforme as palavras de Pêcheux, “parece que as leis semântico-retóricas que regem os deslizamentos de sentido em um Δ_x ¹⁶, impõem certos bloqueios de lugar a lugar, de forma que certas metáforas só existem no discurso em estado ‘adormecido’” (2014, p. 99). Um dos exemplos apresentado é o “nascer do sol” em que não há termo comutável com “nascer”, pois as leis de substituição não o permitem.

Compreendemos que algumas substituições estão cristalizadas, estabilizadas nas práticas discursivas, fazendo com que os deslizamentos metafóricos se repitam. E a substituição de uma sequência discursiva por outra é compreendida pelas situações em que são produzidas, pois conecta “uma a outra por uma série de efeitos metafóricos” (PÊCHEUX, 2014, p. 99). Desse modo, “não há relações de combinação/substituição entre os enunciados que permita construir a partir dele o discurso como unidade superior, pois o enunciado já é da ordem do discurso” (PÊCHEUX, 2014, p. 100).

A partir disso, apreendemos que, para haver efeito metafórico, precisamos de dois elementos pertencentes a dois enunciados que forneçam um *contexto comum* de substituição que seria a “condição de proximidade paradigmática” entre os termos e que tenha uma *posição funcional* idêntica que permita uma *interpretação semântica idêntica* (PÊCHEUX, 2014, p. 101). O autor expressa que, em uma sequência discursiva dada, há um *efeito de dominância* em seu interior, criando uma correspondência, um paralelismo isomorfo. Como esse método não dá conta de todas as análises, amplia-se a ideia através do conceito de dominância.

¹⁶ Δ_x aparece como um processo discursivo.

Na produção do discurso há um *processo de produção dominante*, conduzindo a relação com os *processos secundários*, ou seja, pela imprevisibilidade infinita da produção discursiva, qualquer sequência concreta tem essa possibilidade. Nas CPs do discurso, o autor expõe que um estado dominante corresponde a “um processo de produção dominante que se pode colocar em evidência pela confrontação das diferentes superfícies discursivas empíricas provenientes desse mesmo estado dominante” (PÊCHEUX, 2014, p. 105).

Em outras palavras, existe, nas sequências discursivas, um processo dominante extraído dos *domínios semânticos* e das *relações de dependência lógico-retóricas*¹⁷ que possibilita criar pontos de recorte¹⁸, com a finalidade de limitar o material pertinente ao processo do resto empírico (PÊCHEUX, 2014). Com isso, o discurso, produzido em CPs específicas, permite, pelas formas discursivas, apreender uma série de formulações possíveis de formulação, constituindo os *sintomas pertinentes* ao processo dominante que será analisado.

Ao abordarmos os efeitos metafóricos, temos que atentar para o plano linguístico conectado às relações ideológicas e inconscientes a que está submetido o sujeito. Como a língua não é fechada, possibilita a constituição de falhas e equívocos, o possível e o impossível que lhe é próprio. Essa concepção, retirada de Pêcheux (2008), está conectada à metáfora, pois deslizamentos, falhas, equívocos, sinonímias surgem e constituem os processos metafóricos. E o sentido, produzido pelo efeito metafórico, tem grande relação com a FD em que está inscrito o sujeito.

De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, 2009, p. 240)

As sequências discursivas, produzidas pelos sujeitos, possuem um lugar social vinculado à FD para que, assim, possa gerar o sentido. A contribuição de Lacan para a teoria discursiva está na noção da metáfora como “um significante que surge no lugar de outro significante” (1999, p. 180). O autor acrescenta que o significado pode deslizar através dos significantes, o que permite uma substituição de significantes por uma similaridade semântica.

¹⁷ As dependências lógico-retóricas referem-se aos critérios irrefutáveis e factíveis de verdade apresentados em uma exposição discursiva.

¹⁸ O ponto de recorte refere-se à seleção de uma parte, de algumas palavras/expressões da sequência discursiva que se fazem necessárias para a análise e a compreensão do efeito metafórico que possibilita a apreensão dos efeitos de sentido.

Ainda, em sua releitura de Freud, Lacan expressa que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (1988, p. 25) e, assim, “é o próprio ato da linguagem que faz advir o inconsciente” (*apud* DOR, 2009, p. 19), servindo para a compreensão dos efeitos metafóricos produzidos nas práticas discursivas.

Além das concepções apresentadas, o estudo das metáforas de Lula, de Andréia da Silva Daltoé, configura uma nova forma de examinar as metáforas através do funcionamento discursivo. Daltoé (2013) cita três funcionamentos: o primeiro contém os elementos linguísticos de comparação; o segundo traz a condensação do processo de comparação sem os elementos linguísticos; e o terceiro, são metáforas narrativas que significam pelas relações estabelecidas, sem dependência das marcas no plano linguístico. Notamos que a autora trabalha com a metáfora enquanto figura retórica nos dois primeiros modos de funcionamento e, posteriormente, analisa os sentidos através dos deslizamentos presentes na normatização da língua política ideal e outras possibilidades.

A autora explica que o deslizamento dos sentidos promovidos pelas metáforas de Lula no discurso político acontece independentemente de sua superfície linguística e que o conceito de metáfora, enquanto figura de linguagem, não seria suficiente para explicar o funcionamento das metáforas de Lula porque as “relações estabelecidas entre os elementos postos em jogo não são determinadas por aproximações/comparações *a priori*” (DALTOÉ, 2013, p. 301). Baseada em Pêcheux, a autora entende a metáfora discursiva como a substituição de um sentido por outro, que, pelo processo discursivo, faz deslizarem os sentidos, criando um novo modo de enunciar a política no Brasil, materializado na estrutura metafórica. Essa forma de análise parece-nos interessante por tratar das CPs do discurso, baseadas na contextualização dos enunciados e não só na base linguística.

Contudo, neste trabalho, apresentamos a metáfora como substituição de um significante por outro na cadeia simbólica, independentemente de especificidade retórica, e os efeitos de sentido como possíveis de serem desvendados pelas tomadas de posição do sujeito estabelecidas através das FDs. Nosso intuito é formular um princípio analítico, que nos possibilite compreender o uso e o surgimento da substituição significativa na constituição dos processos metafóricos no funcionamento discursivo ficcional terapêutico. A partir das sequências discursivas, observamos os efeitos metafóricos e criamos paráfrases que nos auxiliam no entendimento dos efeitos de sentido produzidos, de acordo com determinada FD. Neste estudo, trabalhamos com a percepção de que a metáfora é um processo discursivo manifestado no dizer através de deslizamentos, substituições, condensações e movimentações dos significantes no interior das FDs.

2.3.1. No ajuste: as metáforas e as formações do inconsciente

A metáfora é um processo de substituição de significantes, configurado no eixo interdiscursivo. Por ser um efeito de linguagem, assim como a metonímia, apresenta a repressão do inconsciente, constituída pelas circunstâncias vividas e significadas simbolicamente. O acesso à ordem simbólica é possibilitado pela metáfora paterna (Nome do Pai) que faz a mediação da lei de estruturação e do funcionamento da sociedade, que constitui o sujeito. Através da metáfora paterna, o sujeito torna-se barrado e dividido, constituindo a subjetividade e a parte reprimida através da interdição do desejo primordial. O desejo do sujeito de ser o objeto fálico imaginário da mãe é desfeito e o significante primordial é simbolizado, metaforicamente, e reprimido. O desejo jamais é satisfeito porque o desejo primordial virou linguagem. Nessa conjuntura, a linguagem serve para significar o objeto perdido ao sujeito e formar o desejo fundador através do significante do Outro. Essa condição é obtida a partir da alienação do sujeito, que constitui o inconsciente, pelo discurso do Outro. Dessa forma, o inconsciente é formado pelo desejo do Outro, pelos significantes do Outro (LACAN, 1999).

Nas palavras de Lacan, o desejo é uma “satisfação às avessas” porque não está diretamente ligado ao objeto que o satisfaz, mas sim a uma posição assumida pelo sujeito “fora de sua relação com o objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto” (1999, p. 331). A presença do desejo e da realização do desejo aparece nos sintomas patológicos e “normais” através dos sonhos, e isso era visto como problemático e paradoxal para a satisfação do sujeito (FREUD, 1996b). Conforme Lacan (1999), o desejo está situado no núcleo do sintoma como o real de gozo impossível de ser simbolizado. O sintoma também é uma satisfação de fantasias de conteúdo sexual e de traumas, oriundo das pulsões parciais, normais e perversas, que, pela condensação e pelo deslocamento, funciona como uma satisfação substituta. Os sonhos, os lapsos, os chistes e os sintomas constituem as formações do inconsciente, sendo que as múltiplas relações existentes acontecem pelos deslocamentos e pelas condensações, por meio dos investimentos de significantes em significantes. Segundo o autor:

Se o sintoma pode ser lido, é por já estar inscrito, ele mesmo, num processo de escrita. Como formação particular do inconsciente, ele não é uma significação, mas a relação desta com uma estrutura significante que o determina. Se nos permitissem o trocadilho, diríamos que o que está em jogo é sempre a concordância do sujeito com o verbo. (LACAN, 1998, p. 446)

Os significantes, ao substituírem outros significantes, transformam-se e significam de outra forma, sendo o mecanismo de duplo gatilho da metáfora¹⁹ o determinante do sintoma. O sintoma também é considerado como o retorno da verdade, o significante em ação, trazendo o significado recalcado ao consciente pelo desejo inconsciente. Conforme Lacan, o sintoma “é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. [...] Mas é uma fala em plena atividade, pois inclui o discurso do outro no segredo de seu código” (1998, p. 282) e, “simplesmente torna a brotar qual erva daninha, compulsão de repetição” (1998, p. 630). Devido a esse motivo, o sintoma conecta-se ao recalque e à amnésia.

Pela relação estabelecida com o Outro, as verdades inconscientes aparecem pela ação do significante, pois “o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo” (LACAN, 1998, p. 532). Na leitura de Lemaire, “os sintomas são metáforas. Simbolizam, ao nível de um órgão ou de uma função, um significante inconsciente. As relações que os sintomas mantêm com os pensamentos recalcados são sempre da ordem verbal” (1979, p. 241). Consideramos que os sintomas são materialidades discursivas que se apresentam através da fala e do corpo do sujeito, fazendo vir à tona desejos e pensamentos reprimidos. Diz-nos Lacan:

Diferentemente do signo, da fumaça que não existe sem fogo, fogo que ela indica com o apelo, eventualmente, de que seja extinto, o sintoma só é interpretado na ordem do significante. O significante só tem sentido por sua relação com outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma. O sintoma tinha um ar impreciso de representar alguma irrupção da verdade. A rigor, ele *é* verdade, por ser talhado na mesma madeira de que ela é feita, se afirmarmos materialisticamente que a verdade é aquilo que se instaura a partir da cadeia significante. (LACAN, 1998, p. 235)

Nesse contexto, o sintoma é uma formação do inconsciente traduzida num significante enigmático, em que se encobre a palavra verdadeira no inconsciente. O processo metafórico age sobre o sintoma, tomando-o como elemento significante, de forma a substituir um significante S' para outro S, chegando ao significado, inacessível ao sujeito consciente (LACAN, 1998). Segundo o autor, “é o Outro que dá à criação significante um valor de significante em si, valor de significante em relação ao fenômeno da criação significante. É a sanção do Outro que distingue a tirada espirituosa do puro e simples fenômeno do sintoma” (1999, p. 49). Para Freud (1996b), o sintoma pode ser decifrado, o que Lacan (1998)

¹⁹ “O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma - metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação, inacessível ao sujeito inconsciente onde ele pode se resolver.” (LACAN, 1998, p. 522)

complementa dizendo que o significante sustenta a significação, representando uma invasão da verdade por um *non-sens*, remetido ao sujeito.

Para Pêcheux, o sintoma está relacionado a um “*processo do significante, na interpelação-identificação*” ideológica do sujeito (2009, p. 143), que pode surgir nas brincadeiras, trazendo à tona o efeito de pré-construído, esse saber “estranhamente familiar” (2009, p. 142). Conforme Indursky (2013), o sujeito movimenta seu dizer entre duas determinações, o que pode originar um efeito poético, que faz oscilar os efeitos de sentidos que se entrecruzam com o discurso-outro. Para a autora, “é o interdiscurso que se atravessa no discurso do sujeito” e “marca o ponto em que se cruzam determinação ideológica – o que pode e deve ser dito – com determinação inconsciente, que sinaliza o sujeito desejante, capaz de mobilizar o discurso-outro” (2013, p. 34).

No texto “Metáfora e interdiscurso”, Pêcheux expõe que “a metáfora aparece fundamentalmente como uma perturbação que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do *Witz* ou do enigma” (PÊCHEUX, 2011, p.160). Diferentes formações do inconsciente estão imbricadas à noção de metáfora, “pelo deslizamento sem origem do significante” que produz o sentido no não-sentido, de maneira que “é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, com a evidência de um sentido” (PÊCHEUX, 2009, p. 277). O sujeito-ego, estruturado pelo inconsciente, pré-consciente e consciente, sofre a interpelação ideológica quando adentra o mundo da linguagem e começa a significar.

O processo metafórico, revelado como deslizamento de sentido, relaciona-se à incompletude da linguagem, a essa possibilidade de a língua significar, mas não de qualquer maneira. Ao citar Lacan, Dor explica que “o princípio da metáfora consiste em designar algo através do nome de outra coisa. Trata-se, então, no verdadeiro sentido do termo, de uma *substituição significante*”²⁰ (2009, p. 54, tradução nossa). Entendemos que essa substituição significante possibilita a constituição de diferentes efeitos de sentido que se originam de acordo com as relações sócio-históricas e as FDs. Para Lacan (1999), o psiquismo inconsciente funciona como uma cadeia de significantes e, pelos deslizamentos, um significante é enviado a outro. Lacan diz que

por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimentos de sentido sempre novos, que vem

²⁰ el principio de la metáfora consiste en designar algo a través del nombre de otra cosa. Se trata, entonces, en el verdadero sentido del término, de una *sustitución significante*”.

sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade aquilo que, no real, não passa de pura opacidade. (LACAN, 1999, p. 35)

Para Lacan, a opacidade relaciona-se ao real e aos múltiplos sentidos possibilitados pelo significante e, no nível do discurso, a opacidade da língua é o que permite a instabilidade dos sentidos que caracteriza todo o dizer, pois sabemos que palavras e expressões podem sempre significar diferentemente. Os deslizamentos²¹ de sentidos acontecem no processo metafórico, fazendo uma sequência discursiva se modifique de acordo com as CPs e as filiações do sujeito a determinadas FDs. O processo de deslizamento também se relaciona aos “pontos de falha na língua, de equivocação, de deslizamento, de deslocamento, lugares que provocam o chiste, a surpresa, o inesperado, enfim, que provocam um estranhamento do dizer em relação ao próprio dizer” (MARIANI, 2007, p. 69). Para Lemaire:

É nos sonhos, nos lapsos do discurso, nas distorções, nas lacunas e nas repetições do sujeito, assim como em seus sintomas, que temos que ler o traço apagado do significante recalcado, que emerge na linguagem particular que apreende o desejo inconsciente e que abriga inadvertidamente um sentido – o do conflito recalcado – determinando a maneira pela qual o discurso do sujeito se organiza. (LEMAIRE, 1979, p. 403)

Na formulação do discurso, está presente o desejo inconsciente que, articulado pelo significante, afeta a produção de sentidos. Essa articulação constitui a metáfora e configura o dizer, determinado pela FD em CPs específicas. A metáfora, enquanto substituição e transferência de significantes, é um lugar provisório que configura a constituição do sentido e a identificação do sujeito, em determinada circunstância. A metáfora (des)organiza o psiquismo do sujeito, interferindo na produção do discurso. O discurso sofre a interferência das formações do inconsciente pela ação dos significantes que surgem através dos processos metafóricos. Com o intuito de desenvolver a noção de metáfora, enquanto condensadora de significantes que desvelam as formações do inconsciente, buscamos pistas, presentes na materialidade discursiva, que permitam discutir tal noção. O trabalho teórico-analítico discorre sobre os processos metafóricos presentes nas SDRs, relacionados às questões de gênero, mais especificamente, à constituição subjetiva da identidade homossexual do sujeito, como um representante de uma categoria não-normatizada de gênero.

²¹ Como pensado por Indursky (2013), o deslizamento de sentidos indica uma contradição, mas o dizer mantém-se dentro dos limites da FD.

3. DA TELA AO DISCURSO HETERONORMATIVO

As diferentes práticas discursivas produzidas pelos sujeitos constroem os gêneros que são fluidos e transformam-se de acordo com as condições sócio-históricas e a subjetividade dos sujeitos. Elas também constituem os discursos que, a partir da tomada de posição do sujeito, apresentam as identificações-interpelações ideológicas. A partir da normatização e da regulação de práticas discursivas, conectadas aos padrões estabelecidos sócio-historicamente, são (re)produzidos saberes heteronormativos. De acordo com Butler, “a norma rege a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações sejam reconhecidas como tais impondo uma rede de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que aparecerá e o que não aparecerá dentro da esfera do social”²² (2006, p. 69, tradução nossa). Esses parâmetros que mantêm a hegemonia heteronormativa. Para a autora, os “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38).

Ao tratar desse assunto, rememoramos o modelo da família tradicional que aparece como reprodutor de discursos pela garantia da ordem social, impregnado de preconceitos e estereótipos, silenciando uma parcela da população (LOURO, 2000). Nos anos 1970, movimentos homossexuais buscavam a construção de novas identidades e relações sexuais/afetivas, essencialmente igualitárias (FRY e MacRAE, 1985). A partir da visibilidade social desses movimentos surgiram identidades homossexuais a procura da integração social e da legitimação da variação da sexualidade humana. Nas últimas três décadas, observamos o surgimento de novos dispositivos que se relacionam à sexualidade, oriundos da modernização dos costumes (RIOS et al., 2004).

As construções de identidades estão permeadas de relações de poder que são estabelecidas na sociedade. Dessa forma, “o indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 1999, p. 92). Podemos dizer que os mecanismos de poder (re)produzem um conhecimento e uma realidade construtora do sujeito e, nesse ponto, existe uma resistência quanto à aceitação das identidades homossexuais, fazendo com que haja um movimento de dominação permeado de

²² La norma rige la inteligibilidad, permite que ciertos tipos de prácticas y acciones sean reconocibles como tales imponiendo una red de legibilidad sobre lo social y definiendo los parámetros de lo que aparecerá y lo que no aparecerá dentro de la esfera de lo social.

tensões, conflitos e confrontos. A partir desse jogo de forças entre os movimentos homossexuais e de dominação, ocorrem avanços e recuos do primeiro, permeado de repressão, censura e marginalização.

Segundo Orlandi (2012a), a constituição do sujeito se dá por dois movimentos, o de individuação e de interpelação e, nessa perspectiva, é necessário que o sujeito idealize suas práticas sociais e discursivas pautadas nas relações estabelecidas nos grupos sociais. Para a autora, a individuação acontece de forma jurídica, pois o sujeito é um ser de direito na sociedade e necessita, mesmo que ilusoriamente, sentir-se pertencente a um grupo. Quanto à interpelação ideológica, acontece à revelia do sujeito, sendo que suas práticas discursivas e sociais são reguladas pelas FDs a que está filiado (ORLANDI, 2012a). A importância de o sujeito pertencer a determinado grupo social decorre das formas sócio-históricas a que ele está exposto, apresentando sua subjetividade, sua identidade de gênero. Essas “identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27).

Por meio dessa assertiva, entendemos que “a linguagem figuraria entre as práticas e instituições concretas e contingentes mantidas pelas escolhas individuais, e consequentemente, enfraquecidas pelas ações coletivas de selecionar indivíduos” (BUTLER, 2003, p. 50). A produção de identidades fica restringida ao sistema heterossexual e ao eixo do desejo heterossexual, tentando regular e criar uma identidade de gênero uniforme.

A repetição de construtos heterossexuais nas culturas sexuais gay e hetero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero. A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original. Assim, o gay é para o hetero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia. (BUTLER, 2003, p. 56-57)

Pela regulação de poder estabelecida pelos saberes heterossexuais, uma cópia é apenas uma ideia a ser seguida, uma imitação do original, que mantém a estrutura binária e assimétrica do masculino/feminino e tenta constituir uma “unidade” de gênero. A “‘unidade’ de gênero é efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003, p. 57). Pelo que nos apresenta Butler, “a força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de ‘heterossexualidade’, ‘homossexualidade’ e ‘bissexualidade’, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação” (2003, p. 57). Esse dizer faz-nos refletir sobre as práticas reguladoras do sexo e do gênero frente às formas de ser no

mundo. Nas palavras de Butler, “a instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (2003, p.45).

Entendemos que a sexualidade é uma expressão de desejos construídos sócio-historicamente e o gênero é uma concepção apreendida através das práticas discursivas que intentam o sujeito a agir/comportar-se de determinada forma. Butler explica que o inconsciente “resiste à normalização, que cada ritual de conformidade com as injunções da civilização tem um custo, e que, desse modo, acaba sendo reproduzido um resíduo desatrelado e não socializado que contesta a aparição do sujeito cumpridor de leis” (2017, p. 94). Dessa forma, os limites da normalização adentram o inconsciente, deixando resíduos que interferem na constituição do sujeito, e a resistência impede que se complete a produção de um sujeito por meios disciplinares (BUTLER, 2017, p. 95). Essa ideia de resistência inconsciente, baseada em Lacan, permite que façamos relações com a identidade de gênero.

Butler utiliza um trecho da lacaniana Jacqueline Rose para explicar a resistência as formas da realidade social e a questão do fracasso, repetido e revivido, da identidade, revelada pelos sintomas, sonhos e lapsos de língua, formados no inconsciente. Baseada na autora lacaniana, Butler expõe que o inconsciente é “aquilo que tolhe todo esforço simbólico de constituir, de modo pleno e coerente, a identidade sexuada, um inconsciente indicado pelos atos falhos e pelas lacunas que caracterizam o funcionamento imaginário da linguagem” (2017, p. 104). Dessa forma, a ideia da autora é que a construção discursiva da identidade é impedida pelo registro imaginário e simbólico, pois “a identidade jamais será plenamente totalizadora pelo simbólico, pois o que ele não põe em ordem surge no imaginário como uma desordem, um lugar onde a identidade é contestada” (BUTLER, 2017, p. 104). Compreendemos que a identidade pode ser (re)significada, mas a submissão do sujeito impossibilita a sua constituição. O assujeitamento inconsciente do sujeito às ideologias e às FDs pode impedir a constituição da identidade desejada e também surgir performativamente em uma tomada de posição do sujeito.

Pensando na construção subjetiva do sujeito, precisamos tratar de outros fatores como o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual. Para Butler (2003), a identidade de gênero é uma realização performativa impelida pela confirmação social, sendo a construção de gênero e sexualidade composta pela repetição de discursos, de gestos, de papéis estabelecidos e que estão em constante transformação. Para a autora, a identidade de gênero é constituída pelas relações sociais e pela cultura, estando desconectada do sexo biológico do

sujeito (BUTLER, 2003). O que existem são comportamentos padronizados que se adequam a cada gênero. A escolha amorosa e sexual relaciona-se à orientação sexual, como nos explica o psicanalista Drescher.

Uma *orientação sexual* refere-se à tendência de reação erótica da pessoa ou de suas atrações sexuais, se elas são direcionadas a indivíduos do mesmo sexo (homossexual), de outro sexo (heterossexual) ou de ambos os sexos (bissexual). Ao mesmo tempo em que assumir uma postura de comportamento sexual depende da vontade, a direção das reações eróticas normalmente não depende. A orientação sexual tem no mínimo três componentes – desejo, comportamento e identidade – que podem ou não ser congruentes em um indivíduo. (DRESCHER, 2014, p. 25)

A orientação sexual está relacionada ao desejo do sujeito pelo outro, desejo de ser amado e sentir-se importante para o outro. Isso se refere ao ideal de eu, constituído pela introjeções e identificações com o outro. As identidades sexuais referem-se às experiências subjetivas do sujeito frente ao desejo e à atração sexual, também conhecido como identidade de orientação sexual. A naturalização de certas questões identitárias acaba por estigmatizar algumas pessoas pelo poder da ideologia hegemônica, por isso a busca pela desmistificação dos padrões e das categorias de gênero, relacionados à heteronormatividade. A Ideologia é um conjunto de práticas políticas, econômicas e sociais, estabelecida pela luta de classes, que através de conflitos, torna-se natural e aceitável. A heteronormatividade é uma norma tomada como “natural”, disseminada em nossa sociedade e regulada pelos AIE através de instituições sociais como a escola e a igreja, determinando as práticas discursivas dos sujeitos.

Nessa visão, “a ideologia heteronormativa é uma norma de padrão social, ético, moral, científico, religioso, político e comportamental construído historicamente como ‘natural’, o gênero e a sexualidade eram, até determinada época, condições predestinadas e padronizadas” (SILVA e OLIVEIRA, 2016, p. 7). Como as concepções se modificam no decorrer dos anos, também as categorias de gênero e sexo possuem uma dinamicidade. Para as autoras, faz-se uma crítica à ideologia heteronormativa pela verificação do seu caráter excludente, visto que o indivíduo “deve ser reconhecido e respeitado como um todo, pois somos resultado de diversos processos culturais e vivências e, por isso, não podemos ser limitados a estudos científicos, biológicos, religiosos e as linguagens de cunho heteronormativo” (SILVA e OLIVEIRA, 2016, p. 13).

Ao tratarmos da identidade sexual, abordamos que a discriminação aparece, algumas vezes, na própria família e nas instituições burguesas normativas às quais deveriam auxiliar esses sujeitos. Nesse sistema excludente, Silva e Oliveira explicam que “as principais vítimas

da ideologia heteronormativa são as pessoas LGBT²³ e mulheres heterossexuais *cis*” e isso acontece pelo “gênero e sexualidade não condizerem com a norma e por conta do machismo que oprime não somente as mulheres, mas também capaz de desestruturar toda uma família” (2016, p. 3). Assim, permanece a relação de poder, de controle dos corpos e das práticas. Para Corbin, as diferentes posturas e as maneiras de se maquiar, de se pentear e de se vestir, “são igualmente características do gênero, da classe etária, do *status* social ou da pretensão de pertencer à determinada classe” (2008, p. 9), o que influencia no contexto social e ideológico da época. A partir disso, vamos às considerações sobre a homossexualidade.

3.1. O PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE

A questão da homossexualidade é apresentada em inúmeros documentos, pinturas, esculturas, poemas, músicas e mitos culturais que expressam sua ligação com a sexualidade e a afetividade. Contudo, em períodos anteriores, não havia a nomenclatura da palavra, que é mais recente. Até o início do século XVII, não havia um termo específico para designar um sujeito com atração pelo mesmo sexo. O termo vem para caracterizar, no final do século XIX, os homens e mulheres com afeto e sexualidade direcionados a pessoas do mesmo sexo, como portadores de uma doença. Conforme o Dicionário de Psicanálise, o termo é “derivado do grego (*homos*: igual) e criado por volta de 1860 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas biologicamente pertencentes ao mesmo sexo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 350).

No livro *História da Sexualidade I*, Foucault (1999) expõe que o termo passou para uma categoria psicológica, psiquiátrica e médica após a publicação, em 1870 do artigo sobre “sensações sexuais contrárias”, de Westphal. Esse fato originou a criação de aparelhos sociais e políticos para controlar a sexualidade, em que os AIE, assim como a Igreja, a escola e as questões jurídicas limitavam os cônjuges a leis patriarcais regidas por regras de condutas sociais e demarcação de papéis (masculino e feminino) apropriados. Nessa época, as práticas e os saberes eram instituídos em prol da normatização e controle do corpo, através da conduta heteronormativa.

O termo homossexualidade traz consigo uma bagagem discriminatória, percorrendo diferentes espaços na sociedade. No contexto sócio-histórico do século XIX, os movimentos

²³ LGBT é a sigla para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. A sigla surgiu como GLS – gays, lésbicas e simpatizantes – e, com a visibilidade, foi ampliada. Com o passar dos anos, acrescentaram-se as letras T para separar travestis e transexuais, I para intersexuais e Q para incluir *queer*. Podemos encontrar o uso das siglas LGBT ou GLBT, LGBTTIS e LGBTQ, dependendo do foco da informação apresentada.

homossexuais reivindicam o reconhecimento social, mas “continuam muito presos à reivindicação dos direitos de sua sexualidade, à dimensão do sexológico. Mas isso é comum, pois a homossexualidade é uma prática sexual que, enquanto tal, é combatida, barrada, desqualificada” (FOUCAULT, 1999, p. 268).

Essa luta em busca do reconhecimento social traz à tona a questão do sujeito que se produz nas relações de poder. O sujeito, como um efeito do discurso, materializa seus dizeres pelas CPs, submisso a certa ordem disciplinar. Assim, as práticas discursivas do sujeito demonstram na linearidade do discurso (intradiscurso), as marcas do social e do histórico, reproduzindo saberes de determinada realidade sobre o contexto da homossexualidade.

Ao abordar o tema homossexualidade, recorreremos aos dispositivos da sexualidade, de Foucault (1999), que instituem práticas e saberes em prol da normatização e controle do corpo, com conduta heteronormativa através da reprodução de certos discursos e práticas sociais, representadas por instituições hegemônicas. O contexto sócio-histórico era influenciado pelo Estado, pela Igreja e pelas Ciências Médicas, instituições essas que determinavam as práticas de controle social em relação ao estabelecimento das relações entre pessoas do mesmo sexo. O dicionário de Psicanálise expõe:

Entre 1870 e 1910, o termo homossexualidade impôs-se progressivamente nessa acepção em todos os países ocidentais, substituindo assim as antigas denominações que caracterizavam essa forma de amor conforme as épocas e as culturas (inversão, uranismo, safismo, lesbianismo etc.). Definiu-se então por oposição à palavra heterossexualidade (do grego heteros: diferente), cunhada por volta de 1880, que abrangia todas as formas de amor carnal entre pessoas de sexos biologicamente diferentes. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 350)

Nas Ciências Médicas, foram muitas as discussões sobre o tema. No século XX, o discurso psiquiátrico apresentava a homossexualidade “como uma inversão sexual, isto é, uma anomalia psíquica, mental ou de natureza constitucional, um distúrbio da identidade ou da personalidade que podia chegar à psicose e que, não raro, conduzia ao suicídio” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 350). Esse discurso médico imperou até meados de 1970. Em 1974, a homossexualidade deixa de ser considerada doença mental para ser vista como uma prática sexual distinta, pela American Psychiatric Association (APA).

Conforme exposto no dicionário de Psicanálise, Freud não tratava a homossexualidade como uma doença ou vício, e sim como “uma variação da função sexual provocada por uma suspensão do desenvolvimento sexual”, sendo que se deviam respeitar os indivíduos homossexuais, sem agir com injustiça e perseguição (1998, p. 353). Na segunda metade do século, Jacques Lacan foi o primeiro psicanalista “a romper radicalmente com a perseguição

dirigida contra os homossexuais na IPA” (International Psychological Association) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 354). O autor prezava pela aceitação, de maneira a não tratá-los como desviantes ou doentes, auxiliando futuros psicanalistas e reascendendo a tolerância freudiana para com as pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo.

Segundo Zimerman (2007, p. 261), “a conceituação psicanalítica de homossexualidade, além de polissêmica e polifônica, também é polimorfa (várias formas de apresentação) e polideterminada (diversas causas concorrem para uma mesma manifestação clínica)”. O autor acrescenta que a “conduta homossexual” ou “homossexualismo” diz respeito “aos apegos emocionais que implicam em atração sexual, ou de relações sexuais declaradas entre indivíduos de um mesmo sexo” (ZIMERMAN, 2007, p. 262). Essas questões precisam ser analisadas e atentadas para qualquer tratamento psiquiátrico e psicológico.

O homossexualismo deixou de ser tipificado como crime, no Brasil, ainda no séc. XIX, mas o discurso médico-legal assumiu a responsabilidade de estigmatizá-lo e garantir sua classificação de contrário a ordem; através dele, os sujeitos eram considerados perigosos para a sociedade, uma vez que a fuga ao padrão normalizado de vivência da sexualidade –no interior da família e em seus devidos papéis – era o suficiente para que toda a personalidade do sujeito fosse considerada 'moralmente deficiente'. (SANTOS e SILVA, 2013, p. 116)

A partir disso, verificamos uma reprodução/transformação dos efeitos de sentido do termo homossexualidade, que parece atravessado pelo contexto sócio-histórico e movimentado pelos dispositivos da sexualidade. Nas décadas de 1960 e 1970, os movimentos feministas junto à ascensão do pensamento pós-estruturalista foram marcos para a problematização de noções relativas ao corpo, ao sexo e à sexualidade. Na década de 1960, surge, nos Estados Unidos, “um novo termo para nomear uma figura social cada vez mais comum e aceita, o ‘entendido’ e a ‘entendida’”, deixando para trás os termos “bicha” e “sapatão” que eram pejorativos (FRY; MacRAE, 1985, p. 24). Contudo, o movimento homossexual rejeita o termo “entendido” como gay, mantendo o termo “bicha” com a ideia de “esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito”, pois “se autodenominar de ‘bicha’ veio a ser uma maneira de ‘assumir’ uma homossexualidade considerada mais ‘consciente’ do que a dos gays e ‘entendidos’ e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral” (FRY; MacRAE, 1985, p. 24).

Após os movimentos de maio de 1968 em Paris e as diferentes lutas pela libertação sexual, realizada pela militância negra e feminista, cria-se a Frente de Libertação Gay, que inicia nos Estados Unidos e se espalha pela Europa Ocidental. Em 28 de junho de 1969, acontece a “Rebelião de Stonewall”. A polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall

Inn”, localizado no gueto homossexual de Nova York, gerando na reação dos frequentadores que gritavam palavras como “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes”. Esse confronto deu origem ao *Come Out* (Assuma-se) e o “Dia de Orgulho Gay”, comemorado em 28 de julho. Esse movimento refletiu em muitos países, como o Brasil, pois, na época, “entre as pessoas que desfrutaram de uma maior independência sócio-econômica, tornou-se comum a adoção de uma identidade gay” (FRY; MacRAE, 1985, p. 97). Ainda nos anos 70, define-se o movimento homossexual como

[...] o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento. (FACHINI, 2003, p. 84)

O discurso sobre a homossexualidade toma proporções mais “positivas”, exercendo um efeito disciplinador na subjetividade social. O movimento LGBT começa seu trabalho no período da ditadura militar, sendo organizado através de “grupos voltados principalmente para o compartilhamento de experiências vivenciadas, e pela construção de uma identidade que possibilitasse um sentimento de pertencimento e resistência frente às violências sofridas” (SANTOS e SILVA, 2003, p. 120). Após a ditadura, o movimento se transforma e surgem muitos grupos e organizações em prol dos direitos dos LGBT.

Em meados dos anos 1980, surge o chamado “câncer gay”, referindo-se à doença que estaria ligada aos homossexuais, a AIDS, o que impulsiona as práticas sociais homofóbicas e a discriminação. Nesse contexto, surgem movimentos de solidariedade, cuidado e proteção aos sujeitos que contraíram a doença. O Boletim Epidemiológico HIV/Aids do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde (DIAHV/SVS/MS), apresenta dados e informações anuais sobre os casos existentes no Brasil.

De 2007 até junho de 2017, foram notificados no Sinan²⁴ 194.217 casos de infecção pelo HIV no Brasil. [...] Nesse período, foi notificado no Sinan um total de 131.969 (67,9%) casos em homens e 62.198 (32,1%) casos em mulheres. [...] Entre os homens, no período observado, verifica-se que 48,9% dos casos foram decorrentes de exposição homossexual, 37,6% heterossexual, 9,6% bissexual e 2,9% se deram entre usuários de drogas injetáveis (UDI); entre as mulheres, nessa mesma faixa etária, nota-se que 96,8% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual e 1,7% na de UDI. (BRASIL, BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO, 2017, p. 5)

²⁴ Sinan é a sigla para o Sistema de Informação de Agravos de Notificação.

Os dados indicam a existência de mais homens infectados em relação às mulheres e uma proximidade estatística quanto à infecção por exposição homossexual e heterossexual. Os números mostram que os cuidados de proteção são menores em homens, visto que o HIV é o vírus que pode ou não se desenvolver e causar a AIDS, que ataca o sistema imunológico e prejudica as defesas do organismo. Por isso, a importância de prevenção e informação quanto ao vírus e à doença. De acordo com informações do Boletim (2017), de 1980 a junho de 2017, 882.810 casos de Aids foram registrados no Brasil e, nos últimos cinco anos têm surgido uma média de 40 mil novos casos da doença. Com essas informações, notamos que o preconceito referente à orientação sexual não pode estar ligado à doença em si, mas utilizaram-na para discriminar sujeitos homossexuais.

No final dos anos 1990, surgem as formulações teóricas pós-identitárias e a questão das identidades de gênero. A Teoria Queer aparece com o compromisso social de destituir a classificação das pessoas pelo binarismo heterossexual/homossexual e a concepção da heteronormatividade a partir da existência de várias possibilidades culturais. Para Louro (2004, p. 39), “queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”. Lembramos que muitos conceitos coexistem e se relacionam na sociedade e são diversas as formas de constituição de subjetivações.

A imprensa escrita, a partir do código de ética jornalística, auxiliou na divulgação dos ideais de igualdade e não discriminação dos homossexuais, criando uma abertura para a discussão do tema. Conforme Santos e Silva (2013, p. 117) “as relações homossexuais permaneceram patologizadas no Brasil durante a maior parte do séc. XX, tendo sido retiradas do rol de doenças do Instituto Nacional de Previdência Social apenas em 1985, após decisão do Conselho Federal de Medicina.”. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proíbe o tratamento da homossexualidade.

A Resolução do Conselho Federal de Psicologia, de nº 001/99, de 22 de março de 1999, estabelece normas para a atuação dos psicólogos em relação à orientação sexual. Com a nova Resolução, considera-se “que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade”; “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”; “há, na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente”; e “a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as

questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). A partir disso, fica determinado que

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Entendemos que a prática do psicólogo deve voltar-se ao respeito e à aceitação de todo sujeito, auxiliando na promoção da saúde e na qualidade de vida dos sujeitos, de forma a amenizar os impactos de uma possível discriminação sofrida. Além disso, o psicólogo precisa ser empático e ético, buscando desfazer os estigmas e preconceitos de ordem sexual que são difundidos na sociedade e prejudicam a saúde psíquica do sujeito. Algumas ações e discussões da comunidade científica e LGBT, pautadas em esclarecimentos e exposições práticas sobre a sexualidade, têm auxiliado na transformação de saberes e crenças errôneas que se perpetuavam na história. Atualmente, os principais órgãos nacionais e internacionais vinculados à saúde, como a American Psychology Association (APA), a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP), consideram a homossexualidade como uma das possibilidades de experiência afetivo-sexual e não mais como uma psicopatologia. Essa postura, acompanhada dos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e feministas, tem auxiliado na veiculação da informação para a conquista de direitos no cenário político nacional e internacional, como a união estável e a adoção de crianças, e para a diminuição do preconceito em alguns pontos.

Existem casos como o Projeto de Decreto Legislativo PDC 234/2011, apelidado de “Projeto da Cura Gay”, que teria como ementa sustar a aplicação do art. 3º e 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99, estabelecendo normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Caso esse decreto não tivesse sido retirado em julho de 2013, pelo próprio autor do projeto, seria um retrocesso, limitando a

atuação de profissionais comprometidos em assegurar os direitos humanos e promover a igualdade e a diversidade.

Em um âmbito internacional, a transformação das concepções de gênero quanto às leis sobre orientação sexual voltadas à proteção, reconhecimento e criminalização pode ser observada nos mapas²⁵ e exposições da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex (ILGA). Quanto à criminalização, 73 países e cinco entidades efetuam prisão, e a pena de morte acontece em 13 países. As leis de proteção e anti-discriminatórias existem em 76 países e 85 entidades, isso inclui a proteção legal em âmbito profissional, em nível constitucional e outras formas de proteção, tipificação de delitos de ódio e normas contra o discurso de ódio. No mundo, o reconhecimento de uniões de pessoas do mesmo sexo ocorre em 46 países e 65 entidades; de adoção conjunta em 27 países e 28 entidades; e, de adoção de mãe e pai, acontecem em 17 países e partes da Itália. As leis de proteção da orientação sexual existem, e em 71 países há leis contra a discriminação em ambientes de trabalho, em 36 países tem a proibição do incitamento ao ódio com base na orientação sexual, em 14 países é proibição constitucional a discriminação por orientação sexual e outros dispositivos anti-discriminatórios sobre a orientação sexual existem 39 países.

O reconhecimento da orientação sexual é algo bastante discutido em diversos países. O matrimônio é realizado em 22 países e a união estável, em 19 países. Quanto à adoção conjunta de casais homoafetivos, 26 países legalizaram a ação e a adoção de segundo pai ou mãe ocorre em 33 países, contando com o Brasil. No entanto, precisamos atentar para o fato de que muitos países ainda tratam a homossexualidade como um crime a ser punido, como no Oriente Médio. Mostraremos os números de países em que há condenação, conforme os delitos que acarretam pena máxima: crime antinatural em 30 países; sodomia (Buggery) em 13 e (Sodomia) em 11; leis de promoção (propaganda) em 2; atos sexuais em 11; e, Lei Moral e expressão LGB em 7 países (e algumas províncias/estados). O que notamos é a falta de liberdade e expressão vivenciada por alguns cidadãos em determinados países.

No Brasil, muitos avanços aconteceram após as lutas do movimento LGBT. Diferentes congressos e organizações realizam eventos em prol da visibilidade da causa e esclarecimento de dúvidas ainda existentes. Informações sobre a necessidade de manter o movimento em

²⁵ Os dados apresentados em junho de 2016, pelos mapas – Geral, Criminalização, Proteção e Reconhecimento –, estão baseados no informe de Homofobia do Estado: Estudo Jurídico Mundial sobre a Orientação Sexual no direito: criminalização, proteção e reconhecimento, um informe de ILGA, produzido por Aengus Carroll, disponível em seis idiomas – inglês, chinês, árabe, francês, russo e espanhol (ciales de la ONU).

busca da diversidade de gênero são apresentadas no Nexo Jornal²⁶. A sociedade atual tem vivenciado eventos sociais como as “Paradas Gays”, ocorridas anualmente. Em 2002, o Conselho Federal de Medicina acatou a redesignação sexual (mudança de sexo) e, em 2008, o Sistema Único de Saúde (SUS) começa a oferecer a redesignação com uma fila extensa. Em 2009, inicia o processo de aceitação do nome social²⁷, ou seja, da mudança de nome no registro civil da pessoa de acordo com sua identificação. O Ministério da Saúde foi o primeiro a aceitar e, em 2013, era possível usar o nome social no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Somente em 2016, houve o reconhecimento social e individual do nome social em órgãos públicos, como garantia de representação do sujeito e da manutenção de sua condição psicológica, moral, intelectual e emocional. Em 2011, a união estável homoafetiva e o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foram reconhecidos pelo Supremo Tribunal Federal. Esse progresso ampliou as definições quanto à diversidade de gênero.

Além da sigla LGBT, existem muitas letras e nomes que dizem respeito não apenas à orientação sexual (lésbicas, bi, gay, assexuado, etc.), mas à identidade de gênero (transexual, travesti, cis, *gender-fluid* etc.) e ainda ao comportamento das pessoas (drag, crossdresser etc.). (HMC, 2016, p. 169)

Entendemos que a abertura para as discussões de gênero permitiu o avanço e a transformação do que se apresentava através do binarismo homem/mulher na sociedade. A grande diversidade sexual existente possibilitou a criação de um dicionário²⁸ de gêneros, lançado em 2016, com muitos verbetes, comentários e depoimentos pessoais. O dicionário apresenta a ideia da função “e” ao tratar da diversidade de gênero.

Nossa língua portuguesa é marcada pela binariedade, reconhecendo apenas o masculino, com o artigo “o” e o feminino, com o artigo “a”. E essa é mais uma barreira enfrentada pelos gêneros não normativos, que há anos vêm lutando pela neutralidade, usando “@”, “x” e, mais recentemente, a letra “e” como indicador de qualquer gênero, abraçando todes, não só mulheres e homens cisgêneros, mas transgêneros, pangêneros, gêneros-fluidos, agêneros, entre muitos outros, para que possamos enxergar a diversidade na nossa língua. (DICIONÁRIO DE GÊNERO)

²⁶ Reportagem sobre as conquistas do movimento LGBT. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

²⁷ O nome social é um reconhecimento social e individual do sujeito. A regulamentação do uso do nome social também é possibilitada em documentos civis de funcionários de órgãos públicos, regulado pelo Decreto nº 8.727/2016, que “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional”. Contudo, para alterar alguns documentos é necessário ingresso de processo judicial.

²⁸ O dicionário de gêneros é um espaço colaborativo que inclui a diversidade de gêneros através da língua, apresentando verbetes e depoimentos pessoais através de constante atualização. Disponível em: <<http://www.dicionariodegeneros.com.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

Ainda, atentamos para as novas formas de expressão a partir dos veículos midiáticos como o *Youtube* que apresenta diferentes atores e personagens que visam ao entendimento da pressão heteronormativa e da importância de se conhecer e se sentir representado por alguém (outro). Mencionamos alguns influenciadores/ formadores de opinião nos canais “Põe na roda”²⁹, “Para Tudo”³⁰ de Lorelay Fox, “Luba TV”³¹, “Canal das Bee”³², “Chá dos 5”³³ e Maicon Santini”³⁴. Esses são alguns exemplos de como a representatividade LGBT tem alcançado um público e um avanço nas questões que envolvem o preconceito e as práticas discriminatórias da sociedade contemporânea. Precisamos atentar para a mudança e a aceitação da diferença quanto à identidade de gênero e à orientação sexual.

Ainda presenciamos muitos retrocessos quanto o assunto é homossexualidade. Muitas práticas discursivas, pautadas em saberes retrógrados e conservadores, reproduzem dizeres repletos de preconceito velado, discriminação e desrespeito com o movimento LGBT. A difusão desses discursos é, algumas vezes, aceita e propagada na sociedade. Por isso, a necessidade de novas discussões para que haja a compreensão das diferentes identidades e a transformação estrutural e social.

²⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>>. Acesso em 15 jan. 2018.

³⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC-NW3bCGpuJm6fz-9DyXMjg>>. Acesso em 15 jan. 2018.

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/LubaTV>>. Acesso em 15 jan. 2018.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=Canal+das+Bee>. Acesso em 15 jan. 2018.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=Ch%C3%A1+dos+5>. Acesso em 15 jan. 2018.

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/maiconsantini>>. Acesso em 15 jan. 2018.

4. O GESTO DE INTERPRETAÇÃO: UM ROTEIRO METODOLÓGICO

O analista de discurso, como um roteirista, planeja seus objetivos a fim de precisar o curso do trabalho. Portanto, a partir da definição e da observação do objeto de estudo, construímos nosso roteiro metodológico com o intuito de descrever e interpretar as sequências discursivas que revelam a pertinência para o alcance dos objetivos da pesquisa. O dispositivo construído pretende “investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade.” (ORLANDI, 2012a, p. 61). Nosso gesto analítico tem como princípio o fato de a forma do recorte determinar o *modus operandi* de análise e também a construção do dispositivo teórico. Tal dispositivo procura dar conta da configuração dos efeitos metafóricos enquanto efeitos de sentido. Apresentamos, neste capítulo, as noções metodológicas adotadas para a elaboração da pesquisa, delimitando a constituição do *corpus* empírico e a proposta analítica.

4.1. NA SEQUÊNCIA: O *CORPUS* DA PESQUISA

O trabalho, ora proposto, tem como *corpus* a série de televisão brasileira “Sessão de Terapia”. Para situar um pouco os elementos constituintes do arquivo relativo a ela, apresentamos alguns aspectos que nos parecem importantes. As pessoas estão consumindo mais produtos audiovisuais, como filmes e seriados através da televisão e da Internet. As séries ficaram populares nos anos 1950 e apresentaram características que englobavam vários gêneros e atraíam o telespectador. Na década de 1960, o público brasileiro conheceu os seriados norte-americanos através da apresentação na TV aberta. Em 1970, houve uma crescente produção brasileira de telenovelas e séries pela Rede Globo. Com a crescente produção e consumo audiovisual do movimento cultural dos anos 1980, o panorama televisivo se transformou, e a série trouxe uma nova configuração com mecanismos narrativos, diálogos e imagens baseados na reprodução recorrente de personagens, assuntos e situações. Após 20 anos, os seriados norte-americanos voltam a ser transmitidos pelas emissoras a cabo com qualidade e formatos distintos e direcionando-se a diferentes públicos. Com a chegada da Internet, os seriados tornaram-se mais comuns, isto pela possibilidade de assistir aos episódios e às temporadas a qualquer hora (SILVA, 2014).

Segundo Jost (2012), com uma narrativa enxuta e realista, os seriados conquistaram os telespectadores pela evolução de temas – documentários, comédias, dramas médicos, paranormais, policiais, entre outros. As histórias trazem protagonistas que fomentam a curiosidade e motivam a descoberta de algo que está oculto, instigando a compreensão do outro e das pistas. Nas palavras de Jost, “o que seduz o telespectador não é, portanto, encontrar a cópia exata do nosso mundo, mas, sim, e sobretudo, identificar um modo de narração, um discurso, com o qual ele está habituado” (2012, p. 42). Os temas da série em análise trazem um mundo novo com conhecimento e curiosidades acerca principalmente da Psicologia e da patologia humana, deixando-os acessíveis ao telespectador.

Na construção da narrativa, aparecem características realistas – gestos, atitudes, falas, expressões, lugares – nos personagens e no mundo, e no discurso realista surge a ideia da transparência que tenta apagar a existência de um autor por trás da história (JOST, 2012). Na narrativa, essa transparência é sugerida pela verdade revelada pelos personagens, que é o sintoma da “ideologia da transparência” presente na sociedade atual, fato que tenta compensar a não presença da mesma na vida real. Jost (2012) cita os seriados *The Mentalist* e *House* para esclarecer sua noção de compensação simbólica e necessidade de verdade. Para o autor, existem três elos de organização que compõem as ficções: o privado retrata a vida social, profissional e o prolongamento da vida privada dos personagens; o profissional trata da carreira do personagem, trazendo elementos da vida pessoal e alguns conflitos vividos; e, o social apresenta a vida em sociedade e não tão individualizada (JOST, 2012). A maioria das séries preza pela representação do amor e da amizade entre os personagens.

Pela organização estabelecida por Jost (2012), podemos entender a construção da narrativa nos seriados e o papel desempenhado na propagação de informações, práticas e estilos de vida. Essa configuração do seriado faz o telespectador interagir e acreditar nos saberes ali transmitidos através do entretenimento. Essas considerações são necessárias para a compreensão da narrativa fictícia, criada pela série de televisão analisada neste trabalho. Lembremos que, além dos detalhes do seriado, temos o sujeito-autor e o sujeito-diretor da narrativa que compõem os personagens, as falas e a cena. Esses sujeitos, interpelados por distintas formações ideológicas e formações discursivas, têm posições frente ao que é criado para o telespectador, mas eles não foram considerados em nosso trabalho.

A série de televisão “Sessão de Terapia”, transmitida pelo canal GNT, recebeu destaque por adentrar em conhecimentos psicanalíticos e atingir um público que apreciava tais saberes. As três temporadas contaram com roteiros de Jaqueline Vargas e direção de Selton Mello. O terapeuta Theo, protagonista da série, atendeu vários pacientes, o que caracterizou

um seriado centrado na vida privada de personagens. As duas primeiras temporadas foram adaptações, baseadas na série israelense *BeTipul*, criada pelo psicanalista israelita Hagai Levi, e na versão americana da série *In Treatment*. A terceira temporada, que foi ao ar no canal GNT, em 2014, teve roteiros originais e apresentou o atendimento de quatro pacientes pelo terapeuta Theo Cecatto, representado pelo ator Zécarlos Machado. Interessou-nos um dos personagens, o sujeito-paciente Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, apresentado pelo ator Rafael Lozano, cuja trajetória é aqui observada. Trata-se de um jovem empresário com boas condições financeiras que problematiza a dificuldade de expor a sua orientação sexual frente às demandas pessoais, profissionais e sociais.

Nosso objeto de estudo é um arquivo composto de sete vídeos/episódios da terceira temporada da série de televisão brasileira “Sessão de Terapia”. Os episódios 3, 8, 13, 18, 23, 28 e 33 foram escolhidos por contar com a presença do sujeito-paciente Felipe. A ordem dos episódios remeteu a um momento isolado da história de vida do personagem, havendo uma cadeia de acontecimentos, em vários planos e interpretações. O *corpus* apresentou dois personagens principais, o paciente e o terapeuta, interagindo em uma sessão de terapia, como indica o nome da série. Os episódios, depois de acessados e arquivados, foram transcritos por meio da captura das falas do sujeito-paciente, do sujeito-terapeuta e do sujeito-namorado no momento de interação. Fizemos a transcrição e salientamos que os dizeres podem ter sido atravessados pelos efeitos de seu registro. No entanto, tentamos, em nosso gesto interpretativo, manter nossas compreensões conectadas às noções teóricas e à desconstrução das evidências e da transparência da linguagem.

A partir da transcrição, realizamos recortes para determinar as formulações de referência a serem analisadas qualitativamente. Os enunciados estão inscritos em um conjunto de formulações, “como ‘um nó em uma rede’” que apresenta uma pluralidade de pontos entrecruzados às sequências discursivas, de modo que as “condições de produção serão, ao mesmo tempo, homogêneas e heterogêneas em relação à sequência discursiva de referência” (COURTINE, 2009, p. 90). Para compreender a narrativa fictícia do sujeito-paciente, optamos pela análise de sequências discursivas de referência (SDRs), considerando os efeitos metafóricos. Esses efeitos metafóricos estão presos à inscrição sócio-histórica do sujeito, e sendo, pois, produzidos no atravessamento entre o ideológico e o inconsciente, reproduzindo os sentidos filiados à(s) FD(s) ou produzindo derivações de sentidos.

Através do *corpus* empírico dos vídeos/episódios transcritos, realizamos a leitura da materialidade discursiva, definindo as SDRs, do ponto de vista discursivo, considerando os processos metafóricos na acepção discursiva de Michel Pêcheux. Levando em conta as CPs

do discurso e a série de formulações existentes, buscamos o(s) efeito(s) metafórico(s) que aponta(m) para os pontos de falha da língua como o equívoco, o desliz, o estranhamento, o excesso, o inesperado, o ato falho, o chiste, a surpresa, o sintoma, os quais possibilitam a interpretação e a compreensão.

4.2.NO PLANO: A PROPOSTA ANALÍTICA

O plano projetado, neste trabalho, designou a representação da materialidade discursiva compreendida como plano linguístico e imagético. Nosso *corpus* é um espaço significante, constituído por um texto que “é só uma peça de linguagem de um processo discursivo” e “é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho” (ORLANDI, 2012a, p. 72). Os vídeos/episódios, integralmente transcritos, foram analisados a partir de alguns recortes retirados do enredo e de cenas ilustrativas (fotogramas) das CPs apresentadas na sessão de terapia, possibilitando-nos observar a linguagem verbal e corporal (gestos, risos, fisionomia, movimentos diversos) dos sujeitos – paciente e terapeuta – em interação (PÊCHEUX, 2014).

A linguagem é heterogênea em sua constituição, uma representação simbólica das práticas discursivas nas suas implicações, nos seus conflitos, no seu reconhecimento e nas suas relações de poder. Dessa forma, ela possui uma relação com a exterioridade, sendo percebida nas CPs do discurso, que incluem os sujeitos e a situação no sentido estrito e lato. Orlandi (2010a) explica que “em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato” e, “no sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo” (p. 15). No entanto, não podemos separar essas situações, imediata e mediata, porque o sentido se dá no todo do discurso, no seu funcionamento.

Nesse ponto, precisamos atentar para as duas FDs principais, configuradas e presentes nos dizeres do sujeito-paciente. A FD heterossexual é composta por uma forma-sujeito, representativa de práticas discursivas conservadoras, que sustenta o binarismo homem e mulher e o desejo sexual pelo sexo oposto, reforçando a normatividade sexual e recusando outras possibilidades de relação afetiva/sexual. Já a forma-sujeito da FD homossexual representa saberes discursivos relativos à aceitação e ao respeito à orientação sexual e à identidade subjetiva dos sujeitos que tem atração por pessoas do mesmo sexo.

A partir da materialidade discursiva dos enunciados produzidos pelo sujeito-paciente, buscamos compreender os processos metafóricos gerados, as pistas discursivas – excesso,

falta e estranhamento – e a posição do sujeito-paciente quanto à constituição de sua identidade de gênero. Para isso, contamos com os seguintes objetivos específicos: (i) identificar os efeitos metafóricos constituintes do discurso e do sujeito; (ii) analisar os sintomas presentes na materialidade discursiva; e, (iii) reconhecer a ideologia heteronormativa conectada aos efeitos metafóricos.

As imagens apresentadas na cena dos episódios compõem a materialidade discursiva e apresentam significantes que produzem efeitos de sentido diversos, através de distintos gestos, movimentos, olhares. Nesse contexto, é importante olhar a imagem como social e historicamente determinada, visto que se sustenta em outros discursos. Dessa forma, a imagem é vista como opaca e possibilita interpretações, que são historicizadas e não se reduzem a um simples ver. Para Quevedo:

Nesse sentido, “ver” e “olhar” aproximar-se-iam dos conceitos de decodificar e interpretar, ainda que com ressalvas: mesmo que “ver” seja o ato físico, “dirigir os olhos para” é sempre um gesto de interpretação (o primeiro), que implica um “não olhar para” e este pode significar quando o sentido é construído pela sua ausência-presença necessária. “Olhar” seria a atribuição de sentido, a percepção de efeitos de sentido, o gesto de leitura/interpretação, a produção de uma imagem. (QUEVEDO, 2012, p. 135)

Esse gesto de interpretação precisa focar no que vai além da linearidade da leitura e trabalhar com os elementos constituintes da imagem recortados pelo analista (QUEVEDO, 2012). Conforme Souza, “ao se interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos” (2001, p. 73), possibilitando a produção de “um olhar que trabalha diferente quando da leitura da imagem” (2001, p. 78). Esta é uma forma de ler a imagem de forma multifacetada, possibilitando a conexão com o plano linguístico, mas não como um todo.

Esse gesto de olhar “é fundamentalmente um trabalho de leitura e, como tal, é realizado sempre por um sujeito histórico, atualizado no sujeito empírico/indivíduo, a partir de uma dada posição de interpretação e sob dadas condições de produção” (ERNST-PEREIRA; QUEVEDO, 2013, p. 268). Esse gesto é social e determinado ideologicamente, abarcando diferentes discursos, pois “gerada e gerida discursivamente, devemos admitir que o que a imagem ‘mostra’, o seu ‘visível’, não lhe é intrínseco, mas sim (sobre)determinado pela formação discursiva a partir da qual o sujeito histórico a produz” (ERNST-PEREIRA; QUEVEDO, 2012, p. 270). Nesse viés, tratamos a imagem como produtora de sentidos, comportados em certa FD, possibilitando a observação de silêncios, que significam e

permitem a apreensão de sentidos outros. Para a compreensão dos efeitos de sentido, em nosso gesto de interpretação, tratamos dos seguintes recortes discursivos em cada episódio.

Retomando: o episódio primeiro versou sobre as ações do sujeito-paciente como um homem heterossexual frente à sociedade e homossexual, com seu parceiro, dentro de sua casa. O segundo tratou dos dizeres do sujeito-paciente sobre um sujeito religioso (padre), que na sua comunhão falou algo hostil – homem gostar de homem é abominação. O episódio três apresentou três sonhos relativos às vivências possíveis do sujeito-paciente como homossexual na sociedade e o receio de tal fato, além de atos falhos produzidos. O quarto expôs as ações do sujeito-paciente como um homem responsável e que não podia assumir a sua orientação sexual. O quinto exibiu a interação do sujeito-paciente com o sujeito-namorado e a não aceitação da orientação sexual – homossexualidade – do sujeito-paciente. O sexto episódio mostrou a história do sujeito-paciente e como descobriu que seu pai e sua mãe sabiam de sua orientação sexual, dizeres referentes à aceitação do pai e a não aceitação da mãe. O último episódio trouxe a postura do sujeito-paciente com a noiva e a mãe e o fato do cancelamento de seu casamento e a busca por reatar seu namoro com Guto.

Encontramos, na materialidade discursiva, diferentes modos de funcionamento dos processos metafóricos produzidos pelo sujeito-paciente nas CPs apresentadas. As metáforas são geradas no discurso do sujeito-paciente, conforme já apresentado, através de deslizamentos, substituições e condensações que revelam as formações do inconsciente – atos falhos, sonhos, chistes e sintomas –, produzindo diferentes efeitos de sentido delimitados pela inscrição nas FDs. A partir das SDRs, compreendemos e discutimos as metáforas e as inter-relações com as demais noções, em um processo de ir e vir. A reiteração das CPs sócio-históricas atuais, apresentadas no seriado, e o entendimento do atravessamento da ideologia heteronormativa (re)produzida na sessão se entrecruza com as metáforas. Apresentamos a seguir noções teórico-analíticas, relativas à heteronormatividade, conectadas às metáforas.

5. NA NARRATIVA: O PROCESSO TERAPÊUTICO

A vida contemporânea é retratada em diferentes telas, como a da televisão. Os entretenimentos, como os seriados, apresentam discursos que figuram perspectivas e trajetórias ficcionais inspiradas em contextos diversos. Este capítulo versa sobre noções relativas ao enredo da série no que diz respeito à terapia ficcional e aos processos discursivos em questão.

Ao iniciar uma terapia, existe uma barreira, a ser ultrapassada, que envolve dificuldades potencializadas devido à visão que o sujeito tem de si mesmo, do terapeuta e do próprio processo terapêutico. Isso ocorre no contexto psicanalítico e é apresentado no discurso do sujeito-paciente Felipe que, ao se apresentar, questiona como será a terapia. No 1³⁵, Felipe caminha em direção à porta e Theo o recebe. O diálogo inicia com sujeito-paciente falando o que pensa sobre o atendimento e a entrega de seu cartão de apresentação – “Aí está só Felipe Ortiz, mas meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, parece nome de príncipe, né!”.

Para tratar do discurso produzido no processo comunicativo, Pêcheux rememora o esquema informacional de Jakobson para tratá-lo como “‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (2014, p. 81), ou seja, há uma relação estabelecida entre os interlocutores em determinadas CPs do discurso. Como os sujeitos – A e B – ocupam lugares determinados na formação social e designados pelas formações imaginárias, trabalhamos as formações imaginárias conjuntamente com o processo de antecipação. Podemos tratar A como a posição sujeito locutor e B como a posição sujeito interlocutor, sendo que as CPs dessa interação envolvem o referente, que é o “contexto” e a “situação” (PÊCHEUX, 2014, p. 83).

Nesse processo, temos a imagem da posição sujeito locutor sobre si mesmo – “quem sou eu para lhe falar assim?” – e sobre o outro – “quem é ele para que eu lhe fale assim?” (PÊCHEUX, 2014, p. 82). Também, observamos a posição sujeito interlocutor sobre si – “quem sou eu para que ele me fale assim?” – e sobre o outro “quem é ele para que me fale assim?” (PÊCHEUX, 2014, p. 82). Além disso, há o objeto do discurso a partir do “ponto de vista” do locutor – “de que lhe falo assim?” – e do interlocutor – “de que ele me fala assim?” (PÊCHEUX, 2014, p. 83). Esse jogo imaginário existente na troca de palavras, ou troca de turnos, remete às formações imaginárias de cada interlocutor no momento de interação, sendo

³⁵ A marcação por aspas, posteriores aos números, marca o tempo em que foi produzido o dizer do sujeito-paciente. O episódio 1 teve duração de 22’02” com os dois sujeitos – personagem e terapeuta – em interação.

necessário para a produção dos sentidos. Assim funciona “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014, p. 82), de modo que se estabelecem relações entre as situações e as posições dos interlocutores através de regras de projeção no interior de uma formação social.

Podemos dizer que “todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 2014, p. 83). O que acontece nas interações se dá em CPs específicas e propósitos distintos. O locutor pode “*transformar o ouvinte*” ou A e B podem se identificar, pois “a antecipação de B por A depende da ‘distância’ que A supõe entre A e B” (PÊCHEUX, 2014, p. 84). Segundo o autor, o processo de produção de um discurso resulta da composição das CPs com um sistema linguístico dado.

Como o sujeito é efeito de linguagem, está submetido à ideologia, constituindo-se através de um processo contínuo de transformação. Esse sujeito significa em CPs determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pela memória discursiva, estando atrelado à incompletude da linguagem. No momento da interação, a antecipação “*do que o outro vai pensar* parece constitutiva de qualquer discurso”, fazendo com que o enunciador se coloque no lugar do ouvinte (PÊCHEUX, 2014, p. 77). O ouvinte através de “intervenções diretas ou indiretas, verbais ou não verbais” (PÊCHEUX, 2014, p. 77) bloqueia ou apoia o enunciador que, de certa forma, responde às influências transmitidas.

Os sujeitos – paciente e terapeuta – ocupam lugares distintos na formação social e são definidos pelas formações imaginárias. Inicialmente, observamos a imagem do sujeito-paciente sobre si mesmo (um engenheiro civil que trabalha na empresa da família e busca ajuda de um terapeuta); a imagem pré-concebida do outro, o terapeuta (um especialista que trata conflitos psicológicos); e a imagem do objeto de que trata o discurso (ponto de vista sobre a história de sua vida). Notamos isso pelo dizer: “Você não é um daqueles que fica olhando pra gente sem falar nada, é?”. A concepção de que “o terapeuta psicodinâmico”³⁶ permanece, sobretudo, em silêncio” encontra-se filiada a um discurso do senso comum, pois, no campo terapêutico, ele tem “um envolvimento mais ativo”, respondendo aos estados emocionais do paciente (GABBARD, 2005, p. 15-16). Esse questionamento relaciona-se à imagem do terapeuta, criada pelo sujeito-paciente, para confirmar e/ou desconstruir o que foi configurado na formação imaginária, pois há uma “distância” entre os sujeitos que interagem.

³⁶ A psicoterapia psicodinâmica contemporânea de longo prazo é oriunda da Psicanálise e dirige a atenção para a interação terapeuta-paciente e para a interpretação a ser realizada.

Salientamos que esse jogo imaginário não cessa, pois a interpretação é dependente da linguagem verbal (dizeres escritos e falados) e não verbal (fisionomia, gestos, sons/risos), que produzem efeitos de sentido relacionados à filiação ideológica. Na interação estabelecida nos quadros da série, o sujeito-terapeuta, com uma imagem pré-concebida do sujeito-paciente, sorri e responde ao questionamento: “Claro que não!”. Ocorre aqui a desconstrução da imagem de terapeuta quieto, observador, para alguém receptivo, apreendido pelo dizer: “Aqui é o lugar mesmo para você se sentir a vontade”. Pelo processo de movimentação dos dizeres, entendemos que a movimentação da imagem do sujeito-terapeuta e do sujeito-paciente parece demonstrar uma possível aproximação entre A (sujeito-paciente) e B (sujeito-terapeuta).

A terapia tem como recurso principal a palavra. No início do século XX, Sigmund Freud fundou a Psicanálise, uma ciência baseada no trabalho de observação de pacientes psiquiátricos e da aplicação sistemática do método psicanalítico. Freud (1996b) cunhou o termo “terapia psicanalítica” para distingui-la de outras psicoterapias. A psicoterapia é uma atividade colaborativa, realizada em um contexto interpessoal (relação terapêutica), que busca intervir no psiquismo e criar um equilíbrio emocional no paciente. Com intuito de situar o leitor e mostrar as diversas terapias existentes, valemo-nos dos estudos do psiquiatra Cordioli que entende a psicoterapia como “um método de tratamento realizado por um profissional treinado³⁷, com o objetivo de reduzir ou remover um problema, queixa ou transtorno definido de um paciente ou cliente que deliberadamente busca ajuda” (2008, p. 21). Como são mais de 250 modalidades de psicoterapia, distintas pelos objetivos e fundamentos teóricos, não podemos definir com exatidão o enquadre dos episódios da série, mas podemos notar um enfoque diretivo. Quanto à psicoterapia, explica Cordioli:

O termo abrange desde as psicoterapias breves de apoio ou intervenções em crise , destinadas a auxiliar o paciente a superar dificuldades momentâneas , até formas mais complexas, como a psicanálise ou a terapia de orientação analítica, que se propõem a modificar aspectos mais ou menos amplos da personalidade . Embora todas utilizem a comunicação verbal no contexto de uma relação interpessoal , os diferentes modelos divergem quanto ao racional ou quanto à explicação que oferecem para as mudanças que almejam obter com seus pacientes. (CORDIOLI, 2008, p. 21)

Existem diversas teorias e práticas de terapia. As terapias contemporâneas estão, em sua maioria, voltadas ao *insight* e à resolução de conflitos. Enquanto isso, a Psicanálise trabalha com a associação livre, manutenção do *setting* e as respectivas resistências,

³⁷ Tratamos como profissional treinado, os sujeitos que possuem uma qualificação, seja na área de Psicologia, Medicina Psiquiátrica ou Psicanálise, todos voltados à área clínica.

transferências, contratransferência e atividade interpretativa. Quando falamos da terapia psicanalítica de Freud, podemos pensar na Análise/Psicanálise atual que foca na estrutura da personalidade do sujeito, na transferência, na neurose de transferência³⁸, na regressão e nas questões intrapsíquicas³⁹. A frequência e a estrutura do ego são importantes porque é preciso trabalhar com as defesas e amparar o analisando. Na Análise, a transferência⁴⁰ é estimulada e trabalhada, seja pelo silêncio ou interpretação do analista, que apresenta a contratransferência positiva ou negativa de acordo com o tipo de transferência. Para fazer essa terapia, o ego do sujeito precisa estar estruturado, assim como nas terapias sistêmica, breve e focal.

As terapias atuais baseiam-se principalmente nas concepções de Freud e estão conectadas à teoria psicanalítica, como as seguintes: psicanálise, psicoterapia de orientação analítica, psicoterapia de apoio, terapia breve dinâmica, entre outras. Conforme esclarece Zimerman (2007), existem sete autores e escolas principais que apresentam conceitos originais para a prática clínica psicanalítica: Escola Freudiana; Teóricos das Relações Objetais (M. Klein); Psicologia do Ego (Hartman a M. Mahler); Psicologia do Self (Kohut); Escola Francesa (Lacan); Winnicott; e Bion. Esses teóricos constituem práticas psicanalíticas próprias. Lacan, preocupado com o rumo da Psicanálise, é o autor que faz um retorno à teoria freudiana e diferencia a sua prática analítica ao dar ênfase à linguagem, à identificação narcísica, à ausência do pai, criar uma nova estruturação do *setting* (duração das sessões pelo tempo lógico) e tratar a transferência conectada ao Sujeito Suposto Saber, a contratransferência como instrumento técnico irrelevante e o risco da interpretação do “aqui-agora”.

As psicoterapias trabalham com conceitos comuns. A distinção entre as psicoterapias e a Psicanálise está, principalmente, no aprofundamento dinâmico possibilitado ao paciente/analisando. Abordamos aqui a psicoterapia breve que define um foco e estratégias para trabalhar uma queixa específica do paciente, verificada através de algumas sessões. A frequência é semanal, e a duração é curta e analisada segundo a problemática. O terapeuta tem postura mais ativa e faz várias intervenções, o que se diferencia da prática do analista que é

³⁸ A neurose de transferência acontece no processo de análise com o objetivo de chegar ao conflito básico que constitui a neurose. A transferência precisa ser interpretada para que se chegue à neurose de transferência. Com o estabelecimento do vínculo sólido, o sujeito vive e revive o conflito básico com o terapeuta e entra em contato com o mundo interno e ressignifica as suas questões. Essa transformação interna é que possibilita a adequação dos mecanismos de defesa.

³⁹ As questões intrapsíquicas envolvem o funcionamento dinâmico dos pacientes, as relações internas e externas da vida.

⁴⁰ A transferência acontece na relação estabelecida no processo psicanalítico. Para Freud, a transferência abarca a repetição das lembranças e pulsões reprimidas, mas também incluiu a participação de figuras superegóicas e dos mecanismos de defesa do ego. Para Lacan, a transferência surge somente quando, por alguma razão, o processo dialético é inoperante (ZIMERMAN, 2007).

mais passivo. Entendemos que a sessão estabelecida na série, nosso *corpus* empírico, é uma psicoterapia breve, visto que, aparentemente, se procura o equilíbrio emocional e o enfrentamento dos obstáculos quanto à orientação sexual do sujeito-paciente. O *setting* terapêutico⁴¹ é que permite que a sessão aconteça, pois envolve tanto a estrutura física quanto o atendimento clínico constituído através da relação entre terapeuta e paciente.

O autor Lemgruber explica que, nessa modalidade, os terapeutas são “mais ativos”, “estimulam o desenvolvimento da aliança terapêutica e transferência positiva⁴²”; focalizam “conflitos específicos ou temas definidos previamente no início da terapia”; mantêm o “foco de trabalho e objetivos definidos” e a “atenção dirigida para as experiências atuais do paciente, inclusive os sintomas”; e, dão “ênfase na situação transferencial da dimensão do ‘aqui e agora’, que não necessariamente é correlacionada ao passado” (2008, p. 173).

A apresentação dos elementos da psicoterapia breve possibilita a análise do primeiro episódio da série e o entendimento da incessante busca de um foco para dar continuidade ao trabalho terapêutico. O foco da terapia parece estar relacionado à palavra “problema” que é enunciada seis vezes pelo sujeito-paciente e três vezes pelo sujeito-terapeuta. É um excesso que significa, uma repetição que sinaliza a presença do conflito, marcado no discurso dos sujeitos – paciente e terapeuta. Essa estratégia discursiva cria pistas de distintos focos de atenção em CPs discursivas específicas. Cada sequência enunciada demonstra uma desordem na vida do sujeito-paciente, tomando proporções elevadas que atrapalham o andamento do trabalho terapêutico. Para ilustrar nossa observação, apresentamos as sequências discursivas em que aparece o termo “problema” no primeiro episódio.

(1') Felipe – Eu tô com um **problema** bem urgente.

Theo – Você disse que tava com um **problema** urgente. É com seu pai?

(4') Felipe – Ahn! O **problema**... tem a ver com essa encenação que meu pai faz.

Theo – O **problema** urgente que você se referiu tem a ver com a sua mãe?

(7') Felipe – Tem. Isso é só uma parte do meu **problema**.

(8') Felipe – É... um **problema**... com a minha namorada. Quer dizer, na verdade, eu não tenho **problema** nenhum com ela. [...] O **problema**... é que ela não tem grana.

Theo – Felipe, eu ainda não entendi. Você me disse que está com a Guta há três anos. Então, qual é o seu **problema** tão urgente?

A palavra “problema” está ligada ao outro – pai, mãe e namorada – que participa da vida do sujeito-paciente. Nas sequências discursivas, o excesso dessa palavra remete à incompletude da linguagem, à instabilidade de sentidos, à ilusão de controlar o dizer e à

⁴¹ O *setting* terapêutico é a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo terapêutico na clínica.

⁴² Freud (1915) classifica as transferências em positivas (as amorosas) e negativas (as sexuais), estas últimas ligadas às resistências, no texto “Observações sobre o amor de transferência”, v. 10.

valorização das relações estabelecidas com o outro. A repetição configura a importância dada à relação imaginária constituída com o outro e do que o outro representa para esse sujeito-paciente, marcando a interpelação ideológica, pela ilusão da regularização e estabilização de sentidos. A ilusão de domínio do dizer materializa-se numa sequência discursiva voltada às relações com outro, de forma que o discurso do sujeito-paciente parece contornar as várias experiências vividas, causadas pela falta. Essa falta, originada da fantasia de domínio do dizer, compõe esse real insuportável e que, possivelmente, é impossível de ser dito.

O problema parece centralizar a origem do sintoma do sujeito-paciente. A angústia de não saber o problema, o que falta e o que deseja trabalhar na terapia, cria essa circularidade e responsabiliza o outro pelo seu sintoma. O imaginário trava uma luta com o Outro, a procura de uma solução que está além, ou seja, um recurso que é impossível de encontrar e nomear. Nesse jogo imaginário, o dizer se esvai e a tentativa de regularização faz funcionar uma rede de sentidos perdidos, de maneira que o Outro domina o sujeito-paciente. Ainda, observam-se todos os problemas que informam uma relação estabelecida com o outro – pai, mãe, namorada –, de maneira que “o eu e o outro se confundem” (QUINET, 2012, p. 9). Isso acontece porque nos constituímos através da imagem do outro, do outro-ideal que nos deixa alienados. Segundo Quinet:

Eu projeto no outro conteúdos, intenções e até pensamentos meus; eu me vejo nesse outro no qual identifico traços meus, eu o vejo como meu ideal, que tanto admiro – como eu gostaria de ser igual a ele! Ou o vejo como meu rival e quero que morra! Ou o vejo com tudo aquilo que eu gostaria de ter – que inveja! Por que ele tem e eu não tenho? (QUINET, 2012, p. 9)

O outro interfere na constituição subjetiva do sujeito que vê no outro seu semelhante ou rival. A visão do eu é formada na relação com o outro e, assim, o reconhecimento do eu e do outro se confundem. A ilusão de comandar o seu dizer e a si mesmo, diz respeito ao que é denominado em AD de esquecimento nº 1, relativo ao inconsciente. Não há controle, pois, do eu, o que existe é a constituição do eu pela imagem do outro. Nos dizeres enunciados, observamos o sujeito-paciente aproximando-se (mãe e namorada) e afastando-se (pai) do outro.

A presença dos esquecimentos nº 1 e nº 2 de que falamos nos capítulos nove – Da tela ao saber: sujeito e subjetividade – e dez – Da tela ao conflito: a orientação sexual – dão pistas da interpelação do sujeito-paciente pela ideologia heteronormativa através das práticas discursivas e institucionais relativas à estruturação da família tradicional. Evidências de sentido estabilizadas por uma sociedade que apresenta discursos reguladores de saberes que

convergem para o padrão, para a norma. Os esquecimentos ligam-se à forma-sujeito, fazendo com que os saberes, por ela regulados, sejam reproduzidos em diferentes lugares sociais. A forma-sujeito dessa ideologia refere-se aos saberes relacionados ao gênero e à sexualidade, instituídos e naturalizados sócio-historicamente.

6. DA TELA AOS DIZERES DO SUJEITO

As metáforas, constituídas através de deslizamentos, substituições e condensações, produzem diferentes efeitos de sentido porque se encontram ligadas à filiação do sujeito a determinada FD em certas CPs. As CPs imediatas precisam ser observadas para compreender os efeitos de sentido presentes nas SDRs que se formam a partir dos saberes interdiscursivos constituintes do sujeito-paciente. A presença dos saberes representativos da FD heterossexual, relativos à ideologia heteronormativa e à ideologia capitalista, que se perpetuam na sociedade, estão presentes no discurso do sujeito-paciente. A forma-sujeito da FD heterossexual configura práticas discursivas normativas que mantém o binarismo masculino e feminino, de forma que os saberes relacionam-se ao desejo e atração pelo sexo oposto, negando outras possibilidades de relação.

6.1. A IDENTIFICAÇÃO

Os primeiros dizeres do sujeito-paciente possibilitam o início da nossa descrição e interpretação. O efeito metafórico analisado surge na apresentação do sujeito.



Fotograma 1. Sujeito-paciente sorri ao falar “parece nome de príncipe”.

SDR1 – Aí está só Felipe Ortiz (cartão de apresentação), mas meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, **parece nome de príncipe**⁴³, né!

Ao recortar a cena, temos, no plano enunciativo, o fotograma do sujeito-paciente em primeiro plano, sorrindo ao enunciar seu nome e comparando-o à nobreza. Sua postura e seu

⁴³ Os termos em negrito referem-se aos pontos de recorte dos efeitos metafóricos focados e analisados no trabalho.

dizer remeteriam a uma possível crença de pertencimento a uma linhagem nobre, não fosse o provável tom irônico aí presente. Teríamos, caso não fosse um enunciado irônico, um significante marcado por uma fantasia⁴⁴, vinculada ao passado de família (aristocrática), uma pré-história que nele produz marcas constituintes de seu lugar na cultura, na história da família, na geração anterior (pais, avós, etc.) e no seu folclore, em suma, no simbólico, que preexiste ao registro do real e do imaginário, segundo Lacan (1999).

Diz esse autor, dirigindo-se aos psicanalistas: “Vocês sempre devem prestar atenção em como se chama seu paciente. Nunca é indiferente.” (2003, p. 83), isso porque a relação que o sujeito estabelece com o seu nome é de identificação. O nome próprio, singular e específico, portanto, serve como significante privilegiado, ou “puro significante”, para mostrar a relação de identificação que o sujeito estabelece com seu nome próprio, indicando um tipo específico de identificação. Lacan (2003) trabalha a identificação como uma operação estrutural da constituição do sujeito do inconsciente, em sua relação com o significante, vinculando-a ao conceito de traço unário. Tal assertiva concerne a uma relação da identificação do sujeito “ao traço unário do Outro” (LACAN, 2003, p. 95).

Sabemos que, para Lacan, a constituição subjetiva advém da linguagem. Através de uma ordem simbólica externa e já instituída – entendida a partir da noção de (grande) Outro, enquanto o tesouro dos significantes (LACAN, 1998) –, o sujeito encontra um lugar para se inscrever. Para esse autor, um desses lugares oferecidos pelo Outro está no discurso pelo nome próprio, isto é, o nome opera a inscrição de um lugar para o sujeito, no universo de um discurso. Mariani (2014) destaca que o nome próprio, mesmo vindo de um Outro, constitui-se no núcleo daquilo que vivo como sendo “Eu”. Diz-nos a autora:

Ao fazer uso de seu nome próprio, subdizendo em seu nome a “gênese” do modo como se transmitiram a subjetivação e também as identificações, o sujeito se singulariza, se ancora, se marca em sua diferença significante. E aí se marca a divisão do sujeito: entre um “eu” pronome que uso para falar, que me faz supor uma autonomia, que me faz supor dona do meu próprio dizer, e um Outro que fala em mim de modo pontual e surpresa. Essa divisão subjetiva é estrutural e constitutiva da subjetivação, conforme a psicanálise. (MARIANI, 2014, p. 138)

No mundo ocidental, ao pai cabe nomear o filho, ato que se constitui num acontecimento simbólico, que é retirar do Outro um significante, incluindo-o no registro jurídico. Dentro de uma perspectiva linguística, mais especificamente semântico-enunciativa,

⁴⁴ O termo “fantasia” é empregado por Freud e designa a vida imaginária do sujeito e a forma como representa para si próprio a sua história ou a história de suas origens; nesse caso, fala-se de “fantasia originária”. (cf. ROUDINESCO e PLON, 1988)

Guimarães (2002) diz que a nomeação legal, materialização no jurídico, produz um efeito de unicidade, derivado da colagem do nome à pessoa, e sua atribuição ao sujeito o situa sócio-historicamente. Esse fato permite a interpelação e a consequente responsabilização do sujeito pelo Estado. Dessa forma, a função simbólica da nomeação pode ser considerada um acontecimento de linguagem, na medida em que resulta do trabalho significativo da historicidade e da memória.

As CPs retratam as relações de poder do Estado, figuradas pela ideologia capitalista existente em nossa sociedade e constituídas pelas relações hierarquizadas, relações de força. Essas relações, pela noção de “sujeito-de-direito” são sustentadas pelo “efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista” (ORLANDI, 2012a, p. 51). Os sujeitos, interpelados pela ideologia capitalista, propagam dizeres referentes ao estilo de vida contemporâneo, parecendo funcionar aí a estabilidade. Para Althusser (1970), as relações de força entre classes antagônicas são determinadas pela luta de classes, sendo que uma classe domina, capta os meios de produção (burguesia) e a outra é dominada e vende a força de trabalho (operariado). Algo que se perpetua no tempo, fazendo com que as lutas de classes não sejam esquecidas.

De facto, o Estado e os seus Aparelhos só têm sentido do ponto de vista da luta de classes, como aparelhos da luta das classes, assegurando a opressão de classe e garantindo as condições da exploração e da reprodução desta. Mas não há luta de classes sem classes antagônicas. Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe da classe dominada. (ALTHUSSER, 1970, p. 118)

Nesse panorama, existe uma classe dominante que detém o poder e continua a reproduzir os meios e as relações de produção, sendo a ideologia dominante mantida pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Nessa luta de classes pelo poder, há resistência e também conflitos que se perpetuam nas condições sócio-históricas e econômicas atuais. Abordamos essa questão porque o sujeito-paciente, interpelado pela ideologia capitalista, reproduz saberes estabelecidos, que permeiam a sociedade de consumo atual. Também a mídia faz parte do funcionamento do imaginário que compõe e expande os discursos da sociedade urbana e os discursos de mercado (capitalista).

Esses saberes possibilitam que nossa análise parta para as questões metafóricas constituídas e a concepção dos efeitos de sentido produzidos segundo as CPs. Vamos iniciar nossa análise pelo ponto de recorte definido na SDR1, a palavra “príncipe”. Na definição

dicionarizada, príncipe⁴⁵ é: “filho ou membro de família reinante; chefe de principado; qualquer soberano de uma casa reinante; título que em alguns países assume o consorte da rainha; título de nobreza em alguns países”. A expressão “nome de príncipe” relaciona-se, pois, a um título de nobreza, ligado ao poder econômico e social da família do sujeito-paciente.

O enunciado “parece nome de príncipe” participa do processo de identificação do referente “Felipe” – podendo ser interpretado sintaticamente como uma oração subordinada adjetiva restritiva: “... mas meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, (que) parece nome de príncipe”. Na perspectiva pragmático-semântica de Ducrot (apud VOGT, 1989), diríamos que o emprego do verbo “parecer”, ao marcar uma apreciação fundada num julgamento pessoal do sujeito-paciente a partir de sua própria experiência com o objeto dessa apreciação – funcionamento similar ao do verbo “achar” como opinião –, integra-se ao processo discursivo de identificação subjetiva. Retrata uma opinião, tendo uma função modalizadora que não apenas indica a atitude de um indivíduo em relação a uma proposição, mas, em nossa perspectiva teórica, uma tomada de posição subjetiva.

Tal processo discursivo em torno do “nome” relaciona-se a essa tomada de posição irônica. Em CPs sócio-históricas em que ele é proferido, constitui-se uma forma de identificação, uma individualidade ilusória que é, no entanto, ironizada. No caso em questão, a exposição do nome completo seria associada ao *glamour*, sendo acompanhada de efeitos de sentido não estáveis, mas identificáveis em nossa sociedade. A associação criada entre o nome, extenso e repleto de sobrenomes, e sua relação de similaridade com o nome de príncipes e homens que tinham títulos como duques, barões, reis, por exemplo, situa o sujeito, numa tomada de posição contestatória frente à injunção econômico-social, mas parece manter o sujeito-paciente em uma posição “aristocrática”.

A proposta de nos referirmos a sentidos não estáveis e identificáveis em nossa sociedade, em relação ao nome, é porque, no imaginário, a compreensão de nomes considerados aristocráticos traz à tona o caráter de soberania. A soberania é mítica no contexto social contemporâneo. Sabemos que nomes extensos remetem a um modo de poder, o que presenciamos em nossa história, sendo interessante citar o exemplo de D. Pedro II, que fora nomeado através de 15 nomes, como podemos verificar: Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga. O discurso do sujeito-paciente, por ser irônico, mostra um sintoma da apreensão do

⁴⁵ Príncipe. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/principe>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

saber interdiscursivo relativo ao que representa um sujeito cisgênero, identificado com seu nome, seu sexo e seu gênero em nossa sociedade. Lembramos que, quando o nome torna-se um empecilho, a abreviação do nome ou adoção de um apelido e/ou nome social pode ser a alternativa para a apresentação/representação social.

Nessa SDR, notamos uma crítica à associação enunciada do nome à nobreza, uma possível contradição do dizer do sujeito-paciente que, ao mesmo tempo, trata tal fato como um problema e deseja a sua manutenção. Ao buscarmos os efeitos metafóricos num determinado *corpus*, nós, analistas do discurso, tentamos encontrar substituições significantes ou paráfrases possíveis e passíveis de ocuparem uma mesma posição da expressão em pauta, considerando que outras palavras, outras expressões mobilizam outros efeitos de sentido. Para fins analíticos, substituímos o enunciado “parece nome de príncipe” pela construção parafrástica “é nome de nobre”, o que remete a efeitos de sentidos diferenciados, mas relacionados à ideologia capitalista que se volta ao poder da burguesia. Essa substituição, embora também faça emergir a ligação entre a nobreza e o nome do sujeito-paciente, não atua da mesma forma, uma vez que seu efeito de sentido não implica uma performatividade do sujeito, uma atitude do sujeito em relação ao seu dizer, em termos da Análise de Discurso, uma tomada de posição crítica. Tal tomada de posição é corroborada através do fotograma, do gesto marcado pelo sorriso. O deslizamento ocasionado pela substituição mantém o processo significativo de interpelação-identificação ideológica pelo poder econômico que divide a sociedade entre os mais e os menos abastados. Todavia, não estabeleceria a dúvida, uma vez que se trata de um enunciado afirmativo e, com ela, a “opinião” crítica da tomada de posição irônica. Os enunciados que se seguem mantêm essa posição crítica.

Aos 4', Felipe fala do pai e de sua família: “Essa coisa de alta sociedade. A minha família vive meio de fachada.”. Alguns instantes depois, alguém bate à porta, e Theo recebe uma sacola e uma flor, seguido por um telefonema de dona Carmen, mãe de Felipe. Theo não atende e dona Carmen liga para Felipe que atende o telefonema e passa o celular ao Theo que ouve e não consegue falar. Após o pedido de desculpas, Felipe mostra a foto da mãe e atribui características a ela – “Tipo Sophia Loren, né? A minha mãe é o máximo...”. A partir da descrição das cenas, mostramos alguns efeitos metafóricos referentes às constituições imaginárias da família, do pai e da mãe. A interpelação à ideologia capitalista do sujeito-paciente está presente nas próximas SDRs.



Fotograma 2. Sujeito-paciente sorri ironicamente ao falar do pai.



Fotograma 3. Sujeito-paciente tem olhar focado no sujeito-terapeuta.

SDR2 – De **playboy**, a família **tá bem servida**, meu pai já cumpre bem essa função. Ele era daqueles que passava o carnaval inteiro no Copacabana Palace, bebendo *champagne*, pirando, psss...

SDR3 – Essa coisa de **alta sociedade**. A minha família **vive meio de fachada**. A minha mãe não só apoia como incentiva essa atitude do meu pai. Enfim, porque dá *status* para a empresa e... E eu fui criado no meio disso.

As imagens-movimento mostram o sujeito-paciente sentado na ponta do sofá, com postura e olhar direcionados ao sujeito-terapeuta. Na produção da SDR2, surge um breve sorriso do sujeito-paciente ao falar do pai, diferente do semblante sério ao tratar da família (SDR3). As CPs circunstanciais das SDRs revelam um sujeito-paciente absorto em sua fala, nos costumes familiares. De maneira mais ampla, podemos atribuir esses enunciados a uma exposição do poder monetário que a família aparenta ter, o que pode estar conectado à interpelação ideológica capitalista que privilegia o poder econômico, visto que “as ideologias não se compõem de ‘ideias’, mas de práticas” (PÊCHEUX, 2009, p. 143). Essas práticas conectam-se a um saber hegemônico, relacionado ao poder monetário, aos bens de consumo. Para além da observação das SDRs, precisamos observar as CPs do discurso que revelam traços de ironia, como um sintoma da apreensão desses saberes (cf. PÊCHEUX, 2009)

No funcionamento da instância ideológica está a interpelação, ou seja, o assujeitamento do sujeito à ideologia, que o faz acreditar ser livre para escolher seu lugar e seu pertencimento a certa classe social, puro efeito de assujeitamento à FD a qual o sujeito se identifica, se contrai-identifica ou desidentifica. A relação de classes é determinante das práticas sociais, sendo que os AIE, descritos por Althusser, põem em ação as relações de lugares e as posições políticas e ideológicas (PÊCHEUX e FUCHS, 2014). As formações ideológicas são representativas de jogos de forças, existentes no conflito das posições de

classes, constituindo, de forma simultânea e contraditória, as condições de transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 2009). No caso dos enunciados irônicos, o dizer do sujeito pode situar-se na contraidentificação ou na desidentificação, pois os saberes de outros lugares adentram e fazem surgir questionamentos, dúvidas e/ou ruptura com o estabelecido.

Seguindo à veiculação de práticas sociais que constituem a reprodução ou subversão dos saberes dominantes, consideramos os processos metafóricos. Analisamos, inicialmente, na SDR2, o termo “playboy”⁴⁶, que é definido como: “homem ou rapaz que procura prazeres e diversões e tem uma vida social intensa, notadamente no que se relaciona com as conquistas amorosas, e ostenta geralmente riqueza.”. O termo é considerado como uma descrição/caracterização do indivíduo com grande poder financeiro, oriundo de família de elite e está relacionado a uma noção sócio-histórica. O uso do termo “playboy” é um empréstimo lexical, oriundo da influência norte-americana, sofrida pelos brasileiros. A palavra “play”, após a 1ª Guerra Mundial, passou a ser significada como “diversão” para tratar do estilo boêmio dos jovens ricos europeus. No final do século XX, o termo muda de sentido, passando para “tocar” e “jogar”, relacionado aos atletas e músicos. Notamos que esse empréstimo lexical manteve as significações passadas, de um século vindouro, uma “evidência que todos sabem”, um pré-construído. O uso desse léxico rememora saberes do interior da FD heterossexual e reproduz o padrão heteronormativo, que se perpetua pelas práticas discursivas.

Caracterizar alguém como “playboy” é se referir a um indivíduo bem-sucedido ou endinheirado, algo desejado na sociedade de consumo. A expressão “playboy”, atribuída a esse sujeito/pai, possibilita a observação do efeito metafórico, desse deslize que se configura através de uma expressão já significada, já estabilizada pelos já-ditos. Essa designação, como as demais, define-se através das relações que as palavras estabelecem entre si no discurso e também das relações com a exterioridade, com as CPs, o que implica a ordem do memorável, além evidentemente do lugar ideológico do sujeito. A partir das similaridades encontradas entre os significantes, construímos, para a SDR2, a seguinte paráfrase: “De ostentador/esbanjador, a família é abastada, meu pai já cumpre bem essa função.”. Pelas CPs do dizer, entendemos que a função do pai é a de apresentar o poder aquisitivo da família e as conquistas, esbanjando e gozando de uma vida de diversão. Diferente disso, o sujeito-paciente trabalha na empresa, pois a família está “bem servida” de “playboy”, o que sugere uma relação com não trabalhar. Na SDR2, a expressão “a família tá bem servida” retoma o termo

⁴⁶ Playboy. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/playboy>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

“playboy”, o que marca a abundância de algo, nesse caso, um sujeito que apresenta os requisitos necessários que ajudam a manter as aparências da família na “alta sociedade”, como descrito na SDR3. Novamente, encontramos-nos diante de um enunciado irônico, o que observado através dos gestos, sorrisos do sujeito-paciente ao enunciar.

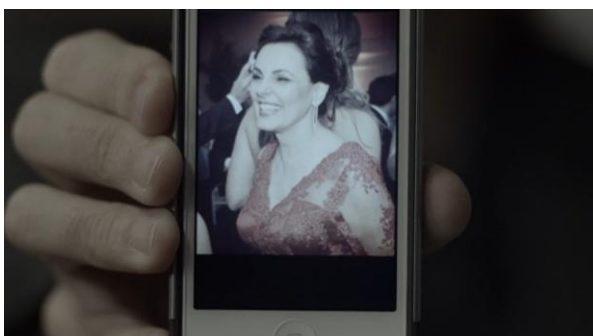
Na SDR3, as CPs relacionam-se ao contexto familiar, ao poder financeiro. No entanto, o fotograma revela uma possível indignação do sujeito-paciente, o que pode remeter à ideia de não concordar ou achar exagerada essa forma de expressão social. As conjecturas expostas estão aliadas à constituição da forma-sujeito da ideologia capitalista que vangloria as pessoas com poder econômico/social. As relações econômicas conectam-se ao poder social, visto que a palavra de ordem vem de quem paga/compra o que quer. A necessidade de a família ser/ter aparece no enunciado da SDR3. Entretanto, o sujeito-paciente, através dos enunciados irônicos, contrai-identifica-se com essa posição.

Quando abordamos a SDR1, caracterizamos os atributos de representação como pertencentes a uma posição social representativa de uma classe econômica elitizada. O desejo de pertencer a tal classe/lugar social se dá pelas experiências individuais e coletivas vividas pelos sujeitos, caracterizando seu assujeitamento ideológico. Na SDR3, temos a expressão “alta sociedade”, que configura a dita “classe alta” da sociedade capitalista, que impõe certos saberes de consumo como estáveis através das práticas sociais dominantes. Ao realizarmos a substituição lexical, de “alta sociedade” para “classe alta”, embora ambas expressões tenham como referência a camada social mais abastada da sociedade, estabelecemos uma diferença entre elas, no sentido de que “alta sociedade” traz um traço semântico ausente em “classe alta”, qual seja, a de riqueza ostensiva.

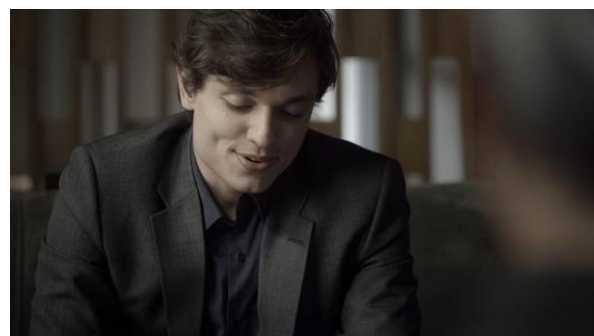
Na continuidade da SDR3, encontramos a expressão “vive meio de fachada”, ou seja, traz uma forma de se comportar e de se apresentar como pertencente de um grupo específico. Encontramos aqui um dos enigmas da sociedade capitalista, o desejo de parecer, sem necessariamente ser. Quando algo se torna enigmático, fantasioso, idealizado, as práticas tornam-se veículos de produção desse desejo, que se intensifica pela identificação do “bom” sujeito a forma-sujeito ideológica capitalista. Nesse conglomerado de efeitos de sentido constituídos sócio-historicamente, notamos a influência do conjunto de práticas discursivas que relaciona o luxo ao poder.

Focados na valoração atribuída à família do sujeito-paciente, notamos as diferentes expressões que fazem emergir as relações de poder alcançadas, inicialmente, pelos dizeres “nome de príncipe” (SDR1) e “alta sociedade” (SDR3). Os efeitos desse poder, gerado pela condição social elevada da família, fez-nos criar uma paráfrase. Realizada através da seleção

de palavras, a questão de viver “meio de fachada” substituímos por “vive de aparências”, visto que é algo mascarado, apreciado e admirado de fora e pode estar disfarçado. As aparências e o desejo de pertencer à elite expõem o poder das práticas discursivas que fazem agir a ideologia capitalista, apreendida pelo sujeito-paciente que se contrai-identifica. Quando construímos essa substituição significativa, observamos que os saberes da forma-sujeito fazem com que a família mantenha a ilusão de pertencer/manter seu *status* social. Continuamos nossas análises:



Fotograma 4. Sujeito-paciente mostra a foto da mãe no celular.



Fotograma 5. Sujeito-paciente sorri enquanto fala da mãe.

SDR4 – Olha aqui oh! Quer vê? (mostra a foto da mãe no celular) **Tipo Sophia Loren**, né?

SDR5 – A minha mãe **é o máximo**, mas ultimamente tá difícil.

A cena do fotograma 4 revela a beleza da mãe exaltada pela imagem na tela do celular. Na SDR4 surge a comparação do outro/mãe a um ícone do cinema, uma atriz com uma carreira de 50 anos de sucesso, mantendo sua beleza, sensualidade e talento. Sophia Loren é uma atriz internacional, consagrada pelos seus diversos filmes e prêmios. Sua postura elegante e representativa, no universo cinematográfico, está relacionada à descrição do sujeito-paciente, que concebe o outro/mãe como um ser que não se abala e segue sua trajetória, sem a intervenção do outro. As CPs imediatas refletem a formação imaginária do outro/mãe com uma imagem de poder, “*status*” social e competência, o que pode estar ligada ao trabalho. A comparação dos atributos de “Sophia Loren” ao outro/mãe é feita através da nomeação de uma celebridade do cinema. Para Guimarães, “a nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” (2003, p. 54), o que permite a existência histórica. A comparação cria efeitos de sentido relacionado à designação, pois “um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer

parte” (GUIMARÃES, 2003, p. 54), como se fosse um rótulo de algo, aqui é algo valoroso, célebre.

A expressão “tipo”⁴⁷ remete a uma categoria, a um “conjunto de traços ou características comuns a uma classe de seres ou coisas; [...] personagem original que pode considerar-se como modelo para ser imitado por artistas ou escritores”. Esse conjunto de características de “Sophia Loren”, como bela, talentosa, rica, é conectado ao outro/mãe, que é como essa celebridade. Ao mencionar o outro/mãe, que tem o nome “Carmen”, traz consigo uma imagem e uma ligação com um outro, já nomeado, que ocupa um lugar na história. Contudo, o outro/mãe não é como a atriz, mas é “tipo”, ou seja, tem atributos que parecem, assim como o nome do sujeito-paciente que “parece nome de príncipe” (SDR1). Nessa configuração, o sujeito-paciente e o outro/mãe pertenceriam ao mesmo grupo elitizado, inscrito na ideologia capitalista e na FD de elite (aristocrática).

O processo metafórico em pauta, relacionado à expressão “Tipo Sophia Loren” para designar a mãe, ou seja, uma mãe que é linda como a atriz cinematográfica, assim “Tipo bela”, reforça a identificação com o outro/mãe, ao invés de, por exemplo, “Tipo do lar” que desloca a evidência de toda mãe ser afeita aos filhos, ser dedicada à família, ao lar, não tratando do atributo “beleza”, não tão naturalizado em sua relação com a maternidade. Os efeitos de sentido de admiração produzidos pela expressão enunciada pelo sujeito-paciente possibilitam o entendimento da construção de uma imagem positiva dessa mãe. Contudo, parece haver uma brincadeira, ao mostrar a foto no celular, o que remeteria a um sintoma da apreensão de como é a representação desse outro/mãe na sociedade.

A caracterização da SDR4 relaciona-se com a SDR5 porque o outro/mãe continua apresentando sua valoração, ela “é o máximo” frente às CPs atribuídas ao estereótipo de mulher/mãe expresso pelo sujeito-paciente. O adjetivo “máximo” remete a efeitos de sentido de maior ou mais alta condição, o que novamente se equipara à apreciação e estima. Através da expressão “é o máximo”, podemos fazer substituições sinonímicas como “é magnífica” e/ou “é extraordinária”, que nos remete a forma como o outro/mãe é imaginado pelo sujeito-paciente. O termo “máximo” parece ultrapassar os limites do significante, de modo a pensar que esse outro/mãe pode estar conectado não só a atributos positivos como também negativos. Ser o “máximo” é representar algo completo e pleno, uma ilusão de poder representar quase a perfeição, uma forma “magnífica”. Sabendo da impossibilidade de expressar um eu pleno, é possível que a exaltação da beleza do outro/mãe possa servir para encobrir as falhas em outras

⁴⁷ Tipo. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tipo>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

partes, o que é exposto por “mas tá difícil” que pode se relacionar a não simbolização do que é vivenciado.

Tomamos, para a análise, a noção de enunciado dividido, proposto por Courtine (2009), que apresenta as divergências e as diferenças que se instauram em um dizer. Esse enunciado carrega posições-sujeito ideologicamente antagônicas, definidas por FDs distintas em um mesmo discurso, fazendo com que o discurso do outro apareça no discurso do sujeito. Essa noção pode ser observada na SDR5, em que o enunciado traz a relação estabelecida entre o sujeito caracterizado (mãe) e o predicado nominal (máximo), seguido de um operador de contrajunção. Esse operador contrapõe argumentos, ou seja, pelo uso do operador “mas”, temos uma conclusão contrária à apresentada anteriormente. Por isso, entendemos que, o outro/mãe que é “suporte” inabalável também está “difícil” de conviver. Uma apreensão do que está fora, em outro lugar, um sintoma da apreensão do jogo identificatório que ocorre com o outro/mãe.

Essa dificuldade parece atrelada à relação estabelecida entre o outro/mãe e o sujeito-paciente, visto que o outro/mãe tem uma “função diretiva” e um “cuidado enorme, muito minucioso” com o filho (sujeito-paciente), o que pode indicar a identificação com o objeto de desejo do outro/mãe (LACAN, 1999). Essa relação identificatória cria uma imagem do outro/mãe como o “máximo”. Contudo, ser o máximo pode estar conectado a atributos positivos e negativos, de acordo com a posição do sujeito, visto que o uso da palavra exalta algo, podendo ser o “máximo” de (im)perfeição.

Observamos, no primeiro episódio, uma mãe que é idealizada pelo sujeito-paciente e é apresentada como bela “tipo Sophia Loren” (SDR4), fazendo deslizar os significantes na cadeia simbólica, com efeitos de sentido em prol desse outro/mãe. No entanto, esse outro/mãe que “é o máximo”, torna-se “difícil”, pois o sujeito-paciente se depara com o Outro, “interroga o Outro” e “sempre encontra dentro dele e sob certos aspectos, o Outro do Outro, ou seja, sua própria lei” (LACAN, 1999, p. 198-199). Ao se encontrar com a sua lei, imaginariamente, recria o outro/mãe que pode ter uma imagem positiva ou negativa, dependendo das relações e lugares sociais estabelecidos entre os sujeitos – paciente e mãe.

Ao retornarmos ao questionamento do sujeito-terapeuta sobre o problema existente, observamos a busca pelo foco da terapia e a expressão do relacionamento com o sujeito-namorad@ Gut@. Aos 8’, o enunciado do sujeito-paciente é sobre a namorada – “A Guta é maravilhosa, super companheira!” – o que parece não se referir a um problema. O problema relaciona-se com o outro/mãe que “não escolheu a Guta para ser a namorada”. Aparentemente, temos os objetos do discurso de que se fala, a namorada e a mãe que não sabe

de Guta. Observamos as descrições da namorada – “Ela é veterinária, super competente, trabalhadora.” (SDR6) – como uma representação positiva do objeto e da mãe – “Minha mãe é o máximo.” (SDR5) – como uma representação superior do objeto. São pistas da posição do sujeito-paciente, que traça a imagem de homem heterossexual e filho complacente, uma identidade social e sexual adaptada à sociedade normatizadora, filiada à ideologia heteronormativa e a FD heterossexual. Acreditamos, assim com Louro, que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (2000, p.10). Como as representações imaginárias advêm de processos discursivos anteriores, as tomadas de posição variam de acordo com as CPs do discurso. Vejamos as próximas SDRs:



Fotograma 6. Sujeito-paciente sorri ao falar.



Fotograma 7. Sujeito-paciente fala com o olhar baixo.

SDR6 – A Guta é maravilhosa, super companheira! Ela é veterinária, super competente, trabalhadora.

SDR7 – Não dá mais. Eu não aguento mais Theo. Ahn! Uma vez e outra eu até consigo, mas eu... Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Já tentei, mas... gosto de homem, sempre gostei...

A **Guta** não existe Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Ele é veterinário, super competente, trabalhador.

Nos fotogramas das SDR6 e SDR7, observamos o enquadre médio, revelando o corpo sujeito-paciente na interação estabelecida. A SDR6 foi enunciada aos 8' da trama, no meio do episódio, mostrando o semblante sorridente do sujeito-paciente ao tratar dos atributos da namorada Guta, assim como o olhar direcionado ao sujeito-terapeuta. Já na SDR7, produzida aos 19', o corpo está curvado, a cabeça baixa e as lágrimas surgem, uma representação de que algo traz desconforto, talvez pelo distanciamento dos saberes possíveis e aprovados pela FD heterossexual à qual se filia. O fotograma traz o sujeito-paciente com os olhos lacrimejantes,

o que pode representar o possível sofrimento que acomete o sujeito, junto ao movimento de baixar e erguer o olhar, o que pode conectar-se à necessidade de aprovação do sujeito-terapeuta. Após o primeiro enunciado da SDR7, o foco da câmera muda e surge a postura/comportamento do sujeito-paciente depois de ter revelado que não gosta de mulher. A cena apresenta o sujeito-paciente pensativo, o que se observa pelas pausas, pelos silenciamentos entre os enunciados, podendo estar relacionado à resistência do sujeito-paciente em proferir aquele dizer.

Os enunciados das SDR6 e SDR7 são marcados pela utilização de termos equivalentes, com uma substituição na flexão de gênero do pronome – ela para ele – e dos substantivos – veterinária e trabalhadora para veterinário e trabalhador. A transformação dos enunciados pela substituição lexical possibilita a apreensão desse movimento de efeitos metafóricos que altera a posição do sujeito-paciente. A substituição dos termos acontece porque há um jogo imaginário que subjaz à interação entre o sujeito-paciente Felipe e o sujeito-terapeuta. Na SDR6, o uso do pronome “ela”, referente à namorada, mostra uma posição do sujeito-paciente como forma de expressão da masculinidade, da exposição de um relacionamento com alguém do sexo oposto, uma tomada de posição inscrita na FD heterossexual.

A personagem ficcional Guta é “veterinária, super competente, trabalhadora”, além de ser “maravilhosa, super companheira”, muitas características positivas. Pistas de que há uma relação próxima com o outro/namorada que permite a percepção desses atributos. Observando as CPs do discurso, a posição do sujeito-paciente reforça a postura de homem heterossexual com um relacionamento afetivo. Contudo, no decorrer da interação entre sujeito-paciente e sujeito-terapeuta, o enunciado é novamente produzido, mas de maneira distinta. Essa nova enunciação (SDR7) ocorre pela possível aproximação entre o sujeito-paciente e o sujeito-terapeuta. Há uma ruptura, de maneira que Guta é Guto, “veterinário, super competente, trabalhador”, uma imagem criada e substituída, um ser feminino que é masculino, uma formulação metafórica que visava à manutenção da norma sexista.

Ao tratar da constituição do discurso, temos a repetição nas construções das SDR6 e SDR7 e pelo uso de adjuntos adverbiais de negação (SDR7), junto a uma afirmação. Esses fatos podem ser uma forma de excesso, algo que está em demasia no discurso, um acréscimo necessário com intuito de estabilizar efeitos de sentido que rememoram um provável saber da FD homossexual. Na SDR7, o excesso do uso da negação expõe enunciados contraditórios e veiculadores de posições de sujeito diferenciadas (ERNST-PEREIRA, 2009), pois a posição

do sujeito-paciente parte de saberes representativos da FD heterossexual para a FD homossexual.

A noção de FD permite-nos compreender os efeitos de sentido da SDR6, “Ela é veterinária, super competente, trabalhadora.”, que se vincula a um saber heteronormativo, em que ser heterossexual é a norma, é o comum. Diferentemente disso, na SDR7, há um deslocamento de sentidos quando o sujeito-paciente diz “Ele é veterinário, super competente, trabalhador.”. Ocorre, assim, o que nos expõe Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (2009, p. 53). Entendemos que esse deslocamento relaciona-se ao gênero/sexo do sujeito-namorado@ cidad@, mas não dos atributos dados a ele@. Com a permanência dos atributos contidos nas SDR6 e SDR7, parece haver um apagamento das dicotomias referentes ao binômio homem/mulher. O discurso do sujeito-paciente legitima a existência de um padrão social a ser seguido e visto como aceitável.

Anteriormente, observamos um sujeito-paciente filiado à FD heterossexual que falava de sua namorada e a exposição da imagem da identidade heterossexual. Ao enunciar “Não dá mais. Eu não aguento mais” (SDR7), concebemos o desejo do sujeito-paciente de expressar quem pensa ser, um sintoma, uma resistência aos saberes que o dominavam e mantinham seu dizer conectado à FD heterossexual. O uso do “mais” dá intensidade ao dizer, como se antes algo barrasse sua possibilidade de expressar aquilo. A partir disso, conseguimos relacionar a SDR7 à orientação sexual do sujeito-paciente, que utiliza o binarismo mulher e homem para expressar seu gosto. Notamos que além de usar a negação “não” e o verbo “gostar” no presente do indicativo, sua alegação é reforçada pelo “nunca” e o verbo no pretérito perfeito. Ou seja, temos o relato de que ter relações com uma mulher não é e nem foi apreciado pelo sujeito-paciente em sua história de vida. Esse fato contrasta com a tentativa de manter as aparências na sociedade, como heterossexual que gosta de mulher, sentido desfeito quando sinaliza que seu gosto é por homem. Vejamos que a subtração de “não” e “nunca” na SDR7 e de “sempre” possibilita a repetição da formulação, havendo a substituição de mulher por homem. A substituição de “nunca” por “sempre” permite uma temporalidade junto ao verbo “gostei”, como se aquele dizer estivesse silenciado, mas fazia parte de seu desejo.

Ainda, no enunciado – A Guta não existe, Theo – temos a destruição da personagem Guta e o surgimento de Guto, com os mesmos atributos, por serem a mesma pessoa (SDR6 e SDR7). Nesse ponto, podemos subtrair a negação de “A Guta não existe, Theo” e fazer uma substituição significativa, de forma a criar a paráfrase “O Guto existe, Theo.”. Através da SDR7, a contraidentificação do sujeito à FD heterossexual se apresenta. Assim como Louro,

acreditamos que “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada”, de maneira que “a mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual” (2000, p. 12). A partir dessa visão padronizadora da sociedade, notamos o poder da interpelação da FD heterossexual, que possivelmente pode ter interferido na exposição da orientação sexual do sujeito-paciente. Quanto à construção do gênero, o que está dentro da norma é o binarismo, feminino e masculino, o heterossexual.

Essa ruptura, apresentada no discurso através da substituição lexical, causa um deslizamento de efeitos de sentido quanto à definição de sujeito-namorado. O sujeito-namorado traz consigo a ideia de que há uma relação estabelecida com o sujeito-paciente. Esse deslizamento transforma a imagem do sujeito-paciente, um sujeito dito heterossexual que é homossexual. A caracterização do sujeito-namorado Guto (SDR7) é enunciada com uma pausa maior, o que é detectado pela prosódia, junto às lágrimas que surgem no rosto do sujeito-paciente. A troca de referente, a substituição lexical, traz um novo fato, uma nova constituição identitária para o sujeito-paciente. Esse fato pode desestabilizar a relação entre os sujeitos – paciente e terapeuta. Fato que está relacionado ao ato de assumir uma identidade sexual desprestigiada. Este ato pode gerar aceitação ou rejeição do outro, pois a identidade social é uma ameaça aos valores e crenças dessa sociedade que continua a estigmatizar os homossexuais (SAGGESE, 2009).

A identidade social é constituída pela história dos sujeitos e, ao mesmo tempo, pelas instituições e práticas discursivas que se elaboram sobre os corpos e os desejos produzidos socialmente. Nesse ponto, a abordagem inicial expõe os atributos do sujeito-namorado, com uma constituição feminina, o que pode ser uma necessidade do sujeito-paciente. A partir do deslizamento de “ela” para “ele” e de “veterinária, trabalhadora” para “veterinário, trabalhador”, temos novos efeitos de sentido constituindo-se, uma nova forma de trazer as evidências de quem é esse outro/namorado. Um mesmo sujeito-namorado, apresentado através de duas imagens, uma feminina e outra masculina, pela possível necessidade simbólica de criar uma nova ordem à relação que se estabelece com o outro. Além da nomeação de Guta e Guto, temos a profissão e a forma que exerce tal função “super competente”. Essa maneira de dizer está relacionada à designação. Para Guimarães:

A designação é o que considero a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação

linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real. Por isso um nome não é uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. (GUIMARÃES, 2003, p. 54)

Assim como o nome significa historicamente, as palavras “veterinário/a” e “trabalhador/a” significam, especificam e predicam esse sujeito designado com tal, de maneira a fazê-lo participar do que a palavra designa. Assim, a designação acompanha o sujeito nomeado, fazendo com que a repetição retome sua relação com a palavra. Pela relação simbólica, o sujeito-namorado é incluído nesse conjunto de características, o que se mantém no dizer do sujeito-paciente, que apenas transforma o gênero: Guta é Guto; ela é ele; veterinária é veterinário; trabalhadora é trabalhador.

Nessa junção de um sujeito com duas imagens, temos um estranhamento, uma forma inesperada e imprevisível de constituir e destituir o outro de seu eu. E, ao mesmo tempo, constituir-se com um outro eu, um sujeito que tem desejo por alguém do mesmo sexo, mas que, interpelado pela FD heterossexual, tem dificuldade de romper com os saberes interdiscursivos que regem o seu dizer. A movimentação dos dizeres atravessa as evidências do imaginário e do já estabelecido, possibilitando um novo dizer que trabalha o equívoco (ORLANDI, 2012a). Isso porque “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso.” (ORLANDI, 2012a, p. 39).

A transformação dos efeitos de sentido acontece pela continuidade do processo comunicativo, estando o dizer em “relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2012a, p. 39). Ao discorrermos sobre a modificação da SDR6 para a SDR7, notamos o deslizamento dos sentidos produzidos, como também da imagem do sujeito-paciente, da constituição subjetiva da identidade heterossexual para homossexual. A SDR7 é a primeira pista da interpelação da FD homossexual. Uma FD regulada por uma forma-sujeito com discursos, práticas e desejos pelo mesmo sexo, assim, voltada à orientação sexual, distante do padrão estabelecido pela FD heterossexual, socialmente dominante.

Para Pêcheux, “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora”, e o que permite a constituição dos sentidos é a FD a que vincula tal dizer (2009, p. 240). Os efeitos de sentido são delimitados de acordo com as CPs do discurso, com a historicidade, porque eles não estão presos às palavras e nem à literalidade. Pela possibilidade de transferência de significantes, que os efeitos metafóricos constituem-se. A passagem de “ele” para “ela” vai além da repetição dos atributos posteriores, pois cria outro significante, outra formação imaginária para o sujeito-namorado@ que se vincula à SDR6 e SDR7.

Em nossa análise, o discurso do sujeito-paciente, por meio da substituição lexical e da flexão de gênero, sobrepõe o efeito de sentido anterior. Observamos nessa flexão/substituição, uma identificação com a FD homossexual a partir do antagonismo e da diferenciação com a FD heterossexual. É o equívoco da língua que possibilita essa sobreposição, pois “o equívoco, o *non-sens*, o irrealizado tem no processo polissêmico, na metáfora, o seu ponto de articulação” (ORLANDI, 2012a, p. 53). Esse ponto de articulação permite ao sujeito constituir-se em relação ao que é produzido pelo discurso porque “as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito” são fornecidas pela ideologia (ORLANDI, 2012a, p. 51), que é a abertura para o equívoco. Na SDR6, o enunciado “ela é veterinária, super competente, trabalhadora” possibilitou a configuração de um novo dizer, uma paráfrase que faz deslizar os sentidos referentes à constituição do eu e do outro. A paráfrase “ele veterinário, super competente, trabalhador”, da SDR7, delimita a nova posição do sujeito-paciente, enquanto sujeito desejante, que busca “pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009), interpelado pela FD homossexual. Um saber que vem de outro lugar, um sintoma apreendido que, por meio da linguagem, é reproduzido no *setting* terapêutico.

O episódio envolve a introjeção dos dizeres simbolizados, das imagens que criam redes de significação, que podem alterar os efeitos de sentido de acordo com as CPs. Aos 11’, Felipe levanta e pega um copo de água e, em pé, fala de sua mãe. Senta-se e fala de Nicole, a namorada escolhida pela mãe. Após, silencia, toma água e diz: “Se eu não fosse filho dos meus pais eu poderia casar com quem eu quisesse, mas... eu sei que se eu casar com alguém que não tenha sobrenome, eu vou ser deserdado.”. Em seguida, aborda seu “drama” – “Eu sou filho único.”. Aos 14’, continua seu discurso sobre a mãe – “Às vezes, eu tenho uns pensamentos horríveis, Theo. Não sei nem se eu consigo te falar, mas, às vezes, eu... eu penso que se minha mãe morresse, a minha vida seria mais fácil.”. Vamos às análises:



Fotograma 8. Sujeito-paciente enuncia com assertividade.

SDR8 – Eu sou filho único. Entendeu o **drama**?

O fotograma apresenta o enunciado assertivo do sujeito-paciente, que parece um tanto distante, junto à interferência da sombra do sujeito-terapeuta. Em nosso gesto de interpretação, essa sombra pode trazer o espectro confuso do discurso proferido pelo sujeito-paciente que traz um possível “drama”. A questão de ser filho único envolve a necessidade de suprir as ilusões que o outro/mãe criou e a sociedade idealizou, uma vez que há um sujeito para abarcar todos os desejos da genitora, potencializando a visão social. Existe, portanto, um estereótipo para um homem, solteiro, bonito, heterossexual e que é herdeiro de uma família “da alta sociedade” (SDR3), em que se presume ser o futuro detentor da força patriarcal. Essa condição auxilia-nos na interpretação, visto que o sujeito-paciente apresenta-se compelido a seguir o padrão social, político e comportamental, edificado historicamente como ‘natural’. No ponto de recorte estabelecido, encontramos a palavra “drama” que remete a essa imposição do sujeito seguir as condições do outro/mãe e das instituições sociais, havendo assim, a dificuldade de o sujeito-paciente se desvencilhar dessas práticas discursivas que estão conectadas aos saberes da ideologia capitalista. Nas SDR1, SDR2 e SDR3, observamos a contradição existente no dizer do sujeito-paciente que trata ironicamente de seu nome e de sua família, um sintoma da apreensão da identificação-interpelação, que pode gerar a desidentificação ou contraidentificação com a ideologia em questão.

Na SDR8, notamos que o termo “drama” refere-se à pressão social sofrida pelo sujeito-paciente, necessidade de preencher o vazio, o desejo do outro/mãe, pois esta precisa dele para manter sua posição social. A palavra “drama” parece ter em suas CPs imediatas, um exagero tomado ao ponto de caracterizar um aspecto negativo de algo, ou seja, a vida dominada pela mantenedora. Ao buscarmos significantes para a expressão “drama”, podemos criar a paráfrase a partir do termo “problema”, configurando uma posição-sujeito que marca a (contra)identificação do sujeito-paciente à FD heterossexual e à ideologia heteronormativa, assim como a identificação com o outro/mãe. As práticas discursivas desse outro/mãe possivelmente reproduzem os saberes da FD heterossexual, mantendo os padrões estabelecidos socialmente.

A constituição da paráfrase, através do termo “problema”, originou-se da produção de outros dizeres/relatos do sujeito-paciente com diferentes efeitos de sentido ligados aos outros. Dizeres referentes às relações com o outro – mãe, pai, namorad@ –, que estão permeados de já-ditos, internalizados pelas identificações e trocas discursivas. Por ser “filho único”, o drama parece relacionar-se com os saberes da FD homossexual que interpelam o sujeito-paciente. Isso pode se referir à dificuldade do sujeito-paciente, personagem em questão, expressar a

orientação sexual por apreender saberes que revelam a existência do preconceito social. O “drama” parece ser de sua responsabilidade, sendo que o problema pode ser gerador do conflito vivido. A substituição do termo possibilita a ideia da identificação com o outro/mãe, que é amado e também é a lei a ser respeitada. Essa relação identificatória com o outro/mãe faz com que o sujeito-paciente mantenha um padrão que satisfaz o desejo do outro, de forma que a tomada de posição condiz com o querer do outro.

Nesse ponto, os efeitos de sentido constituídos para o termo “filho” nos discursos do sujeito-paciente estão centrados na designação e nas variações dos dizeres, no seu funcionamento que se relaciona às práticas discursivas/ideológicas sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, 2009). O termo “filho” traz consigo significações relativas ao entendimento de que se tem um pai e uma mãe e, nessa conjuntura, existem já-ditos, saberes estabilizados e cristalizados sobre a necessidade de honrar e cuidar os pais e de obedecê-los, assim como protegê-los depois de certa idade. Essa necessidade de prezar pelos pais está presente no discurso do sujeito-paciente e o termo “único” rememora sua responsabilidade quanto a isso, como se todos os deveres fossem seus, como “filho único”.

O segundo enunciado da SDR8 traz um questionamento que pode ser, além de um desabafo, um pedido de ajuda ao sujeito-terapeuta, para que haja uma compreensão de como as identificações com esse outro/mãe interferem e atravessam o seu dizer. As CPs expressam a imposição e o desejo do outro/mãe, impedindo que o desejo do sujeito-paciente intervenha em seu dizer. O relato do sujeito-paciente apresenta esse outro/mãe idealizado como alguém que percebe tudo e sabe o que ele faz, algo ilusoriamente estabelecido, pois esse poder foi construído na relação familiar. Esse poder de dominação do outro/mãe e submissão do sujeito-paciente, possibilita essa configuração, em que atentar e organizar a vida do filho se torne comum. Algo permitido pela subordinação e aceitação da mãe como a detentora do saber e que suporta o necessário para manter sua posição. A partir dos fatos relatados, o discurso do sujeito-paciente apresenta a sondagem do outro/mãe para saber de sua vida. Isso pode estar relacionado ao controle determinado pelo outro/mãe, gerador da lei. Estar submetido ao outro/mãe e ser o “filho único” pode ser um drama para o sujeito-paciente que busca “ousar pensar por si mesmo”, filiando-se à FD homossexual.

Entendemos que há um discurso dominante, uma ideologia dominante, assim como pode existir um sujeito dominante na composição da estrutura familiar. Na apreensão dessa narrativa fictícia, temos o outro/mãe como o sujeito dominador que influencia os demais indivíduos do grupo familiar. Pela relação de poder estabelecida entre os membros da família, encontramos uma determinação e um discurso que compraz o desejo do outro/mãe. A

expressão “Eu sou filho único” (SDR8) demonstra uma posição do sujeito-paciente relativa à submissão ao sistema heteronormativo, pois impõe que o filho, homem da família, mostre sua masculinidade e seu poder (representado pelo falo) para agradar ao outro/mãe a qual se mantém identificado.

Essa explicação tem relação com a metáfora Nome do Pai de Lacan, que dá importância a última palavra proferida em uma frase, pois “quando começo uma frase, vocês só compreenderão seu sentido quando eu a houver concluído” (1999, p. 17). Na cadeia significante, existem muitas significações e a última palavra é que permitirá o entendimento da situação da primeira, como também possibilitará a compreensão da metáfora Nome do Pai. Pela releitura de Freud sobre a organização psíquica dos pacientes, nos séculos XIX e XX, Lacan explica a metáfora que se relaciona ao conflito psíquico, ao Complexo de Édipo. Nas palavras de Lacan, “o falo entra desde logo em jogo, a partir do momento em que o sujeito aborda o desejo do outro/mãe. Esse falo é velado e permanecerá velado até o fim dos séculos, por uma razão simples: e que ele é um significante último na relação do significante com o significado” (1999, p. 249).

Na organização familiar, existe, desde a formulação da Psicanálise, o conflito psicológico que é o núcleo das neuroses, relacionado ao desejo incestuoso, à culpa e ao temor da severidade da figura paterna. O mito freudiano do pai revela a interdição do incesto e da instituição, com intuito de explicar como se opera o inconsciente, determinante da posição do sujeito e da forma como se relaciona com a cultura. Para Lacan (1999), o Complexo de Édipo caracteriza, além da organização familiar moderna, toda e qualquer organização familiar que apresenta a estrutura nuclear (pai, mãe e filho), ou seja, se descobre a função materna e paterna.

O Nome do Pai é a realidade descrita pelo último elemento do enunciado, independente da época, pois o que se tem é o sistema patriarcal que sinaliza a relação hierárquica (homens acima e mulheres abaixo) em que o masculino é o parâmetro definidor da subjetividade. Lacan (1999) expõe que o complexo de castração freudiano traz a naturalização da fantasia de que os homens teriam medo de perder o falo (poder) e as mulheres desejariam possuí-lo. Com isso, os homens conteriam uma “palavra” ou um “símbolo” (o falo⁴⁸) capaz de representá-los no imenso enunciado da realidade, uma realidade patriarcal, masculina e fálica, o que faz a mulher não ter lugar nessa realidade.

⁴⁸ O falo não pode ser tratado como pênis, mas sim com a representação, a simbologia masculina. Para a criança, seja menino ou menina, existe um único órgão genital que desempenha um papel, o masculino, e a falta dele possibilita sua representação subjetiva: a castração, anterior à fase do primado do falo.

O complexo de Édipo marca a inscrição no registro simbólico, acontecendo em três tempos. Inicialmente, a criança tem uma relação indiferenciada com a mãe que é reforçada pelo cuidado e satisfação de suas necessidades, que supostamente completa a falta da mãe pelo lugar que se coloca, pela posição de objeto (falo). A criança, assujeitada ao desejo da mãe, quer se constituir como falo materno e satisfazer o desejo da mãe e esta provê as demandas do filho, trazendo a ordem simbólica (falo) da qual ela depende (LACAN, 1999). Nessa fase, a relação acontece pela identificação fálica da criança como objeto de desejo da mãe, relacionando-se à dialética do ser e à lacuna da instância mediadora (pai).

No segundo tempo, pela dialética de ser ou não ser o falo, introduz-se a dimensão paterna, originando a relação mãe-criança-falo. Um sujeito, na função de pai, entra na relação intersubjetiva mãe-criança como um terceiro elemento (rival), como objeto a quem se dirige a mãe e a criança experimenta a frustração. Pelo ingresso do pai, no plano imaginário, a criança é introduzida no registro da castração, adentrando na dialética do ser, surgindo na vida subjetiva como um objeto fálico possível. A partir disso, a criança se depara com a lei do pai e a mãe responde à lei de desejo do Outro/outro (o pai).

Conforme Lacan, “é nesse nível que se produz o que faz com que aquilo que retorna à criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe” (1999, p. 198-199). A partir disso, a criança, submetida à lei do desejo do Outro, significa o desejo da mãe como seu próprio desejo. Para o autor, a criança tem acesso à simbolização da lei do pai (que priva, apresenta a lei), confrontada com a castração na dialética do ter, podendo ela questionar sua identificação imaginária de objeto fálico da mãe.

No terceiro momento, a criança dialetiza o que viveu e descobre que a mãe nutre um desejo em relação ao desejo do pai, havendo o declínio do Complexo de Édipo. Pela instância paterna, o pai ganha um lugar simbólico, um deslocamento do objeto fálico em que acontece a dialética do ser e coloca em jogo as identificações. Dessa forma, o menino, na lógica identificatória, “tem todo o direito de ser homem”, identificando-se com o pai e renunciando ser o falo e se engajando na dialética de ter (LACAN, 1999, p. 201). A menina “não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à virilidade” e, por isso, identifica-se com a mãe, descobrindo-se na dialética do ter a partir do não-ter, mas ela “sabe onde ela está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção aquele que o tem” (LACAN, 1999, p. 201).

Com isso, a criança torna-se sujeito por meio da metáfora paterna e de seu mecanismo, o recalque originário, de maneira que, pela substituição significante, no lugar do significante

originário do desejo da mãe, a criança renuncia o seu objeto inaugural inconscientemente, recalcado em benefício do novo. Por isso, o Nome do Pai tem ligação com a “significação do falo”, com o entendimento da realidade da lógica patriarcal e a realidade passa a ser entendida pela compreensão da frase, que antes era caótica e sem lei. Cabe entender que a criança tem seu significado antes de nascer, um lugar na família e, ao vir ao mundo, tem um nome e sua inscrição na linguagem, pois esta preexiste à entrada do sujeito no mundo. Segundo Lemaire, “a resolução do Édipo libera o sujeito dando-lhe, como o Nome e o lugar na constelação familiar, o significante originário de si, a subjetividade. Promove-o na realização do si pela participação no mundo da linguagem, da cultura, da civilização” (1979, p. 129). A resolução dá acesso à linguagem, ao mundo simbólico da família e à sociedade. A enunciação do nome próprio (SDR1) é a forma de apresentação do sujeito-paciente, marcando sua significação, sua participação na relação comunicativa com o sujeito-terapeuta.

Ao tratarmos da dialética de ter e não-ter, apresentamos as convergências e divergências entre Lacan e Butler sobre o falo. Quanto à convergência, entendem que “pênis e falo não são sinônimos, uma vez que o falo é o que Butler chama de ‘a reescrita fantasmática de um órgão ou de uma parte do corpo’”, ou seja, “o falo é o *símbolo* do pênis, ele não é o próprio pênis” (SALIH, 2015, p. 119-120). A divergência está na conceituação do falo, “Lacan instaura o falo como o significante privilegiado que confere sentido a todos outros significantes corporais, Butler considera o falo como ‘o efeito de uma cadeia significante sumariamente suprimida’” (SALIH, 2015, p. 119).

Nesse ponto, para Lacan, o privilégio do significante remete às relações de poder e lei, ditado pelo símbolo e, para Butler, não existe esse privilégio porque o falo, enquanto significante/símbolo, não pertence ao domínio masculino, pois “*ninguém* ‘tem’ o falo” e “ser” é diferente de “ter” (o falo) (SALIH, 2015, p. 120). Entendemos que o distanciamento teórico está na função do símbolo e nas relações de poder que interferem na identidade subjetiva dos sujeitos, pois Lacan trabalha o símbolo como a lei masculina e, Butler defende a “reterritorialização” desse símbolo e a subversão da hegemonia heterossexual. Ao tratar da fluidez do gênero, precisamos desfazer a ideia de que o símbolo do falo constitui o sujeito, mas lembrar que a sociedade contemporânea continua privilegiando o masculino e o complexo de Édipo trata disso e compõe uma estrutura psíquica que permite a entrada na dialética do ser. Precisamos pensar que, desde a infância, as relações simbólicas e imaginárias com o outro (seja na função de pai ou mãe) constituem subjetivamente o sujeito, sua identidade, seu discurso.

Todos esses detalhes do complexo edípico são necessários para que entendamos a homossexualidade, pois, diz Lacan que “não se curam os homossexuais” (1999, p. 215). Para o autor, a homossexualidade “é uma inversão quanto ao objeto, que se estrutura no nível de um Édipo pleno e acabado. Mais exatamente, mesmo realizando a terceira etapa de que falávamos há pouco, o homossexual a modifica muito sensivelmente” (LACAN, 1999, p. 214). Referindo-se à média dos casos estudados, sem pressupor adivinhações, Lacan relata que “há um certo número de traços que podemos assinalar no homossexual, a começar por uma relação profunda e perpétua com a mãe”, sendo que, no casal parental, a mãe exerce “uma função diretiva”, tendo “cuidado do filho de maneira muito castradora, que teria tomado um cuidado enorme, muito minucioso e muito prolongado com sua educação” (1999, p. 215). Isso nos leva a entender que quem dita às leis é o outro/mãe. Para o autor:

Isso quer dizer, muito precisamente, que, no momento em que a intervenção proibidora do pai deveria ter introduzido o sujeito na fase de dissolução de sua relação com o objeto do desejo da mãe, e cortado pela raiz qualquer possibilidade de ele se identificar com o falo, o sujeito encontra na estrutura da mãe, ao contrário, o suporte, o reforço que faz com que essa crise não ocorra. No momento ideal, no tempo dialético em que a mãe deveria ser apreendida como privada do adjeto, de tal modo que o sujeito literalmente não soubesse mais para que santo apelar a esse respeito, ele depara, ao contrário, com a segurança dela. Isso permite aguentar o tranco perfeitamente, por ele ter experimentado que é a mãe que é a chave da situação, e que ela não se deixa privar nem despojar. Em outras palavras, o pai pode continuar a dizer o que quiser, que isso para eles não fede nem cheira. (LACAN, 1999, p. 215-216)

Se pensarmos nessa lógica, a constituição do sujeito se dá pela identificação com o outro/mãe ou pela ausência da função de pai, quando este for demasiadamente dependente da mãe, amá-la excessivamente, não sendo o rival que dita as leis. Essa identificação é o que parece acontecer na relação estabelecida entre sujeito-paciente e o outro/mãe, havendo uma submissão ao seu poder e às regras ditadas por ela. Dessa forma, ser “filho único” pode ser um “drama” por se relacionar à submissão e identificação com outro/mãe e, também, remeter a práticas discursivas heteronormativas.

Essas práticas discursivas compõem a forma-sujeito da FD heterossexual, direcionadas à manutenção dos padrões heteronormativos. Através dos processos metafóricos, que circundam os saberes dominantes, identificam-se as marcas linguísticas que estão por trás das evidências trazidas pelo dizer do sujeito. Simbolicamente, opera o Nome do Pai, como a realidade exposta pela última palavra (da mãe), delimitando o sistema patriarcal e a relação hierárquica em que o masculino é o parâmetro definidor. O homem, sujeito-paciente, tem a capacidade de representar o discurso da realidade patriarcal e masculina pela sua simbologia

fálica. Observamos que ao instituir a lei, o outro/mãe, submetido a essa padronização hierárquica, impõe ao filho (sujeito-paciente) ser o objeto representativo de tal poder, pois ela (mãe) ilusoriamente não tem lugar nessa realidade.

Temos a noção do poder relativo à constituição familiar mãe-pai-filho com algo já determinado socialmente. O desejo do outro/mãe é revelado nas palavras do sujeito-paciente que, sujeito às leis da mãe, não consegue encontrar sua subjetividade, sua identificação com o Outro. Esse processo de subjetivação, constituído a partir da interpelação ideológica e da inscrição-identificação à FD que constitui o sujeito e seu dizer (MARIANI, 2006). Assim, podemos traçar as fronteiras da FD a que está filiado o sujeito-paciente – importante dizer que tais fronteiras são sempre fluidas e porosas. Inicialmente, acreditamos numa FD heterossexual, efeito da interpelação do sujeito aos saberes androcêntricos dominantes, veiculados na sociedade.

Considerando novamente a SDR6, confrontada com a SDR7, apreendemos um sujeito-paciente identificado, aparentemente, à forma-sujeito da FD heterossexual, reproduzidor de práticas, saberes e efeitos de sentido padronizadores e conservadores, junto à necessidade de expor atributos da namorada. Distintamente, na SDR7 encontramos um deslocamento de sentidos que se diferencia da forma-sujeito citada, originando uma contraidentificação do sujeito com a FD e configurando a FD homossexual. O que pode ser observado pelo uso contínuo de negação e o surgimento da confissão de que a Guta (ela) não existe (SDR7).

No decorrer da narrativa do episódio, observamos outra imagem do sujeito-paciente, não mais um sujeito contido que fala, mas aquele que deseja expressar suas aflições. Podemos pensar em tal interpretação pelas exposições de SDR6 e SDR7, pois sabemos que existem dois relacionamentos: o primeiro, escondido da sociedade e o segundo, visível ao grupo social a que pertence o sujeito-paciente. É a imagem de sujeito heterossexual, namorador e complacente com o desejo do outro/mãe que se impõe sob a imagem representativa do sujeito homossexual. Entendemos que a constituição do sujeito se dá pelo sexo e pelo gênero que são “*efeitos* – e não causas – de instituições, discursos e práticas; em outras palavras, nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (SALIH, 2015, p. 21). A partir das instituições, dos discursos e das práticas legitimam-se e se reproduzem a ideologia, constituinte do sujeito.

Mesmo que os discursos estejam ligados ao desejo do outro/mãe e à identificação com a ideologia heteronormativa, encontramos mais uma imagem construída, a de um sujeito-paciente diferente do exposto anteriormente. Temos a exposição da sua orientação sexual e o

desejo de manter seu *status* social e sua relação com o outro/mãe. Assim como a imagem de sujeito-paciente foi modificada, a do terapeuta também, pois no processo de interação, na troca de turnos, as formações imaginárias alteram-se pelas interpretações geradas nas CPs circunstanciais da sessão de terapia. Nesse jogo imaginário, notamos, no discurso do sujeito-paciente, uma substituição de termos que surgem por meio da utilização das repetições (SDR6 e SDR7) que encaminham para o deslocamento da filiação do sujeito-paciente. Esse processo metafórico conduz o sujeito-paciente à filiação à FD homossexual.

A identificação entre o sujeito-paciente (A) e o sujeito-terapeuta (B) acontece, de forma que a distância entre A e B diminui e permite o estabelecimento de uma relação de cumplicidade entre paciente-terapeuta. Na análise aqui realizada, notamos que a interação e a aproximação de A e B ocorre pelo acordo estabelecido entre ambos por meio de palavras, olhares, gestos e consentimentos. A partir dessa aproximação, a transformação ocorre e surge o clímax: “Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Já tentei, mas... gosto de homem, sempre gostei.”. Também, expõe o sujeito-paciente: “Mas, ao mesmo tempo, eu sou ambicioso, assumo. Eu amo o Guto e sei que nunca vou amar alguém desse jeito, mas se eu ficar com ele, se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir.”.

Os dizeres finais do sujeito-paciente remetem ao ilusório desejo de resistir à norma, à FD heterossexual. No entanto, “para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, ‘assumir’ a condição de homossexual ou de bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização” (LOURO, 2000, p. 25). O desejo de uma tomada de posição do sujeito-paciente para assumir subjetivamente sua identidade sexual pode acontecer frente à pressão familiar e à interpelação dos saberes heteronormativos?

Em nosso gesto de interpretação, acreditamos que a negação é uma brecha que apresenta o deslizamento e a transformação dos sentidos antes não exposta, tornando possível essa tomada de posição. Sabemos que “atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais” (LOURO, 2000, p. 26). Então, como se expor na sociedade e lidar com essa opressão da sexualidade?

Nossas identidades de raça, gênero, classe, geração ou nacionalidade estão imbricadas com nossa identidade sexual e esses vários marcadores sociais interferem na forma de viver a identidade sexual; eles são, portanto, perturbados ou atingidos, também, pelas transformações e subversões da sexualidade. (LOURO, 2000, p. 25)

A maneira de expressar a sexualidade interfere no corpo, no discurso, na maneira de interagir com os interlocutores. Por isso, o deslizamento de sentidos produzidos pela repetição e pelo excesso de negação dos dizeres do sujeito-paciente (SDR7) cria pontos em que a língua falha e provoca o inesperado em seu próprio dizer. A imposição da hegemonia heterossexual transpassa os enunciados do sujeito, colidindo com o desejo do sujeito homossexual. O sujeito-paciente, embora interpelado pela FD heterossexual, contraindenta-se com seus pressupostos e, produz sua oposição que, a partir das tensões e conflitos, configura discursivamente sua posição na FD homossexual. Mesmo atrelado aos saberes heteronormativos, pela negação, o discurso do sujeito-paciente compõe questionamentos e diferenças no estabelecido e em processo de constituição subjetiva de uma identidade sexual.

As construções de identidades estão permeadas de relações de poder que (re)produzem um conhecimento e uma realidade que constrói o sujeito. Nessa construção, pode haver submissão à hegemonia heterossexual, pois entendemos que a ideologia heteronormativa, (re)produzida pelas práticas discursivas, compõe as instituições sociais e as manifestações culturais. Contudo, as rupturas surgem a partir dos saberes já estabelecidos e o discurso que delimita e aprisiona, por vezes, pode possibilitar a transformação dos discursos de um segmento ainda socialmente silenciado. O silenciamento também aparece pela submissão, pelo poder do outro/mãe que se torna expressivo. Na SDR9, a vida do sujeito-paciente parece finita frente aos desejos do outro/mãe.



Fotograma 9. Sujeito-paciente chora ao enunciar.

SDR9 – Eu amo o Guto e ... sei que nunca vou amar alguém desse jeito ... mas se eu ficar com ele... Se eu assumir... eu vou **acabar perdendo tudo**, minha mãe **vai me destruir**.

O fotograma dessa cena traz o choro, a emoção junto às palavras proferidas. O que era silenciado é dito, toma voz e aparece no corpo. Para além das CPs imediatas está todo o

processo de interpelação ideológica heteronormativa, vivenciado pelo sujeito-paciente, que transpõe em palavras seu sofrimento. A metáfora, estabelecida nessa análise, reporta a um dano que pode ser vivido pelo sujeito em questão. Pelo lugar que ocupa a palavra “perder”⁴⁹ na estrutura do enunciado, temos um verbo transitivo direto, podendo significar “deixar de ter alguma coisa útil, proveitosa ou necessária, que se possuía, por culpa ou descuido do possuidor, ou por contingência ou desgraça; sofrer prejuízo, dano, ruína; não conseguir o que se deseja ou ama; descair do conceito, crédito ou estima” e temos “destruir”⁵⁰, verbo transitivo, denotando: “proceder à destruição de; causar destruição em; demolir, arrasar; aniquilar; exterminar”. Duas definições que remetem à ideia de prejuízos gerados ao sujeito-paciente, por não estar dentro da norma de gênero, estabelecida sócio-historicamente.

A partir dessas significações, construímos a seguinte paráfrase: “eu vou ficar sem nada, minha mãe vai me aniquilar”. Nessa construção, temos a ideia de prejuízo monetário e do conflito que precisa ter fim e quem, possivelmente, vence a batalha é a mãe, visto que ela tem o poder da lei, de dominação sobre o sujeito-paciente. Sabemos que a seleção de palavras aparece em uma tomada de posição, em CPs específicas, e a emoção pode trazer o que, inconscientemente, estava reprimido e/ou não tinha sido pensado antes. Existem dizeres que não podem/devem ser proferidos, segundo a regulação da forma-sujeito da FD heterossexual, pois, ao se inscrever em dada FD, é ou não permitido ao sujeito falar que ama outro homem, pois esse saber interdiscursivo pode ou não ser aceito no interior dessa FD.

Pelas definições dicionarizadas, os efeitos de sentido remetem à privação de algo e à submissão ao poder do outro/mãe, estando o sujeito-paciente dominado pela evidência de identificação com a mãe. Os processos metafóricos trazem a repetição do aniquilamento individual, da potência e suporte dado ao outro/mãe, como detentora de um poder sagaz/astuto e absoluto. Analisamos, pela posição do sujeito-paciente, o receio de perder o que tem, possivelmente, o *status* social como heterossexual. É um excesso que busca estabilizar os efeitos de sentido voltados aos saberes interdiscursivos da ideologia capitalista junto à ideologia heteronormativa. É o desejo de pertencer a um grupo dominante (aristocrático e sexualizante) da sociedade. A partir do uso do operador de contrajunção “mas”, observamos as últimas palavras proferidas, que delimitam o excesso que condiciona o sujeito-paciente aos saberes hegemônicos. Essa marca linguística – mas – permite a apreensão de um enunciado dividido que traz o saber afirmativo do amor pelo sujeito-namorado e a impossibilidade de

⁴⁹ Perder. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/perder>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁵⁰ Destruir. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/destruir>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

manter essa relação. Esse “mas” marca a anulação do saber primeiro, do amor por alguém do mesmo sexo, em prol de um segundo saber, voltado aos saberes hegemônicos, que expõe a submissão à ideologia heteronormativa e à FD heterossexual, a que também está filiado o sujeito-paciente.

Após o uso do operador de contrajunção, notamos a enumeração de perdas, caso o sujeito-paciente assuma sua identidade homossexual. Poderíamos transformar os efeitos de sentido apresentados através da seguinte substituição significativa: “eu vou acabar deixando tudo, minha mãe vai me arrasar”. Nessa transferência de termos, temos as mesmas CPs, mas a intensidade transmitida pelas palavras parece se esvaír. Queremos mostrar que o discurso do sujeito-paciente, submetido ao desejo do outro/mãe, expressa a resistência ao assujeitamento ideológico à heteronormatividade, assim como ao outro/mãe. Por meio das CPs, mais precisamente a imediata, da SDR9, contamos com a revelação do ato de assumir ou não o amor por um homem. Eis que a posição do sujeito-paciente, submisso ao poder/querer do outro/mãe, tem seu desejo reprimido pela incapacidade de se constituir subjetivamente com uma identidade homossexual, mesmo que ilusória. A pressão/dominação do outro/mãe, como chefe da família, líder absoluto do grupo, impossibilita que a expressão do amor e do desejo do sujeito-paciente na sociedade, por entrar em conflito com a FD heterossexual. Mesmo interpelado por essa FD, a contraidentificação é produzida pelas dúvidas do sujeito-paciente que, a partir de conflitos, configura discursivamente sua tomada de posição, filiada à FD homossexual, na sessão de terapia. O desejo de resistir surge, mas não há a designação da identidade sexual, algo que pode ser caracterizado como um sintoma da apreensão, oriunda da contradição exibida pela contraidentificação.

O dizer “se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo” (SDR9), algo aqui é silenciado, não-dito. O ato de silenciar mostra o conflito no discurso do sujeito-paciente, uma tensão do ser e do desejar. A exposição do desejo de “assumir” (SDR9) traz consigo algo barrado, impedido pelo seu atravessamento social e ideológico, oriundo de uma ideologia heteronormativa. A gestão social do sujeito-paciente, pautada na homogeneidade lógica do sistema, faz com que suas necessidades (desejos) sejam negadas nas relações sociais públicas. O desejo de “assumir” o namoro e dizer que “ama o Guto” manifesta-se junto à representação imaginária do sujeito-namorado, um sujeito com qualidades positivas, “super competente, trabalhador” (SDR7). Como nos expõe Saggese (2009), o ato de se assumir pode gerar aceitação ou rejeição do outro, pois sua orientação sexual é uma ameaça aos valores e às crenças da sociedade que conserva um discurso heteronormativo e estigmatizador. Dizem-nos os autores Fry e MacRae:

Afinal, negar a inevitabilidade da fronteira que separa os “homossexuais” dos “heterossexuais” colocaria em questão a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e muitas vezes “assumido” a duras penas. (FRY e MacRAE, 1985, p. 120)

Nessa conjuntura, a palavra “assumir”⁵¹ traz consigo uma historicidade, uma significação que designa “tomar sobre si ou como seu; apresentar determinado ar ou aparência; reconhecer como verdadeiro, possível ou hipotético; aceitar, mostrar ou reconhecer publicamente determinado estado ou condição”. A partir das definições da palavra, podemos compreender uma posição do sujeito, um modo linguístico e histórico que está em ação, visto que quem assume, reconhece algo. Para Guimarães (2003), a designação é um elemento das relações sociais, serve como rótulo e indica a existência de algo, aqui temos a construção de uma identidade social e histórica. Esse reconhecimento tem relação com as questões de gênero, assim como nos explica Weeks (2000):

Não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando “eu sou heterossexual”, porque esse é o grande pressuposto. Mas dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes. (WEEKS, 2000, p. 70)

Portanto, a palavra “assumir”, voltada ao gênero, está relacionada a um fator desconectado da norma, do pressuposto da sociedade e marca uma posição do sujeito quanto a sua orientação sexual. O dizer “eu amo o Guto” parece ser um fato que caracteriza a posição do sujeito-paciente como identificado com a identidade homossexual, mas ainda silenciado pela repressão social e pelos saberes da ideologia heteronormativa que o interpelam. A expressão “se eu assumir...” refere-se ao momento em que o dizer marca o pertencimento, a aceitação da homossexualidade, da relação com outro homem, que precisa ser delimitada. O silenciamento do que se assume pode ser índice da dificuldade de reconhecimento de seu lugar, de sua posição, enquanto sujeito com uma identidade homossexual, que está conectada à possível estigmatização social (LOURO, 2000). Os enunciados da SDR9 refletem a identificação do sujeito-paciente à forma-sujeito da FD homossexual, mas ainda assujeitado à ideologia heteronormativa.

Apresentamos vários efeitos metafóricos que conduzem à ideia da constituição subjetiva do sujeito-paciente. Construimos um quadro que sinaliza como as SDRs enunciadas

⁵¹ Assumir. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/assumir>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

pelo sujeito-paciente podem apresentar similaridades com outras SDRs, visto que diferentes encaixes de palavras podem ser feitos e produzir efeitos de sentidos congruentes/divergentes com as SDRs. Acreditamos que, por ser uma série de televisão, o discurso apresentado traz traços coletivos/históricos, ou seja, evidências de uma ideologia “comum”, heteronormativa, reguladora dos dizeres de sujeitos interpelados por FDs congruentes e divergentes a essa forma-sujeito. A forma-sujeito dessa ideologia é representativa de práticas discursivas focadas no padrão social, moral, científico, religioso e político que tem como norma a heterossexualidade (masculino e feminino). No quadro 2, as SDRs são evidências do já estabelecido, de dizeres que todos sabem, reproduzidos por práticas discursivas que mantêm as ideologias dominantes, capitalista e heteronormativa. Essas ideologias interpelam os sujeitos, de forma a sustentar tais saberes, como é o caso do sujeito-paciente.

Quadro 2. Metáforas presentes no primeiro episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR1	Meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, parece nome de príncipe , né!	Meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, é nome de nobre , né!
SDR2	De playboy a família tá bem servida , meu pai já cumpre bem essa função.	De ostentador/esbanjador , a família está provida , meu pai já cumpre bem essa função.
SDR3	Essa coisa de alta sociedade . A minha família vive meio de fachada .	Essa coisa de classe alta . A minha família vive de aparências .
SDR4	Tipo Sophia Loren , né?	Tipo bela , né! / Tipo do lar , né!
SDR5	A minha mãe é o máximo , mas ultimamente tá difícil.	A minha mãe é magnífica/extraordinária , mas ultimamente tá difícil.
SDR6	A Guta é maravilhosa, super companheira! Ela é veterinária, super competente, trabalhadora.	[...] Guta é veterinária, super competente, trabalhadora.
SDR7	Não dá mais. Eu não aguento mais Theo. Ahn! Uma vez e outra eu até consigo, mas eu... Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Já tentei, mas... gosto de homem, sempre gostei... A Guta não existe, Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Ele é veterinário, super competente, trabalhador.	[...] O Guto existe, Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Guto é veterinário, super competente, trabalhador.
SDR8	Eu sou filho único. Entendeu o drama?	Eu sou filho único. Entendeu o problema?
SDR9	Eu amo o Guto e ... sei que nunca vou amar alguém desse jeito ... mas se eu	Se eu assumir... eu vou ficar sem nada , ... minha mãe vai me aniquilar . /

	ficar com ele... Se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo , ... minha mãe vai me destruir .	Se eu assumir... eu vou acabar deixando tudo , ... minha mãe vai me arrasar .
--	---	---

A partir dessa exposição sinonímica/parafrástica, notamos que a seleção de palavras compõe uma estrutura focada no desalinho do sujeito-paciente que se encontra em terapia. Parece-nos algo proposital, frente à ideia de que há um sujeito-autor que seleciona e um sujeito-diretor que dirige a cena, voltando-se a um público específico que busca entender as vicissitudes de uma prática psicanalítica. Para continuar nossas indagações, vamos ao próximo subcapítulo.

6.2. OS ATRAVESSAMENTOS – IDEOLÓGICO E DISCURSIVO

Muitas são as formas de apresentar um fato, precisamos descrevê-lo para compreender seus possíveis sentidos, assim como considerar as CPs, as interpelações do sujeito e ainda observar como a linguagem produz sentido na relação comunicativa. Neste capítulo, as SDRs analisadas versam sobre os saberes da ideologia capitalista e heteronormativa e da FD heterossexual, às quais interpelam o sujeito-paciente e conectam-se às relações interpessoais e à sexualidade. Aos 5'50 do episódio dois, inicia a exposição de Felipe: “Quando eu saí daqui, na semana passada, eu saí com uma angústia, uma vergonha tão grande de mim.”. Ele continua: “Quando eu te contei do meu relacionamento com o Guto, você continuou me olhando do mesmo jeito. Ahn! Você não é nada meu e você me aceitou.”.

Ao ingressar na narrativa fictícia do sujeito-paciente, encontramos um sujeito homossexual em conflito e algumas determinações sócio-históricas e ideológicas que interferem nos desejos e posições assumidas pelo mesmo. Conforme a explicação de Lacan, o desejo é “uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações” (1999, p. 96). A forma que se apresenta o discurso do sujeito-paciente relaciona-se a “essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas” que o fazem se comportar de determinada forma, pela normatização que inicia a partir da “relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento)” (PÊCHEUX, 2008, p. 34). Sabemos que existe a normatização, a naturalização de uns

sentidos em relação a outros, o que se dá pelas práticas discursivas do Estado e das instituições que suprem essa necessidade/demanda do sujeito.

O sujeito pragmático precisa dessa homogeneidade lógica e não consegue escapar à multiplicidade de princípios de gestão social, fazendo com que, em espaços discursivos, a produção de dizeres reflita a adequação à sociedade atual. Existe a “falsa-aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas”, atravessada por equívocos (PÊCHEUX, 2008, p. 32). Nos espaços discursivos, há uma polarização lógica das proposições enunciáveis, fazendo com que o sujeito aja, fale de determinada forma pela simplificação unívoca que está em jogo.

Com isso, relacionam-se as “coisas-a-saber” que são as “descrições de situações, sintomas e de fatos (a efetuar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual ‘ninguém pode ignorar a lei’ – porque esse real é impiedoso” (PÊCHEUX, 2008, p. 34) como uma estrutura homogênea que assegura o controle da interpretação. Aqui está a evidência de sentidos, que, permeada de equívocos, traz uma transparência de sentidos cristalizados, social e historicamente aceitos. O que pretendemos é desmontar as evidências contidas nos dizeres do sujeito-paciente que ora tem uma posição vinculada à FD heterossexual ora homossexual, fazendo com que o equívoco surja e signifique de diferentes formas.



Fotograma 10. Sujeito-paciente ergue o olhar apenas quando se refere ao afeto.

SDR10 – Quando eu saí daqui, na semana passada, eu saí com uma **angústia**, uma **vergonha** tão grande de mim.

No plano enunciativo, a cena apresenta o sujeito-paciente em primeiro plano, olhando fixamente o sujeito-terapeuta. Também, temos, à direita do fotograma, uma fusão do sujeito-paciente com uma imagem desfocada, esfumada, como se algo estivesse se dissipando, se transformando. A expressão facial do sujeito-paciente é focada, o olhar somente se ergue ao

pronunciar as palavras “angústia” e “vergonha”, no restante do enunciado, mantém-se o olhar baixo. O canto direito traz um fator nebuloso, que relacionado à fala, condiz com um desvio que precisa ser notado e talvez dissipado. Na SDR10, encontramos essa possível “falsa aparência” de que o julgamento virá pela apresentação de algo não aceito na sociedade, que parece se desfazer, se dissolver na cena. Falar da orientação sexual pode ser arriscado, frente à pressão social e moralizante, existente no contexto sócio-histórico atual. A ressignificação de uma vivência pode gerar diferentes emoções e, no sujeito-paciente, temos a exposição da “angústia” e do sentimento de “vergonha”. Afetos que revelam a experiência traduzida em palavras e afetada pelo significante.

Precisamos tratar da presença da angústia, termo cunhado por Freud (2010), que está relacionado a um estado de afeto da ordem do desprazer. Inicialmente, o autor trata a angústia de castração como uma defesa do eu, relacionada à perda e à separação. Após, apresenta três formas de expressar a reação ao perigo e à dificuldade de elaborar psiquicamente o pavor ou o medo sentido: “angústia real” do mundo externo; “angústia neurótica” das pulsões do isso e “angústia de consciência” diante do superego (pela culpa, herdeira do Complexo de Édipo). A “angústia da castração” está associada à expectativa do perigo diante de algo e/ou do objeto faltoso. Explica-nos Jorge:

Se Freud aborda a angústia pelo viés da perda do objeto, Lacan irá conceber o advento da angústia precisamente na relação com a proximidade desse objeto. Para Lacan, o que angustia o bebê não é que o objeto seio falte, mas sim que ele o invada. A angústia surge quando algo vem ocupar o lugar do objeto faltoso do desejo, o objeto a. Ela revela a proximidade do objeto a, objeto causa do desejo, cujo comparecimento significaria a morte do desejo. (JORGE, 2007, p. 38)

A angústia é vista como um sinal do real que adentra a ordem imaginária do eu, assim, ela “não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (LACAN, 2005, p. 64). O objeto a é o outro primordial, que cria uma unidade, integra e articula os registros, organizando o discurso. Pela aproximação do sujeito com o objeto causa do desejo, o sujeito se aliena e se constitui na relação especular com o outro. O sujeito busca restituir o desejo do outro, fazendo trabalhar o significante. Assim, “é precisamente nessa não-correspondência entre o desejo e a falta que Lacan situará o ‘ponto de angústia’” (KAUFMANN, 1996, p. 59).

Conforme Lacan, a angústia é “esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia”, como se

fosse algo anterior ao surgimento de um afeto (2005, p. 88). Pelo receio de sentir, a angústia torna-se “a causa da dúvida”, mas é “da angústia que a ação retira sua certeza”, pela ação arrancada, transferida (LACAN, 2005, p. 88). O autor diz que a experiência da falta é o sinal da angústia, tornada impensável e inacessível.

Nesse ponto, lembramos que “Freud nos diz que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu [moi], quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer. Esta é o a, o resto, abominado pelo Outro.” (LACAN, 2005, p. 134). Assim, o objeto a faz com que o perigo interno seja sentido pelo eu. Isso é o que parece ocorrer com o sujeito-paciente, que apresenta “uma angústia, uma vergonha tão grande”, sentida após a experiência vivida. Essa “angústia”, revelada pela lembrança da enunciação, pode ser sinal de algo não pensado, mas que invade o sujeito-paciente. Faz surgir o inesperado, transmitido em palavras e sentido no corpo.

Na SDR10, a sequência “eu saí daqui” remete ao momento em que foi gerado o afeto, as emoções sentidas. É o receio que abala o seu eu, é o objeto a adentrando o consciente do sujeito, ao se revelar. É a presença/ausência do outro, afetando o sujeito-paciente. Buscamos no dicionário⁵² as seguintes definições: para angústia – “estreiteza; grande aflição acompanhada de opressão e tristeza” – e para vergonha – “pudor; pejo; opróbrio; rubor das faces causado pelo pejo; timidez; embaraço; acanhamento; receio de desonra”. Essas significações, atribuídas às palavras, se entrelaçam ao corpo do sujeito-paciente, de modo a deixá-lo receoso com a possível reação do sujeito-terapeuta. Reação conflituosa criada a partir das formações imaginárias que o sujeito-paciente tem de si e do outro – sujeito-terapeuta.

As significações possibilitaram a criação da seguinte paráfrase: “eu saí com uma aflição, um acanhamento tão grande de mim”. Notamos que o sujeito-paciente é afetado pelo seu próprio dizer, por revelar seu desejo a alguém. O sintoma é apreendido, sentido no corpo, pela presença do objeto a que faz sentir a “angústia”, a “vergonha”. Estar acanhado, envergonhado faz com que os pensamentos, o comportamento e o discurso se alterem. Os significantes deslizam para um lugar inesperado, não explorado, ativando um eu [moi] que se sente ameaçado. Os efeitos metafóricos, simbolizados pelo sujeito-paciente, possibilitam a compreensão da constituição subjetiva e identitária do sujeito-paciente. Além disso, o desejo foi discursivizado junto à necessidade de manter a aparência lógica e socialmente aceita. Esse

⁵² Angústia. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/ang%C3%BAstia>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
Vergonha. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/vergonha>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

desejo, junto ao afeto, deixa marcas no próprio corpo, mostrando a interpelação pela FD homossexual e a tomada de posição do sujeito.

Acrescentamos que a vergonha sentida é “tão grande”, que extrapola os limites do enunciado, pois o sujeito-paciente mantém o olhar baixo, impedindo a comunicação visual. Esse comportamento, esse gesto, pode simular o medo de expor o sintoma presentificado. Esse sintoma é o objeto a, atingindo o sujeito-paciente e tentando ocupar o lugar da falta, que se expressa no dizer e no corpo. A busca pelo entendimento e pela manutenção do saber interdiscursivo da FD homossexual, da nova constituição subjetiva e identitária, que adentra o consciente, continua a ser articulada nas próximas SDRs.



Fotograma 11. Sujeito-paciente fala com olhar fixo no sujeito-terapeuta.

SDR11 – Quando eu te contei do meu relacionamento com o Guto, você continuou me olhando do mesmo jeito. Ahn! Você não é nada meu e você **me aceitou**.

A exposição do relacionamento homoafetivo parece trazer uma nova perspectiva de interação, em que a aceitação torna-se um ponto necessário. A postura relaxada do sujeito-paciente e o olhar fixo no sujeito-terapeuta podem estar conectados à busca pelo contato e à observação do não verbal (gestos, olhar). Ao retomarmos o registro do real, a angústia se manifesta quando a falta falta e o objeto condensador de gozo pode surgir pela forma de olhar e o tom de voz. O olhar do sujeito-paciente pode ser a expressão dessa angústia, já nomeada na SDR10, que condensa o afeto sentido e é traduzido em palavras, em metáfora.

Nas CPs do dizer, o olhar do outro parece se tornar importante na relação estabelecida entre os sujeitos. Na SDR11, o discurso do sujeito-paciente traz a expressão “você continuou me olhando do mesmo jeito”, o que pode remeter a um ponto de aproximação entre os interlocutores. Esse olhar é mais do que o visual, traz uma compreensão do outro, uma não estigmatização. Entendemos que, pelo consentimento do dizer, a exposição do sujeito-paciente descaracteriza o receio da discriminação a pessoas LGBT (SILVA e OLIVEIRA,

2016). A ideia da discriminação, atravessada pelos já-ditos, compõe o dizer “Você não é nada meu e você me aceitou”, assinalando a necessidade da aprovação do outro.

O dizer também traz sentidos outros que emergem da observação do uso do pronome possessivo “meu” em “Você não é nada meu”. No enunciado, o termo “meu” atribui efeitos de sentido não de posse de algo, mas sim de designação de um ser que não participa de suas relações sociais, ou seja, o sujeito-terapeuta não pertence ao grupo social do sujeito-paciente e, sendo assim, não tem a necessidade ou a obrigação de consentir o seu dizer e o seu pensar. Dessa forma, a fantasia de estigmatização, imaginada pelo sujeito-paciente, é desfeita no momento em que o outro/sujeito-terapeuta escuta o seu dizer e não duvida ou questiona, gerando uma identificação entre os sujeitos. A dúvida e o questionamento podem estar presentes na formação imaginária do sujeito-paciente, pois, ao se contrair com a FD heterossexual, seu dizer/pensar configura a incerteza quanto aos saberes e às práticas discursivas (re)produzidas pela mesma.

Na expressão “você me aceitou”, o uso do verbo transitivo “aceitar” cria a possibilidade de conformidade e consentimento do sujeito-terapeuta com o exposto pelo dizer do sujeito-paciente. Nessa perspectiva, o termo “aceitar” pressupõe um complemento que emerge de seu dizer anterior e interage com o “me”. Os efeitos de sentido, atribuídos ao verbo, possibilitam uma restrição de seu uso em um contexto mais definido, em CPs determinadas, como no fato vinculado aos dizeres LGBT. A necessidade de regozijar-se com o consentimento dado pelo outro através do aceite, da permissão, para mostrar sua identidade homossexual, pode ser observada pela constituição do enunciado na forma afirmativa, declarativa.

Em nosso gesto de interpretação, a posição do sujeito-paciente delimita ilusoriamente o seu eu pelo uso dos termos “eu”, “meu”, “me” e do outro através de “te” e “você”. Há uma repetição de pronomes que sinalizam a necessidade de estabilizar alguns efeitos de sentido que confirmam a sua posição frente ao outro, definindo a posição do outro/sujeito-terapeuta. Surge um excesso que expõe o fato de contar o relacionamento, ser olhado e aceito pelo outro, marcando a posição do outro como o interlocutor ouvinte que olha e aceita o seu dizer. É um excesso que apresenta a inscrição e a identificação do sujeito-paciente à FD homossexual, conduzindo a interpretação do outro em prol do seu dizer, de sua constituição e dando pistas da necessidade de aprovação. Um sintoma da apreensão, aceitação dos saberes da forma-sujeito da FD homossexual.

Ao fazermos uma substituição significativa da expressão “você me aceitou”, podemos construir as paráfrases “você me acolheu” ou “você me suportou”, tratando as questões de

gênero abordadas anteriormente. Na primeira construção, temos a representação de um “bom” sujeito inscrito na FD homossexual, que se sente acolhido pelo outro. Na segunda, temos uma oposição à interpretação anterior, pois quem suporta alguém está, inconscientemente, filiado à FD heterossexual e, mais, pode estigmatizar pessoas LGBT. O enunciado “você me aceitou” caracteriza a necessidade do olhar do outro, que pode desfazer essa angústia, ser o condensador do gozo. Os efeitos metafóricos podem ser gerados através da condensação, de forma que os fatos e os desejos inconscientes são encaixados e apresentados ao consciente. Essa apresentação abala o sujeito e o faz se deparar com o seu eu desejoso que busca preencher a falta, jamais preenchida. Os desejos do eu podem confrontar-se com a ideologia dominante, aqui tratamos da heteronormativa, que parece trazer desconforto ao sujeito-paciente.

Os saberes hegemônicos circulam na sociedade e transpassam os dizeres, criando efeitos de sentido cristalizados. Para Butler, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância natural de ser” (2003, p. 59). Assim age a ideologia heteronormativa, atrelada à repetição cultural e à manutenção do binarismo (homem/mulher). Contudo, é possível trazer práticas e saberes discursivos novos para introduzir a mudança. Como os saberes interdiscursivos estão associados à heteronormatividade, os sentidos parecem estar estabilizados, mas a transformação gradativa desse sistema pode acontecer no registro simbólico.

Continuamos no episódio. Aos 7', Felipe trata de uma discussão com Guto e de seu relacionamento de três anos com ele. Quanto à terapia, diz: “É como se eu tivesse duas vidas. Aqui é o único lugar que eu vivo as duas vidas.”. Aos 11'50, Felipe fala: “Eu queria tanto assumir o Guto, mas, ao mesmo tempo, eu não quero perder meu trabalho, minha vida e ter tudo isso ao mesmo tempo é impossível.”. Aos 14', Felipe pergunta: “Você acha errado eu ser gay?”. O terapeuta fala que o “problema não é a sua orientação sexual, o seu problema é assumir isso”. Aos 17', Felipe relata que vai aos eventos da empresa como par da mãe, e ela “adora circular com o filho bonitão” e ela começou a apresentá-lo como “marido dela”. Sua fala termina com o comentário: “Eu acho que eu faço o tipo da minha mãe. Nossa! Que a... Me passou uma coisa pela cabeça. Deixa pra lá, deixa.”. Notamos que a conversa retoma o foco da orientação sexual e a interpelação pela ideologia heteronormativa.



Fotograma 12. Sujeito-paciente enuncia com o olhar baixo e termina com lágrimas nos olhos.



Fotograma 13. Sujeito-terapeuta observa e o sujeito-paciente enuncia calmamente.

SDR12 – É como se eu tivesse duas vidas. Aqui é o **único lugar** que eu **vivo as duas vidas**.

SDR13 – Eu queria tanto **assumir** o Guto, mas, ao mesmo tempo, eu não quero perder meu trabalho, minha vida e ter tudo isso ao mesmo tempo é impossível.

Na SDR12, o fotograma apresenta o sujeito-paciente com olhar e cabeça baixa. Situado à direita do fotograma, uma névoa se mostra, talvez seja a presença do Outro, ou simplesmente, do outro/sujeito-terapeuta. Como as evidências precisam ser desfeitas, a ideia de invasão do Outro na psique do sujeito-paciente é uma possibilidade, visto que é na sessão de terapia que o objeto, o causador da angústia, torna-se presente. Diferente do plano enunciativo da SDR12, o fotograma da SDR13 revela, em plano americano (enquadre do corpo, do joelho para cima), um pouco do cenário, a postura corporal do sujeito-terapeuta e seu olhar fixo no sujeito-paciente. Ouvimos apenas a voz do sujeito-paciente, que parece calma, ao enunciar seu desejo e seu receio frente a uma possível tomada de posição fora do ambiente psicanalítico.

Na composição da SDR12, a expressão “duas vidas” traz a questão do equívoco presente no dizer do sujeito-paciente. Encontramos a definição de “vida”⁵³ como “o período de tempo que decorre desde o nascimento até à morte dos seres; modo de viver; ocupação, profissão, carreira; princípio de existência, de força, de entusiasmo, de atividade; fundamento, essência; causa, origem; biografia”. Todas essas significações definem um pouco do que queremos abordar sobre esse sujeito que mostra duas posições, duas formas de se representar subjetivamente na sociedade. Viver “duas vidas” encaminha o sujeito-paciente a uma atuação necessária de se portar, falar, pensar e agir, adequando-se aos padrões estabelecidos frente a determinados lugares discursivos. As diferentes formas de se portar e agir são características de gênero, faixa etária, *status* e classe social (CORBIN, 2008), o que influencia no contexto

⁵³ Vida. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/vida>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

social e ideológico da época. Pelas diferentes práticas discursivas, as posições de dualismo do sujeito-paciente mostram a contradição de seu dizer/viver. Essa contradição apreendida pelo sujeito-paciente é sintoma da discrepância do efeito de pré-construído.

Em uma das vidas, o sujeito-paciente constitui sua posição, sua identidade social e sexual, com relações afetivas e necessidades pessoais relacionadas às questões privadas. Nesse contexto, o sujeito-paciente é “feliz”, o que para Pêcheux (2008) é custoso pela representação das “coisas-a-saber”. Essa posição surge em lugares discursivos reservados, como na presença do sujeito-namorado e no *setting* terapêutico, o que é enunciado pelo sujeito-paciente – Aqui é o único lugar – (SDR12), delimitando que existe o “espaço exclusivo” de suprir sua demanda. Demanda esta que traz seu desejo, mas também mostra o jogo de dominação a que o sujeito está amarrado. Esse desejo de ser feliz é desfeito pelo fotograma que representa o contrário, pois observamos olhos direcionados para baixo e lacrimejados. Também, a névoa, situada à direita da imagem, pode representar a necessidade de dissipar algo, talvez um sentimento que precisa ser transformado ou uma vida a ser modificada.

Na outra vida, o sujeito-paciente desempenha papéis sociais estipulados por uma sociedade patriarcal que denota poder social, isto impregnado pela necessidade lógica homogênea da gestão cotidiana. Nesse lugar discursivo, os dizeres do outro/mãe se sobrepõem através do autoritarismo, da necessidade das posições sociais de prestígio que remetem à vida potencialmente “ideal” na sociedade contemporânea. Na coerção lógica disjuntiva, é “impossível” o sujeito-paciente ter uma identidade heterossexual e homossexual ao mesmo tempo, pois há uma proposição lógica falsa e outra verdadeira (PÊCHEUX, 2008).

Entendemos que a expressão “duas vidas”, da SDR12, relaciona-se ao modo de viver, comportar-se e ocupar certo espaço discursivo, visto que sua identidade homossexual aparece no âmbito privado e sua identidade “simulada” heterossexual existe no espaço público das relações sociais. Pela compreensão das CPs, a palavra “vida” poderia ser substituída por “identidade”, produzindo efeitos de sentido distintos, visto que, subjetivamente, a identidade homossexual e a heterossexual coexistem. Com a expressão “vivo as duas vidas”, temos uma repetição, um excesso refletido pelas palavras “vivo” e “vidas”, parecendo uma busca pela estabilização de efeitos de sentido (ERNST-PEREIRA, 2009) de um possível comportamento “comum”. Uma expressão de ser e “viver” dupla, que cria efeitos de sentidos que se confrontam, contradizem um ao outro. Observamos que o ato de assumir uma posição, uma das vidas, tem uma carga “afetiva” pela relação/identificação com o outro/mãe, mas também como o sujeito-namorado. Essa tomada de posição, constituída a partir dos efeitos

metafóricos, constitui a identificação com determinada FD – heterossexual ou homossexual – além de delimitar sua constituição identitária frente à sociedade.

A necessidade de escolha, averiguada no discurso do sujeito-paciente, traz à tona às imposições sociais. As relações de dependência lógico-retóricas trazem os critérios irrefutáveis de verdade apresentados na sociedade, sendo que na posição de sujeito heterossexual, notamos o fator dependente e mantenedor dessa “aparência” homogênea, o que é transferido para uma “falsa-aparência” quando se apresenta a posição de sujeito homossexual (PÊCHEUX, 2008). No ato de enunciar, a tomada de posição do sujeito traz uma interpretação da sua vida como “efeitos de identificação assumidos e não negados” na sessão de terapia (PÊCHEUX, 2008, p. 57) e efeitos de identificação negados e não assumidos socialmente.

Na SDR13, o desejo do sujeito-paciente em tomar uma posição quanto ao ato de se assumir sobressai em seu dizer. A palavra “assumir” traz em seu cerne uma carga semântica repleta de responsabilidades e imposições como, por exemplo, a questão de “aceitar, mostrar ou reconhecer publicamente determinado estado ou condição” (Dicionário Priberam, 2008-2013). O fato de querer algo não faz com que se reconheça tal fato, visto que a posição do sujeito-paciente mantém a inscrição à FD heterossexual, mesmo que se contraidentifique em alguns momentos. O uso do verbo “querer” no pretérito perfeito e o termo “ao mesmo tempo” trazem um contraponto, uma pista, um sintoma dessa não aceitação e/ou acolhimento desse fato para, assim, poder revelá-lo. As posições do sujeito-paciente, filiada à FD heterossexual, junto às CPs analisadas, apresentam fatos hipotéticos, vinculados à perda de algo. Na SDR9 (Se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo) e na SDR13 (Eu queria tanto assumir o Guto) surge o desejo de reivindicar uma tomada de posição, situada no interior da FD homossexual, marcada pela dúvida e impossibilidade de acontecer.

Ao fazer substituições, as CPs do discurso permitem a construção de “revelar o Guto” e/ou “aceitar o Guto” na sociedade, na vida. Ao criarmos uma sequência como “eu queria tanto revelar o Guto” temos um efeito de sentido voltado à exposição da relação homoafetiva, o que parece conflituoso no que diz respeito à constituição subjetiva do sujeito-paciente. Já a expressão “eu queria tanto aceitar o Guto” remete à ideia de que é preciso acolher tal fato, aceitar a si mesmo, tomar consciência da relação para, depois, revelá-la à sociedade. O termo “assumir” carrega significantes sinonímicos que denotam responsabilidade e/ou a necessidade de reconhecimento “verdadeiro ou hipotético” de algo. Esses efeitos metafóricos construídos a partir do termo “assumir” criam deslizamentos de significantes assim como a condensação de significantes que ficam atrelados ao termo, ao modo de funcionamento do dizer em

determinadas CPs. Dizer que assumiu algo, principalmente a orientação sexual, é um ato político que interfere nas relações sociais e nas práticas discursivas dos sujeitos. Assim como a identificação jurídica acarreta em consequências de responsabilidade ao sujeito, a identificação com o gênero e a orientação sexual constitui um novo lugar social para o sujeito.

Em nosso gesto de interpretação, a posição do sujeito-paciente traz traços do receio de “aceitar, mostrar ou reconhecer publicamente determinado estado ou condição”, ou seja, a apresentação pública de uma identidade homossexual entra em conflitos com as práticas discursivas filiadas às ideologias, capitalista e heteronormativa. Esse fato é exposto e observado no dizer “eu queria tanto assumir o Guto, mas, ao mesmo tempo, eu não quero perder meu trabalho, minha vida”. O verbo “querer” e o operador de contrajunção “mas” apoiam a ideia de conflito, de dúvida em relação à identificação com a FD homossexual e a nova constituição identitária e/ou à manutenção e (re)produção dos saberes hegemônicos da ideologia capitalista e heteronormativa que se consolidam socialmente.

Ainda sobre a SDR13, a palavra “vida” está correlacionada às relações sociais públicas do sujeito-paciente, que, mesmo tempo tem “duas vidas” e parece haver a escolha ilusória da identidade heterossexual, visto que “ter tudo isso ao mesmo tempo é impossível”. A expressão “ter tudo isso” remete à relação homoafetiva, ter seu emprego e sua vida, algo “impossível” frente às determinações sócio-históricas dominantes e normatizadoras do modo de ser, agir, pensar, segundo as práticas discursivas filiadas à ideologia heteronormativa e à FD heterossexual.

Entendemos que a identificação com a FD homossexual não impede que o sujeito-paciente, em sua tomada de posição, tenha dificuldades de discursivizar sobre a sua orientação sexual porque envolve a constituição subjetiva de sua identidade homossexual. Notamos que o dizer do sujeito-paciente apresenta o estabelecimento da aproximação entre os sujeitos – paciente e terapeuta. Ser heterossexual é pertencer à norma, manter os atributos necessários para ser considerado “normal” em nossa sociedade como sujeito heterossexual, branco, cristão e de classe média (LOURO, 2000). Esse feito torna-se “impossível” para um sujeito que tem uma identidade homossexual. Essa impossibilidade parece se materializar no questionamento feito na SDR14.

Mediante a reprodução de determinados discursos e práticas sociais, representada por instituições, impregnadas pela ideologia heteronormativa, alguns saberes permanecem em nossa sociedade. No entanto, com novas demandas socioideológicas, é necessária a reprodução e a transformação de certas práticas discursivas sobre a sexualidade. Essas concepções possibilitam a apreensão dos efeitos de sentido das próximas SDRs.



Fotograma 14. Sujeito-paciente tem voz imponente ao questionar o sujeito-terapeuta.

SDR14 – Você acha **errado** eu ser gay?

O fotograma apresenta o sujeito-paciente em primeiro plano, com a testa franzida, o queixo para frente e o olhar fixo no sujeito-terapeuta. Esse semblante tem a ver com a ideia de discordar do que diz ou estar confuso, o que nos possibilita pensar que a palavra “gay” pode gerar certa frustração e/ou desconforto. Observamos, na SDR14, um questionamento referente à identidade sexual. Um dizer que permeia os saberes do sujeito-paciente, que, frente à identificação com a FD heterossexual, confunde o seu desejo e sua forma de expressar a orientação sexual. Algo que parece estar representado nesse dizer pela utilização da palavra “errado”⁵⁴. Ao buscarmos sua definição dicionarizada, encontramos “em que há erro; errôneo; que perdeu o caminho ou o rumo; desgarrado; que não está em conformidade com os padrões estabelecidos; que não é adequado a um propósito específico”. Através das significações, notamos a presença da expressão “padrões estabelecidos”, o que complementa o sentido de “errado”, de algo que não está em consonância com a norma instituída. Essa norma, contida na forma-sujeito da ideologia heteronormativa e na FD heterossexual, que mantém as regras de conduta binária, aceita social e historicamente.

Essa interpretação é oriunda da observação das imagens-movimento e dos dizeres do sujeito-paciente quanto à orientação sexual. “Ser gay” pode ser visto como negativo, visto que “é comum que muitas pessoas GLB⁵⁵ adotem posturas heterossexistas a fim de esconderem sua homossexualidade, tanto de si mesmas quanto dos outros” (DRESCHER, 2014, p. 24). Como o discurso do sujeito-paciente versa para a questão da aceitação pelo sujeito-terapeuta (SDR11), da estranheza e existência do sujeito-namorado na sessão (SDR7), das duas vidas (SDR12) e do fato de querer assumir (SDR13), parece-nos que a censura social, oriunda das

⁵⁴ Errado. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/errado/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

⁵⁵ A sigla refere-se às orientações sexuais: gay, lésbica ou bissexual.

práticas discursivas, e a interpelação ideológica heteronormativa age e trava inconscientemente a tomada de posição do sujeito. As CPs do discurso relacionam-se a uma identidade sexual em construção, de maneira que o sujeito-paciente busca rebelar-se contra a hegemonia vigente, identificando-se com a FD homossexual.

Quanto à identificação do sujeito-paciente à FD homossexual, atentamos para os entrelaçamentos de efeitos de sentido da palavra homossexual à palavra “gay”. Pela perspectiva etimológica, o significado para “gay” principia do termo latim *gaiu*, que deu origem ao termo francês *gai* e foi absorvido pelo inglês como *gay*. Em todas essas passagens diacrônicas, o sentido manteve-se, a fim de designar um homem jovial, alegre e animado. O termo gay também estabelece uma designação mais suavizada para aquele que possui desejo por pessoas do mesmo sexo. O termo homossexual, por ser um termo científico, estabelecido pelos estudos psicanalíticos e psiquiátricos, e que em seus primórdios denominava o desejo por pessoas do mesmo sexo como algo antinatural, fez com que os termos coexistissem em uma relação de concorrência significativa.

O termo “gay”, ao suavizar a questão sexual, possui maior aceitação social em grupos LGBTs, o que se pode observar nas SDR21 e SDR34, enquanto que a palavra homossexual traz o caráter científico, principalmente em contextos em que a concorrência dos termos é vista em função da representação dos sujeitos. Na perspectiva das análises referidas, notamos que tanto o termo “gay” quanto homossexual desempenha uma mesma prática discursiva com a presença de deslizamentos de sentidos pelo dizer do Outro, assegurando, portanto, a nomeação da FD homossexual.

O desejo de assumir uma identidade social e/ou práticas discursivas atreladas à FD homossexual pode ser uma necessidade social frente ao outro. O questionamento do sujeito-paciente envolve uma dupla possibilidade, ser aceito ou rejeitado, pois o que aparece é a ideia de que pode ser algo “errado”, um sintoma da apreensão da contradição sofrida e exibida (PÊCHEUX, 2009). Podemos construir a seguinte paráfrase, a partir da SDR14: “Você acha certo eu ser gay?”. Ao questionar se é errado, pressupõe-se que existe o certo, por isso, apresentar-se como “gay” na sociedade é revelar a orientação sexual, a identidade social e, conseqüentemente, a vida dupla (SDR12). Como a identidade é imaginária, o sujeito é representado por significantes que se encontram no Outro, que poderíamos tratar como um sintoma, oriundo de uma repressão do desejo, pela negação inconsciente do conflito gerador de angústia (SDR10). Entendemos que, ao questionar se o sujeito-terapeuta “acha errado”, a posição do sujeito-paciente está vinculada à FD heterossexual, pois os padrões binários precisam ser seguidos, conforme o “que pode e deve ser dito” no interior dessa FD. Ao

perguntar se “acha certo”, temos outra posição-sujeito, filiada à FD homossexual, visto que se pressupõe uma resposta positiva quando se interroga um interlocutor.

A identidade social é constituída pela história dos sujeitos e, ao mesmo tempo, pelas instituições e práticas discursivas que se elaboram sobre os corpos e os desejos produzidos socialmente. Sabemos que a ideologia heteronormativa é (re)produzida sócio-historicamente, sendo que a discussão e a pluralidade de práticas desafiam o estabelecido e transformam as relações sociais. O discurso do sujeito-paciente, através de um questionamento, rememora essa necessidade da ampliação das visões e atribuições de gênero e de identidade social.



Fotograma 15. Sujeito-paciente sorri ao contar a história e, após, faz uma expressão confusa.

SDR15 – Ela (mãe) me quer do lado dela, só pra ela. Ela adora circular com o filho bonito. Teve uma vez que acharam que eu era marido dela, que eu tava **dando o golpe na coroa**. Ahn! Eu fiquei indignado, mas ela adorou. Você acredita que depois disso, ela começou a me apresentar como se eu fosse marido dela. Ahn! Eu acho que eu **faço o tipo** da minha mãe. Nossa! Que a... Me **passou uma coisa pela cabeça**. Deixa pra lá, deixa.

No plano enunciativo, o fotograma apresenta o sujeito-paciente com semblante confuso, após narrar a história com a mãe. Na SDR15, alguns conhecimentos de senso comum sobre o complexo de Édipo vêm à tona. A metáfora que constitui esse saber origina-se de um drama de Sófocles, produzido em 496-406 a.C. O enredo apresenta um incesto entre filho e mãe, o qual foi utilizado por Freud em suas primeiras contribuições para a criação da Psicanálise. A propagação da obra, juntamente com as noções teóricas da Psicanálise, possibilitou a apreensão de noções básicas das relações morais dentro da estrutura social, descritas no livro “Totem e Tabu” (FREUD, 1990a). A obra de Freud faz menção ao Totem como a obrigação sagrada da exogamia⁵⁶ totêmica e ao Tabu com duplo significado – sagrado

⁵⁶ A exogamia é o enlace matrimonial entre pessoas que não pertencem ao mesmo grupo familiar, social, étnico, religioso. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/exogamia>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

e perigoso – pela instauração da proibição e do desejo. A partir disso, surgem a culpa e o pecado, impondo limites quanto às relações sexuais e amorosas, visto que o incesto é desejado inconscientemente na fase situada no Complexo edípico (3 a 5 anos).

Para Butler, o incesto “é uma lei decretada ‘em nome do Pai’”, que institui a separação do filho da mãe, pela sua relação de parentesco, de forma que “a posição linguística masculina passa pela individuação e heterossexualização exigidas pelas proibições fundadoras da lei Simbólica, a lei do Pai” (2003, p. 52). Isso é o que mantém a noção de heterossexualidade e receio da homossexualidade, fazendo com que o feminino não possa exercer uma posição individualizante, assim como o sujeito masculino. A noção lacaniana sobre a metáfora Nome do Pai é criticada por Butler, dizendo que “o ‘sujeito’ masculino é uma construção fictícia” e “o feminino não pode ser o ‘atributo’ de um gênero”, pois “o feminino é a significação da falta, significada pelo Simbólico” (2003, p. 52). Entendemos que existem constituições históricas envolvidas na reivindicação da igualdade de gênero e a necessidade de transformação dos parâmetros estabelecidos socialmente. Contudo, Lacan explica que a função paterna acontece com a primazia do simbólico e o complexo edípiano é um momento necessário ao sujeito para que ele entre no mundo da dialética e construa seu eu. Nessa conjuntura, as relações sócio-históricas e as interpelações ideológicas interferem na constituição do sujeito, de maneira que as práticas discursivas e institucionais precisam ser transformadas para que se modifique a noção de sujeito “masculino” e “feminino”. Salientamos que a constituição do sujeito e de sua identidade de gênero ocorre pela identificação com os saberes interdiscursivos, assim como a relação com seu corpo, seu eu. Essa identificação-interpelação traz evidências já estabelecidas e é o que trabalhamos no decorrer deste trabalho.

Para iniciar nosso gesto de interpretação, citamos o dizer “Ela me quer do lado dela, só pra ela”, parecendo uma fusão desejada pelo outro/mãe, estando o sujeito-paciente submetido à lei do desejo do Outro, constituído pelo outro/mãe. Explicamos tal interpretação por meio da identificação do sujeito na terceira fase do Complexo de Édipo, ou seja, no momento da triangulação, a identificação ocorreu com a função do outro/mãe que também ditava as normas. Na triangulação do menino, a identificação deveria ser com a função do outro/pai. No entanto, em sua passagem da “lei do desejo” para o “desejo da Lei”, encontrou o mesmo objeto, a mãe. Nesse sentido, a mãe, enquanto fundadora dessa lei, impõe seu próprio desejo ao filho, pois seu gozo depende de um objeto também desejado pelo filho. A função de pai ou de mãe pode ser estabelecida por sujeitos de qualquer sexo, o que incide na criança é a forma como se dá a entrada na dialética e sua relação com o desejo do outro.

A partir dessa relação, o discurso do sujeito-paciente alude a possibilidade e a sociedade possuir um discurso pré-concebido quanto às relações entre mulheres mais maduras com rapazes mais jovens, o que faz com que tenhamos um indício de representações estabelecidas pelo senso comum. A expressão “golpe na coroa”, da SDR15, rememora o discurso instaurado historicamente quanto ao interesse de um rapaz ou moça por alguém de mais idade e com certo *status* social. Nessa perspectiva, as conjecturas do outro/mãe, ao apresentar o filho como “marido”, demonstram a relação de poder da mesma enquanto mulher de negócios e que pode ter um homem mais jovem ao seu lado, devido a seu *status* social. A representação da mãe, enquanto detentora de um poder, remete à identificação do sujeito-paciente com a mesma, permitindo que aconteça o comportamento mencionado. Ao analisarmos tais CPs, notamos que o fato de uma mãe desejar seu filho ou colocá-lo sob essa perspectiva social é tratado como não lícito social e moralmente.

Na obra *Édipo Rei*⁵⁷, temos a representação dramatizada da questão do desejo incestuoso, em que o filho desposa a mãe e coloca-se no lugar do pai, não havendo a intenção dos personagens em consumir tal ato, mas sim acontecendo por motivações do destino. Mesmo que o enredo da obra corrobore um caráter moral, entendemos que a tragédia é anunciada, deixando emergir o saber de os papéis familiares serem bem definidos, em que pais e filhos constituem um ideal hierárquico de parentesco.

Essa noção remete-nos a efeitos de sentido outros, presos a entrelaçamentos das palavras “golpe” e “coroa”. Na palavra “golpe” temos a representação de efeitos de sentido ligados ao ilegal, algo que não é legitimado pelas convenções sociais, sendo, portanto, um ato ilícito. Por outro lado, a palavra “coroa” possui aspecto polissêmico, em que, a princípio, faz-nos observá-la como um objeto, visto que pode ser vislumbrada como uma palavra ligada à nobreza, sendo um objeto de desejo em que apenas indivíduos merecedores, por aspirações genéticas, podem possuir. Os efeitos de sentido do entrelaçamento das palavras “golpe *versus* coroa” encaminham para a ideia de algo ilícito, materializado pelo desejo de um objeto. Quando se lê a metáfora “dar o golpe na coroa”, detectamos efeitos de sentido outros, a partir da opacidade do discurso, que mostram o litígio entre “golpe” e “coroa”, em que a superfície do discurso pode remeter a um ato ilegal, presente no desejo de obter um objeto.

O dizer do sujeito-paciente parece evocar o conhecimento hierárquico de parentesco com a mãe e, ao se colocar em um papel constrangedor, fica “indignado” por “acharem que era marido dela”. Contudo, ao falar de que acharam que estava dando um “golpe na coroa”

⁵⁷ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002.

remete aos significantes de “enganar uma senhora” que tem posses. Com essa possibilidade, a SDR15 faz emergir algo mais complexo, diante das perspectivas psicanalíticas, o desejo incestuoso da mãe que “adorou” a situação. Os efeitos metafóricos apresentados fazem emergir saberes que ultrapassam os limites/fronteiras do que se pode/deve dizer, de acordo com a FD heterossexual e a ideologia heteronormativa. A possibilidade de “enganar alguém”, constituída pela paráfrase da SDR15, toma novas proporções quando se adentra a questão familiar e os afetos envolvidos. Os efeitos metafóricos permitem a compreensão de novos sentidos, que deslizam por entre os significantes e as interpretações realizadas pela expressão enunciada pelo sujeito-paciente.

A intensificação das questões morais, definidas socialmente pelos fatores hierárquicos parentais, continua, uma vez que, o enunciado do sujeito-paciente faz alusões a uma inversão de papéis na relação com a mãe, de filho a marido. Na SDR15, o dizer “teve uma vez que acharam que eu era marido dela” remete à condição de marido no lugar de filho, o que encarece a condição inconsciente apresentada na circunstância investigada, mantendo as CPs voltadas ao poder do outro/mãe.

O enunciado “Você acredita” traz uma contestação sobre o que seria provável em uma relação comum entre mãe e filho, pois, mesmo sem a negação (não), é notório que o uso dessa expressão faz deslizar os significantes. O relato de que a mãe “começou a apresentá-lo como se fosse marido dela” parece não “naturalizado” pelo sujeito-paciente. A não naturalização das atitudes do outro/mãe, dentro de nossas perspectivas analíticas, contribui para que a presença de questionamentos sobre as concepções de aceitável e/ou inaceitável quanto aos pré-construídos familiares. Além disso, o riso do sujeito-paciente parece expressar certo contentamento ou orgulho ao ser posto no lugar social de marido, o que sugere uma ambivalência de sentidos. Tradicionalmente, o filho possui uma mãe e um pai, estabelecendo um papel social na instituição familiar. A possibilidade de o filho desempenhar outro papel entra em confronto com a lei moral da sociedade, visto que o indivíduo constitui-se e tem discernimento do que é, ética e moralmente, aceito ou não.

Ao pensarmos em questões de aceitação, esbarramos em estruturas pré-concebidas e estabelecidas durante séculos, o que viabiliza as relações em sociedade. Em nossa análise, explicamos a teoria do Complexo de Édipo e a complexidade dessa noção na contemporaneidade. Freud (1990a), ao iniciar suas contribuições para a Psicanálise, conceitua a sexualidade como algo presente no ser humano desde sua tenra idade, concebendo que a criança demonstra desejo. Salientamos que a concepção de sexualidade infantil relaciona-se à compreensão da internalização das relações objetais (parentais).

A relação incestuosa entre filho e mãe é uma forma metaforizada do desejo do filho, enquanto criança, de se colocar no lugar do objeto amado pela mãe, sem ter a concorrência do outro, assim, não tendo lugar para o pai. O conflito inconsciente entre pai e filho torna-se profícuo, no momento em que o filho concebe, em sua constituição egoica, a condição de submissão aos pais, havendo, em termos psicanalíticos, a triangulação necessária e constitutiva do sujeito. Em uma leitura de Lacan, Zimmerman aborda a importância “da passagem da díade fusional para a interrelação triangular; isto é, gradativamente substituir a ‘lei do desejo’ (mãe) pelo ‘desejo da Lei’ (pai)” (2007, p. 235), sendo o psicanalista, o facilitador do começo da simbolização ao se portar como uma espécie de objeto transicional.

O dizer do sujeito-paciente traz a gradação de sua constituição que pode ser associada à triangulação/identificação com a mãe, explicada pela teoria, pois ao relatar que “Eu acho que eu faço o tipo da minha mãe” (SDR15), notamos traços de sexualidade e identificação com o desejo da mãe. A paráfrase “me enquadro” caracteriza a idealização do outro/mãe. Não podemos esquecer que este dizer, (re)produzido pelo sujeito-paciente, por um deslize, relata algo que não parece comum e intenta um *insight*⁵⁸ afetivo, interpretado a partir da utilização da palavra “Nossa!”.

Para Lacan, a psicanálise consiste em um processo dialético, pelo qual o paciente traz a sua *tese*, o analista propõe uma *antítese*, daí surge uma *síntese* (*insight*) que leva a novas teses, sendo que a transferência somente surgindo quando, por alguma razão, esse processo dialético é inoperante. Assim, para ele, não é uma interpretação que põe em marcha a análise, mas, sim, é a reversão dialética do processo, por intermédio de um trabalho com os *significantes* e os *significados*. (ZIMMERMAN, 2007, p. 335)

A partir desse entendimento, notamos que o discurso do sujeito-paciente rememora uma tese, a de que ele “faz o tipo da mãe, a antítese de que “não pode ser o tipo da mãe” e a síntese, fica no nível mental, no registro simbólico, e não é falado ao sujeito-terapeuta. Ao enunciar “Me passou uma coisa pela cabeça. Deixa pra lá, deixa.”, entendemos que houve condições para que o conteúdo inconsciente viesse ao consciente, pois, no *setting* terapêutico, o processo dialético é permeado pelas formulações inconscientes e o dito e/ou não-dito produz igualmente efeitos de sentido. No final da enunciação da SDR15, o dizer “me passou uma coisa pela cabeça” parece ser uma explicação do que foi barrado, talvez o *insight* tenha trazido a simbolização de algo que não possa ser dito em palavras. Uma possível paráfrase

⁵⁸ O *insight* acontece quando o paciente toma consciência de algo, “é obtido em consequência das interpretações, tornando conscientes impulsos, sentimentos, medos, fantasias e desejos, especialmente quando se manifestam na relação transferencial” (CORDIOLI, 2011, p. 25).

para a expressão citada é “surgiu um pensamento”. Assim, algo inesperado emerge, o que nos faz emaranhar as difusões dos conhecimentos relacionados à proibição moral de qualquer ato libidinoso para com o outro/mãe, vindo do Outro.

O fotograma da cena, que representa a SDR15, auxilia em nosso gesto de interpretação, visto que o sujeito-paciente está em primeiro plano e sua expressão é evidenciada. Observamos a cabeça levemente inclinada, um leve sorriso, um olhar semicerrado, parecendo haver uma tensão entre o que diz e expressa no corpo. Entendemos que o semblante confuso pode relacionar-se a tomada de consciência desse desejo, desse desejo do outro/mãe, um sintoma de que algo emergiu, a verdade inconsciente. Encontramos uma das formas do inconsciente, um possível lapso, que se expressa no discurso do sujeito-paciente e se apresenta condensado metaforicamente.

A partir das análises das SDRs e dos efeitos metafóricos produzidos pelo discurso do sujeito-paciente, abordamos diferentes apreensões da vida fictícia do personagem. Em nosso gesto de interpretação, compreendemos que os enunciados apresentam fatos que configuram suas duas vidas – heterossexual e homossexual –, também a forma conflituosa de se relacionar tanto em espaços públicos quanto privados, além de permitir nosso acesso ao domínio do inconsciente através da relação/submissão do sujeito-paciente aos desejos do outro/mãe. Observamos o uso dos efeitos metafóricos e suas possíveis substituições no quadro abaixo.

Quadro 3. Metáforas presentes no segundo episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR10	Quando eu saí daqui, na semana passada, eu saí com uma angústia , uma vergonha tão grande de mim.	Quando eu saí daqui, na semana passada, eu saí com uma aflição , um acanhamento tão grande de mim.
SDR11	Quando eu te contei do meu relacionamento com o Guto, você continuou me olhando do mesmo jeito. Ahn! Você não é nada meu e você me aceitou .	[...] Você não é nada meu e você me acolheu . [...] Você não é nada meu e você me suportou .
SDR12	Aqui é o único lugar que eu vivo as duas vidas .	Aqui é o espaço exclusivo que eu tenho duas identidades / que eu existo .
SDR13	Eu queria tanto assumir o Guto, mas, ao mesmo tempo, eu não quero perder meu trabalho, minha vida e ter tudo isso ao mesmo tempo é impossível.	Eu queria tanto revelar o Guto,... / Eu queria tanto aceitar o Guto,...
SDR14	Você acha errado eu ser gay?	Você acha certo eu ser gay?
SDR15	Ela (mãe) me quer do lado dela, só pra ela. Ela adora circular com o filho bonitão. Teve uma vez que acharam	Teve uma vez que acharam que eu era marido dela, que eu tava enganando uma senhora . Ahn! Eu fiquei indignado, mas

	que eu era marido dela, que eu tava dando o golpe na coroa . Ahn! Eu fiquei indignado, mas ela adorou. Eu acho que eu faço o tipo da minha mãe. Nossa! Que a... Me passou uma coisa pela cabeça . Deixa pra lá, deixa.	ela adorou. Eu acho que eu me enquadro . Nossa! Que a... Me veio um pensamento .
--	---	--

6.3. AS NOÇÕES PSICANALÍTICAS

Nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos são conduzidos por desejos inconscientes, que podem ser analisados, no *setting* terapêutico, por psicanalistas e/ou terapeutas. A Psicanálise engloba a terapia psicanalítica e demais psicoterapias que se vinculam teoricamente. Freud, por muito tempo⁵⁹, fez uso da terapia psicanalítica, diferenciando-a de outras psicoterapias. Para trabalhar com certas noções, apresentamos tendências teóricas contemporâneas, uma vez que a Psicanálise não trabalha apenas sob o viés freudiano e/ou lacaniano. Nesse capítulo, tratamos de conceitos básicos da Psicanálise como: consciente, inconsciente e pré-consciente, Id, ego e superego, além de formações do inconsciente.

No início do século XX, Sigmund Freud, um médico neurologista, cria a ciência chamada Psicanálise que tem como objeto de estudo o inconsciente, fonte de energias, desejos reprimidos e velhas lembranças. O paciente é analisado através da fala e da associação livre dos pensamentos. Alguns conceitos são peças-chave para o entendimento do funcionamento psíquico dos sujeitos. Na concepção de Freud (1996b), há uma diferença entre instinto e pulsão. O instinto refere-se, aos padrões hereditários de comportamento animal, típicos de cada espécie. Já a pulsão é inata e aponta para as necessidades biológicas que insistem em ser descarregadas, estando situada na fronteira entre o mental e o somático (FREUD, 1996b).

Inicialmente, o autor trata da pulsão do ego como a função de “autopreservação” e as pulsões sexuais como de “preservação da espécie”. Depois, passam a existir as pulsões de vida (Eros), unificando as pulsões do ego e sexuais, e a pulsão de morte (Tanatos), ligada à metapsicologia com uma “compulsão à repetição” de uma energia psíquica, que tende ao inanimado, isto é, à morte (FREUD, 1996a). Além disso, temos diferentes princípios agindo em nosso ser, são eles: princípio de prazer e da realidade, relacionado à gratificação imediata, sem levar em conta a realidade exterior; princípio da constância que busca a obtenção da menor tensão psíquica possível seja por evitação de estímulos desprazerosos ou descarga que

⁵⁹ Encontrado nos textos: O Porvir das Terapias Psicanalíticas (1910), Terapia Analítica (é o título de um dos capítulos de Leituras Introdutórias, de 1916) e Os Caminhos da Terapia Analítica (1919).

possibilite o equilíbrio; princípio da compulsão à repetição, conectado à intensa força interior do indivíduo na tentativa de elaborar ativamente aquilo que é sofrido passivamente; e, princípio do determinismo psíquico, tratando o acontecimento psíquico como algo determinado por outros que o precederam, não havendo descontinuidade na vida mental, ou seja, nada acontece ao acaso ou de modo fortuito.

Depois de trazer esses conceitos, passamos para o modelo topográfico do aparelho psíquico, no qual se discutem os níveis de consciência. Para Freud (1900b), a vida psíquica é uma evolução incessante de forças elementares, antagônicas, compostas ou resultantes, com um conceito dinâmico do psiquismo, sendo que seu aparelho serve para organizar as instâncias psíquicas com funções específicas. Explicamos brevemente o modelo topográfico ou os três níveis da consciência de Freud (1990b), constituído pelo consciente, pré-consciente e inconsciente. O intuito das análises realizadas por Freud condizia com a necessidade de tornar consciente o que estivesse no nível inconsciente. Para o autor, o consciente é a parte do funcionamento psíquico que tem a função de receber informações das excitações exteriores e interiores que ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer ou desprazer que elas provocam. Este sistema não retém esses registros e representações, pois apenas armazena fatos que fazem o sujeito pensar, sentir, falar.

O pré-consciente tem os conteúdos acessíveis à consciência, elementos estes que estão em movimento, pois sua função é selecionar os registros como uma barreira que seleciona aquilo que pode ou não chegar ao consciente. Ele é um pequeno arquivo que tem a função de conter as representações simbólicas e as inscrições mnêmicas⁶⁰ de palavras que foram significadas pela criança. Também é constituído por ideias inconscientes que podem se tornar conscientes, podendo ser encontradas nos sonhos ou nos atos falhos.

O inconsciente apresenta o verdadeiro psiquismo, sendo a parte mais arcaica do aparelho psíquico por conter as fantasias primitivas, os conteúdos reprimidos, sem acesso ao pré-consciente/consciente, pela ação de censura interna. Ele opera no processo primário, o princípio do prazer (busca de descarga imediata da energia psíquica, sem querer saber de mais nada – nem do real, nem do outro – o desejo conduz o indivíduo a buscar o prazer e evitar a dor). Nele, não há relação com a realidade, ausência de cronologia e contradição (amor e ódio) e estão armazenadas as ideias, desejos e sentimentos recalcados, assim como todos os

⁶⁰ As inscrições mnêmicas são formas de representação de satisfações, excitações, desejos, registrados na memória através de uma ordem de processamento e descarga. O que foi registrado interferirá no comportamento e na vida adulta do sujeito, sejam essas inscrições inacessíveis ou posteriormente elaboradas (cf. FREUD, 1987).

fatos traumáticos que o sujeito não consegue recordar como defesa contra o sofrimento que a lembrança do fato traz. Para Freud:

Obtemos assim o nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do inconsciente. Percebemos, contudo, que temos dois tipos de inconsciente: um que é latente, mas capaz de tornar-se consciente, e outro que é reprimido e não é, em si próprio e sem mais trabalho, capaz de tornar-se consciente. Esta compreensão interna (*insight*) da dinâmica psíquica não pode deixar de afetar a terminologia e a descrição. Ao latente, que é inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, chamamos de pré-consciente; restringimos o termo inconsciente ao reprimido dinamicamente inconsciente, de maneira que temos agora três termos, consciente (Cs.), pré-consciente (Pcs.) e inconsciente (Ics.), cujo sentido não é mais puramente descritivo. O Pcs. acha-se provavelmente muito mais próximo do Cs. que o Ics., e desde que chamamos o Ics. de psíquico, chamaremos, ainda com menos hesitação, o Pcs. latente de psíquico. (FREUD, 1990b, p. 21)

A partir dessa síntese, lembramos que o inconsciente é o depósito de repressões secundárias e contém as representações de fatos impressos na mente da criança numa época em que ainda não haviam palavras para nomeá-las. Nesse sistema, operam as funções do Id como também as funções do Ego e do Superego. O Id é lugar onde está o desejo libidinal, as energias psíquicas e as pulsões que buscam a obtenção do prazer, coincidindo virtualmente com o inconsciente. O Ego tenta estabelecer equilíbrio entre os desejos do Id e as exigências da realidade e ordens morais do Superego, sob a influência da adaptação ao mundo externo. O Superego é o representante das regras morais, éticas e crenças constituídas pelas introjeções e identificações infantis relacionadas às proibições, às exigências e aos padrões de conduta dos pais, com o efeito gerador de culpas.

No interior do inconsciente estão os mecanismos de defesa, que são dinâmicos e utilizados pelo Ego para se defender da realidade. Citamos os que se mostram importantes para nosso trabalho, e são deles: o deslocamento, que é a mobilização e mudança de lugar de uma carga psíquica de uma unidade para outra (metáfora); a condensação, que é a união de vários elementos separados que tem certa afinidade como a produção de uma “figura coletiva” que reúne “feições reais de duas ou mais pessoas numa única imagem onírica” (FREUD, 1989, p. 199); a projeção, que remete aos impulsos agressivos projetados no outro; e, a identificação em que o sujeito se assimila com o outro. Lembramos que tanto na identificação como na projeção há o deslocamento.

Na psique humana ocorrem os sonhos que são compostos por um conjunto de ideias, imagens e palavras. Os sonhos podem ser oriundos de fantasias, ilusões e imaginações produzidas pelos desejos e conteúdos reprimidos do sistema psíquico. Freud (1989), na obra

“A interpretação dos sonhos”, apresenta a teorização e a análise de sonhos, tendo como tese central a ideia de que os sonhos são realizações de desejos possivelmente aceitáveis na vida. Ao relatar os sonhos, o autor expõe que eles surgem com dois fatores: primeiro, “com a necessidade de elaborar quaisquer ideias de que só tivesse tratado de modo superficial durante o dia – que tivessem sido apenas mencionados, e afinal não tivessem sido tratados”; e, segundo, “com a compulsão de vincular quaisquer ideias que pudessem estar presentes no mesmo estado de consciência” (FREUD, 1989, p. 6).

Geralmente, os sonhos são curtos e “as conexões são parcialmente absurdas, parcialmente imbecis, ou até mesmo sem sentido ou estranhamente loucas” porque existe o predomínio da compulsão à associação (FREUD, 1989, p. 257). Nesse sentido, os sonhos não são traduções simples, visto que há um trabalho de desmistificação do conteúdo. Além disso, o autor relata que “para cada compulsão existe um recalque correspondente e, para cada intrusão excessiva na consciência, existe uma amnésia correspondente” (1989, p. 267). Nesse sentido, a lembrança do sonho é uma intromissão de algo recalcado e desejado que vem à consciência. Desse modo, chegam ao consciente, representações desses desejos, que sofreram transformações pelos mecanismos de deslocamento e condensação.

Segundo Freud, os deslocamentos consistem “na substituição de alguma representação particular por outra estreitamente associada a ela em algum aspecto, e foram utilizados para facilitar a condensação”, sendo que “em vez de dois elementos, um único elemento intermediário comum a ambos penetra no sonho” (1987, p. 3). Além disso, pode surgir por uma “mudança da expressão verbal dos pensamentos” através de uma cadeia de associações em que “o resultado do deslocamento pode ser, num caso, a substituição de um elemento por outro, enquanto o resultado em outro caso pode ser o de um elemento isolado ter sua forma verbal substituída por outra” (FREUD, 1987, p.3). A conceituação de deslocamento, apresentada dessa forma, parece com a noção de metáfora descrita por Lacan (1999), visto que há a transferência de um significante por outro, mas sabemos que Freud conceitua deslocamento como metonímia. Conforme Freud:

É o processo de deslocamento o principal responsável por sermos incapazes de descobrir ou reconhecer os pensamentos oníricos no conteúdo do sonho, a menos que compreendamos a razão de sua distorção. [...] Os primeiros pensamentos oníricos [...] expressos; não se revestem da linguagem sóbria que costuma ser empregada por nossos pensamentos, mas, ao contrário, são simbolicamente representados por meio de símiles e metáforas, em imagens semelhantes às do discurso poético. [...] O conteúdo manifesto dos sonhos consiste, em sua maior parte, em situações pictóricas, e os pensamentos oníricos, por conseguinte, devem ser submetidos, em primeiro lugar, a um tratamento que os torne adequados a esse tipo de representação. (FREUD, 1989, p. 210)

O conteúdo manifesto do sonho é “conscientemente lembrado” e possibilita que o conteúdo latente chegue à consciência. O conteúdo latente não é consciente até que se realize uma análise, pois são informações e desejos disfarçados, deformados pela censura, e que precisam ser interpretados. Segundo Freud (1989, p. 170), “o afeto vivenciado no sonho pertence a seu conteúdo latente, e não ao conteúdo manifesto”, pois ele não sofre distorção das representações do conteúdo manifesto. No processo de transformar os pensamentos latentes em conteúdo manifesto de um sonho, temos dois fatores em ação: a condensação e o deslocamento do sonho. Para o autor,

[...] o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornaram-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. (FREUD, 1989, p. 189)

O autor dá importância para a explicação linguística do sonhador, pois a tradução do sonho passa pela relação simbólica. Essa tradução serve para trazer o conteúdo do sonho e conectar os fragmentos desconexos de imagens e pensamentos inalterados. Os pensamentos oníricos são compostos por relações lógicas que “representam primeiros planos e planos de fundo, condições, digressões e ilustrações, sequências de provas e contra-argumentações” que são condensados e deslocados para construir situações apropriadas (FREUD, 1989, p. 211). O sonho pode apresentar tanto elementos antigos como aqueles não significativos e “a explicação é que o deslocamento que substitui o material psiquicamente importante por material irrelevante (tanto nos sonhos como no pensamento) já ocorreu, nesses casos, no período primitivo de vida em questão, e desde então se fixou na memória” (FREUD, 1989, p. 127). O que condiz com a ideia de que não há controle das representações oníricas e do que será revelado ao consciente. Conforme o autor, as frases faladas nos sonhos são oriundas do material onírico e “um enunciado, num sonho, é frequentemente composto por vários enunciados relembrados, permanecendo o texto idêntico, mas sendo-lhe atribuídos, se possível, vários significados, ou um sentido diferente do original” (FREUD, 1989, p. 207), o que explica a ideia da existência de um deslocamento.

Na composição do sonho, as palavras podem ser deslocadas, visto que os significados atribuídos pelo sonhador podem ser transformados conforme sua compreensão das cenas

oníricas. Isso acontece porque “os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos (FREUD, 1989, p. 189). Existe uma transformação dos pensamentos oníricos para que seja inteligível, pois são muitas imagens e palavras distribuídas e que precisam ser conectadas para haver um sentido. Conforme o autor, “o trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nomes”, de maneira que “as palavras são frequentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas”, possibilitando os neologismos (FREUD, 1987, p. 201).

Nos sonhos, as imagens e palavras sofrem alterações de acordo com o campo imaginário e simbólico do sonhador, assim como pode ser transformado pelas lembranças e fatos efetivos do cotidiano. Para Freud, “a construção de figuras coletivas e compostas é um dos principais métodos por que a condensação atua nos sonhos” (1987, p. 200). As figuras compostas nos sonhos, que são identificadas e produzidas, têm a finalidade de: “em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum deslocado, e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente imaginário” (FREUD, 1989, p. 218). Assim, as representações dos pensamentos oníricos são substituídas no conteúdo do sonho por uma composição de detalhes que podem ser efeito da condensação, mas o deslocamento pode ser correlato, formando uma “entidade comum intermediária” que é resultado de um “paralelograma de forças” (FREUD, 1989, p. 209).

A consequência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente. Mas já estamos familiarizados com a distorção do sonho. Descobrimos sua origem na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. O deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais essa distorção é obtida. *Is fecit cui profuit*. Podemos presumir, portanto, que o deslocamento do sonho se dá por influência da mesma censura - ou seja, a censura da defesa endopsíquica. (FREUD, 1989, p. 209)

Assim como no sonho, Freud (1987) diz que na vida social trabalha a censura, por meio da utilização “da supressão e da inversão do afeto, principalmente para fins de dissimulação”. O sujeito, em uma conversa, pode não querer expressar o seu afeto, fazendo-se ocultar o desprezo presente em seus pensamentos. Nesse sentido, “a censura me ordena, acima de tudo, a suprimir meus afetos; e, se eu for um mestre da dissimulação, fingirei o afeto oposto – sorrirei quando estiver zangado e parecerei afetuoso quando desejar destruir” (FREUD, 1987, p. 91). Como a dissimulação, o sonho é “uma coisa passível de ser

representada”, traduzida por expressões abstratas que podem servir aos “interesses da condensação e da censura” (FREUD, 1989, p. 189). Dessa forma, a representação de uma coisa,

Como qualquer outro tipo de deslocamento, ela pode atender aos propósitos da censura, mas é também, com frequência, um produto da realização de desejo, pois esta não consiste em nada além da substituição de uma coisa desagradável por seu oposto. Tal como as representações de coisa podem aparecer nos sonhos transformados em seu oposto, o mesmo pode acontecer com os afetos ligados aos pensamentos oníricos; e parece provável que essa inversão do afeto seja ocasionada, em regra geral, pela censura onírica. (FREUD, 1987, p. 91)

A partir do sonho, podemos chegar a uma conclusão dos pensamentos oníricos, de maneira que sua compreensão pode ser aceitável ou absurda ao sujeito. Esse efeito de tradução do sonho retrata o disfarce dos desejos, uns recalcados e outros deslocados, atravessados pelo trabalho da censura onírica. Para Jorge, “se todo sonho é a realização de um desejo, a fantasia é o suporte do desejo” e isso se relaciona ao núcleo do sonho, que é constituído pela fantasia inconsciente (2010, p. 205). Para o autor, “a mesma ação da fantasia inconsciente, em torno da qual o sonho e o devaneio (fantasia consciente) se constroem, irá constituir para o sujeito, na vida de vigília, sua relação com a realidade” e, assim, constitui a realidade psíquica do sujeito (JORGE, 2010, p. 205).

Na concepção de Freud, “a direção em que avançam as condensações no sonho é determinada, de um lado, pelas relações pré-conscientes racionais entre os pensamentos oníricos e, de outro, pela atração exercida pelas lembranças visuais do inconsciente” (1989, p. 170). Dessa forma, a parte psíquica consciente busca fazer ligações entre as representações do sonho, através do que foi permitido lembrar. Contudo, “os pensamentos mutuamente contraditórios não fazem qualquer tentativa de anular uns aos outros, mas subsistem lado a lado” e, ainda, “combinam-se frequentemente para formar condensações, como se não houvesse nenhuma contradição entre eles, ou chegam a formações de compromisso que nossos pensamentos conscientes nunca tolerariam, mas que são amiúde admitidos em nossas ações” (FREUD, 1989, p. 171). Entendemos que a barreira criada pelo pré-consciente bloqueia a passagem de algumas representações que são difíceis de admitir conscientemente.

Em geral, não há garantia de exatidão de nossa memória, mas, mesmo assim, cedemos à compulsão de dar crédito a seus dados com muito mais frequência do que seria obviamente justificado. A dúvida sobre a exatidão do relato de um sonho ou de certos pormenores dele é também um derivado da censura onírica, da resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência. Essa resistência não se esgotou nem mesmo com os deslocamentos e substituições que ocasionou; persiste sob a

forma de uma dúvida ligada ao material que foi admitido [na consciência]. (FREUD, 1987, p. 120)

Notamos que os mecanismos de deslocamento e de condensação trabalham nos sonhos para que os desejos recalçados possam ser elaborados e aceitos pelo consciente, sendo que a censura e a resistência delimitam o acesso a esses conteúdos. Lacan também trabalha com essa junção conceitual e acrescenta que esses mecanismos surgem pela expressão da linguagem, sendo o deslocamento visto como metonímia e a condensação como metáfora. Para o autor, esses mecanismos podem intervir nos desejos do sujeito e produzem a ruptura entre o significante e o significado, visto que se interpõe um novo significante. No sonho, um conjunto de significantes novos é inserido entre o significante do sonho manifesto e o significado inconsciente. Diz-nos Lacan:

Com efeito, nem todo desejo é suscetível de entrar no inconsciente. Só entram no inconsciente os desejos que, por terem sido simbolizados, podem, ao entrar no inconsciente, conservar-se em sua forma simbólica, isto é, sob a forma do trago indestrutível cujo exemplo Freud retoma no *Witz*. São desejos que não se desgastam, que não tem o caráter de impermanência próprio a toda insatisfação, mas que, ao contrário, são sustentados pela estrutura simbólica, que os mantém num certo nível de circulação do significante, [...] devendo ser situado, nesse esquema, no circuito entre a mensagem e o Outro, onde ele ocupa uma função variável conforme as incidências em que se produz. E por essas mesmas vias que devemos conceber o circuito rotativo do inconsciente, na medida em que ele está sempre pronto a reaparecer. (LACAN, 1999, p. 97)

Assim como o desejo pode estar em contato com o inconsciente, a metáfora tem condições de produzir novos sentidos através dos significantes que tomam emprestados alguns circuitos originais do inconsciente. Essa estrutura simbólica é a do sujeito, porque “nela deve operar um certo número de instâncias, mas só a reconhecemos através do fato de que o que acontece no sonho fica sujeito às modalidades e às transformações do significante, as estruturas da metáfora e da metonímia, da condensação e do deslocamento” (LACAN, 1999, p. 282). Por isso, a lei do significante permite a expressão do desejo no sonho através dessa estrutura simbólica. A metáfora também é uma constituição simbólica, por ser constituída pela linguagem e permitir a produção discursiva. O sonho vem do desejo, sustentado pela fantasia, de maneira que o real envolve-se no sonho. Para Lacan (1999), ao acordar, o sujeito continua dormindo, ou seja, permanece fantasiando.

No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer

se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. (LACAN, 1988, p. 29-30)

O inconsciente aparece através do sonho, do ato falho e do chiste, pelo tropeço do sujeito, pelo deslize apresentado e revelado ao consciente. O sonho tem a função de prolongar o sono e de aproximar o sujeito da realidade que o provoca. Pelo sonho, o sujeito realiza seu desejo, e fantasia⁶¹. Essa fantasia inconsciente constrói a realidade do sujeito através da vigília e serve de sustentação do desejo. Para Lacan, “na fantasia, frequentemente o sujeito é despercebido, mas ele está sempre lá, quer seja no sonho, no devaneio, e não importa quais formas mais ou menos desenvolvidas. O sujeito se situa a si mesmo como determinado pela fantasia” (1988, p. 175). Segundo o autor, o sonho combina simbólico e imaginário, contudo, tropeça no real. Nessa complexa cadeia de significantes, constituem-se a metáfora, o sujeito e o discurso em relação com o outro/semelhante e também com o Outro, pelo atravessamento do inconsciente. A seguir, vamos às análises que versam sobre o domínio do inconsciente a que está subjugado o sujeito.

Aos 3’ do episódio três, Felipe conta da trilogia de sonhos, ocorrida em três noites seguidas. Felipe relata que no primeiro sonho, casaria com Guto e a mãe estava levando-o para o altar, mas, ao olhar novamente, seu pai está no lugar do Guto e, no altar, a mãe estava vestida de noiva. Após, ele e Guto moram debaixo de um viaduto e uma onda gigante os arrasta, separando-os. No segundo, Felipe diz estar com Guto em uma praia, entram em uma casa e começam a transar, e continua “só que de repente eu tava do lado da cama e quem tava transando com o Guto era minha mãe”. Ele expõe: “nunca tinha tido esse tipo de sonho com a dona Carmen”, “porque dentro do sonho, eu ficava com nojo de mim, eu ficava olhando e sabia que era minha mãe, mas ao mesmo tempo eu não conseguia parar de olhar.” Finaliza dizendo: “eu fui ficando cada vez mais nervoso, angustiado e, ao mesmo tempo, foi me dando um ciúme e aí, shhh, acordei.”. O terceiro sonho, Felipe conta estar “morando numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro” e todos podiam vê-los casados. Felipe relata sorrindo que o terapeuta era vizinho deles e os convidava para almoçar. Ao saírem da casa, “a casa de vidro se espatifava, quebrava toda”, “o Guto também era de vidro” e “não conseguia juntar os cacos e começava a chorar e... isso é horrível”. Aos 6’, Felipe interpreta seu sonho: “Se eu ficar com o Guto, eu vou ficar na miséria. Se eu tentar um acordo entre ele e minha mãe, ela vai tirar ele de mim. E a vida com ele não vai durar, vai ser frágil

⁶¹ A fantasia possibilita que o sujeito sustente o seu desejo passageiro.

que nem vidro.”. O terapeuta pergunta de quem Felipe teve ciúme no segundo sonho e a resposta irritada de que era do Guto.

O primeiro sonho do sujeito-paciente apresenta um possível deslocamento em que Guto transforma-se na mãe. Esse deslocamento poderia ser uma forma de privar, censurar o desejo do sujeito-paciente de casar/relacionar-se com o sujeito-namorado Guto. A imagem da igreja é descrita com um “corredor enorme” e sabemos que não são feitas cerimônias de casais homoafetivos nas religiões cristãs. Essa pode ter sido a maneira da censura intervir, deixando o desejo aparecer, mas a realização não se efetivar. No testemunho do sonho, notamos a ideia de que se ficarem juntos – sujeito-paciente e sujeito-namorado – viverão na pobreza, pois se encontram debaixo do viaduto e ainda são separados. A imagem da onda gigante que os separa, faz-nos refletir sobre a censura existente e o poder das práticas discursivas que mantêm a ideologia heteronormativa, interferindo na união de duas pessoas do mesmo sexo.

No segundo sonho, temos a leveza inicial ao ser representada uma praia e a relação harmoniosa do casal. Contudo, a cena se desfaz ao surgir a mãe, esse outro que faz parte também da construção do Outro. A mãe interfere no sonho, adentrando nos pensamentos oníricos do sujeito-paciente, fazendo-o ficar paralisado, mas repleto de sentimentos/emoções – nervoso, angustiado, com ciúme – da situação a ele revelada. Lembramos que os afetos permanecem na psique do sujeito, mesmo que as palavras e imagens pictóricas façam ou não sentido. Atemos a pressão afetiva que fez o sujeito-paciente acordar. Para Lacan (1999), o acordar do sujeito ocorre no sonho de angústia quando o real intervém no sonho. Ao fantasiar, o sujeito-paciente tem, em sua realidade psíquica, uma projeção do simbólico e do imaginário, atravessado pelo real que o faz despertar. Vamos à análise da SDR16:



Fotograma 16. Sujeito-paciente enuncia vagarosamente seus afetos.

SDR16 – Nunca tinha tido esse tipo de sonho com a dona Carmem. Foi muito estranho! Porque **dentro do sonho**, eu ficava com nojo de mim, eu ficava olhando e sabia que era

minha mãe, mas ao mesmo tempo eu não conseguia parar de olhar... E aí, eu fui ficando cada vez mais nervoso, angustiado e, ao mesmo tempo, foi me dando um ciúme e aí, shhh, acordei.

Observamos, na SDR16, o testemunho do sonho como algo que está “dentro”, no interior de sua psique, que o faz pensar em algo antes não revelado. Um ponto crucial a ser expresso em uma sessão de terapia, uma exposição, um sentimento, talvez traumático. Segundo Mariani, “o testemunho é da ordem do memorável, esse é um dos seus aspectos. Dar um testemunho aponta para um falar urgente, para o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem” (2016, p. 50-51). Por ser da ordem da memória, que é lacunar, o testemunho traz a tensão existente entre o lembrar e o esquecer, de dizer o que (não) se queira. Explica-nos a autora:

Um sonho é algo que não se espera, não se imagina que vá acontecer do modo que acontece. Não há como ser antecipado: um sonho simplesmente é. Nem simbólico nem imaginário dão conta do sonho, porque ao contarmos o sonho, ele já se torna outra coisa. No sonho, o sujeito é autor e testemunha simultaneamente. Só o sujeito sonhador, em sua singularidade, pode dar o testemunho de seu próprio sonho. Com o relato do sonho, tem-se no só-depois o testemunho do sonhador, o testemunho de uma singular experiência com o real. (MARIANI, 2016, p. 58)

Essa experiência única, permitida ao sujeito, configura uma nova visão do sonho. Isso se dá pela presença do real, que escapa à inscrição do simbólico. Ao relatar, o sujeito, fadado a interpretar, busca sentidos possíveis para significar sua vivência onírica. Trabalha o imaginário do sujeito junto ao simbólico para tramar uma história que, muitas vezes, é absurda. Há uma possível lógica criada, permeada pelos processos metafóricos e metonímicos, que movimenta os significantes para produzir efeitos de sentido. Esses significantes possuem uma lógica própria e não trazem sentido até que se estabeleça a relação S1... S2.

O dizer do sujeito-paciente apresenta a insatisfação de relatar o que não foi vivido, mas presenciado oniricamente. Não há como escapar ao real, ele adentra a psique e faz acontecer algo não imaginado. A presença da mãe junto ao namorado, em uma ação não esperada, uma relação sexual. A exposição rememora a ideia de que os sentimentos estão presentes e fazem o sujeito-paciente reviver a cena. O que causa estranheza e distanciamento aparece pelo enunciado “dentro do sonho”, pois o sujeito-paciente desliza para fora, como se pudesse se separar disso. Uma resistência para que esse fato não adentre seu imaginário, um desejo ilusório de se distanciar.

Esse desejo de afastamento dos afetos parece estar no plano enunciativo da cena, pois o sujeito-paciente está em primeiro plano, com a cabeça baixa, olhos semicerrados e a voz sai lenta. Seu semblante parece expor o conflito enunciado, o que pode se relacionar à imagem desfocada no canto direito da tela e à opacidade da linguagem. Algo precisa ser traduzido, dissipando a angústia sentida, assim como na SDR10. O afeto, sentido no corpo, mantém-se mesmo após o término do sonho e, ao revivê-lo, significa pelo termo “nojo” que deixa o sujeito-paciente “nervoso, angustiado” e o faz despertar. Essa angústia, presente no sonho, pode gerar o sintoma que “é uma determinação paterna, como significação e satisfação, que recai sobre o mal-estar, nomeando-o e estabelecendo a gramática na qual o sofrimento que ele veicula pode ser reconhecido como demanda suprimida, inarticulada ou informulada” (DUNKER, 2011, p. 121). Um sofrimento, uma tensão que desperta o sujeito-paciente, pela dificuldade de aceitar o recordado. A expressão “foi muito estranho”, da SDR16, é entendida como uma forma de representar algo incomum, inusitado que se relaciona ao outro/mãe.

Ao tratarmos como um efeito metafórico a expressão “dentro do sonho”, temos a possibilidade de movimentação dos significantes e da construção da paráfrase “na experiência onírica”, permitindo que se compreenda o relato do sujeito-paciente. Contudo, estar dentro é intenso, significa não poder fugir, escapar do que presencia, um sintoma apreendido. Um outro/mãe estranho que penetra e interfere em seu desejo, em sua relação amorosa, sem pedir permissão. O real como o impossível, não simbolizado, é apreendido pelo consciente. O sujeito-paciente, alienado ao estabelecido, encontra-se com o inconsciente que representa algo (não) pensado. A ilusão de poder controlar seu nervosismo, sua angústia se desfaz ao rememorar/contar o sonho. Por ser um fenômeno de borda, a angústia traz o impensável, o inesperado, uma ação do objeto causa do desejo, ameaçando o Outro (LACAN, 2005). A angústia pode operar na construção/desconstrução da cena fantasística em que o sujeito-paciente enquadra o objeto querido pelo Outro. Notamos a construção de uma cena absurda que acontece pela fantasia inconsciente.

No terceiro sonho, temos a apresentação da relação homoafetiva constituída na presença do sujeito-terapeuta. A metáfora do vidro quebrado constrói uma ruptura entre o que se via e presenciava. No Seminário I, Lacan relaciona o espelho e o vidro, dizendo: “Imaginem que esse espelho é um vidro. Vocês se veem no vidro e veem os objetos além. Trata-se justamente disso – de uma coincidência entre certas imagens e o real.”, sendo que “os objetos reais, que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário” (1986, p. 165). Essa relação serviu para mostrar a atuação, no mesmo nível, do imaginário e do simbólico, ou seja, “é a relação simbólica que define a posição do

sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário.” (LACAN, 1986, p. 165). A estruturação imaginária do sujeito dependerá da satisfatória relação com o outro, pois “o próprio da imagem é o investimento da libido” que é “aquilo através de que um objeto se torna desejável” (LACAN, 1986, p. 165).

Entendemos que o sujeito é permeado pelas funções do simbólico e do imaginário, constituindo sua relação com o outro e o seu desejo. Nessa explicação, Lacan (1986) faz analogia entre o espelho plano como o ideal de eu⁶² e a imagem virtual como o eu ideal⁶³, tratando do fenômeno do amor e da paixão. Para o autor, esse fenômeno seria uma projeção da imagem originada da ilusão e o objeto real estaria atrás do espelho/vidro. De acordo com o terceiro sonho relatado, na SDR17, os sujeitos – paciente e namorado – estariam além da visão do sujeito-terapeuta e este estaria atrás do vidro e, na SDR18, o sujeito-namorado é projetado, distanciando do sujeito-paciente. Essa noção também se relaciona à imagem virtual criada pelo outro especular, de maneira que os desejos são reconhecidos pelo desejo do outro. Nas palavras de Lacan, “o Ich-Ideal, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária” (1986, p. 166). Partimos para a análise das SDRs 17 e 18:



Fotograma 17. Sujeito-paciente esboça estranheza ao falar o seu sonho.



Fotograma 18. Sujeito-paciente enuncia e tem olhar vago.

SDR17 – Eu e o Guto, a gente tava morando **numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro**. Todo mundo que passava podia ver a gente. Aí eu tava casado

⁶² O ideal de eu/ego é um fator estruturante do psiquismo, constituído pelos primeiros movimentos identificatórios e pelo projeto do que poderá ser. Predomina o sentimento de vergonha frente a eventuais fracassos.

⁶³ O eu/ego ideal é o herdeiro do narcisismo primário e funciona no plano imaginário, alicerçado na fantasia onipotente, ilusória, de maneira que ter é igual a ser. Predomina o sentimento de humilhação.

com o Guto e, de repente, batiam na porta, eu ia abri. Aí é o grande momento pra você. (sorri) Você aparecia e dizia que era nosso vizinho, eu dizia que eu e o Guto, a gente era casado.

SDR18 – Quando a gente saía com você, **a casa de vidro se espatifava, quebrava toda**. Aí quando olhava pro Guto, **o Guto também era de vidro** e ele começava a quebrar que nem a casa. Aí eu não conseguia **juntar os cacos**, eu começava a chorar e... isso é horrível.

A partir da observação dos fotogramas, a SDR17 traz o sujeito-paciente em primeiríssimo plano, com enquadre e apresentação nítida da expressão do rosto, o que dá a intensidade dramática. Esse foco permite-nos compreender a estranheza em seu olhar, como se estivesse revelando seus sentimentos e pensamentos. Na SDR18, após a demonstração de certa surpresa ao enunciar, mantém os olhos semicerrados, parecendo buscar um sentido para o que está sendo dito e foi vivido oniricamente. Esses detalhes podem estar relacionados à dificuldade de dizer o que aconteceu, o que acometeu seu corpo quando teve a experiência do sonho. A expressão vaga do sujeito-paciente, assim como o espaço desfocado à direita podem ter conexão com essa não transparência, essa opacidade da imagem relacionada à linguagem, ao retorno da verdade, à forma como é composto o dizer, remetendo aos pré-construídos da insegurança criada em torno de um casal homoafetivo, que vêm à consciência do sujeito-paciente.

Na SDR17, a relação entre os sujeitos – paciente e namorado – está definida no sonho, eles moram juntos, eram casados. Até este momento, é um relato comum, mas ao dizer que vivem “numa casa de vidro”, surge o estranhamento no próprio dizer do sujeito-paciente. Talvez a não compreensão do significado de tal expressão do inconsciente tenha sido percebida. Um lugar todo de vidro, visível aos olhos de todos, o que remete à não existência de privacidade. O inusitado parece ter invadido a consciência do sujeito-paciente, de forma que o real adentra seu eu e traz à tona uma nova realidade. A casa de vidro, que todos podem ver, remete à ilusão e ao desejo, projetados na representação do objeto. Para além da casa, está o olhar do outro, que tudo vê, mas não toca. A casa é um objeto tornado real, originado da fantasia imaginária.

De acordo com Lacan, é necessário que haja uma condição de realização do imaginado “para que a ilusão se produza, para que se constitua, diante do olho que olha, um mundo em que o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o imaginário” (1986, p. 97). O que situa o imaginário nesse sonho é a construção da casa, incluindo o real pela possibilidade de olhar além. Na SDR17, o sujeito-paciente testemunha o que vê em seu sonho, pois “as paredes, o chão, os

móveis” são de vidro. É a função simbólica trabalhando através da palavra para definir o que foi construído no imaginário. O vidro⁶⁴, conforme a definição dicionarizada é “corpo sólido, transparente e frágil, que se obtém fundindo areia siliciosa com potassa ou soda; objeto ou artefato feito com essa substância”. Pela significação, notamos que essa possível casa pode ser real, como uma vitrine de uma loja que expõe mercadorias, manequins. As pessoas somente olham, mas não interferem no que é olhado, como no caso da casa, temos apenas a exposição da vida do casal, dos sujeitos – paciente e namorado.

Na continuidade, surge um sorriso e o relato do sujeito-paciente na presença do sujeito-terapeuta e o acontecimento de sair da casa. Contudo, após a estranheza, surge a surpresa ao falar da fragmentação da casa. Na SDR18, a casa “se espatifava, quebrava toda” e “o Guto também era de vidro e ele começava a quebrar que nem a casa”, ou seja, a fragilidade do corpo sólido aparece e se fragmenta em pedaços. Ao analisar as definições de espatifar⁶⁵ – “espedaçar; rasgar, fazer em retalhos” – e quebrar⁶⁶ – “fazer(-se) em pedaços; dividir(-se) em partes, geralmente por ação de impacto ou violência; causar ou sofrer fratura; desviar da sua direção original; causar grande abalo emocional” – temos a noção de algo que se desfaz. A surpresa pode estar na desconstrução da ilusão de uma vida transparente e sólida que sofre com a interferência do mundo real, das pessoas, das práticas discursivas apresentadas na sociedade.

Podemos, por paráfrases, constituir enunciados como “a casa se despedaçava, partia” ou “a casa se esvaçava, fragmentava” e o “Guto era frágil”. Todas essas construções reforçam a ideia de que a delicadeza do vidro, que protege a relação homoafetiva, não cria o resguardo necessário. Essa possível fragmentação pode estar relacionada à inscrição do sujeito-paciente na ideologia heteronormativa, que não permite que sejam ditos determinados enunciados, ou seja, (não) se pode/deve dizer fatos referentes a relacionamentos de pessoas do mesmo sexo. Ao se quebrar, temos a ideia de que algo se desfaz, não só a casa como também o sujeito-namorado que é frágil e parece impossível “juntar os cacos” que o constituíam. Aqui podemos rememorar a questão da projeção, ligada à agressividade projetada no outro, ou seja, quando o sujeito-namorado se quebra, perde-se a identificação com o mesmo e o sujeito-paciente fica sozinho. Como existe amor, o objeto virtual, a imagem fantasiada do sujeito-namorado real também se desfaz no sonho, sobram “os cacos”, um espectro desse outro.

⁶⁴ Vidro. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/vidro>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

⁶⁵ Espatifar. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/espatifar>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

⁶⁶ Quebrar. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/quebrar>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Em nosso gesto de interpretação, notamos o corte realizado pela saída dos sujeitos – paciente e namorado – da casa. Um corte que remete a uma divisão, separação que traz o abalo emocional. Isso é demonstrado na cena em que o sujeito-paciente olha para o lado, parecendo buscar um sentido para o relato e a vivência onírica. Como algo assim rompe e transforma uma representação, é o real agindo e interferindo no desejo do sujeito-paciente. Essa mudança brusca é representada pelo enunciado “não conseguia juntar os cacos” do Guto, que surge no corpo através do choro, da angústia da possível perda.

Novamente, o relato remete a uma imagem pictórica vista pelo sujeito-paciente, que mesmo que tentasse intervir, não obtinha sucesso. É o objeto real – o sujeito-namorado – atrás do vidro, ou melhor, constituído do vidro que é destruído. É o outro semelhante, investido de amor, de libido, que está fragmentado e impossibilitado de existir. Na SDR18, o desejo do sujeito-paciente era de “juntar os cacos”, unir os pedaços, mas isso não lhe foi permitido. O relato é de um sonho e nele não há domínio, pois o inconsciente determina o que pode vir à tona e ser admitido ao consciente. Um sonho repleto de metáforas, que condensam fatos, pensamentos e desejos que afetam o sujeito-paciente. A impossibilidade de agir é traduzida pelo relato do choro e a expressão “isso é horrível”, um deslizamento originado pelos efeitos metafóricos. A interpretação do sonho realizada pelo sujeito-paciente é apresentada na sequência.



Fotograma 19. Sujeito-paciente relata sua interpretação, esboçando desinteresse.

SDR19 – Se eu ficar com o Guto, eu vou ficar na miséria. Se eu tentar um acordo entre ele e minha mãe, ela vai tirar ele de mim. E a vida com ele **não vai durar, vai ser frágil que nem vidro.**

O fotograma mostra o sujeito-paciente em plano médio, com o corpo direcionado ao sujeito-terapeuta. O semblante esboça desinteresse, como se não acreditasse no seu dizer. Observamos que o relato do sujeito-paciente traz três sonhos, contudo, a interpretação é

apenas do último. Iniciamos nossa interpretação pela significação de durar⁶⁷ – “ter a duração de; não se gastar; demorar-se, prolongar-se; permanecer, subsistir, conservar-se, existir” – que expõe a conservação de algo. O que se apresenta no dizer é a não durabilidade do relacionamento homoafetivo comparada à fragilidade do vidro. A interpretação do sujeito-paciente remete ao memorável, ou seja, ao já expresso na sessão de terapia, o desejo de terminar a relação porque “se eu ficar com ele, se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir” (SDR9).

Observamos a presença de orações subordinadas adverbiais condicionais, ou seja, a ideia de que há uma condição para a realização expressa na oração principal. São as seguintes orações: “se eu ficar com ele, se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir” (SDR9); “Se eu ficar com o Guto, eu vou ficar na miséria.” (SDR19) e; “Se eu tentar um acordo entre ele e minha mãe, ela vai tirar ele de mim.” (SDR19). Essas orações representam um desejo do sujeito-paciente de viver o relacionamento homoafetivo com o sujeito-namorado, entretanto, a censura e o medo de assumir e de perder o *status* social, vinculado à identificação com o outro/mãe e à interpelação pela ideologia heteronormativa, domina o sujeito. O desejo de se rebelar aparece no discurso, nas hipóteses criadas (SDR9 e SDR19), mas destituídas pelo desejo do outro/mãe, pelo Nome do Pai, constituído na relação com a lei da mãe. Também, surge a impossibilidade de coexistência entre os universos homossexual e heterossexual, pois existe o desejo e a identificação do sujeito-paciente com certo saber/viver, com determinada FD, que entra em conflito com o desejo do outro/mãe.

Além disso, observamos o atravessamento da ideologia capitalista, visto que o dizer do sujeito-paciente rememora a ideia de “perder tudo” (SDR9) e de “ficar na miséria” (SDR19). Esse gesto de interpretação corrobora a noção de que a relação dos sujeitos – paciente e namorado – “não vai durar, vai ser frágil que nem vidro”, visto que a questão financeira é enunciada muitas vezes pelo sujeito-paciente. A representação elitizada da família foi ironizada na SDR2 e SDR3, mostrando a contraidentificação do sujeito-paciente aos saberes da ideologia capitalista, através da resistência que convive com o sintoma da contradição sofrida ou apreendida do efeito de pré-construído. O termo “frágil” também pode ser relacionado ao sujeito-namorado, que é “de vidro” (SDR18) e, assim, torna-se quebrável. Uma possível paráfrase criaria a substituição significativa de que a relação “não se manterá, será delicada como vitrine”, pois ficará exposta ao outro, à sociedade, o que expõe a

⁶⁷ Durar. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/durar>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

interpelação à ideologia heteronormativa e à FD heterossexual, mesmo que haja a resistência do sujeito-paciente a esses saberes interdiscursivos.

O dizer da SDR19 também remete à necessidade de o sujeito-paciente interpretar, simbolizar o seu sonho, trazendo para o domínio do dizer, relações possíveis e tratáveis, atribuindo efeitos de sentidos como o de (im)possibilidade de compreensão do desejo recalcado. O entendimento dos sonhos remete às interpelações e aos já-ditos estabilizados, que interditam o dizer do sujeito-paciente, o que seria uma resultante da interpretação negativa enunciada. Com a intenção de estabilizar o sentido de vidro como algo “frágil” e propenso a ser quebrado, surge a busca da manutenção dos sentidos, uma vez que o vidro pode trazer o sentido de transparência, beleza, polidez, significados que poderiam levar a novas relações interpretativas. No discurso do sujeito-paciente, o contexto de sofrimento, intolerância e não reconhecimento das questões de gênero é reiterado em discursos sociais que interpelam e fazem o sujeito-paciente significar a homossexualidade como algo errôneo (SDR14).

A não identificação com a orientação sexual faz o dizer do sujeito-paciente apresentar apenas uma interpretação que, perante os dizeres/saberes heteronormativos, atribui ao sonho uma forma trágica e desapropriada, em que o único resultado esperado é o fracasso, a decepção. Embora haja a possibilidade de uma nova inserção interpretativa, em que o sonho pudesse ser visto como algo positivo, algo que traria visibilidade, transparência a uma relação homoafetiva, essa não é suposta pelo sujeito paciente, o que não é sancionado pela maneira de vivenciar a FD homossexual.

Retornamos à fragilidade da “vida”, que é “princípio de existência, de força, de entusiasmo, de atividade” (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2008-2013) e não parece estar presente nos enunciados do sujeito-paciente, visto que ela “não vai durar”. A finitude da vida surge como censura a um desejo, um fato, um relacionamento não acertado, pois existe o questionamento de que ser gay é “errado” (SDR14). A apresentação do amor por um homem encaminha para a ideia de fenecimento de algo, como se um fato, uma atitude pudesse fazer com que isso se realizasse. O sonho, uma formação do inconsciente, realizada pelos deslizamentos dos sentidos, pode fazer emergir medos, como também tornar conscientes fantasias imaginárias tanto positivas como negativas ao sujeito-paciente. A interpretação proferida pelo sujeito-paciente remete à censura social e histórica referente ao relacionamento homoafetivo.

Para diferenciar os conceitos de sexo e sexualidade recorreremos à Psicanálise. Com intuito de desmistificar a ideia de que tudo se relacionava ao sexo, Freud explicará o conceito

de forma pormenorizada. Entendemos que o sexo é oriundo do biológico, ao feminino e masculino, relacionado à ideia de gênero; e a sexualidade envolve questões mais abrangentes que vão além das partes do corpo por se estabelecer e se construir no contexto sócio-histórico dos sujeitos. Para Freud:

Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de ‘sexual’. Talvez a única definição acertada fosse ‘tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos’. Os senhores acharão, no entanto, que esta conceituação é neutra e excessivamente imprecisa. Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo. [...] Algo que reúne uma referência ao contraste entre os sexos, à busca de prazer, à função reprodutora e a características de algo que é impróprio e deve ser mantido secreto – algumas destas combinações servirão para todos os fins práticos da vida de todo dia. (FREUD, 2006, p. 309).

A apresentação do termo acarretou em resistência e dificuldade de compreensão das pessoas da época. Freud (2006) explica que as crianças nascem com sexualidade, ou seja, elas buscam prazer no que fazem e vivenciam, e isso é sexualidade e serve para a formação do psiquismo. Lacan esclarece que a obra “Três ensaios sobre a sexualidade”, de Freud, rompeu com a inocência infantil e relacionou a instância da sexualidade a todos os sujeitos, crianças e adultos. Para o autor, “não se trata de relação à sexualidade, nem mesmo ao sexo, se é que podemos dar a este termo uma referência específica – mas de relação ao falo, no que ele falta ao que poderia ser atingido de real na visada do sexo” (LACAN, 1999, p. 100), visto que, na experiência do inconsciente, existe o complexo de castração. Subjugada ao inconsciente, a sexualidade aparece pelas pulsões parciais, participando da vida psíquica dos sujeitos.

O autor submete a sexualidade à supremacia do significante, porque ela “passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante”, de maneira que “a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade” (LACAN, 1999, p. 167). Dessa forma, a sexualidade apresenta um funcionamento natural dos signos e o “significante, sendo coisa completamente diferente, representa um sujeito para outro significante” (LACAN, 1999, p. 149-150). A partir disso, compreendemos que o significante está a serviço do outro, enquanto que a sexualidade tem uma função biológica específica na constituição do sujeito. Conforme Jorge:

Inconsciente e pulsão apresentam um núcleo comum que é constituído pelo real e que se traduz de duas formas distintas, seja no campo da linguagem, seja no campo da sexualidade. No campo da linguagem (ou seja, do inconsciente), o real pode ser denominado pelo S(R), ou seja, a falta no simbólico de um significante, falta do significante da diferença sexual no inconsciente; no campo da sexualidade (ou seja, da pulsão), o real tem outro nome: objeto a, falta no imaginário do objeto do desejo. (JORGE, 2010, p. 60)

Notamos que o real é o núcleo significante que origina a falta no simbólico (inconsciente) e no imaginário (pulsão). A pulsão “se manifesta no desfile do significante, onde se constitui a dialética do sujeito no duplo tempo da alienação e da separação” (LACAN, 1999, p. 252). Na dialética do sujeito, temos as questões sociais que interferem na tomada de posição do sujeito. Conforme a explicação de Jorge, baseada nos textos freudianos e lacanianos, “a bissexualidade é uma disposição psicológica responsável pelas diferentes escolhas de objeto – homossexual e heterossexual – e em todo sujeito haveria ambas as formas de escolha de objeto, só que em quantidades diversas”, sendo que “Freud enuncia que há uma ‘disposição bissexual no homem’” (2010, p. 50).

De acordo com Drescher, o desejo é influenciado pela linguagem e pela cultura, pois “assumir uma identidade *lésbica*, *gay* ou *bissexual* envolve certa medida de autoaceitação dos próprios desejos homossexuais” (2014, p. 25). Essas noções podem ser observadas na continuidade do episódio. Aos 10’20, surge a pergunta de Felipe: “Se eu assumir publicamente que eu sou bissexual. Você acha que isso resolveria meu problema?” e a resposta do sujeito-terapeuta foi: “Você acha que é bissexual?” junto à explicação de que não é o caso dele. Felipe diz: “É difícil falar pra todo mundo, Theo. Menos pro Guto. Eu não consigo falar – eu sou gay – pra ninguém.”. Ao falar, o terapeuta expõe que disse ser gay há pouco e ele replica: “Saiu sem querer”. Vamos às análises:



Fotograma 20. Sujeito-paciente sorri e fala ironicamente.



Fotograma 21. Sujeito-paciente fala pausadamente.

SDR20 – Se eu **assumir** publicamente que eu sou bissexual. Você acha que isso resolveria meu problema?

SDR21 – É difícil falar pra todo mundo, Théo... Menos pro Guto. Eu não consigo falar – **eu sou gay** – pra ninguém. Eu nunca consegui falar isso em voz alta.

No fotograma do episódio, observamos o sorriso do sujeito-paciente que se mantém até o final da enunciação da SDR20, junto ao tom irônico. Através dessa postura graciosa e engendrada no sorriso satisfeito, temos o chiste e a não transparência no canto direito do fotograma. Como havíamos dito anteriormente, é aquele tropeço que torna consciente, o que estava no inconsciente, mas não na sua profundidade. Isso porque a tomada de posição do sujeito-paciente engendra o dizer, deixando escapar seu desejo. Freud (1995) apresenta inúmeras explicações para o chiste, dizendo que pode ser uma ação cômica, um jogo de ideias por semelhança e dessemelhança, um sentido no *non-sense*, um desconcerto, um esclarecimento. O autor propõe uma classificação pelos “recursos técnicos empregados (trocadilhos ou jogos de palavras) e, por outro lado, no uso que se faz deles no discurso (e.g. chistes usados com o objetivo de caricatura, de caracterização, ou de afronta)” (FREUD, 1995, p. 11). Além disso, o autor expõe que pode haver processos de condensação, múltiplos usos do mesmo material, e duplos sentidos como nos significados metafóricos. Lacan (1999), baseado em Freud, expõe que existem duas faces para o chiste: o exercício do significante que possibilita a ambiguidade e do inconsciente. Diz-nos o autor:

Que o exercício do significante evoca, por si mesmo, tudo que é da ordem do inconsciente, isso é suficientemente apontado ao olhar de Freud pelo fato de que as estruturas que o chiste revela, sua constituição, sua cristalização, seu funcionamento, não são outras senão aquelas que ele descobriu em suas primeiras apreensões do inconsciente, no nível dos sonhos, dos atos falhos - ou bem-sucedidos, como vocês quiserem entender - no nível até mesmo dos sintomas, e as quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa, nas rubricas da metáfora e da metonímia. Essas formas são equivalentes para qualquer exercício da linguagem, e também quanta ao que encontraremos de estruturante no inconsciente. Elas são as formas mais gerais, das quais a condensação, o deslocamento e os outros mecanismos que Freud destaca nas estruturas do inconsciente não passam como que de aplicações. Conferir dessa maneira ao inconsciente a estrutura da fala talvez não figure entre nossos hábitos mentais, mas corresponde ao que há de efetivamente dinâmico em sua relação com o desejo. (LACAN, 1999, p. 89)

Tanto para Freud como para Lacan, o chiste é uma expressão do inconsciente que se revela pela linguagem, pelo uso dos significantes. Para Lacan, o chiste tem o objetivo de “reevocar a dimensão pela qual o desejo, se não reconquista, pelo menos aponta tudo aquilo que perdeu ao percorrer esse caminho, ou seja, por um lado, o que deixou de dejetos no nível da cadeia metonímica, e por outro, o que não realizou plenamente no nível da metáfora” (1999, p. 100). As noções de condensação e deslocamento estão presentes no chiste, de modo

que o sentido é recoberto pelo desejo do sujeito. O autor acrescenta que no chiste, nesse jogo de palavras, é que se constitui o Outro, carregado de sentidos e censura. Explica-nos Lacan:

O Outro constitui-se como um filtro que põe em ordem e cria obstáculos naquilo que pode ser aceito ou simplesmente ouvido. Há coisas que não podem ser ouvidas, ou que de hábito nunca mais são ouvidas, e que o chiste procura tornar audíveis em algum lugar, como um eco. Para torná-las audíveis num eco, ele se serve, justamente, daquilo que lhes cria obstáculos, como uma concavidade refletora qualquer. Trata-se já da metáfora a que chegamos há pouco, em cujo interior alguma coisa resiste, alguma coisa que é mentalmente feita de uma série de cristalizações imaginárias no sujeito. (LACAN, 1999, p. 125)

Por meio do imaginário, o sujeito constitui seu chiste, interpelado pelo inconsciente que teima em aparecer e revelar seus desejos. O Outro, tecido da linguagem, regula o que pode ser expresso discursivamente. Ao abordarmos o imaginário, temos a projeção do outro agindo sobre o sujeito. E o chiste, apresentado pelo sujeito-paciente, cria um duplo sentido. A expressão remete a uma ação distinta do desejo porque algo resiste, ou seja, o que o sujeito-paciente é não precisa ser revelado. A enunciação do chiste é uma escolha segura e ilusória frente aos padrões heteronormativos existentes na sociedade atual e/ou o receio de enfrentar o que realmente é, seu eu.

Na SDR20, surge um problema a ser resolvido. Na fala do sujeito-paciente, “assumir publicamente que é bissexual” pode ser a solução. Para o psicanalista Drescher, “adotar uma postura bissexual pode constituir-se como uma identidade transitória que precede a aceitação completa de uma identidade gay ou lésbica” (2014, p. 25). Contudo, o tom irônico e o riso conectado às palavras não parece dar certeza à ideia proposta, um sintoma apreendido pela contradição do dizer. Talvez seja uma resposta pronta, já estruturada, como diz Freud (1995), representada pelo chiste. Abordamos na SDR13, o desejo do sujeito-paciente de “assumir o Guto”, mesmo estando o sujeito-paciente noivo de uma mulher. Parece desconexa essa ideia de bissexualidade frente à realidade expressa na sessão de terapia. Há uma ilusão de controle de ser e significar, pois o sujeito-paciente acredita poder interferir na compreensão do outro. O discurso do sujeito-paciente contraidentifica-se com a FD homossexual, por se confrontar com os desejos homossexuais.

A bissexualidade, segundo a ideia freudiana, permite ao sujeito escolher o objeto (simbólico e imaginário) heterossexual ou homossexual, focado na concepção de que não há diferença sexual no inconsciente. Contudo, sabemos que existem falhas na ordem do real e o Outro se constitui pelas experiências dos sujeitos, sendo essa apreensão uma ilusão de escolha. Ainda, temos o objeto a que, pela dimensão do real, reduz essa ideia de escolha

imaginária pela questão da falta do objeto. Mesmo sabendo que a identificação com determinado gênero é uma ilusão, trazemos a noção de identidade de orientação sexual por interferir na tomada de posição do sujeito no contexto sócio-histórico atual.

Identidade da orientação sexual é um rótulo socialmente construído para representar sentimentos e comportamentos sexuais, além de interesses românticos. Apesar de as respectivas adoções estarem normalmente limitadas àqueles disponíveis em determinada cultura e tempo histórico, os jovens de hoje estão rejeitando cada vez mais os rótulos de identidade de orientação sexual (p. ex. lésbica, gay, bissexual) em defesa de descrições menos limitadas e simplistas, que melhor representem suas expressões sexuais e de gênero, tais como “quase sempre hetero”, “sexualmente flexível” e “andrógino”. (COHEN; SAVIN-WILLIAMS, 2014, p. 36)

Observamos que os autores mostram uma nova visão da identificação atual com a orientação sexual, uma forma mais abrangente de se comportar e posicionar-se nos contextos sociais. Essa forma de representação de si está relacionada à noção de performatividade tal como compreendida por Butler (2003). A performatividade possibilita a construção social do gênero e do sexo, pois a identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” que supostamente são seus resultados (BUTLER, 2003). As *performances* podem ou não efetuar desestabilizações de gênero e sexo. Ela funciona pela ideologia heteronormativa quando atrelada à repetição cultural e à manutenção do binarismo (homem/mulher), mas pode trazer uma linguagem nova se conseguir introduzir mudanças e *performances* subversivas.

Como a linguagem está associada à heteronormatividade, os sentidos parecem estar cristalizados, mas a transformação gradativa desse sistema pode acontecer. Por isso, entendemos que a ideia de metaforizar, deslizar os significantes da SDR20 referem-se também a essa transformação de sentidos em relação ao gênero. Ao assumir ser bissexual, a carga de preconceito é menor comparada ao assumir ser homossexual. A homofobia está presente em nossa sociedade pela existência do modelo familiar considerado como ideal que visa à padronização das relações, possibilitando que surja a violência física e simbólica sobre pessoas LGBT. No interior de uma ideologia heteronormativa, temos uma FD homofóbica que se vale de normas e regras sociais e sexuais para agir de determinada forma. Esses discursos atravessam o sujeito-paciente, que, em sua tomada de posição, inicia seu rompimento com as FDs homofóbica e heterossexual através do chiste (SDR20).

Além dos sonhos e dos chistes, os atos falhos também formam o inconsciente. O ato falho é oriundo do pensamento inconsciente que se torna consciente na fala, no corpo e desloca-se para outro lugar. Para explicar sua manifestação, Freud (1976) cria três grupos,

conforme sua relação: com a linguagem através dos lapsos da língua, da escrita, de leitura e audição; com o esquecimento temporário e de afazeres; e, com as perdas de objetos. Sobre os conceitos de Freud, Lacan diz “está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordaca que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (1998, p. 269). Em outra obra, o autor faz referência ao equívoco ligado ao ato falho.

Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade. Se a descoberta de Freud tem um sentido é este – a verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação. (LACAN, 1986, p. 150)

O ato falho, relacionado à linguagem, está repleto de efeitos metafóricos que produzem diferentes efeitos de sentido através das palavras. São os significantes se deslocando para dar a possibilidade de outros sentidos. O ato, como uma ação significativa, torna-se falho quando pensamos na presença do real, do impossível, pois algo falha, se perde. Se o lapso aparece através dos significantes, não possui sentido em si. Ele é a representação de um significante para outro. Nas palavras de Lacan,

O registro do significante institui-se pelo fato de um significante representar um sujeito para outro significante. Essa é a estrutura, sonho, lapso e chiste, de todas as formações do inconsciente. E é também a que explica a divisão originária do sujeito. Produzindo-se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui a fala, mas ao preço de cristalizá-lo. (LACAN, 1998, p. 854)

Partindo dessas noções de ato falho e lapso, tentamos compreender o deslize, o tropeço apresentado na SDR21. O enunciado do sujeito-paciente traz a concepção de que “não conseguia falar”, um ato falho da língua, observado pelo sujeito-terapeuta. No plano enunciativo, o fotograma da SDR21 apresenta o sujeito-paciente em plano médio, com a cabeça baixa, os olhos semicerrados e voltados para baixo, como se não entrasse em contato com tal dizer. As expressões “é difícil falar pra todo mundo” e “eu não consigo falar” parecem trazer algo que foi barrado pelo sujeito-paciente e impedido de ser dito. Contudo, falar ao sujeito-namorado é possível e as palavras saem da boca do sujeito-paciente pausadamente, expondo o desejo do mesmo. Pela ilusão de controlar seu dizer, o excesso de negação aparece: “difícil falar”, “eu não consigo” e “eu nunca consegui”. Essa marca é um “acréscimo necessário” em prol da estabilização dos efeitos de sentido que expõem sua atual

posição de sujeito do discurso, filiado à FD homossexual, fazendo com que outros sentidos não se imponham (ERNST-PEREIRA, 2009).

O que se enuncia é a dificuldade de dizer o que acredita ser, deslocando-se no tempo. No tempo presente e no passado surge a resistência em falar, mas aparece a permissão para que esse dizer se mostre no futuro. O uso do “não” é enfatizado pelo “nunca”, como se aquilo fosse impossibilitado, uma marca do Outro, como um sintoma, um retorno da verdade que traz o significado recalcado ao consciente através do desejo inconsciente. Revelar a orientação sexual para os outros – iguais e rivais – pode ser complicado ao observar o contexto sócio-histórico atual (CPs) e a vinculação do sujeito-paciente à ideologia heteronormativa e à FD homossexual.

Pensar na heterossexualidade como uma teorização que trabalha a subversão do gênero é algo presente nos contextos acadêmicos. Na explicação de Žižek, existe apenas uma ciência e “o mesmo acontece com o ‘discurso’: não existem dois discursos ‘masculino’ e ‘feminino’; há um único discurso, clivado por dentro pelo antagonismo sexual – isto é, fornecendo o “terreno” em que é travada a batalha pela hegemonia” (1996, p. 29). O autor expressa que o *status* “e”, usado por Althusser e Marx, introduz a noção de ambiguidade e conjuga o mesmo conteúdo em suas duas modalidades: a evidência ideológica e as condições extra-ideológicas de sua existência. Ao tratar do confronto de evidências, retomamos a questão da identificação-interpelação, do efeito de pré-construído, a que está submetido o sujeito em sua constituição, que é permeada de equívocos e faz emergir o processo ideológico, experimentado pelos distintos saberes/fazeres sócio-históricos.

Segundo Pêcheux (2008), há um espaço administrativo (jurídico, econômico e político) que traz as aparências da “coerção lógica disjuntiva”, sendo que um fato precisa ser verdadeiro ou falso. Essas aparências vêm das técnicas materiais, vindas do real, junto às “‘técnicas’ de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos”, que delimitam e normatizam os espaços discursivos (PÊCHEUX, 2008, p. 30). Notamos, na SDR21, a evidência de que não conseguir falar que é “gay”, mesmo falando, pode estar relacionado às dimensões e aos atravessamentos ideológicos que constroem a subjetividade do sujeito. Os espaços discursivos “logicamente estabilizados” trazem as evidências, como nos explica o autor.

E o que unifica aparentemente esses espaços discursivos é uma série de evidências lógico-práticas, de nível muito geral, tais como:

- um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo em duas localizações diferentes;
- um mesmo objeto X não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P;
- um mesmo acontecimento A não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer, etc.

Ora, esta homogeneidade lógica, que condiciona o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas, é atravessado por uma série de equívocos, em particular termos como lei, rigor, ordem, princípio, etc que “cobrem” ao mesmo tempo, como um patchwork heteróclito, o domínio das ciências exatas, o das tecnologias e os das administrações. (PÊCHEUX, 2008, p. 31-32)

Entendemos que essa homogeneidade lógica atravessa os saberes dos sujeitos, condicionando-os de maneira maciça. A fonte dessa homogeneidade é o espectador universal, e o sujeito pragmático aceita esses dizeres pela necessidade de ter sistemas lógicos. Essas constatações lógicas, oriundas da “falsa-aparência da homogeneidade lógica”, configuram um jogo de dominação/resistência do sujeito frente aos saberes científicos praticados pelas instituições do Estado (PÊCHEUX, 2008). Esses saberes/dizeres que interpelam o sujeito-paciente e o fazem confiar na lógica científica, mesmo que seja “incômodo”. O texto “Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade”, de Freud, encaixa com esse saber, visto que aproxima a homossexualidade ao campo da normalidade. Para o autor:

Acima de tudo, há o entrave autoritário da sociedade; quando a inversão não é considerada um crime, vê-se que ela responde plenamente às inclinações sexuais de um número nada pequeno de indivíduos. Pode-se ainda presumir, no tocante ao homem, que sua lembrança infantil de ternura da mãe e de outras pessoas do sexo feminino a quem ficava entregue quando criança contribui energicamente para nortear sua escolha para a mulher, ao passo que a intimidação sexual precoce que experimentou por parte do pai e sua atitude competitiva com relação a ele desvia-o de seu próprio sexo. (FREUD, 1996b, p. 140)

Nesse ponto, Freud aborda que a homossexualidade envolve questões sociais, vivenciadas na infância e na fase edípica, que delimitam o desejo ao objeto – hetero ou homossexual. Para Lacan (1999, p. 214), uma das possibilidades para a homossexualidade seria “uma inversão quanto ao objeto, que se estrutura no nível de um Édipo pleno e acabado”, sendo que a lei foi ditada pela mãe. Ainda, o autor apresenta o termo com uma nova escrita – *hommosexualité* –, tratando do amor narcísico que dispensa o sexo. A palavra *hommosexuel* deriva de *homme* (homem) e equivale à *hommosexuel* com o *semblante* (pequeno outro), deslocando o sentido para “homem sexual” (QUINET, 2012).

Pensando nessas descrições teóricas, entendemos que a homossexualidade é uma construção sócio-histórica, apresentada por evidências científicas “logicamente estabilizadas”. Ao instituir que o homossexual/gay fez uma inversão do objeto na fase edípica, o sujeito, que

necessita dessa estabilidade lógica, encontra-se dominado pelas práticas discursivas. O desejo de assumir ser “bissexual” demonstra a resistência a esse saber, um sintoma da apreensão do saber que paira como constatação lógica, fazendo com que a tomada de posição do sujeito-paciente expresse a censura social quanto a “falar em voz alta” (SDR21).

Se pensarmos como Lacan, o que aparece nas palavras do sujeito-paciente é a verdade através do equívoco. Pela opacidade da língua, o impossível vem à tona e a declaração surge. O desejo surge e escapa por entre as palavras, ao não querer dizer, diz e o outro ouve. Esse outro semelhante – sujeito-terapeuta –, que é continente, replica: “Você acabou de dizer”. Esse retorno faz com que haja uma defesa, uma explicação para a falha da língua, o que podemos relacionar ao fotograma que apresenta, à direita, a não transparência, o desfocado. O comentário “Saiu sem querer” marca a presença do ato falho que não foi apreendido. Um dizer que falha e significa.

A partir das análises e discussões das SDRs, montamos o quadro de metáforas abaixo. O episódio três do seriado possibilitou a análise de diferentes noções psicanalíticas como o sonho, o chiste e o ato falho, que constituem o inconsciente. Assim como possibilitou o entendimento da noção de sexualidade e de orientação sexual, exposta no discurso do sujeito-paciente. Além disso, os sintomas apreendidos pela contradição existente na identificação-interpelação do sujeito-paciente são apresentados nas SDRs interpretadas nesse episódio.

Quadro 4. Metáforas presentes no terceiro episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR16	Nunca tinha tido esse tipo de sonho com a dona Carmem. Foi muito estranho! Porque dentro do sonho , eu ficava com nojo de mim, eu ficava olhando e sabia que era minha mãe, mas ao mesmo tempo eu não conseguia parar de olhar... E aí, eu fui ficando cada vez mais nervoso, angustiado e, ao mesmo tempo, foi me dando um ciúme e ai, shhh, acordei.	Foi muito estranho! Porque na experiência onírica , eu ficava com nojo de mim, eu ficava olhando e sabia que era minha mãe, mas ao mesmo tempo eu não conseguia parar de olhar... E aí, eu fui ficando cada vez mais nervoso, angustiado e, ao mesmo tempo, foi me dando um ciúme e ai, shhh, acordei.
SDR17	Eu e o Guto, a gente tava morando numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro . Todo mundo que passava podia ver a gente. Eu e o Guto, a gente tava morando numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro . Todo mundo que passava	Eu e o Guto, a gente tava morando numa vitrine . Todo mundo que passava podia ver a gente. [...]

	podia ver a gente. Aí eu tava casado com o Guto e, de repente, batiam na porta, eu ia abri. Aí é o grande momento pra você. (sorri) Você aparecia e dizia que era nosso vizinho, eu dizia que eu e o Guto, a gente era casado.	
SDR18	Quando a gente saía com você, a casa de vidro se espatifava, quebrava toda. Aí quando olhava pro Guto, o Guto também era de vidro e ele começava a quebrar que nem a casa. Aí eu não conseguia juntar os cacos , eu começava a chorar e... isso é horrível.	Quando a gente saía com você, a casa se despedaçava/estraçalhava, partia/fragmentava toda. Aí quando olhava pro Guto, o Guto também era frágil / quebrável e ele começava a quebrar que nem a casa. Aí eu não conseguia unir os pedaços , eu começava a chorar e... isso é horrível.
SDR19	Se eu ficar com o Guto, eu vou ficar na miséria. Se eu tentar um acordo entre ele e minha mãe, ela vai tirar ele de mim. E a vida com ele não vai durar , vai ser frágil que nem vidro .	[...] E a vida com ele não se manterá , será delicada como vitrine .
SDR20	Se eu assumir publicamente que eu sou bissexual.	Se eu revelar / apresentar publicamente que eu sou bissexual.
SDR21	É difícil falar pra todo mundo, Théo... Menos pro Guto. Eu não consigo falar – eu sou gay – pra ninguém. Eu nunca consegui falar isso em voz alta.	É difícil falar pra todo mundo, Théo... Menos pro Guto. Eu não consigo falar – eu sou homossexual / bicha – pra ninguém. Eu nunca consegui falar isso em voz alta.

6.4. O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE

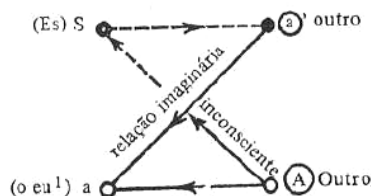
O sujeito do discurso é social, histórico e ideológico, por estar submetido à língua. Para se subjetivar, ele configura seu dizer, na ilusão de ser origem e poder controlar aquilo que diz. Ele está destinado a significar e interpretar. Ele se constitui através da interpelação ideológica de indivíduo em sujeito e seu discurso se realiza pela identificação com a FD que regula seu dizer. No possível e impossível da língua, os sentidos e o sujeito se formam, na ilusão da origem e da literalidade.

Para constituir a AD, Pêcheux tomou como base os estudos linguísticos, o marxismo e a Psicanálise. Ao introduzir o discurso como objeto de estudo, conecta o inconsciente e a ideologia, trazendo a concepção do sujeito lacaniano, do inconsciente, e do sujeito althusseriano, da ideologia. Esses dois fatores articulam a “*individualidade do sujeito*” e a “*natureza social de sua existência*” (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2005, p. 16). O sujeito constitui-se na e pela linguagem com sua divisão. Diz-nos Lacan:

Então, para dizer que esse sujeito era dividido, simplesmente indiquei suas duas posições em relação à função da linguagem. Nosso sujeito tal como é, o sujeito que fala, se quiser, pode muito bem reivindicar a primazia, mas nunca será possível considerá-lo pura e simplesmente livre-iniciador de seu discurso, na medida em que, sendo dividido, está ligado a esse outro sujeito, que é o do inconsciente e que se verifica ser dependente de uma outra estrutura linguageira. (LACAN, 2006, p. 64)

Entendemos que o sujeito do enunciado é aquele que fala e que nem sempre está incluído no dizer. Já o sujeito da enunciação está presente no discurso, mesmo que não se perceba, pois é o sujeito do inconsciente, que faz o discurso. Nessa lógica, Lacan traz o “elemento” na linguagem, dando primazia ao significante, pois “‘o significante é o que representa o sujeito para outro significante’, não para outro sujeito” (2006, p. 46). Nas palavras do autor, a linguagem aparece no sujeito da enunciação, que ao falar de si, “ele se chama eu [je]” e diz “simplesmente eu [moi] que falo” (LACAN, 2006, p. 96). A ilusão da individualidade e a subjetividade do sujeito estão no eu [moi], que é da ordem do inconsciente. Para compreender como se dá a constituição do sujeito e o modo que são as relações com o Outro e o objeto, mostramos o esquema L.

Figura 1. Esquema L.



Fonte: LACAN, 1985a, p. 307.

Inicialmente, o esquema traz o sujeito analítico (S) e não sua totalidade, o eu (a) como a construção imaginária relacionada ao outro (a'), e a construção simbólica existindo pela relação inconsciente entre o sujeito (S) e o Outro (A). O esquema apresenta o sujeito fragmentado, simbolizado pelo pontilhado, e constituído da falha, oriunda do inconsciente, que é atravessada pela relação imaginária (LACAN, 1985a). O significante, que vem do Outro, chega ao sujeito com uma mensagem invertida. O sujeito constitui-se pelas conexões com os registros e ocupa um lugar no simbólico, na fantasia do desejo do Outro, que depende da sua relação com o imaginário e o real. Ainda, explica o autor:

Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem é feita para remetermos de volta ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo o que quisermos, inclusive pensar que é um objeto, ou seja, que ele não sabe o que diz. Quando fazemos uso da linguagem, nossa relação com o outro funciona o

tempo todo nesta ambiguidade. Em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo. (LACAN, 1985a, p. 308)

Como o sujeito é efeito da linguagem, é afetado pelo Outro que se constitui pelo mundo interno das identificações externas. Além do sujeito do inconsciente, temos o sujeito ideológico. Para Althusser, “só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos” (1970, p. 91), sendo que “a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia”, constituindo “os indivíduos concretos em sujeitos” (1970, p. 94). Para o autor, “a categoria de sujeito é uma «evidência» primeira”, visto que as evidências da transparência da linguagem, de que somos sujeitos livres, por exemplo, “é um efeito ideológico” porque somos constituídos na e pela linguagem (ALTHUSSER, 1970, p. 92).

Com base em Althusser, Pêcheux explica que, em dadas circunstâncias históricas, as contradições são constituídas pelo “*conjunto complexo de Aparelhos Ideológicos de Estado*” presentes na formação social, sendo esse conjunto *complexo*, “um conjunto com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre esses ‘elementos’” (1996, p. 145). Conforme explicações do autor, as reproduções e transformações apresentam propriedades “regionais” que envolvem posições de classe que orientam os interesses de certa classe, oferecendo seu “modo de usar”, seu “sentido”, permitindo que as ideologias práticas sejam práticas de classe na ideologia. Segundo Orlandi, “é *na e pela* língua, enquanto base material do discurso, que são produzidas as ilusões que colocam o sujeito no centro e origem de seus pensamentos e de suas intenções, constituindo o ser da consciência individual e o ator social” (2005, p. 16-17). Essa explicação remete-nos ao esquecimento nº 1, articulado por Pêcheux e explicado por Rodríguez-Alcalá.

[...] por Freud sabemos que o sujeito não é onde *se pensa*, pois sua consciência está descentrada pelo inconsciente; por Marx, que o sujeito não *age* onde *tenciona*, pois suas intenções estão descentradas pela ideologia (o *Outro* da história, como diz Orlandi); por Pêcheux, que isso se dá *em e por meio* dos mecanismos linguísticos que sustentam o discurso. Pêcheux desloca assim a dicotomia língua/fala para a relação, não dicotômica, língua/discurso. Nesse movimento a língua se transforma, tornando-se o lugar da falha, do equívoco, da luta política, o que põe em questão a autonomia absoluta do sistema pressuposta pela Linguística. (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2005, p. 17)

O sujeito do discurso constitui-se pela língua, atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia e seu discurso é permeado pelas determinações sócio-históricas de sua época. Para Rodríguez-Alcalá, “a realidade psíquica do sujeito não é o reflexo de seu corpo biológico, as relações sociais não são a extensão de necessidades naturais comuns nem

os sentidos da língua emanam das coisas do mundo” (2005, p. 19). Esse dado refere-se à contribuição de Pêcheux de que não existe transparência e nem homogeneidade no processo simbólico da linguagem porque estão em ação os processos discursivos e os esquecimentos.

Importante retomar a questão dos esquecimentos, por interferir na constituição do sujeito. O esquecimento nº 1 refere-se à ilusão subjetiva do sujeito de controlar o seu discurso, sem entender que a FD o domina, e constituir o seu discurso. Isso porque a língua é a possibilidade, é a fonte de realização dos efeitos de sentido. O sujeito pensa ser fonte do que diz – “eu sei o que estou dizendo”, “eu sei do que estou falando” (PÊCHEUX, 2009, p. 162). Esse esquecimento é da ordem do inconsciente, sendo inacessível ao sujeito. O esquecimento nº 2 é da ordem pré-consciente/consciente e versa sobre os mecanismos de enunciação, reformulação do dizer através da evidência de sentido.

Segundo Pêcheux, o esquecimento nº 1 caracteriza “o recalque inconsciente”, que acessa o “não-dito como dito de outro modo” que é aceito ou rejeitado, encoberto pela intersubjetividade do esquecimento nº 2 (2009, p. 162). Ainda no esquecimento nº 1, temos os processos ideológicos-discursivos que são anteriores ao sistema da língua e ao limite de autonomia, que é variável historicamente (PÊCHEUX, 2009). Nessa relação, o sujeito estrutura a sequência discursiva e produz diferentes efeitos de sentido. Para Orlandi:

O sujeito moderno é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado pela exterioridade e determinador do que diz: essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de sua vontade, não só dos outros mas até de si mesmo, bastando para isso ter poder ou consciência. Essa é sua ilusão. O que chamamos ilusão subjetiva do sujeito e que se acompanha da ilusão referencial (sobre a evidência do sentido). (ORLANDI, 2010b, p. 21)

O sujeito constitui-se na ilusão de ser e de dizer o que deseja. Consideramos que ele é parcialmente assujeitado, porque “não há dominação sem resistência”, podendo o sujeito “ousar se revoltar” e “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja”, possibilitando-o “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009, p. 281). Dessa maneira, o sujeito desejante é autorizado a aceitar, deslizar e deslocar seu dizer pelas estruturas das FDs que o dominam, formulando seu discurso. Por ser um espaço heterogêneo, a FD é invadida por dizeres que vêm de outro lugar e se repetem, fornecendo as evidências discursivas (PÊCHEUX, 2014). Essas evidências são oriundas do interdiscurso (os já-ditos) e da forma-sujeito que cria um efeito de homogeneidade, produzida por meio da adequação dos dizeres no interior da FD.

Após essas noções, vamos ao quarto episódio da série. Aos 10’, Felipe diz que a mãe está “doente, cansada” e, de maneira hostil, reforça: “Minha mãe podia ter morrido. Você

sabe que eu amo o Guto, já disse isso pra você milhares de vezes. [...] Você tem noção da pressão que é isso? Eu não posso ser fraco.”. O terapeuta pergunta: “Você acha que ser homossexual é ser fraco?” e Felipe fica em silêncio. A partir da descrição do episódio, vamos à análise.



Fotograma 22. Sujeito-paciente enuncia ríspidamente e com olhar fixo no sujeito-terapeuta.

SDR22 – Você não entendeu nada, NE, Théo? Minha mãe podia ter morrido. Você sabe que eu amo o Guto, já disse isso pra você milhares de vezes. Só que agora, minha mãe vai ter que diminuir o ritmo e a empresa vai ficar toda na minha mão. Você tem noção da pressão que é isso? Eu não posso ser **fraco**.

Observamos no episódio, que as CPs dos dizeres versam sobre a relação materna e a relação homoafetiva do sujeito-paciente. A sugestão do sujeito-terapeuta de que não estar junto do Guto é uma desculpa, faz o corpo do sujeito-paciente reagir, mostrando um semblante agressivo, com muitos movimentos faciais e uma voz alta. Notamos, no plano enunciativo, que o foco da câmera está em seu rosto, para possivelmente marcar sua posição frente à interação e à opacidade da imagem. O questionamento apresenta o descontentamento do sujeito-paciente com a conversa e a forma ríspida de responder ao sujeito-terapeuta. É a manifestação da experiência subjetiva, que constitui o sujeito, frente ao ideal de eu do sujeito que, dotado da vergonha e culpa, apresenta tal reação agressiva (LACAN, 1998).

Aparentemente, o outro/mãe tem grande influência na tomada de posição do sujeito-paciente, de modo a apontar uma possível dominação sofrida. A discordância de dizeres refere-se ao modo em que o sujeito-terapeuta e sujeito-namorado observam a posição do outro/mãe frente ao sujeito-paciente, pois este se encontra submisso ao pensamento, ao desejo do outro/mãe, esse outro que tem certo poder pelo viés do amor. Para Freud, no processo de civilização, “a agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu” (2010, p. 92), de

maneira que o Eu/ego, ao assumi-la, coloca contra si mesmo a agressividade, através da ação do superego como faria com outros indivíduos. Essa tensão entre o superego e o ego é chamada de sentimento de culpa, que é expressida como necessidade de punição. Para o autor, a agressividade, como instinto animal, conecta-se à pulsão de morte. Essa concepção distancia-se de Lacan, que articula a agressividade com a noção de gozo (pulsão de morte freudiana), pela sua relação com o simbólico e o real, focando na linguagem.

No livro “Escritos”, Lacan apresenta teses para explicar a agressividade e duas delas nos são úteis. A primeira é que “a agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição” que é a identificação edipiana, por haver a identificação com o grande Outro na posição de ideal de eu do sujeito pelo registro no simbólico, possibilitando a estruturação do imaginário (LACAN, 1998, p. 105). A segunda, “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo” (1998, p. 112). Para o autor, ela envolve a identificação narcísica que é própria da estrutura humana, sendo que as reações agressivas ou as inculpações danosas feitas ao outro são prejudiciais ao se relacionarem à “organização original das formas do eu e do objeto” (LACAN, 1998, p. 113).

Nesse ponto, podemos pensar na possibilidade de defesa ao outro, que rememora a censura, efeito do esquecimento nº 1. Para Freud (1987), a censura ordena, oculta os afetos, o que pode ter surgido na voz do sujeito-paciente que, mesmo identificado com o sujeito-terapeuta, age de forma enfática para delimitar sua posição. Sabemos que essa tomada de posição marca o desejo do sujeito-paciente de controlar os sentidos do que diz. O receio de que haja uma substituição ou deslocamento de sentidos atende ao que é censurado para o sujeito-paciente.

As CPs do discurso rememoram a identificação do sujeito-paciente com o outro/mãe. Esta mãe precisa ser protegida, cuidada, além de haver o trabalho exercido na empresa. Esses detalhes são apresentados no dizer do sujeito-paciente que, na cena, apresenta um olhar hostil, como se confrontasse e enfrentasse o sujeito-terapeuta. Talvez um desejo de compreensão, junto à insatisfação de não ser entendido transferida ao sujeito-terapeuta, é a opressão vivida pelo sujeito-paciente pela falta de domínio de seus sentimentos. Não há controle de suas palavras, mas sim, o sintoma de uma submissão vivida frente aos desejos do outro/mãe. Sintoma este, apreendido pela contradição do efeito de pré-construído, que podemos tomar como um efeito metafórico que faz os significantes deslizarem na cadeia simbólica.

Na SDR22, o questionamento versa sobre a pressão vivenciada pelo sujeito-paciente. Uma pressão configurada pela formação imaginária que ele faz de si mesmo, um ideal de eu/ego visto como complicado. Para Lacan, a constituição do ideal do eu tem “caráter metafórico, e, tal como na metáfora, o que resulta disso é a modificação de um desejo que nada tem a ver com o desejo que está em pauta na constituição do objeto, um desejo que está em outro lugar”, um desejo imaginário do desejo do outro (1999, p. 313). O ideal de eu/ego é constituído pelos primeiros movimentos identificatórios do sujeito, junto ao projeto do que deseja ser, de maneira a predominar o sentimento de vergonha frente a eventuais fracassos. O receio de falhar, frente aos seus ideais, configura o dizer do sujeito-paciente.

O sujeito-paciente, afetado pelo inconsciente e constituído pela linguagem, tem seu discurso marcado por equívocos, falhas. Pensando em uma substituição parafrástica do enunciado “Eu não posso ser fraco”, temos “Eu não posso ser incapaz”, confrontando-se com a ideia de que “Eu posso ser forte”. A fraqueza mostra uma incapacidade de fazer algo, um detalhe apresentado pelo sujeito-paciente e compreendido de maneira distinta pelo sujeito-terapeuta. Já a força remete a outros significantes, como um discurso de dominação de si, de seu dizer, mesmo que ilusório. Os adjetivos “fraco” e “forte” são antagônicos e contribuem para que entendamos com a censura social faz com que o sujeito-paciente encontre fatos que impeçam e contribuam para que ele mantenha sua posição de filho heterossexual na sociedade.

Entendemos que a interpelação ideológica assim como saberes inconscientes são apreendidos pelo sujeito-paciente através da contradição do efeito de pré-construído, pois a resistência não impossibilita esses atravessamentos. Isso se reflete nos “problemas” relatados pelo sujeito-paciente e permite que o sujeito-terapeuta interprete a dificuldade do sujeito-paciente “pensar por si mesmo”. Consideramos que o sujeito-paciente é parcialmente assujeitado, por isso, tem a possibilidade de “ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009). As FDs que dominam o sujeito-paciente estruturam o seu dizer e, como já abordamos, apresentam deslizamentos que o mantém resistente, mas com dificuldade de romper com a FD heterossexual. Tratamos desse ponto porque o questionamento feito pelo sujeito-terapeuta, após a fala do sujeito-paciente, faz emergir essa ideia, seguida de um silenciamento.

O silêncio significa, assim como a palavra, e em certas CPs, possibilita o movimento dos sentidos e significações pertinentes às FDs que dominam o sujeito falante. Entre uma fala e outra, o silêncio se instaura, porque “as palavras são cheias de sentidos a não se dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas” (ORLANDI, 1993, p. 14). Ao analisar os

efeitos de sentidos produzidos pelas palavras ditas, precisamos observar o funcionamento do silêncio, que se põe como contraponto da linguagem, por existir a partir dela. Para a autora, o “silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou que indica que aquilo que é o mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é ‘fundante’” (ORLANDI, 1993, p. 14).

Entendemos que o silêncio significa além da respiração ou da pausa do dizer. Ele “não é transparente” e “é tão ambíguo quanto às palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar” (ORLANDI, 1993, p. 105). O movimento do sujeito e dos sentidos se dá pelo espaço dado pelo silêncio porque “as palavras vêm carregadas de silêncio(s)” (ORLANDI, 1993, p. 105). O sujeito diz para não dizer e silencia para também não dizer, são as possibilidades de significar, frente às interpelações ideológicas a que está submetido o sujeito. Explica-nos a autora que “o não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação das muitas formações discursivas têm no silêncio o seu ponto de sustentação”, pois “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (ORLANDI, 1993, p. 15).

As palavras carregam sentidos que não lhe são próprios, pois podem se tornar outros, de acordo com as CPs do discurso. O “efeito do um” surge como significado cristalizado e estabilizado, sendo o “não-um” o significante da cadeia simbólica, utilizada pelo sujeito em sua produção. Assim como as palavras, o silêncio abriga os saberes interdiscursivos das FDs. Como o dizer do sujeito é determinado ideologicamente, o que é silenciado também é da ordem do ideológico. No entanto, além do ideológico está um espaço de silêncio, o real, não alcançável pelas palavras. Para Orlandi, “embora a condição do significar seja o imaginário – do sujeito e do sentido –, para a análise de discurso há real” (1993, p. 15). E o silêncio é o real do discurso, é o silêncio fundante que representa esse real. Os silenciamentos ou os dizeres silenciados desaparecem e/ou reaparecem, de acordo com a FD em que está inscrito o sujeito. Diz-nos a autora:

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição entre o “um” e o “múltiplo”, o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia. Esse movimento, por sua vez, mostra o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto dos sentidos, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeito da relação com a linguagem). (ORLANDI, 1993, p. 17)

O silêncio funciona pela movimentação da linguagem, e nessa passagem entre dizer e silenciar, a metáfora pode aparecer nas substituições parafrásticas e polissêmicas. A contradição é um dos fatores de sua significação, pois os sentidos não são estáveis. Na explicação de Orlandi, o silêncio pode ser compreendido e observado de duas formas: o fundador “é aquele que torna toda significação possível”; e, a política do silêncio “dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer”, subdividido em “constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente)” e “local (a censura)” (1993, p. 105). As formas de silêncio permitem que se entenda a sua constituição e seu funcionamento junto às palavras, pois “o silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso” (ORLANDI, 1993, p. 105). A sustentação do discurso aparece através da inscrição do sujeito em determinada FD.

Nesse jogo de transformação, possibilitado pelos silêncios e pelas palavras, temos a linguagem que “se funda no movimento permanente entre processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmicos (o diferente), de tal modo que a distinção se faz difícil: dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido” (ORLANDI, 1993, p. 97-98). Esse movimento, além de ser a base da censura e da resistência, traz a noção de metáfora acoplada, pois na substituição dos significantes, novos sentidos, aprimoramentos e possibilidades surgem determinados pelas FDs. De acordo com Orlandi, a censura “é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (1993, p. 107). A tomada de posição do sujeito é determinada pelas suas filiações às FDs, e a ação da censura impossibilita que isso aconteça em certas circunstâncias. Nesse processo de identificação com as FDs e com o dizível, “a censura sempre coloca um ‘outro’ na jogada. Ela sempre se dá na relação do dizer e do não dizer, do dizer de ‘um’ e do dizer do ‘outro’” (ORLANDI, 1993, p. 108). Esse dizível do qual falamos é oriundo da interferência das relações de força que proíbem o que poderia ser dito em certas CPs.

A partir dessas noções, voltamos ao episódio. Aos 13’, Felipe diz: “eu fiquei tão mal que eu decidi que tinha chegado a hora”, “só que no meio do caminho foi me dando um mal-estar... foi me dando um negócio esquisito, um pavor fora do normal. Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu tremia... Aí eu respirei e consegui chegar... Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu um enjoo.”. Relata que, chegando no escritório da mãe, “disse que tinha uma coisa pra falar, ela disse que não era a hora, que tava trabalhando” e ela começa “a passar mal”. Felipe expõe: “Me deu até um alívio de ver minha mãe na ambulância porque eu não ia poder contar. Eu ia poder adiar. Se os meus pais morressem, minha vida seria mais

fácil. Ahn! Que absurdo! Eu sou um merda!”. Após a apresentação do trecho do episódio, passamos às análises.



Fotograma 23. Sujeito-paciente mantém o olhar para baixo enquanto fala sobre seus sintomas.

SDR23 – Eu fiquei tão mal que eu decidi que tinha chegado a hora... Eu fui até a casa dos meus pais... E eu **nem ensaiei** o que eu ia falar... Eu decidi que ia chegar e ia dizer... Só que no meio do caminho foi me dando um **mal-estar**... foi me dando um negócio esquisito, um **pavor fora do normal**. Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu **tremia**... Aí eu respirei e consegui chegar... Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu um **enjoo**.

O fotograma apresenta o sujeito-paciente em primeiro plano com semblante de choro, olhar para baixo, enquanto a fala é produzida vagorosamente. Suas pausas, silêncios, pontuam algo, como se o tempo passasse lentamente. Palavras atravessadas pelo silêncio ou um silêncio que atravessa as palavras, isso não sabemos dizer, pois pela movimentação da linguagem, funciona o discurso e o silêncio. Nas substituições parafrásticas e polissêmicas surgem os muitos sentidos, oriundos do efeito do um e talvez ocultos no silêncio. No silêncio, joga a contradição, que movimenta o discurso, delimitado pelas FDs que dominam o sujeito.

A SDR23 inicia com enunciados construídos pelo pronome pessoal “eu”, marcando a posição do sujeito-paciente na ação a ser realizada. Uma repetição de pensamentos, divagações do que poderia ser feito. Uma cena dramática, montada pelo sujeito-paciente, mas não ensaiada. A partir do enunciado “eu nem ensaiei o que eu ia falar”, criamos a seguinte paráfrase: “eu nem treinei”. Um dizer sem treino, sem repasse, acontece pela falta de ensaio, acarretando na necessidade de improvisar. Um improviso confuso, marcado pelo excesso de “eu”, que busca consolidar os efeitos de sentido direcionados aos saberes da FD homossexual, visto que ilusoriamente, há uma decisão, uma escolha.

Esse excesso, presente na SDR23, refere-se à ilusão subjetiva do sujeito de controlar o seu discurso e determinar o seu sentido. O enunciado “eu decidi que tinha chegado a hora...”

remete a essa crença de ser fonte do dizer, ou seja, ilusão de acreditar na definição do fato. No entanto, a pausa, oriunda do silêncio, delimita a incerteza, assim como o início do enunciado “eu fiquei tão mal”. Na expressão “eu nem ensaiei o que eu ia falar”, temos a marca linguística de algo não pensado antes, exposto pela utilização do “nem”. A negação discursiva destaca a presença de enunciados contraditórios, que veiculam posições-sujeito diferentes (ERNST-PEREIRA, 2004). É a interpelação sofrida pelo sujeito-paciente que ora se identifica com os saberes da FD heterossexual ora com a FD homossexual. Ainda, na SDR23, temos o efeito do esquecimento nº 1, da ordem do inconsciente, pela expressão “eu decidi que ia chegar e ia dizer”. Uma produção do dizer que demonstra a ilusão de ser fonte do que diz, visto que seu olhar não busca a aprovação ou reprovação do outro.

A fala do sujeito-paciente prossegue e mantém-se a postura corporal até a finalização da enunciação da SDR23, como se estivesse falando para si mesmo. Cada sintoma revela uma expressão do rosto, como, por exemplo, o “enjoo” que origina o nojo. Um relato íntimo, um acontecimento não desejado. Uma apresentação sintomática manifestada no corpo e nas/pelas palavras pela apreensão dos saberes que o atravessam. Um ideal de ego afetado pelo sentimento de vergonha por não conseguir suportar tal fato frente aos pais. Notamos, no discurso, que os sintomas “mal-estar”, “pavor fora do normal”, “tremor” e “enjoo” são metáforas condensadas e simbolizadas no corpo, pois para além de falar, a sensação é experienciada pelo sujeito-paciente. Sensações corporais que remetem ao medo, à ansiedade. São efeitos metafóricos simbolizados, significantes inconscientes, que trazem, pela ordem linguística, um significante no lugar de outro (LEMAIRE, 1979). Os sentimentos recalcados ressurgem no corpo, é o significante em ação, fazendo retornar a verdade pelo sintoma (LACAN, 1998).

Para essa enunciação sintomática, constituímos uma paráfrase do dizer do sujeito-paciente: “Só que no meio do caminho foi me dando um incômodo... foi me dando um negócio esquisito, um medo. Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu estava agitado... Aí eu respirei e consegui chegar... Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu náuseas.”. Os termos substituídos conservam a ideia de que algo está fora do lugar, há um estranhamento relativo às experiências corporais que não podem ser controladas. O mal-estar, o pavor fora do normal, o tremor e o enjoo são expressões de angústias guardadas e recalcadas em algum momento. Contudo, o que estava recalcado emerge no consciente do sujeito-paciente, fazendo com que o sintoma seja sentido e simbolizado pela apreensão, condensação linguística, possibilitada pela metáfora. Os diferentes termos utilizados remetem a efeitos de sentido direcionados a algo que falha, falta ser compreendido, simbolizado pelo sujeito-

paciente para que assim, possa revelar sua nova posição com saberes que se afastam da FD heterossexual e aproximam-se da FD homossexual.

No enunciado do sujeito-paciente aparece o desejo e o conflito recalcado, delimitando a organização e a articulação do discurso. É o grande Outro que, pelo registro simbólico, atravessa o sujeito-paciente ao trazer ao consciente, desejos e conflitos. Pelo filtro do Outro, que coloca em ordem e constrói obstáculos no que pode ser aceito ou ouvido, o discurso do sujeito-paciente surge, afetando a produção de sentidos (LACAN, 1999). Como há inúmeras cristalizações imaginárias e resistências do sujeito-paciente, a metáfora aparece através de uma mensagem invertida, contrária ao seu desejo. Articulado pelo significante, o desejo inconsciente, atravessado pela inscrição à determinada FD, traz no discurso a movimentação dos sentidos e a identificação do sujeito-paciente (ORLANDI, 2012b).

Para Orlandi, a identidade está em movimento e “encontra suas formas de manifestação não importa em que situação particular de opressão” (1993, p. 121). Nessa conjuntura, a interpelação de saberes oriundos da FD heterossexual oprime o sujeito-paciente, dificultando a expressão da identidade homossexual. É o movimento de censura e resistência proibindo que o sujeito-paciente ocupe certa posição ou lugar. A FD homossexual está interdita pela inscrição do sujeito-paciente à FD heterossexual. O desejo latente, e agora manifestado, é uma expressão metafórica do inconsciente, que adentra o consciente. O impulso de falar, sem ensaiar (SDR23), origina os sintomas.

Os efeitos metafóricos são produzidos no *non-sens*, no engendramento da linguagem, no equívoco de domínio do sentido. O desejo expresso pelos sintomas é uma figuração que rememora o mal-estar da civilização de que Freud (2010) falava. O sujeito-paciente encontra-se alienado e repreendido em seu meio social, seguindo normas e regras que o impedem de encontrar a felicidade almejada. Para o autor, uma das formas de expressar o desejo é o amor, e a insatisfação conduz à dor que é moral e aparece no corpo físico. Dessa forma, os sintomas do sujeito-paciente podem estar relacionados à insatisfação do desejo, de não poder expressar seu eu, sua identidade sexual/social e seu relacionamento homoafetivo. Essa interpretação conecta-se a explicação de Butler (2017) de que a identidade do sujeito está submetida à normatização, a meios disciplinares. A repressão/censura social advém das condições sócio-históricas e da identificação com os saberes da ideologia heteronormativa e da contraidentificação com a FD heterossexual. Passemos para a próxima SDR.



Fotograma 24. Sujeito-paciente olha para o lado enquanto fala.

SDR24 – Se os meus pais **morressem**, minha vida seria mais fácil. (...) Ahn! Que **absurdo!**
Eu sou uma merda!

Após alguns silêncios, um dizer censurado surge. O fotograma mostra o sujeito-paciente com a cabeça baixa, o olhar semicerrado e o corpo projetado para o lado, afastando-se da relação com o sujeito-terapeuta. O semblante é pensativo e os silêncios encaminham para a ideia de reflexão. Talvez algo não pudesse ter sido dito, mas foi. A tomada de posição do sujeito-paciente é determinada pelos laços sociais que configuram seu dizer. A interpelação pela ideologia heteronormativa, representativa dos valores éticos, morais, sociais, religiosos construídos historicamente, interfere na produção discursiva do sujeito-paciente. Desejar a morte dos pais vai contra as normas estabelecidas pelos AIE como a Igreja e a Escola que regem tal saber e mantém tal forma-sujeito.

O dizer da SDR24 inicia por uma ideia hipotética de morte, de extinção de algo que afeta o sujeito-paciente. Entendemos que não é a vida que precisa cessar, mas a pressão, a censura vivida e sentida pela determinação ideológica, pela ação dos significantes do grande Outro, que necessita diminuir. A concretização de tal fato deixaria, imaginariamente, a vida do sujeito-paciente “mais fácil”, “mais simples” e/ou “mais descomplicada”. Essa ideia de solução da dominação experimentada é ilusória e acontece pela ação do esquecimento nº 1, pois os processos ideológicos-discursivos são anteriores ao sistema da língua e ao limite de autonomia, sendo variável historicamente (PÊCHEUX, 2009).

Na SDR24, o silêncio local advém e surge no entremeio do dizer. Ao enunciar “Se os meus pais morressem, minha vida seria mais fácil” aparece a censura. Para Orlandi, “a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições”, de maneira que “impede-se que o sujeito, na relação como dizível, se identifique com certas regiões do dizer pelas quais ele se representa

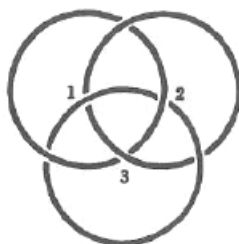
como (socialmente) responsável, como autor” (1993, p. 107). A tomada de posição em prol de si mesmo e contra os valores morais impede o sujeito-paciente de manter-se em tal posição.

Essa responsabilidade pelos atos e desejos tem a ver com a “culpa” sentida pelo sujeito-paciente, oriunda da necessidade ideológica tramada pelos pressupostos histórico-discursivos, que dão as coordenadas de seu sentido (ŽIŽEK, 1996). Ao se iludir com a liberdade e a responsabilidade moralizante, de que “todos nós *devemos* amar nossos pais”, os sentidos se esvaem (ŽIŽEK, 2010, p. 21). A organização do dizer do sujeito-paciente transforma-se, afetada pelo vínculo social contido na troca simbólica entre sujeitos, e configura um “gesto vazio”, desintegrado na ordem social e confrontado com as escolhas linguísticas (ŽIŽEK, 2010). Esse vínculo social faz com que se interdite tal dizer, o silêncio se apresente e configure a censura de tal desejo.

Entendemos que o dizível sofre interferência das relações de força do Estado que proíbe tal dizer em determinadas CPs, isto porque a censura coloca um “outro” na troca simbólica (ORLANDI, 1993). A tomada de posição do sujeito-paciente é determinada pelas filiações às FDs, e a ação da censura impossibilita que isso aconteça em certas circunstâncias, mas que é possibilitada no *setting* terapêutico. A repreensão aparece no dizer “Que absurdo!”, remetendo à ideia de que tal desejo não devesse ser pronunciado. Ao observarmos sua definição, notamos que “absurdo”⁶⁸ é definido como “qualidade do que é contrário ou repugnante à razão; aquilo que é contrário à razão, à sensatez, ao bom senso; despropósito, insensatez, disparate”. Poderíamos construir um enunciado parafrástico através do equívoco produzido: “Que contraditório!”. Contradição, presente no efeito de pré-construído e produtora do sintoma, que é considerada pela expressão recorrente do amor do sujeito-paciente pelo outro/mãe e imagem de si mesmo como “um merda”. Enunciar que é “um merda” envolve a imagem de si, configurada pelo eu ideal, preso à imagem do outro, ao objeto a. o objeto a está na interseção dos três anéis do nó borromeano, compostos pelos três registros – real, imaginário e simbólico.

⁶⁸ Absurdo. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/absurdo>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Figura 2. Nó borromeano.



Fonte: LACAN (1985b, p. 179)

Na figura 2, observamos o registro imaginário (I) à direita, o real (R) à esquerda e o simbólico (S) abaixo. Conforme apresenta Lacan, o nó borromeano “pode nos servir para representar para nós essa metáfora tão divulgada para exprimir o que distingue o uso da linguagem – a cadeia, precisamente” (1985b, p. 173). O autor expõe que nessa intersecção entre os registros está o objeto a, objeto causa do desejo. Explica-nos Lacan:

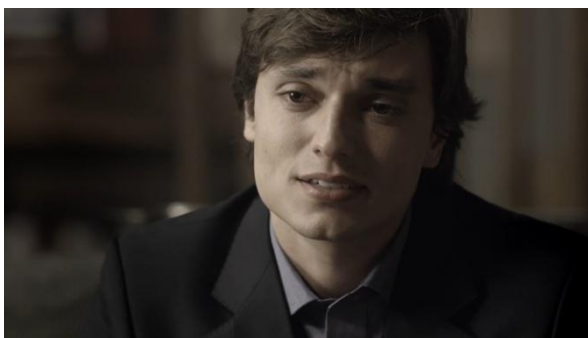
O objeto a é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, só situando-o pela metonímia, quer dizer, pela pura continuidade garantida do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser de um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo, sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós. (LACAN, 1985b, p. 171)

Por ser a causa do desejo, integra e organiza os três registros. Ele está preso à imagem do semelhante, que o constitui pelo registro do imaginário, e é o furo do simbólico, sendo o condensador do gozo pelo registro do real. Nas palavras de Quinet, “o objeto a é envelopado pela imagem (I) e encontramos suas coordenadas na rede simbólica do inconsciente (S) – dessa maneira ele está na imagem narcísica $i(a)$ e na fantasia $(\$ \diamond a)$, tanto a fantasia imaginária quanto a fantasia fundamental” (2012, p. 33). Essa fantasia imaginária que constitui o sujeito e seu discurso, tomado pelo desejo, é também desejo do outro. O autor assinala que “no amor, a escolha do objeto é sempre ao mesmo tempo narcísica, por ser feita à imagem (i) e à semelhança do eu, e objetual (a) por conter o objeto a”, constituindo o matema $i(a)$ (QUINET, 2012, p. 41). Na constituição do eu ideal encontra-se o narcisismo primário, o amor-próprio, que é necessário para o sujeito configurar seu eu e entra em conflito com o amor ao outro.

Essa configuração do eu ideal, precisa ser suprida, nutrida pelo outro com o intuito de tampar o furo, a falta. O fracasso enunciado traz o sentimento de desonra, conectado à identificação com o grande Outro na posição de ideal de eu do sujeito, pelo registro simbólico, que possibilita a estruturação do imaginário (LACAN, 1998). Ao tratar do fracasso, lembramos da construção identitária que também tem falhado. A construção

imaginária do pai como alguém que quer diversão e da mãe como bela e “frágil” traz a percepção de uma família deslocada, distante dos padrões patriarcais. A expressão de que deseja a morte dos pais (SDR24) tem relação com a ideia de pensar em si mesmo. Entendemos que a organização dos dizeres do sujeito-paciente é orientada pelos saberes da forma-sujeito da FD heterossexual, sendo que seu pai, o homem da família, deveria prover o sustento da família. No entanto, sabemos que a provedora e/ou detentora do poder da empresa, da família é a mãe. Assim, os papéis sociais se invertem e o deslizamento das palavras e sentidos acontece pelas experiências do sujeito-paciente. A identificação com o outro/mãe, sua semelhante e amada, relaciona-se com o Nome do Pai, constituído na relação com a lei da mãe.

Na continuidade do episódio, aos 15’, Felipe fala do pai e da mãe. Ele atende o celular e diz que Guto quer vir à próxima sessão. Felipe quer adiar esse encontro e conclui: “Eu vou terminar com o Guto. Cheguei à conclusão que a única maneira de eu parar de me atormentar, parar de alugar o Guto, de fingir, de me esconder.”. Sua conclusão é desfeita a seguir: “Eu sempre achei que o Guto fosse ser uma coisa passageira. Eu nunca achei que ia amar tanto um homem.”; “Eu fiz outras vezes, mas eu sempre achei que era uma fase. Que eu ia casar com uma mulher e tudo ia mudar. Ahn! Mas não mudou.”. Vamos à análise.



Fotograma 25. Sujeito-paciente tem lágrimas nos olhos enquanto fala.

SDR25 – Eu vou terminar com o Guto. Cheguei a conclusão que a única maneira de eu parar de me **atormentar**... parar de **alugar** o Guto, de **fingir**, de me **esconder**. [...] Vai ser a coisa mais difícil que eu fiz na minha vida. Eu sempre achei que o Guto fosse ser uma **coisa passageira**. Eu nunca achei que ia amar tanto um homem.

No fotograma da cena do episódio, notamos que, após a ligação do sujeito-namorado, o assunto torna a ser a dificuldade de manter o relacionamento homoafetivo. Surgem as lágrimas nos olhos e o semblante abatido. A fala é pausada e com alguns momentos de

silêncio. O primeiro enunciado da SDR25 representa uma definição, uma ilusão do sujeito-paciente de decisão, de escolha sobre a relação vivida. O silenciar traz a reflexão, a dúvida presente no corpo. O choro mostra a emoção, o sentimento guardado e presente no corpo do sujeito-paciente. É um silêncio que significa sem palavras, momento de apreensão do que se diz. Na política do silêncio estão as divergências entre dizer e não-dizer, e o silêncio constitutivo rememora a ideia de algum sentido necessariamente ser calado no dizer. O que poderia ter sido calado e/ou não-dito, frente a essa afirmação?

O enunciado “Eu vou terminar com o Guto” remete a uma resolução que nos encaminha para a compreensão de que o sujeito-paciente sofre a interpelação da FD heterossexual. O relato de que a noiva Nicole “é tão legal, vai ser uma excelente mãe”, reforça nossa concepção de que ter um relacionamento heterossexual é aceitável ao sujeito-paciente. A inscrição na FD heterossexual configura o dizer e os sentidos atribuídos pelo sujeito-paciente. Ao se constituir na ilusão de ser e de dizer, o sujeito-paciente, assujeitado pela FD, pode ser um exemplo do “bom” sujeito porque consente e aceita os saberes regulados pela forma-sujeito.

Em sua tomada de posição, o sujeito-paciente, após o seu silêncio, amplia sua decisão, utilizando verbos no infinitivo – parar, atormentar, alugar, fingir e esconder. Ao acreditar ter o poder de domínio do seu dizer e dos sentidos, pensa que pode “parar” de se “atormentar”, “fingir” e se “esconder”. A ilusão intersubjetiva apresenta o assujeitamento do sujeito-paciente à ideologia heteronormativa e à FD heterossexual. É o efeito do esquecimento nº 1 junto ao nº 2, de um “sempre-já” sujeito, identificado com a FD que o domina e constrói a ilusão de autonomia e de ser senhor de seu dizer (PÊCHEUX, 2009). Ao adentrar o mundo da linguagem, torna-se sujeito e inscreve-se no registro simbólico, produzindo seus discursos.

A SDR25 apresenta a ilusão subjetiva de autonomia do dizer, como se o sujeito-paciente pudesse determinar ou não sua interpelação à FD heterossexual. Sabemos que a interpelação é inconsciente e o sujeito pode “ousar se revoltar”, o que parece acontecer algumas vezes. Os enunciados apresentam os pronomes pessoais “eu” e “me”, dando pistas da posição do sujeito-paciente, como se pudesse determinar sua escolha. A explicação do porquê do término do relacionamento surge no segundo enunciado. Em uma substituição parafrástica da SDR25 teríamos “Cheguei à conclusão que a única maneira de eu parar de me incomodar... parar de atrapalhar o Guto, de simular, de me disfarçar seria me separar dele”. Dessa forma, os efeitos de sentido imbricam-se na forma-sujeito representativa dos saberes heterossexuais, de maneira que o relacionamento amoroso deve ser com alguém do sexo oposto.

Nessa substituição significativa, notamos verbos que rememoram a ideia de que o sujeito-paciente está mascarando o seu eu, em busca do seu verdadeiro eu. Contudo, todo esse processo de produção do eu é imaginário e configurado pela identificação à FD dominante, a heterossexual. Caso o sujeito-paciente estivesse inscrito na FD homossexual, os dizeres seriam transformados, visto que os saberes reguladores nessa FD não reprimem os sujeitos que têm um relacionamento homoafetivo. A resistência do sujeito-paciente, em mostrar sua identidade homossexual, faz com que o movimento de dominação seja permeado de tensões e confrontos. A contradição do dizer é marcada pelas distintas posições do sujeito-paciente. Pelo efeito da repressão e da censura, ao se inscrever em determinadas FDs, o sujeito-paciente não consegue ocupar certas posições em determinadas CPs.

Ainda, o fotograma mostra o sujeito-paciente, em primeiro plano, com olhar triste ao enunciar o amor por um homem. Além disso, a ilusão de que seria “uma coisa passageira” parece desapontar o sujeito-paciente. Abordamos a questão do amor porque em nossa descrição do episódio, apresentamos o dizer do sujeito-paciente – “Do jeito que eu tô falando, parece que eu não amo ele. Eu amo!”. Para Lacan (1998), o parceiro sexual é o seu objeto de desejo e precisa estar no lugar de objeto a, causa de desejo, que se coloca no interior do Outro do amor como o seu semelhante, seu amor. O autor explica que “o amor distingue-se do desejo”, pois é uma “paixão imaginária” constituída no registro simbólico e, ainda, “o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto” (LACAN, 1986, p. 314).

O fenômeno do “amor-paixão” é “determinado pela imagem do Eu ideal”, assim como a “iminência do ódio dentro dele” (LACAN, 1998, p. 346). O Eu ideal relaciona-se ao narcisismo primário e está no registro imaginário, na ilusão de que ter é igual a ser. Nesse ponto, o amor e o ódio ao semelhante aparecem no objeto que satisfaz sua pulsão e causa seu desejo, “pois o objeto a é o verdadeiro parceiro na sexualidade” (QUINET, 2012, p. 32). O objeto a “não é nem simbólico nem imaginário. É da ordem do real. O objeto a afeta o sujeito. E sua única consistência é lógica” (QUINET, 2012, p. 33).

Na construção do eu ideal está o narcisismo primário, o amor-próprio. Ao se instituir a falta, o furo do real, o amor surge pela necessidade de tampar o furo, algo impossível, mas imprescindível para a constituição do sujeito. Pela necessidade de amar e de ser amado, o sujeito-paciente sofre, se entristece com a tomada de posição em prol da decisão de acabar o relacionamento homoafetivo. Na SDR25, o enunciado “vai ser a coisa mais difícil” mostra a censura social, acarretada pela interpelação da FD heterossexual. Nesse mesmo enunciado, parece que a tomada de posição já aconteceu, pois o dizer “eu fiz na minha vida” remete ao

passado. Portanto, essa foi “a coisa mais difícil” de ser feita, mas ainda não aconteceu. Um ato falho, uma expressão do inconsciente que advém ao consciente para apresentar a relação dual do sujeito-paciente com suas decisões. Um efeito metafórico, conduzido pelos significantes, transformando os efeitos de sentido do dizer. Um sintoma da apreensão da contradição apreendida na discrepância dos saberes pré-construídos que vem à tona pelo ato falho.

Na SDR25, o segundo enunciado expõe a ideia de que o sujeito-namorado, Guto, seria “uma coisa passageira”. Ao atribuir ao seu amado o sinônimo “coisa”, entendemos que há uma possível destituição do objeto causa do desejo, como se não quisesse nomeá-lo. Poderíamos pensar em substituições como “caso” ou “relação”, visto que existe a ligação entre os sujeitos. Analisando a palavra “passageira”, podemos pensar em sinônimos como “transitória” e “momentânea”, como se esta fosse a construção imaginária do sujeito-paciente para a relação que estabeleceu com o sujeito-namorado. Dunker explica que entre o desejo e a linguagem criam-se objetos de fantasia, por exemplo, que repetem e disseminam a perda da experiência e “na ideia de objeto a, simultaneamente como localização da falta (como objeto fálico ou traumático), determinação do desejo (como objeto causa de desejo) e produtor de gozo (como objeto mais-de-gozar)” (2011, p. 119). Notamos que o sujeito-namorado, o outro semelhante e objeto causa de desejo, aparece como objeto condensador de gozo (mais-de-gozar) do sujeito-paciente quando se enuncia “eu nunca achei que ia amar tanto um homem”, representando, assim, a falta.

Os dêiticos de tempo “sempre” (SDR9) e “nunca” (SDR13) foram enunciados anteriormente. Eles trazem pistas de que essa identificação com o sujeito-namorado e com a identidade homossexual já estava instituída. Observamos que, na SDR25, surge a determinação do que o sujeito-paciente “acha” e na SDR9 e SDR13, do que “gosta”, ambas relacionadas à ilusão de poder mudar seu desejo e sua identidade homossexual. Lembramos que a relação entre os sujeitos – paciente e namorado – é afetada pela presença do real, que é irrepresentável e escapa aos registros do imaginário e do simbólico.

Nos ensinamentos de Lacan (2007), temos o *sinthoma* que amarra os três registros, faz o nó. Esse *sinthoma* é o resto não analisável, real, do sintoma e relaciona-se a algo particular. Para Lacan, “é na medida em que o *sinthoma* volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o *sinthoma*” (2007, p. 53). O *sinthoma* conecta-se ao real do inconsciente, e o inconsciente pode ser real ou imaginário porque “participa de um equívoco entre os dois” (LACAN, 2007, p. 98). Esse quarto lugar, ocupado pelo *sinthoma* é o incurável que não é condição da linguagem, mas da *lalíngua*. Uma noção

que apresenta o real ex-sistindo ao simbólico, sem lei e que surge ao acaso. Na análise, o entrelaçamento dos sintomas constitui o sinthoma, e “temos apenas o equívoco como arma contra o sinthoma” (LACAN, 2007, p. 18). O equívoco que surge na/pela linguagem, através das palavras, na subversão do tempo do dizer “vai ser a coisa mais difícil que eu fiz na minha vida”, presente na SDR25.

Ainda nesse enunciado, a expressão “eu sempre achei”, constituído na fantasia imaginária de ser, remete a uma significação estabilizada em que “sempre” foi considerada tal idealização de transição, passagem. Nesse ponto, “o significante é o que representa o sujeito para outro significante” através da presença do eu [moi], ou seja, a ilusão de ser, pelo registro simbólico e imaginário, faz o discurso surgir (LACAN, 2005). Aqui também podemos rememorar a presença dos esquecimentos de nº 1 e nº 2, em que a linguagem é atravessada pela intersubjetividade do sujeito-paciente.

O discurso do sujeito-paciente, nesse episódio, apresenta a censura e a resistência em expor a identificação com a identidade homossexual, além de trazer aspectos da identificação com a mãe. O desejo do sujeito-paciente aparece em alguns momentos e, pela resistência, deslizam os efeitos de sentido pelas estruturas das FDs que o dominam. Em meio às noções de esquecimento e silêncio, observamos um sujeito-paciente interpelado pela FD heterossexual e em busca da contra/desidentificação, para assim, constituir-se enquanto eu [moi] que se apresenta como sujeito desejante e ousa se rebelar.

Quadro 5. Metáforas presentes no quarto episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR22	Você tem noção da pressão que é isso? Eu não posso ser fraco .	Você tem noção da pressão que é isso? Eu não posso ser incapaz . Você tem noção da pressão que é isso? Eu posso ser forte .
SDR23	Eu fiquei tão mal que eu decidi que tinha chegado a hora. Eu fui até a casa dos meus pais. E eu nem ensaiei o que eu ia falar. Só que no meio do caminho foi me dando um mal-estar , foi me dando um negócio esquisito, um pavor fora do normal . Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu tremia . Aí eu respirei e consegui chegar... Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu um enjoo .	[...] E eu nem treinei o que eu ia falar. Só que no meio do caminho foi me dando um incômodo ... foi me dando um negócio esquisito, um medo . Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu estremecia ... Aí eu respirei e consegui chegar... Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu náuseas .
SDR24	Se os meus pais morressem, minha vida seria mais fácil . Ahn! Que absurdo !	Se os meus pais morressem, minha vida seria mais simples / descomplicada . Que

	Eu sou um merda!	contraditório! Eu sou um merda!
SDR25	Eu vou terminar com o Guto. Cheguei a conclusão que a única maneira de eu parar de me atormentar... parar de alugar o Guto, de fingir , de me esconder . [...] Vai ser a coisa mais difícil que eu fiz na minha vida. Eu sempre achei que o Guto fosse ser uma coisa passageira . Eu nunca achei que ia amar tanto um homem.	Eu vou terminar com o Guto. Cheguei a conclusão que a única maneira de eu parar de me incomodar... parar de atrapalhar o Guto, de simular, de me disfarçar será me separar do Guto. [...] Vai ser a coisa mais difícil que eu fiz na minha vida. Eu sempre achei que o Guto fosse ser um caso transitório . [...]

6.5. O CONFLITO: A ORIENTAÇÃO SEXUAL

As práticas discursivas dos sujeitos são (re)produzidas de acordo com as condições sócio-históricas vigentes. Saberes são (re)formulados e sofrem interferência das formações ideológicas que, ao interpelarem os sujeitos, apresentam discursivamente a submissão e/ou a resistência do sujeito. Os dizeres referentes à orientação sexual parecem se encaixar, deslizar e derivar em outros, de forma que significantes se transformam e (re)significam na contemporaneidade. Esse é o assunto deste capítulo que, sucintamente, descreve o entrelaçamento destes dizeres nas relações do sujeito-paciente.

Iniciamos o episódio cinco. No 1', a conversa versa sobre a mãe de Felipe. A campainha toca, Theo levanta, abre a porta e Guto pede para entrar. Sentados no sofá, iniciam a discussão, Guto diz: “Só quero saber que lugar ela tem na sua vida e se eu sou mesmo importante pra você.” e Felipe responde: “Você sabe que é importante pra mim, mas a minha família, minha mãe, também são.”. Esse dizer faz com que o diálogo gire em torno da mãe de Felipe. Guto altera o tom de voz, falando: “Eu conheço a dona Carmen por tabela porque toda decisão do Felipe é baseada no que ela quer. Parece que ela colocou, sei lá, um chip na cabeça dele.” e Felipe retruca: “Não é porque eu respeito a minha mãe que eu sou um robô, tá.”.



Fotograma 26. Sujeito-paciente termina o dizer e olha para o sujeito-namorado.

SDR26 – Não é porque eu respeito a minha mãe que eu sou um **robô**, tá.

O fotograma expõe o sujeito-paciente em primeiro plano com o rosto voltado para o sujeito-namorado, que o olha. Há uma comunicação, realizada por palavras, olhares e gestos, que simboliza a relação existente. As palavras utilizadas na SDR26 remetem a duas ideias: o ato de respeitar e de ser submisso a alguém. Formas de funcionamento da linguagem relacionadas às práticas discursivas do sujeito-paciente em relação ao outro/mãe. A ilusão de respeitar ou se submeter ao outro é exposta a partir de uma negação – “não é porque”. O uso da negação serve para distinguir o fato de respeitar o outro/mãe e de ser robô – estar submetido a ele. Podemos, em nosso gesto de interpretação, pensar que o verbo “respeitar” está produzindo efeitos de sentido de honrar o outro/mãe, seguindo os valores morais e éticos. Contudo, no dicionário, o substantivo “respeito”⁶⁹ é definido como “sentimento que nos impede de fazer ou dizer coisas desagradáveis a alguém; apreço, consideração, deferência; acatamento, obediência, submissão; medo, receio, temor”. Ao observarmos essas significações, entendemos que o uso de respeitar traz uma carga de sujeição ao outro, aqui voltado ao outro/mãe, o que entra em conflito com o restante do dizer.

O sujeito, constituído pela linguagem, adentra a cadeia de significantes e se subjetiva, alienado pelas trocas simbólicas estabelecidas com o outro. Nesse processo, o sujeito-paciente, marcado pela inscrição no simbólico, exterioriza a sua subjetividade, na ilusão de ser origem do seu dizer. Pelo funcionamento do imaginário linguístico, o sujeito enuncia, permitindo que o esquecimento nº 2 oculte o esquecimento nº 1. Sem ter controle do que diz, o sujeito-paciente traz o equívoco enunciado pela lógica estabelecida entre ter respeito e ser “robô”. Duas formas de domínio e dependência humana, como se obedecesse aos comandos do outro.

Ser um robô é ser um instrumento da criação humana. Um ser que executa mecanicamente determinados comandos, o que sugere um controle do criador sobre a criatura/robô. A definição de “robô”⁷⁰ é apresentada como: “aparelho capaz de agir de maneira automática numa dada função; autômato com figura humana (androide, humanoide)”. Essa significação surge na fala do sujeito-namorado, por meio da expressão “parece que ela colocou, sei lá, um chip na cabeça dele”, visto que o chip seria o recurso tecnológico que determinaria o meio de controle do outro/mãe, a partir da interpretação daquele que percebe a

⁶⁹ Respeito. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/respeito>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

⁷⁰ Robô. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/robo>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

dominação, apreende a identificação-interpelação sofrida pelo outro. A fala do sujeito-paciente – “não é porque” – inicia com uma possível interpretação e/ou resposta ao dizer ouvido. Temos discursivamente efeitos de sentido voltados à ideia de que não é um “robô”, de que a submissão ao criador, sua mãe, não acontece, e entendemos que a resistência do sujeito-paciente aos poderes patriarcais está em processo de construção. Ao fazer uma substituição significativa para a expressão “eu sou um robô”, constituímos a paráfrase “eu sou uma máquina”, fazendo com que a submissão à ideologia dominante seja “plena”, o que sabemos ser impossível. Ser um robô remete à ideia de não haver afetos e sentimentos, o que é impraticável, mas cessaria com os “problemas” enunciados pelo sujeito-paciente.

A SDR26 possibilita distintos gestos de interpretação, de maneira que o fato de ser um “robô” pode produzir efeitos de sentido de respeitar como honrar e/ou submeter-se. Nesse ponto, surge o equívoco, tomado pela ilusão do sujeito-paciente de controlar o sentido atribuído ao dizer. Se tomarmos respeito enquanto honra, há uma distinção entre ser respeitoso e ser uma máquina/robô. No entanto, ao tratarmos respeito como obediência, a submissão ao outro/criador acontece e as palavras “respeito” e “robô” fazem os significantes deslizarem, produzindo efeitos de sentido que configuram um dizer que o domina. Nesse gesto de interpretação, o sujeito-paciente encontra-se assujeitado ao outro/mãe, fazendo emergir pistas do inconsciente. Dessa forma, o uso de “não é porque” remete a uma causa não efetivada, pois o que provoca um determinado fato – o respeito à mãe – não determina o fato – ser um robô.

Na continuidade do episódio, aos 3’30, Guto, ironicamente, diz: “Ah não! Ou você está de casamento marcado de livre e espontânea vontade?”, sorri e continua: “Conta aqui pra gente, pra quando é que tá marcada a cerimônia?”. Felipe diz que será em um mês porque “aconteceu um imprevisto e ela teve que adiantar tudo”, e isso assusta Guto. Felipe diz que não mentiu – “Você sabia que não ia ser fácil mudar meu jeito.” – e Guto enche os olhos de lágrimas e pergunta: “Você já sabe como vai fazer? [...] Pra manter essa mentira? Ou você acha que depois de casar, você não vai mais querer ver um homem na sua frente?”.



Fotograma 27. Sujeito-paciente enuncia olhando fixamente o sujeito-namorado.

SDR27 – Guto, quando a gente se conheceu, eu não menti pra você. Você sabia que não ia ser fácil **mudar meu jeito**.

O fotograma expõe, em primeiro plano, o sujeito-namorado com olhar fixo no sujeito-paciente, e este enuncia. Ao trabalharmos com a SDR27, retomamos a ideia contida na SDR13 quando é retratado o fato de “assumir” algo, ou seja, atribuir a si mesmo um comportamento que é diferente do vivido. O dizer remete à concepção de que “não ia ser fácil”, o que possibilita a noção de que “seria difícil” ser o que não é ou representar o que se é. Essa ilusão de ser e representar seu eu faz parte do assujeitamento do sujeito-paciente à ordem da língua, fazendo o sujeito acreditar na sua autonomia. Sabemos que, simbolicamente, o sujeito-paciente produz seu discurso impelido por discursos outros, que interferem na produção e na relação com o outro. Não há domínio da significação, pois os significantes não são neutros e se transformam de acordo com as relações estabelecidas. As CPs incitam saberes que configuram formações imaginárias de si, enquanto “sujeito-de-direito”, filiadas às formações discursivas (ORLANDI, 2012a). Pelo dizer da SDR27, entendemos que a inscrição na FD heterossexual deixa rastros e transpassa os saberes do sujeito-paciente, criando a ilusão de que se pode controlar a prática discursiva (fala, corpo, gesto), marcada pelo desejo homossexual e pelo atravessamento da FD homossexual.

A expressão “mudar meu jeito” cria uma fantasia de poder se transformar e constituir um novo eu. Como isso é possível? As formações imaginárias possibilitam a constituição de um eu ideal. No entanto, sabemos que a identidade é imaginária e “o sujeito não tem identidade própria, ele é tão somente representado por significantes que se encontram nesse lugar psíquico que é o Outro” (QUINET, 2012, p. 22). Esse “Outro do significante”, “Outro da linguagem”, “Outro do simbólico” é que constitui o sujeito pela representação de um significante (S) para outro significante (S’).

Figura 3. Significantes.

$$\frac{s}{s'} \longrightarrow s''$$

Dessa forma, podemos dizer que o sujeito-paciente é homem, engenheiro, homossexual, etc. porque os significantes o representam para outro/outros significantes, sendo que ele é homem em relação à mulher, ele é engenheiro em relação ao professor ou outras profissões, ele é homossexual em relação ao heterossexual ou outras orientações sexuais, etc. Isso porque “o sujeito não ‘é’ isso ou aquilo, ele é um vazio, um furo no conjunto da linguagem, deslizando nas cadeias significantes” (QUINET, 2012, p. 23). Dessa forma, ao deslizar de significante em significante, o sujeito é constituído pelo Outro. Os significantes alienam o sujeito, ou seja, pelo efeito da linguagem, o sujeito se representa e se identifica a partir do Outro (lugar do inconsciente).

Para Quinet, “o grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias” (2012, p. 24). Somente pelas formações do inconsciente que o Outro se torna acessível ao sujeito. A partir dos significantes recalcados no inconsciente ou pelos ideais do Outro que o sujeito pode constituir seu eu ideal, aquele espelhado no outro/semelhante. Isso porque na relação imaginária entre o eu e o outro, o grande Outro está presente. Os significantes, oriundos do desejo e do ideal dos pais, constituem o sujeito e formam um eu, e este eu se espelha no eu ideal, com o objetivo de ser amado, conceituado como narcisismo primário (FREUD, 1990a). Esses significantes recalcados constituem o ideal de eu, que é o Ideal do Outro [I(A)], através dos ditos de todos os que ocuparam o lugar do Outro para o sujeito. A partir da introjeção desses ditos, temos o narcisismo secundário, que é a instância do ideal do eu.

Dessa maneira, “o sujeito tenta se adequar aos significantes determinados pelo Outro pela via da identificação simbólica, e o eu tenta se moldar de acordo com o eu ideal, percebido como outro, através da identificação imaginária” (QUINET, 2012, p. 25-26). As exigências narcísicas fazem com o que o sujeito busque ser amado e, para isso, ele precisa se adequar aos moldes introjetados. O sujeito, ao constituir o eu ideal, cria uma imagem de completude pela relação consigo mesmo. A partir dessa imagem ideal de si mesmo, surge a necessidade da satisfação narcísica, transformada na demanda de ser objeto do amor do outro. Tudo isso vem da ilusão de ter sido amado e admirado, o que leva ao desejo de retornar a essa

posição ideal. A expressão “não ia ser fácil”, enunciada pelo sujeito-paciente na SDR27, revela esse desejo de retorno, de sentir-se amado, atravessado pelos significantes do Outro.

Mesmo que o discurso exponha “que não ia ser fácil mudar”, nosso gesto de interpretação leva-nos a entender que o desejo desliza através dos significantes. A demanda de ser amado reverbera no desejo de retornar à posição do eu ideal, apresentada na troca simbólica com o outro. O desejo de ser compreendido é projetado no outro sem ser notado, trazendo pistas da alienação sofrida. Esta alienação é exteriorizada no outro, criando um vazio, oriundo da demanda. A expressão “mudar meu jeito” traz à tona os ditos parentais introjetados, pois o sujeito-paciente tem a ilusão de saber o que o Outro quer e de poder transformar seu eu. Os significantes utilizados podem ser transferidos como desejo de “me modificar” ou “eu ser diferente”, o que compreendemos como uma tarefa analítica inicial de reconhecimento do desejo. Contudo, este reconhecimento pode ser apenas do desejo do outro, interiorizado pelos já-ditos que o alienaram. A identificação-interpelação do sujeito-paciente aos saberes da FD homossexual apresenta-se como um sintoma apreendido pela contradição do efeito de pré-construído de que o desejo de mudança existe e essa mudança é algo difícil no contexto atual do sujeito-paciente. Estes dizeres/saberes compõem a forma-sujeito da FD em questão.

Ao buscarmos as definições dicionarizadas de “mudar”⁷¹, encontramos “fazer ou sofrer alteração; tirar de um lugar ou posição para outro; substituir; trocar; dispor ou apresentar-se de outra forma; dar outra orientação; direção ou sentido; cambiar; variar”. Essas significações encaminham-nos para o desejo de transformar algo, de renovar e deslocar o que está escondido. Em “jeito”⁷², as definições são: “modo particular; maneira de ser ou de agir; gesto habitual; leve movimento; habilidade para determinada atividade ou tarefa; disposição, arrumação, ordem”. Esses significados corroboram a noção de que algo precisa ser arrumado, (re)ordenado, movimentado/modificado para que possa traduzir o eu ideal do sujeito. Na ilusão de ser, que se constitui pela alienação imaginária e pela subjetivação simbólica, aparece a posição do sujeito-paciente a partir de desejo de “ousar se rebelar” (PÊCHEUX, 2009).

Na continuidade do episódio, aos 5', com o tom de voz alterado, Guto repete: “Quero ouvir: ‘Eu sou gay’. É simples: ‘Sou gay’. Fala, fala assim: ‘Eu sou gay.’” e Felipe grita: “Para com isso, Guto!”. Eles se olham e o terapeuta aborda a dificuldade de Felipe aceitar quem é e Guto concorda, acrescentando: “Todo mundo sabe que você é gay. [...] O problema

⁷¹ Mudar. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/mudar>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁷² Jeito. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/jeito>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

nem é ele não assumir nossa relação. O problema é ele não se assumir.”. Aos 6’50, Felipe diz: “Eu sou uma pessoa horrível.”. E acrescenta: “Mas não é só dos meus pais que eu tenho medo, Theo. É de todo mundo. Eu sei como as pessoas vão reagir.”. Guto pega a mão de Felipe e diz: “Eu vim aqui pra falar pra você que você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.”. Os dois começam a chorar e Guto prossegue: “Mas não dá mais. Ham! Não dá mais. Não quero mais ser a causa desse seu sofrimento. [...] Mas não dá mais. Então se você não decide. Eu decido pela gente.”. Eles continuam chorando, Guto pede desculpas a Theo e vai embora e Felipe corre atrás. Vamos à análise:



Fotograma 28. Sujeito-paciente chora e com a cabeça baixa enuncia.

SDR28 – Eu sou uma pessoa horrível.

A ilusão do sujeito-paciente de poder modificar o “seu jeito” se estabelece na SDR27 e aparece como a ilusão de ser “horrível”, na SDR28. São os significantes, repletos de sentidos, moldando esse sujeito clivado, assujeitado e submetido ao inconsciente e aos contextos sócio-históricos. Entendemos que a projeção do Outro no sujeito ocorre pelo efeito do esquecimento nº 1, por via do inconsciente, de maneira que a tomada de posição reverbera o efeito de “‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo” (PÊCHEUX, 2009, p. 160). O choro do sujeito-paciente, mostrado no fotograma, é uma tomada de posição que remete à identificação com o outro/sujeito-namorado, de modo que se torna insuportável ouvir que é gay. Observamos que o foco da câmera está no sujeito-namorado, que olha atentamente o sujeito-paciente, este está opaco, uma imagem sem foco, não nítida, que expõe a não transparência do sujeito-paciente. As evidências se esvaem, o sujeito-paciente é um vulto não constituído, assim como a identidade homossexual que atormenta e invade o consciente, um sintoma da contradição de seu dizer.

De acordo com as definições dicionarizadas, “horrível”⁷³ é atribuição de algo “que causa horror”, ou seja, uma constituição desagradável aos olhos do outro. Nessa conjectura, a estruturação do dizer marca o assujeitamento à ideologia heteronormativa, por não conseguir assumir a orientação sexual na sociedade. Ao trabalhar com a possibilidade de transferir os significantes, construímos ser “desagradável” ou “reprovável”, frente à atitude de ser “horrível”. Ser “desagradável” ou “reprovável” remete a efeitos de sentido negativos, mas que parecem se relacionar a aspectos específicos de um objeto/ser, diferente de “horrível” que é mais abrangente. O gesto ofuscado de baixar a cabeça corrobora para a ideia de vergonha, apresentada também na SDR10. O uso da palavra “horrível” traz consequências, pois a imagem do eu, criada pelo sujeito-paciente, transforma-se negativamente. Um efeito metafórico que traduz um eu clivado e descentrado, manifestado pela dificuldade de ser amado. A palavra “horrível” pode ser relacionada ao dizer “eu sou um merda” (SDR24) que expõe dizeres negativos sobre o seu “eu”. Observamos o termo “eu” intensifica a ideia de não apreciação dos desejos sexuais sentidos, de não “ser” o que condiz com os ideais da sociedade, da ideologia heteronormativa. A noção de ser “horrível” é um sintoma da apreensão do seu eu que está difuso, algo está fora do lugar, é o efeito do pré-construído, de saberes que vem de outra FD e que são estranhos, contraditórios, mas possibilitam a nova constituição do eu do sujeito-paciente.

O episódio cinco traz poucos enunciados produzidos pelo sujeito-paciente, visto que o sujeito-namorado torna-se o protagonista da cena. Nosso intuito foi apenas trabalhar com a desconstrução da materialidade discursiva do sujeito-paciente, por isso, apresentamos três exemplos de efeitos metafóricos. Estes representam o desejo da constituição subjetiva do sujeito-paciente que, interpelado pela ideologia heteronormativa, ousa se rebelar através da contraidentificação com os saberes representativos da FD heterossexual em busca da identificação com a FD homossexual.

Quadro 6. Metáforas presentes no quinto episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR26	Não é porque eu respeito a minha mãe que eu sou um robô , tá.	Não é porque eu respeito a minha mãe que eu sou uma máquina , tá.
SDR27	Guto, quando a gente se conheceu, eu não menti pra você. Você sabia que não ia ser fácil mudar meu jeito .	Guto, quando a gente se conheceu, eu não menti pra você. Você sabia que não ia ser fácil me modificar . / ser diferente .

⁷³ Horrível. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/horr%C3%ADvel>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SDR28	Eu sou uma pessoa horrível .	Eu sou um homem desagradável / reprovável .
-------	-------------------------------------	--

6.6. DA TELA À CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

A estrutura familiar é propulsora das relações de poder sobre o sujeito, principalmente quando tratamos da formação psíquica e das formas de interação com o outro e o mundo. O sujeito, ao identificar-se com os pais, configura seu ideal de eu e começa a formar sua subjetividade. Sabemos que as inscrições nas formações ideológicas e nas FDs têm relação com os dizeres que interpelaram esse sujeito desde a infância. O interdiscurso traz os inúmeros já-ditos que regulam as formações ideológicas e as FDs, agindo sobre o discurso do sujeito, de maneira inconsciente. A atuação do inconsciente sobre o sujeito entra em confronto com o eu do registro imaginário, que está alienado à linguagem. A constituição subjetiva do sujeito acontece pela representação de si mesmo, nessa ilusão de ser, algumas vezes, estereotipada.

A partir da ideia de constituição do eu e da família, passamos ao episódio seis que inicia aos 5'40. Felipe diz: “Eu tenho dormido tão mal... Essa insônia começou na noite da última sessão.”. Após, aborda que terminou o relacionamento com Guto e que a mãe sabe que ele é gay. Com espanto, Felipe diz que o pai sabe da outra pessoa: “Aí ele conversou comigo, como amigo. Meu pai!” e “como se fosse a coisa mais banal do mundo, ele perguntou: ‘Qual o nome do rapaz?’”. Felipe silencia e, depois, fala: “Pensei em negar, pedir perdão, prometer sei lá o quê... Ah! Mas eu contive e fiquei com tanta vergonha...”. Após a apresentação inicial, vamos à análise.



Fotograma 29. Sujeito-paciente enuncia com expressão triste e envergonhada.

SDR29 – Bom, aí ele (pai) quis abrir um vinho e como se fosse a coisa mais banal do mundo, ele perguntou: (...) “Qual o nome do rapaz?” (...) Ham! (...) Pensei em **negar**, pedir perdão,

prometer sei lá o quê... Ah! Mas eu contive e fiquei com tanta **vergonha**... que nem eu ficava quando eu tinha uns 11, 12 anos e fazia uma besteira e tomava uma bronca.

No fotograma, o sujeito-paciente começa a enunciar com um sorriso desconfortável e triste. Em seguida, mantém seu olhar semicerrado e com semblante triste, e a vergonha aparece nas palavras enunciadas. Após o primeiro silêncio, surge a pergunta do pai e um novo silêncio, introduzido por um sorriso forçado, que logo se desfaz junto à expressão “Ham!”. A SDR29 é enunciada com uma fisionomia acanhada ao contar a emoção que surgia e marcada por outro silêncio. A ilusão de que poderia enganar e/ou não revelar a sua orientação sexual ao pai se desfaz pelo questionamento do outro/pai. O fato de o pai saber da orientação sexual desestabiliza e desorganiza as formações imaginárias do sujeito-paciente sobre si mesmo, seu eu. O conflito surge pela possível não aceitação, não entendimento de sua interpelação inconsciente à FD heterossexual e à ideologia heteronormativa.

Os dizeres surgem e os efeitos metafóricos fazem emergir emoções e sensações que pareciam adormecer. O consciente do sujeito-paciente fica abarrotado de fatos, dizeres e sentimentos que estavam guardados, arquivados, censurados e esquecidos. Sabemos que não é possível controlar o inconsciente e nem mesmo os processos metafóricos oriundos de deslizamentos e sintomas. A negação aparece como um sintoma metafórico porque apresenta o retorno à verdade, o possível desejo de manter sua posição heterossexual. Parece que o silêncio pode representar um ponto de sustentação do dizer, pois, ao enunciar, o olhar do sujeito-paciente busca o do sujeito-terapeuta, como se esperasse um retorno. Os sintomas, sustentados pelos pensamentos recalcados, surgem discursivamente, de maneira que um significante é colocado no lugar de outro. A tentativa de afastar do consciente alguns fatos pode falhar e permitir que o conteúdo recalcado retorne de outra forma. Esse retorno acontece por meio da metáfora, por substituições, deslizamentos, condensações e disfarces, como é o caso do sintoma, da “vergonha”. O movimento dos significantes cria esse conflito psíquico entre o consciente e o inconsciente, oriundo do regresso do recalcado, que desestabiliza o sujeito-paciente.

O plano enunciativo possibilita-nos pensar nos efeitos de sentidos produzidos através do silêncio inicial. O sujeito-paciente baixa o olhar e para de falar, tendo seu rosto erguido apenas quando expressa seu desconforto com a situação. Ao enunciar a pergunta do pai, a pausa aparece e, “na sua composição primária, indica a possibilidade de imaginação, a noção de interrupção do pensamento e da falta do dizer” (THUROW; DOROW, 2015, p. 234). Por ser condição da linguagem, o silêncio traz uma ausência de palavras coberta de prováveis

sentidos. Pelas CPs do dizer, pautadas em já-ditos referidos ao outro/pai e ao relacionamento homoafetivo, entendemos que o sujeito-paciente irrompe o dizer pela censura social, que dificulta a enunciação de tal fato.

Falar algo desconfortável, talvez não simbolizado e/ou não compreendido, pode ser propulsor de um silêncio, uma pista da ruptura existente entre seus pensamentos e desejos. Na SDR29, a expressão “pensei em negar” refere-se ao fato de que a conversa não havia sido imaginada, pensada. A ilusão subjetiva, criada pelo sujeito-paciente, de que poderia definir o seu discurso surge, inconscientemente, pelo esquecimento nº 1, pois o dizer encontra-se permeado por FDs que o dominam. Com saberes divergentes e/ou convergentes, as FDs, heterossexual e homossexual, estão no interior da ideologia heteronormativa, rememorando o relacionamento amoroso e o padrão existente. Na sequência “pensei em negar, pedir perdão”, a ideia de tal tomada de posição foi interrompida, talvez pela transformação da imagem de si mesmo e do outro/pai, frente às CPs do discurso que interferiram nas formações imaginárias do sujeito-paciente (PÊCHEUX, 2014). Pela identificação entre os sujeitos, possivelmente, as intervenções verbais e não verbais do sujeito-paciente não foram antecipadas e imaginadas com relação ao bloqueio ou apoio ao dizer do outro/pai.

O comentário de que o pai agiu “como se fosse a coisa mais banal do mundo” e questionou o “nome do rapaz”, pode ter confundido e trazido novas formações imaginárias sobre esse pai. Este pai que era um “playboy” (SDR2), “fraco” (SDR31), que agora fala com naturalidade sobre a orientação sexual do filho. Lembramos que a SDR22 traz a noção de que o sujeito-paciente “não pode ser fraco”, o que se relaciona ao outro/pai. Os silêncios significam e trazem pistas da falta do que dizer que é sentida no corpo, pela ideia de “negar” e a posterior “vergonha”. O desejo de “negar” parece sintoma da apreensão da interpelação da FD heterossexual, que confunde e cria obstáculos quanto ao que se pode/deve pensar/dizer. O desejo de querer “negar” tem origem na subjetivação do sujeito, que acontece pela sua identificação com o outro, com a leitura que faz do outro.

Na SDR29, a tomada de posição do sujeito-paciente remete a uma culpa, oriunda da submissão à lei da linguagem, do desejo. A sequência “pensei em negar, pedir perdão, prometer sei lá o quê...” rememora a ideia de culpa, apresentada por Freud (2010) em relação ao que é permitido, introjetado dos valores e deveres sociais. A culpa, o nojo e a vergonha são afetos que estão ligados à linguagem. Estes afetos estão conectados à construção subjetiva do sujeito, enquanto sujeito social, que vem do externo e incide sobre o sujeito. Pela ação de um significante, o sujeito é afetado no âmbito representacional. Ao interagir com o outro e identificar-se, o sujeito modela os afetos através das formações imaginárias para conseguir

viver em sociedade. Dessa forma, os afetos podem ser inibidos pela repressão e pelo recalçamento, e a angústia, enquanto afeto, retoma o estranhamento com o outro.

Como nos explica Lacan (2005), a incerteza nasce da angústia e é um sinal do real que penetra no registro imaginário do eu. É um processo que põe em ação o desejo e a falta, aqui traduzidos pelo não-dizer, articulado pela censura própria. Um desejo reprimido que existe na falta e na dificuldade de encontrar a subjetividade e projetar seu eu. Na constituição do ideal de eu, temos as identificações que estruturam o psiquismo e quando a criação imaginária de si mesmo falha, fracassa, surge a “vergonha”. Na SDR29, observamos que o sentimento de vergonha traz ao consciente o que o sujeito-paciente não deveria saber, porque cruza uma fronteira interna e difusa, intercalada com o olhar e a posição do outro.

Nas palavras de Dunker, na oposição da falta e do excesso estrutura-se a contradição que faz incidir “uma concepção do patológico como impasse, bloqueio ou suspensão de simbolização, e o sintoma como forma restitutiva, em excesso e não reconhecida, do fracasso de uma experiência” (2011, p. 119). Essa explicação remete à ideia de que o patológico, relacionado ao desequilíbrio psíquico e não adaptativo, traz o sintoma como o indicador da falha, do que não poderia ser simbolizado. Na SDR29, a dificuldade de simbolizar a informação do outro/pai remete à noção de falha, embaraço abusivo de significantes que faz o sujeito-paciente retornar ao passado e sentir-se envergonhado. Esse não domínio de si frente ao outro/pai faz surgir o efeito de pré-construído de que é preciso honrar e submeter-se aos desejos dos pais, sem saber que desejos são esses. A partir da experiência fracassada, algo é apreendido pelo sintoma e o sujeito-paciente constitui seu laço social com o outro/pai.

Continuamos a observação do episódio. Aos 12’, Felipe comenta sua vergonha: “Se eu pudesse eu me sentia de outro jeito, eu seria diferente, eu seria outra pessoa.” Após, levanta-se e pega um copo de água, em silêncio, senta-se. Então, há o relato de que o pai, “ele basicamente disse que já sabia há muito tempo, desde quando eu era criança.” e que a única atitude de coragem foi casar com a mãe. Por fim, diz: “Eu sou igual ao meu pai.”. Após, relata pausadamente: “Meu pai sempre foi fraco pra mim. Agora ele... Ele me disse que se quisesse assumir, ele ficaria do meu lado. Ele deixou claro que é isso que ele quer que eu faça, que eu seja feliz do jeito que for.”. O assunto da empresa volta à temática: “Eu falei que minha mãe ia surtar, que eu ia ser deserdado, ia perder o emprego. Ele falou que a empresa era dele que eu não ia perder o emprego e muito menos ser deserdado. Aí ele falou uma coisa tão bonita. Ele falou que eu podia ser filho da dona Carmen, mas que eu era filho dele também.”. A partir da descrição do episódio, vamos às discussões teóricas e analíticas.

Os minutos iniciais da trama retratam a conversa do sujeito-paciente com o seu pai. Muitos dizeres são rememorados e os desejos surgem junto ao apoio do outro/pai. O discurso versa sobre a pessoa, o ser do sujeito-paciente, seu eu/ego ideal, um imaginário constituído pela ilusão de ser, que é inconsciente. Nessa conjuntura, trazemos a noção de estereótipo que é “o ponto de fuga possível dos sentidos, penso-o como lugar em que trabalham intensamente as relações da linguagem com a história, do sujeito com o repetível, da subjetividade com o convencional” (ORLANDI, 1993, p. 128). Essas relações são transpassadas pelo registro imaginário do discurso, de maneira que os significados cristalizados agem sobre essas relações.

Conforme nos explica Orlandi, “o efeito de sentido que trabalha a relação com o estereótipo é a de que só nele é que somos falados pelo ‘consenso’, pela ‘solidificação’, pela ‘sedimentação’, pela ‘fixação’ do discurso” (1993, p. 129). Nessa conjuntura, podemos entrelaçar a ideia das evidências do eu com o que “todo mundo sabe”, os já-ditos cristalizados e marcados na memória discursiva do sujeito. Temos, na trama do seriado, um sujeito-paciente cisgênero que se identifica com seu corpo e esse parece ser o ponto de sustentação de todo o discurso no âmbito social público. Os desejos do sujeito-paciente fogem do ideal de eu, da formação imaginária de ser um homem que “gosta de mulher”. O desejo escapa, fazendo retornar os efeitos de sentido do estereótipo do cisgênero homossexual. Explica-nos Orlandi:

[...] nessa relação imaginária, em certas condições, o estereótipo é o lugar em que o sujeito resiste, em que ele se encontra, um espaço para, paradoxalmente, trabalhar sua diferença e seus outros sentidos. É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta. (ORLANDI, 1993, p. 129)

Na constituição do sujeito, enquanto ser comum frente à universalidade, o estereótipo serve de subterfúgio de ser. Na constituição do sujeito histórico surge a resistência que age sobre a censura. Resistência que interfere na constituição subjetiva da identidade. A censura acentua a relação entre a identidade e o sujeito, trazendo pontos a serem silenciados e interditados. No entendimento de Orlandi, a censura “é o sintoma de que ali o sujeito tem um problema em sua relação com o dizível, ali o sentido seria outro” (1993, p. 130). No momento da enunciação, o silêncio pode ser produtor de sentidos, pois “para o falante, o silêncio é o lugar de elaboração de outros sentidos, do movimento de sua identidade; para o analista, é uma pista de um modo de funcionamento do discurso” (ORLANDI, 1993, p. 130). Em nosso gesto de interpretação, precisamos investigar as pistas reveladas pelos silêncios e pelas

interdições que levam o sujeito-paciente a identificar-se com certo estereótipo e configurar o seu discurso. Para a autora:

O gesto da censura lesa o movimento da identidade do sujeito na sua relação com os sentidos. Ela lesa de algum modo a história. Mas como o dizer e o não-dizer têm limites complexos e a noção de silêncio é corrosiva (fluida), o movimento dos sentidos se reinstala assim como os efeitos contraditórios do silêncio que reafirmam a condição (bi)partida da produção dos sentidos entre o um e o não-um. E aí de novo joga forte a relação entre o indizível da história, isto é, o não-significado, e o da censura, o não-dito (ORLANDI, 1993, p. 133)

Entendemos que a censura intervém na história, na apresentação dos fatos, dos acontecimentos, nos arquivos e na (re)produção de dizeres. Ao cercear o dizer, o sujeito é impedido de ser o que não se pode, por isso que a identidade é afetada por esse silêncio local. Sua ação acarreta o enfraquecimento de certos sentidos, filiados a determinadas FDs. No entanto, a censura não é totalmente eficaz porque os sentidos escapam pela ação da resistência. Como nos esclarece Orlandi, “na reprodução já há não-reprodução, na censura já há resistência, na interdição de sentidos já estão os sentidos outros, naquilo que não foi dito está o trabalho do sentido que virá a ser, em suas várias formas e modos que só a história pode assentar” (1993, p. 134). Nessa lógica de movimentação e transformação dos discursos e sentidos que analisamos a próxima SDR.



Fotograma 30. Sujeito-paciente enuncia calmamente e olha para o sujeito-terapeuta.

SDR30 – Se eu pudesse, eu me sentia de outro jeito, **eu seria diferente**, eu seria outra pessoa.

Na SDR30, o fotograma traz o sujeito-paciente em primeiro plano e o olhar oscila, alterando a forma de interlocução com o sujeito-terapeuta. O olhar encontra e desencontra o olhar do outro, como se buscasse a aprovação do outro. Essa noção relaciona-se a aproximação do sujeito-paciente com o sujeito-terapeuta, visto que há a explanação do que deseja e sente. A enunciação inicia com palavras ditas rapidamente, com uma pausa para “eu

seria diferente”, seguida de outra pausa curta. Ao finalizar o dizer, o sujeito-paciente levanta-se e pega um copo de água, o que podemos imaginar que esteja ligado ao desconforto gerado por tal dizer, um silêncio marcado pela ação de se levantar e tomar água. O silêncio pode ser pista de um excesso que rompe a estrutura linguística.

A noção de estereótipo está presente na fala do sujeito-paciente pela diferença criada entre o lugar de resistência e de diluição de sua identidade no espaço social, apontada pela utilização dos verbos “sentir” e “ser”. A resistência aparece pelo desejo de ser “de outro jeito”, “diferente”, para proteger-se do outro, para não deixar vir à tona sua identidade homossexual. Contudo, esse lugar, que o sujeito-paciente quer ocupar, remete a outros sentidos e desejos que não são os seus, mas pertencem à norma, ao socialmente aceito. A hipótese do sujeito-paciente de “ser outro” aparece na expressão “se eu pudesse”, possibilitando a transformação de seu eu. Isso faz parte da ilusão subjetiva de poder controlar seu eu, de alterar sua forma de expressão, seu desejo. Sem saber da interpelação ideológica e inconsciente, enuncia a sua fantasia imaginária. Contudo, é um desejo que, possivelmente, não pode se concretizar, pela ação do inconsciente que age à revelia do sujeito, e transforma os efeitos de sentido através dos efeitos metafóricos. O processo de condensação produz múltiplos usos e efeitos que formam os sentidos, conforme a FD à qual pertencem. Para deslocar os sentidos para fora da FD é preciso que o sujeito duplique seus significantes, ou seja, enuncie sua constituição difusa e/ou equivocada.

Pela repetição da palavra “eu”, podemos imaginar um excesso que marca a presença da FD heterossexual e a interferência desses saberes interdiscursivos no dizer do sujeito-paciente. Nessa perspectiva, pensamos no sujeito dividido, clivado, que se conecta ao outro e é dependente da linguagem. O sujeito do inconsciente está presente no discurso e revela o desejo através da estrutura discursiva, seja ela verbal ou não verbal. Na imagem constituída junto à produção da SDR30, observamos o olhar que se conecta ao outro, mas também se distancia. A ilusão de poder se tornar um sujeito cisgênero heterossexual se anuncia, pois o que o sujeito-paciente poderia querer, desejar?

O sujeito-paciente é um ser social que se apresenta como cisgênero e que tem uma noiva e tinha um namorado. Seus desejos poderiam ser por ambos os sexos, no entanto, sabemos que seu “gosto é por homem” (SDR13). Assim, nosso gesto de interpretação direciona-se à representação do sujeito-paciente no contexto público como um sujeito social heterossexual e no contexto privado como homossexual e heterossexual. Essa explicação consente com o desejo de “ser diferente”, voltado à postura, à forma de “viver”, de existir (SDR12). O estereótipo de um homem cisgênero heterossexual é “aceito” e comum para os

sujeitos filiados à ideologia heteronormativa, diferente dos já-ditos sobre o estereótipo de um homem cisgênero homossexual. Historicamente, há um preconceito, uma não aceitação dos desejos direcionados a alguém do mesmo sexo, e esses já-ditos estão presentes na memória discursiva do sujeito-paciente.

Tratamos a SDR30 como uma metáfora sintomática, ou seja, uma expressão do desejo do sujeito-paciente que advém ao discurso pela não aceitação de ser. A censura e a interdição quanto à maneira de expressar seu eu ocorre pelo cerceamento, pelas imposições sociais e históricas, reguladas por saberes da ideologia heteronormativa. Isso é um sintoma do não consentimento do desejo homossexual, mas que surge metaforicamente. Não há como enganar o desejo, o que se pode fazer é resistir a ele e isso é feito pelo sujeito-paciente. Na ilusão de conseguir resistir, temos a enunciação do sujeito-paciente sobre o que quer, mas também sabe o que é. O desejo é ser “outro jeito”, “diferente”, assim como enunciado na SDR27. A partir da SDR30, construímos a seguinte paráfrase: “se eu pudesse, eu seria heterossexual”, direcionando os efeitos de sentido para uma identificação com a FD heterossexual, mesmo que seja apenas uma ilusão do sujeito-paciente. A criação da sequência baseia-se no discurso do sujeito-paciente que vive duas vidas (SDR12) e questiona se é errado ser gay (SDR14). Entendemos que essa resistência tem efeito duplo, pois pelo estereótipo comum, o sujeito-paciente protege a sua identidade que é construída e transformada conforme suas filiações às FDs heterossexual e homossexual. A função do estereótipo continua presente na próxima SDR.



Fotograma 31. Sujeito-paciente enuncia com lágrimas nos olhos e certa satisfação pelo sorriso.

SDR31 – Ah! Meu pai sempre foi **fraco** pra mim. Agora ele... (silêncio) Ele me disse que se quisesse **assumir**, ele **ficaria do meu lado**. Ele deixou claro que é isso que ele quer que eu faça, que eu seja feliz do jeito que for.

As formações imaginárias referentes a esse outro/pai, que tem pouca coragem, parece remeter à fraqueza, covardia, frente às tomadas de posição em relação ao outro. Talvez um gesto de interpretação exagerado, mas que condiz com a ideia de que o sujeito-paciente apresenta discursivamente sua posição. Notamos que o fotograma, apresentada na SDR31 mostra o sujeito-paciente com lágrimas no olhar e um leve sorriso no rosto, que se mantém durante toda a enunciação. O silêncio irrompe a fala no momento em que se distingue o imaginário do outro/pai. Notamos que a SDR31 marca uma nova formação imaginária para esse outro/pai que “sempre foi fraco” que se modifica pelo “agora ele”, uma tomada de posição do sujeito-paciente de uma possível identificação com o outro/pai. O silêncio, após o dizer “agora ele”, pode ser um indicador de que o sujeito-paciente está entrando em contato com tal informação, antes não pensada, e vinda ao consciente. Esse silêncio também pode ser uma pista de que a SDR31 talvez possa ser entendida de forma distinta. A igualdade entre os dois sujeitos – pai e filho/paciente – pode acontecer pela necessidade de ousar ser.

Ao calar certos dizeres, podemos entender que se toca no real, inalcançável pelas palavras, mas que desaparece e/ou reaparece conforme a FD em que está inscrito o sujeito-paciente. Compreendemos que esse silêncio foi desencadeador da identificação, assim como ocorreu na SDR11, quando a identificação e aceitação do sujeito-terapeuta são sentidas pelo sujeito-paciente. As lágrimas podem ser atribuídas à elaboração de tal informação, nesse movimento contraditório de ser igual a um outro/pai, que é reconstruído imaginariamente. Na ilusão de um único sentido e no equívoco dos sentidos ocorre essa contradição, pois tanto o sujeito quanto os efeitos de sentido se transformam. Lembramos que o equívoco é uma das maneiras de chegar ao real e ao quarto elemento, o *sinthoma*. Esse *sinthoma* somente é possibilitado na análise, no momento de entrelaçamento dos sintomas, pela ação de um real que vem ao acaso e ex-siste⁷⁴ ao simbólico.

Esse entendimento surge da repetição da palavra “assumir” que aparece constantemente nas SDRs enunciadas pelo sujeito-paciente. Um excesso que dá pistas da interpelação da ideologia heteronormativa e da inscrição à FD heterossexual. O desejo de consolidar um sentido em prol de outros é marcado por esse excesso, por uma ilusão de que inscrever-se na FD homossexual trará prejuízos. Com intuito de explicar tal gesto de interpretação, retomamos as CPs de algumas SDRs: o desejo de que ao se assumir homossexual, perderia tudo, surge na SDR9 e na SDR13; a ilusão de não conseguir assumir, mesmo estando com alguém bom, aparece na SDR16; a ideia de que pode se assumir

⁷⁴ Para Lacan, o que ex-siste é da ordem inconsciente e suporta o sintoma e é o que faz o furo nos registros.

bissexual é vista em SDR20. As SDRs partilham de um mesmo desejo, uma ilusão de controle dos significantes que configuram seu dizer, um eu imaginado, criado na fantasia.

A SDR31 traz uma nova concepção para a lógica apresentada até o momento, pois o corpo do sujeito-paciente dá pistas de que necessita do olhar, da aprovação do outro, da aceitação de sua identidade homossexual. As lágrimas, decorrentes das emoções sentidas, ao enunciar, possibilitam que se configure esse sintoma que age sobre o sujeito-paciente. Entendemos o sintoma, estruturado como uma linguagem, assim como o inconsciente, sendo um dizer que precisa ser resgatado. As lágrimas também remetem a esse retorno à verdade, da subjetividade do sujeito-paciente. Conectamos isso aos estereótipos que interferem no modo como o sujeito-paciente expressa sua prática discursiva, visto que o estereótipo é criado sócio-historicamente. Os estereótipos trazem um efeito de sentido relacionado ao consenso e à fixação do discurso, que sabemos ser imaginário. A constituição dos sujeitos heterossexuais, homossexuais e bissexuais é apresentada pelo sujeito-paciente que, possivelmente, pode desejar ser mais um entre os muitos sujeitos identificados com tais posições. As tomadas de posição do sujeito-paciente criam pistas da identificação com a orientação sexual homossexual, mas que não oculta a interpelação dos saberes da ideologia heteronormativa.

Na continuidade do episódio, temos, aos 16', Felipe comentando que, ao chegar em casa, abraçou a mãe e foi ficando irritado – “Foi me dando uma raiva, eu nunca senti raiva da minha mãe. Mas, aquela hora, eu odiei ela.”, “Eu nunca tinha entendido o quanto ela é egoísta, ela só pensa nela.”. Ao contar que sabia tudo, ele relata: “A cara dela virou uma pedra. Ela falou que a única coisa que ela sabia é que eu tinha um futuro brilhante e ela que não ia deixar estragar tudo por causa de um... hábito.”. Aos 18', Felipe expõe que, quando era criança, “achava que a minha mãe era a coisa mais perfeita do mundo, mas sua postura e dizer que podia continuar como era, de forma discreta – “Nossa! Isso me deu um embrulho no estômago. Achei minha mãe tão fria, tão escrota.”. Em seguida, ele chora e se despede. Esses dizeres são analisados a seguir:



Fotograma 32. Sujeito-paciente enuncia com olhar para baixo.



Fotograma 33. Sujeito-paciente enuncia com nojo e é enfático ao falar da mãe.

SDR32 – Quando eu cheguei na casa deles, ela veio me abraçar. Eu fiquei tão irritado Theo. Foi me dando uma **raiva**, eu nunca senti raiva da minha mãe. Mas, aquela hora, eu **odiei** ela.

SDR33 – Sabe o que ela disse? Que se eu quisesse podia continuar fazendo o que fazia, mesmo depois de casado porque um monte de gente faz isso. Que era só ser discreto... Ham! Nossa! Isso me deu um **embrulho no estômago**... Achei minha mãe **tão fria, tão escrota**.

O fotograma da SDR32 apresenta o sujeito-paciente com o rosto e olhar para baixo e um tom de voz mais alto e expressivo. O tom de voz é alterado quando o sujeito-paciente enuncia “irritado”, “raiva” e “odiei ela”, trazendo as emoções e sentimentos rememorados. O olhar se altera somente ao finalizar o dizer da SDR36. A identificação com o outro/mãe é apresentada em muitas sequências enunciadas pelo sujeito-paciente. Essa mãe constituída, imaginariamente, como alguém que é bela (SDR4), “é o máximo” (SDR5), um ser poderoso que pode destruir a sua vida (SDR9) e, ainda, ele faz o “tipo” dela (SDR17). Isso remete ao laço social criado entre o sujeito-paciente e o outro/mãe. Explica-nos Quinet:

O laço social existente com a mãe vem da premissa de que existem regras e condutas de convivência específicas passadas de geração em geração. Para Lacan, essa relação com o outro causa o esvaziamento do gozo e a linguagem possibilita o enquadre e manutenção desse convívio. Os laços sociais podem ser definidos pela relação estabelecida entre “pares de agente-outro: o senhor e o escravo; o professor e o aluno; a histérica e o médico; o analista e o analisante; a mercadoria e o consumidor” (QUINET, 2012, p. 49).

Essas regras de conduta são norteadas pelos já-ditos que compõem as formações discursivas e ideológicas. A ideia de que precisamos amar a mãe, é instituída como um dever social, religioso e moral. O laço social entre mãe e filho é mantido pelo convívio e pode gerar distintos afetos e sentimentos. Pela relação estabelecida, o conflito acontece. Uma possibilidade desse conflito é a filiação a distintas FDs, o que tem seu primeiro indício na enunciação da SDR5 (A minha mãe é o máximo, mas ultimamente tá difícil.). Sabemos que

amor e ódio são dois sentimentos ambivalentes e podem ser direcionados a um mesmo objeto. Conforme explica Lacan, “a análise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio” (1985b, p. 122), sendo que quanto menos se odeia, menos se ama.

Nas palavras do autor, “o amor é um fenômeno que se passa ao nível do imaginário, e que provoca uma verdadeira subdução do simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal do eu” (LACAN, 1986, p. 166) e, por ser do registro imaginário e simbólico, configura-se na relação com o outro. Na relação intersubjetiva, a dimensão imaginária do “amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro” e do “ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão”, remete à destruição do outro, herança do Estágio do Espelho (LACAN, 1986, p. 316). O amor e o ódio relacionam-se às identificações do sujeito e, no plano imaginário, o sujeito sente as reações corporais.

As experiências do sujeito estão condicionadas aos três registros – simbólico, imaginário e real – e, na dimensão do ser, inscrevem-se as três paixões fundamentais: na “junção do simbólico e do imaginário” está o amor; “na junção do imaginário e do real, o ódio”; e, “na junção do real e do simbólico, a ignorância” (LACAN, 1986, p. 309). Para o autor, “a ignorância, de fato, não deve ser entendida aqui como uma ausência de saber, mas, tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser; porque ela pode ser, a semelhança delas, uma via em que o ser se forma” (LACAN, 1998, p. 360). Pensando nas três paixões, nas relações estabelecidas com o outro/Outro e nas CPs que se constituem na sessão de terapia, podemos imaginar que surge o sintoma, “porque o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso” (LACAN, 1998, p. 532).

Entendemos que os efeitos metafóricos estão presentes no dizer do sujeito-paciente, de maneira que o sintoma também é notado pelas paixões, visto que não há possibilidade de fugir dos sentimentos e dos afetos. A “raiva” é sinal de que algo afetou o sujeito-paciente, desestabilizando seu corpo e se apresentando no dizer “odiei ela”. Substituições parafrásticas possíveis da expressão “odiei” seriam “abominei” e “detestei”, fazendo com os efeitos de sentidos marquem a revolta com o outro/mãe. Também, encontramos como sinônimo a palavra “repeli”, que se conecta a ideia de que se deseja o rebaixamento, a destruição do objeto causa do desejo, esse outro que era amado e apresenta os já-ditos da FD heterossexual. A falta de compreensão do outro, ou seja, a não identificação com as práticas discursivas do outro/mãe, faz retornar a verdade que é sintomática e faz surgir o desejo inconsciente recalcado. Na SDR5, havia a expressão de que a relação entre o sujeito-paciente e a mãe

estava “difícil”, um pequeno indicador de que o significado recalcado estava aparecendo e os significantes estavam em ação.

Em tais CPs do discurso, notamos que o desejo de não “mudar seu jeito” (SDR27) poderia ser reflexo e/ou identificação com o desejo do outro/mãe, visto que esse outro tem uma tomada de posição inscrita na FD heterossexual e o sujeito-paciente aceita tais saberes interdiscursivos. Por esse motivo, ao odiar a mãe, na SDR32, é possível que a identificação com a FD homossexual tenha sido traduzida em raiva e irritação. A não compreensão dos sentimentos ligados ao outro/mãe são abordados, de maneira que a formação imaginária da mãe, que “é o máximo” (SDR5), transforma-se em “raiva” enunciada na SDR36. A ambivalência dos sentimentos pode ser reação da identificação com o outro/mãe. Entendemos que essa confusão de sentimentos relaciona-se à censura social do outro/mãe e à não aceitação da orientação sexual do filho, o sujeito-paciente, pois, de acordo com as SDRs analisadas, o outro/mãe exercia o poder e ditava a lei, admitida pelo sujeito-paciente em outros momentos. Sabendo do afeto entre ambos, a oposição de sentimentos parece ser compreendida pelas posições distintas do sujeito-paciente, que transformou seu eu em prol de sua nova constituição.

Na SDR33, as CPs remetem à interação do sujeito-paciente com a mãe e o objeto de discurso é a vivência homossexual. A SDR33 apresenta a delimitação imaginária do sujeito-paciente quanto à posição do outro/mãe que se afasta da dele. Após o silêncio, surge um novo sentido, uma nova expressão do corpo frente ao que foi dito. Um possível sintoma que faz retornar o que foi recalcado, o que não era visto nesse outro/mãe, que agora se transforma. Entre lágrimas no olhar, os afetos e sentimentos vêm à tona ao falar da sua mãe, junto ao nojo, à repulsa em pensar em tal dizer desse outro/mãe amado. No plano enunciativo, o fotograma apresenta uma sombra do lado esquerdo da tela, parecendo ser o rosto do sujeito-terapeuta. Essa sombra pode ser mais do que isso, pode ser efeito da relação com o outro/mãe, uma aparição fantasmática que abala o sujeito-paciente.

Ao testemunhar os fatos ocorridos, o corpo do sujeito-paciente revive e expressa sua indignação, seus afetos revelados na SDR32 como um ódio a esse outro/mãe. As CPs testemunhadas trazem a noção de que a interação foi determinada pela ação do sujeito-paciente e a “frieza”, não esperada, do outro/mãe. Efeitos de sentidos que abordam um distanciamento do sujeito-paciente com o outro/mãe que, aparentemente, não aceita tal saber, tal fato. A posição do sujeito-paciente frente ao outro/mãe diferencia-se das demais relações estabelecidas e isso pode conectar-se à ignorância, que é uma das três paixões, citadas por Lacan, sendo uma forma de constituição do ser, um estado do sujeito. Diz-nos o autor:

O que é a ignorância? É uma noção certamente dialética, porque é somente na perspectiva da verdade que ela se constitui como tal. Se o sujeito não se coloca em referência com a verdade, não há ignorância. Se o sujeito não começa a se colocar a questão de saber o que é e o que não é, não há razão para que haja um verdadeiro e um falso, nem mesmo, para além, a realidade e a aparência. (LACAN, 1986, p. 193)

Nesse sentido, consideramos que a posição do outro/mãe tem referência com a verdade, a evidência de que não se quer ouvir, por isso, a ignorância, efeito do pré-construído. Quando se acredita ser dono da verdade, do saber, não há interlocução e nem relação a ser criada. Contudo, a tomada de posição do sujeito-paciente devasta a soberania do outro/mãe, criando essa ideia de “frieza” e “insensibilidade” frente ao seu dizer. A inscrição do sujeito-paciente na FD homossexual cria novos efeitos de sentido e relações entre os já-ditos, uma reformulação na maneira de interpretar e de dizer, de “saber o que é e o que não é” (LACAN, 1986). Na SDR33, o outro/mãe tornou-se “tão fria”, ou seja, foi transformado após o ato de “rebeldia” do sujeito-paciente, algo que desestabilizou o outro/mãe. Esse outro/semelhante, que é a mãe, foi modificado e as formações imaginárias, que configuravam tal ser, foram alteradas após essa reação, esse fato. As falas referentes ao outro/mãe remetiam a outro patamar, de exaltação dos atributos, quando o sujeito-paciente estava filiado à FD heterossexual. As posições do sujeito-paciente transformaram-se de acordo com as suas filiações às FDs. A partir da conversa com o outro/pai (SDR31) e, posteriormente, com o outro/mãe (SDR32), parece manter a estabilização de sentidos condizentes com a forma-sujeito da FD homossexual.

Na SDR33, o “embrulho no estômago” é um sintoma, presente no corpo, mas também na fala através da apreensão da contradição, de um “desconforto” físico. Uma expressão de que algo está fora do lugar, um dizer que causa nojo e desliza para o corpo. A falta do que dizer surge pelo silêncio, na dificuldade de falar o que se sabe, do que se ouviu. O desejo declarado pelo outro/mãe e explanado pelo sujeito-paciente é de que seja possível viver as “duas vidas”, citadas na SDR12. Vida dupla, enganosa, que pode ser “comum” para este outro/mãe e pelos outros imaginados e que estão interpelados pela FD heterossexual. A partir do sintoma, enquanto metáfora, retorna a verdade e o enigma da identificação, possibilitando que o sujeito-paciente se constitua e configure sua posição. Posição esta que marca a contraidentificação com a FD heterossexual e a identificação com os saberes da FD homossexual.

Como nos explica Lacan, o sintoma aparece pela “metáfora do funcionamento do inconsciente”, sendo que o S “ressurge para permitir o retorno de S’ recaiado – acontece do

S representar o sujeito, o sujeito do inconsciente, no nível de alguma outra coisa, que está aí isso com que lidamos e que temos que denominar o efeito como efeito de significação” (2008, p. 92). Esse retorno do que foi recalcado significa através dos efeitos metafóricos, pela aparição no consciente do sujeito que, alienado simbolicamente e subjetivado imaginariamente, configura sua posição. Os significantes transferidos e condensados surgem e acarretam em uma reação no sujeito-paciente, aqui referido como um sintoma.

Além disso, notamos, na SDR33, a caracterização do outro/mãe que se torna “tão fria, tão escrota”, remetendo à indiferença, insensibilidade, baixeza e mesquinhez. Esses atributos, ditos de forma enfática, retomam a ideia que esse outro/mãe idealizado e perfeito, modificou-se em insensível, baixo e vil. A tomada de posição do sujeito-paciente, distinta do que se observava, faz com que os dizeres e interpretações se alterem. A identificação-interpelação com os saberes da FD homossexual transformam o modo de interpretar e compreender o que foi dito, de maneira a alterar a posição discursiva do sujeito-paciente. Essa posição, ocupada em diferentes lugares sociais, é determinada pelas representações imaginárias e interpelações ideológicas.

A partir dessas teorizações e análises (quadro 7), encontramos um sujeito-paciente resistente e que ousa se rebelar contra a FD heterossexual e constituir subjetivamente a sua orientação sexual. A representação do outro/mãe, tanto amada quanto odiada, configurada imaginariamente como um ser não mais perfeito, mas “frio”, permite uma nova apreensão do sujeito-paciente. Essa apreensão surge da inscrição na FD homossexual que, inicialmente, trouxe “vergonha” do outro/pai e depois “nojo” do outro/mãe. Essa parece ser a brecha que possibilitou a resistência, a tomada de posição para um novo dizer, uma constituição da identidade homossexual.

Quadro 7. Metáforas apresentadas no sexto episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR29	Bom, aí ele (pai) quis abrir um vinho e como se fosse a coisa mais banal do mundo, ele perguntou: (...) “Qual o nome do rapaz?” (...) Ham! (...) Pensei em negar , pedir perdão, prometer sei lá o quê... Ah! Mas eu contive e fiquei com tanta vergonha ... que nem eu ficava quando eu tinha uns 11, 12 anos e fazia uma besteira e tomava uma bronca.	[...] Pensei em recusar , pedir perdão, prometer sei lá o quê... Ah! Mas eu contive e fiquei com tanto acanhamento ... que nem eu ficava quando eu tinha uns 11, 12 anos e fazia uma besteira e tomava uma bronca.
SDR30	Se eu pudesse eu me sentia de outro	Se eu pudesse eu me sentia de outro jeito,

	jeito, eu seria diferente , eu seria outra pessoa.	eu seria heterossexual , eu seria outra pessoa.
SDR31	Ah! Meu pai sempre foi fraco pra mim. Agora ele... (silêncio) Ele me disse que se quisesse assumir , ele ficaria do meu lado . Ele deixou claro que é isso que ele quer que eu faça, que eu seja feliz do jeito que for.	Ah! Meu pai sempre foi incapaz pra mim. Agora ele... (silêncio) Ele me disse que se quisesse dizer , ele estaria comigo. [...]
SDR32	Quando eu cheguei na casa deles, ela veio me abraçar. Eu fiquei tão irritado Theo. Foi me dando uma raiva , eu nunca senti raiva da minha mãe. Mas, aquela hora, eu odie ela.	[...] Foi me dando uma ira , eu nunca senti raiva da minha mãe. Mas, aquela hora, eu abominei / destestei / repeli ela.
SDR33	Nossa! Isso me deu um embrulho no estômago . Achei minha mãe tão fria , tão escrota .	Nossa! Isso me deu um desconforto . Achei minha mãe tão insensível , tão vil .

6.7. DA TELA À FICÇÃO: O SUJEITO SEM MÁSCARA

Os seis episódios anteriores retratam um sujeito-paciente dividido, que tem uma identidade social e sexual fragmentada, na ilusão de poder ser e representar o que é no contexto social. No final do sexto episódio, notamos um deslizamento desse sujeito-paciente para uma configuração subjetiva de sua identidade, atrelada à orientação sexual homossexual. Assim, iniciamos a apresentação do sétimo episódio. Aos 4'24, Felipe relata que a mãe e ele, “a gente cortou relações”, Nicole “nem desconfiava que era gay” e terminaram o noivado. Conta da discussão com a mãe – “minha mãe tava uma fera, transtornada” e “Aí ela disse que não tinha me criado pra ser um homem e não uma bicha.”. Levanta-se, toma água e olha um quadro com um caminho. A partir da descrição, começamos nosso gesto interpretativo.



Fotograma 34. Sujeito-paciente enuncia com sorrisos irônicos.

SDR34 – Enfim, ela fez de tudo pra não me ouvir, mas eu **contei tudo** pra Nicole. Tudo! Sabe o que ela pensava? Que eu tinha outra mulher. Ham! Ela nem **desconfiava** que eu era gay. Como é que ela nem desconfiava? Como é que ela não percebeu?

Ao observar o fotograma, temos o sujeito-paciente com um sorriso que, aparentemente, demonstra certa satisfação em sua tomada de posição, o que notamos pela apresentação do corpo relaxado. O sorriso aparece antes e depois do dizer, o que pode simbolizar o prazer do que foi realizado, pois ao significar, o sujeito-paciente mobiliza um conjunto de significantes. Para Lacan, “pelo seu corpo mesmo, o sujeito emite uma palavra, que é, como tal, palavra de verdade, uma palavra que ele mesmo sabe que emite como significante. E que ele diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer” (1986, p. 303). Por isso, o sorriso e o corpo relaxado significam e, possivelmente, remetem à aproximação com o outro/namorada. A ilusão de ser, de constituir-se como sujeito de seu próprio discurso, cria um efeito de poder, de controle de si, desestabilizando as relações de força existentes com o outro/namorada. A SDR34 apresenta o distanciamento, uma posição que confirma, imaginariamente, a orientação sexual e a identificação do sujeito-paciente com a FD homossexual.

Atentamos para a forma em que se deu a interlocução, o que pode explicar a relação estabelecida com o outro. Enunciar a orientação sexual ao outro parece gerar um conflito, pois a tomada de posição do sujeito-paciente não parece aceita, inicialmente, por ambas as interlocutoras – mãe e noiva –, o que pode ser observado na expressão “ela fez de tudo pra não me ouvir, mas eu **contei tudo** pra Nicole”. No fotograma, o sorriso do sujeito-paciente parece abafar os dizeres. Em seguida, temos a ênfase dada à expressão “Tudo!”, como se conseguisse dizer tudo, na ilusão de controlar e ser senhor do dizer e dos sentidos. Após, inicia suas indagações e, em cada dizer, surge um sorriso, uma necessidade de mostrar seu contentamento por ter conseguido, imaginariamente, criar um eu, representado como heterossexual. Uma brincadeira que pode ser analisada como um sintoma apreendido através da contradição existente no pré-construído de poder representar performativamente quem deseja ser e criar um estereótipo de heterossexual. Como se pudesse enganar a si mesmo e ao outro, a ilusão de dominar a interpretação do outro/noiva. A presença da palavra “gay” é dita com naturalidade em meio a risos contínuos. Talvez sintomáticos ou talvez reveladores de um eu ideal equivocados, um eu que ludibria, brinca com o outro, com a sua interpretação.

Sabemos que a “realidade” emerge de um buraco no real que é preenchido pelo espectro, mas essa “realidade, tal como a verdade, nunca é “toda” (ŽIŽEK, 1996, p. 26). O

espectro não oculta a realidade, mas o “recalcamento primário”, que fundamenta a própria realidade. Ao testemunhar o que acontece, surge uma imaginária liberdade, criada pelo recuo espectral que preenche o dizer do sujeito-paciente, visto que a verdade é um saber que não se sabe, é um enigma. Segundo Lacan, “o próprio da verdade é isto – a verdade, nunca se pode dizê-la a não ser pela metade”, estando conectada ao momento da enunciação (1992, p. 34). Nesse processo, inclui-se o inconsciente porque “a verdade é inseparável dos efeitos da linguagem”, de maneira que não há “verdadeiro sem falso” (LACAN, 1992, p. 59). Pela linguagem efetua-se a impossibilidade de dizer, o semi-dizer que nos fala Lacan, pois a verdade “se situa, com um ponto de interrogação” (1992, p. 163). O que aparece nas enunciações do sujeito-paciente são inúmeros questionamentos sobre como a verdade não estava ali, como não tinha sido notada pelo outro/noiva.

Notamos, na SDR34, vários questionamentos referentes às representações imaginárias desse outro/noiva que é ingênuo. As ideias desse outro/noiva são vistas como tolas, pois parece ser impossível não saber a orientação sexual do parceiro. Muitas fantasias, a criação de uma “outra mulher”, fazendo referência à filiação à FD heterossexual. Ao enunciar “ela nem desconfiava”, notamos a dupla negação apresentada pelo nem e pelo prefixo “des”, um possível excesso para manter sua posição frente ao dizer. A tomada de posição do sujeito-paciente busca estabelecer um eu que domina seu dizer, que subjetivamente tem uma identidade homossexual e não quer mostrar ao outro. No entanto, esse excesso que se inicia pela repetição da palavra “tudo” e, seguida, pela negação de “nem desconfiava” significa e marca a fragilidade da tomada de posição.

Na SDR34, temos o enunciado “ela nem desconfiava” e os questionamentos “como é que ela nem desconfiava”, “como é que ela não percebeu”, delimitando seu domínio ilusório sobre o outro/noiva, que não compreende sua posição, seu lugar discursivo. O domínio do sujeito-paciente, na relação estabelecida com o outro/namorada, é marcado pelos sorrisos irônicos, sintomas de um eu em construção. Efeitos metafóricos configurados pela ação dos significantes, pelo deslizamento dos sentidos que se esvaem e dizem o que não se quer dizer. O aparente domínio da situação, da significação frente ao outro/noiva se intensifica pelos inúmeros questionamentos e negações que buscam reforçar tal posição.

Em uma substituição parafrástica de “ela não desconfiava que eu era gay”, podemos construir a expressão “ela não suspeitava”, o que possibilita novos efeitos de sentido. Sentidos que destituem o possível poder do sujeito-paciente, criando uma nova dúvida. Esse gesto de

interpretação relaciona-se aos significados dicionarizados de “desconfiar”⁷⁵ que são “duvidar da honestidade, fidelidade, sinceridade (de alguém); não confiar; enfadar-se (com quem se está divertindo)”. O último significado pode transformar essa “desconfiança” em enfado, tédio, atribuindo uma filiação à FD heterossexual. Lembramos que o verbo “desconfiar” foi utilizado junto ao fato de que o sujeito-paciente “era gay” e a escolha intradiscursiva tem relação com a FD a que está filiado. Ao se identificar com a FD homossexual, as palavras ditas tendem a convergir com os saberes regulados pela forma-sujeito, criando certa homogeneidade de dizeres e delimitando “o que pode/deve ser dito” em determinadas CPs (PÊCHEUX, 2009).

Na SDR34, temos a ideia de verdade, algo que demonstra a necessidade de expressão do eu, como se o sujeito-paciente vivesse um personagem antes de contar sua “real” face, uma máscara produzida e filiada a uma FD distinta. Enquanto constituição subjetiva, identificada com o outro/mãe e inscrito na FD heterossexual, as SDRs apresentavam um conflito com o eu ideal e o ideal de eu, uma posição projetada no outro amado. Notamos que a “verdade” parece trazer uma nova posição do sujeito-paciente, um eu ideal, atravessado pela FD homossexual, que configura uma nova expressão, um novo sujeito, sem máscaras. Um retorno da verdade, efeitos metafóricos retomados, mas com efeitos de sentido distintos.

Conforme explica Lacan, a verdade traz consigo a impotência ligada à impossibilidade porque “entre nós e o real há a verdade” (1992, p. 166). O que vem ser a verdade? Entendemos que é o que se acredita ser, é o significante-mestre em ação, é a queda do saber pela presença do Outro. A verdade do discurso é mascarada, assim como a divisão, clivagem do sujeito que, ao participar do real, faz trabalhar o impossível. Conforme menciona o autor, “o lugar do Outro, como sempre disse, é feito para que nele se inscreva a verdade, quer dizer, tudo o que é dessa ordem, o falso, inclusive a mentira – que não existe, a não ser sobre o fundamento da verdade. Isto, no jogo franco da fala e da linguagem” (1992, p. 178).

A verdade do sujeito-paciente é uma, a de se identificar como homem homossexual que “só fala a verdade”. Uma verdade própria, uma constituição imaginária criada a partir de sua filiação à FD homossexual. A impossibilidade de dizer “tudo”, da SDR34, parece trazer a opacidade da língua, do Outro que carrega essa verdade, como também a mentira antes vivida. É a busca pela verdade ocultada e antes recalcada. Seguimos nossa análise para a observação de um ato falho em que há o relato de uma conversa com o outro/mãe.

⁷⁵ Desconfiar. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.org/desconfiar>>. Acesso em 15 ago. 2018.



Fotograma 35. Sujeito-paciente enuncia agressivamente e com voz elevada.

SDR35 – Eu falei que eu não ia pedir desculpas pra Nicole e nem voltar atrás do que eu tinha dito... Aí ela (mãe) disse que **não** tinha me criado pra ser um homem e **não** uma bicha.

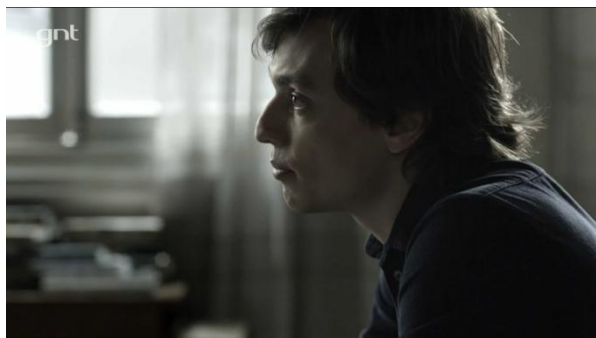
O fotograma mostra o sujeito-paciente em primeiro plano, falando com voz alta, como se estivesse gritando. Uma expressão da raiva contida no dizer, um semblante de insatisfação com o que está sendo enunciado. As CPs relatadas expõem uma conversa do sujeito-paciente com o outro/mãe, uma interação conflituosa em que dizeres são proferidos e não aceitos pelo sujeito-paciente. Notamos a repetição de palavras negativas como “não” e “nem” atribuídas ao pedido de “desculpas” ao outro/noiva e mudar a posição pelo outro/mãe. A voz alterada e a insatisfação apresentam-se na cena, marcando o ato falho configurado pela oposição entre “ser um homem” e ser “uma bicha”. Ambas as afirmações são negadas, como se o sujeito-paciente não fosse nem um, nem o outro. Pela formação imaginária construída do outro/mãe, é possível que o primeiro “não” do sujeito-paciente devesse ser suprimido para que se obtivesse um efeito de sentido correlato à sua posição atual.

Essa relação, estabelecida desde o nascimento com o outro/mãe, configurou e constituiu subjetivamente o sujeito-paciente, que reproduziu inúmeras práticas discursivas. Na SDR35, o efeito do pré-construído é apreendido sintomaticamente através da contradição, como se algo se destituísse, tomasse outra forma e se conectasse a outros saberes. Como expôs Pêcheux, o “efeito de pré-construído consistiria numa *discrepância* pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’” (2009, p. 142). Essa discrepância que funciona pela contradição surge da interpelação/submissão do sujeito-paciente ao outro/mãe, pois “a realidade se define pela contradição” (LACAN, 1986, p. 304). Na contradição de que é isso e não aquilo se mantém o outro/mãe em foco. A estranheza vem da expressão “ela disse que não tinha me criado para ser um homem”, um ato falho, uma designação de si mesmo para alguém, o que pode ser aquilo que “representa o sujeito para outro significativo” (LACAN, 1999, p. 149-150).

Sabemos que o ato falho é uma das formações do inconsciente, que advém ao consciente metaforicamente, e essa contradição que surge no dizer do sujeito-paciente pode ser uma marca de sua identificação com a FD homossexual como também um indício da constituição do seu eu. A metáfora, efeito da condensação e/ou deslizamento de significantes, ocorre pelo tropeço do sujeito-paciente que enuncia impulsivamente. Conforme nos explica Lacan (1998), esse discurso é bem-sucedido porque, no tropeço, surge o real, o impossível, que representa um significante para outro, uma forma de revelar o sentido no não-sentido. Pela repetição do não, algo falha, o efeito de sentido torna-se enigmático. Esse processo metafórico pode criar uma barra, que desconecta o significante do ato falho ao significante da interpretação, apresentando o não-sentido. Na necessidade de estabilizar e manter o dizer do outro/mãe, o ato falho intervém no dizer do sujeito-paciente e o real se apresenta. O excesso traz a confusão e configura efeitos de sentido de dúvida, mas definindo a posição do sujeito-paciente que não admite tal dizer, pois sua inscrição à FD homossexual, interdita tal saber/dizer.

Em nosso gesto de interpretação, buscamos encontrar efeitos de sentido que estivessem relacionados à segunda sequência da SDR35. Iniciamos com a possibilidade do primeiro “não” ser apagado, para que se vincule à formação imaginária do outro/mãe. Pela tomada de posição do sujeito-paciente impulsiva e exagerada, observada no tom da voz, podemos pensar que o sujeito-paciente deseje subjetivamente negar ambas as constituições de eu, “homem” e/ou “bicha”. Como o ato falho é oriundo de um desejo, esse “não” pode trazer a ideia de que ser isso ou aquilo pode ser ruim, por isso a negação. Também, pensamos que ao desejar esquecer tal dizer, escutado anteriormente, possa ter surgido um “não” a mais, marcado pelo desejo de não recordar. As interpretações relacionam-se às posições do sujeito-paciente relacionadas às CPs apresentadas em outras SDRs. Notamos que, após o dizer, o sujeito-paciente se levanta e toma um copo de água, trazendo a ideia de que algo retornou, um sintoma, uma verdade.

A partir disso, voltamos ao episódio. Aos 9’, Felipe senta e conta como foi o término do noivado e da reação da mãe, que pediu para ser esquecida. O terapeuta pergunta com ele está e ele responde: “Eu não sei dizer, um vazio. Sabe quando você espera muito por uma coisa e quando ela acontece, não é como você imaginou.”. Felipe fala da demissão e da proposta de trabalho, revelando que ficar na empresa “era a desculpa perfeita pra eu não me assumir, mas eu acho que eu fiz o certo.”. A partir da descrição, vamos às análises.



Fotograma 36. Sujeito-paciente enuncia vagarosamente.



Fotograma 37. Sujeito-paciente fala vagarosamente com breve sorriso.

SDR36 – Eu não sei dizer... um **vazio**. Sabe quando você espera muito por uma coisa e quando ela acontece, não é como você imaginou. Pois é. Eu achei que se ela deixasse de gostar de mim, tudo ia acabar... Mas não. Eu não fui deserdado, pelo menos não até agora, eu não perdi meu emprego. Ninguém me tratou diferente.

SDR37 – Eu pedi demissão, mas tudo bem. Eu fiz uns contatos e até já recebi proposta de trabalho. De repente, essa resistência que eu tinha em achar que eu não ia conseguir outro trabalho tinha a ver com aquela coisa de conforto que você falou. Era a **desculpa perfeita** pra eu não me **assumir**, mas eu acho que eu fiz o certo.

O enunciado do sujeito-paciente inicia após a pergunta do sujeito-terapeuta: “Como é que você está?”. O dizer é proferido vagarosamente e o semblante do sujeito-paciente é de desânimo, como se esperasse algo diferente. Ao enunciar, notamos muitas pausas, silêncios que significam, marcados possivelmente pela busca e articulação de palavras, uma forma de expressar o que sente/pensa. A interpelação da ideologia heteronormativa está presente, na fantasia criada para a situação a ser vivida e não certificada. A utilização do “não” na última sequência é uma pista dessa interpelação, que rememora a SDR9 (eu vou ser deserdado) e a SDR13 (eu não quero perder meu trabalho). A possibilidade de assumir a orientação sexual traria danos, como descrito na SDR9 – “se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir”.

A SDR36 rememora fatos contados na sessão de terapia e antecipações criadas e imaginadas pelo sujeito-paciente. Essas são marcas do inconsciente que ressurgem e trazem consigo o Outro que comporta a história, os desejos e os ideais do sujeito-paciente. Ideais configurados através dos significantes introjetados da relação parental que constituiu seu eu ideal. As formações imaginárias são sustentadas pelo Outro e formam o vazio, o furo. Esse vazio origina-se na separação primordial do outro/mãe. Por não ser isso ou aquilo que ele

imaginou, vem à tona o vazio, abarcando o conjunto de significantes que deslizam em seu dizer. A ideia de que o tratariam “diferente” foi negada, assim como as perdas não aconteceram.

Nas palavras de Lacan, a ciência trabalha com o sujeito vazio da linguagem, que “não é senão um efeito – e da linguagem – mas é um efeito de vazio”, de maneira que “o vazio o cerca, no mais estrito de sua essência, isto é, o faz aparecer como pura estrutura da linguagem”, estrutura do inconsciente (2008, p. 291). Como o sujeito é visto como o vazio, um furo no conjunto da linguagem, traz consigo o eco do outro/Outro. Para se tornar sujeito do que diz, é preciso que o indivíduo adentre o sistema da linguagem, constituindo o inconsciente. O autor explana que “o inconsciente é o momento em que fala – no lugar do sujeito – a PURA LINGUAGEM: uma frase da qual a questão é saber quem a diz” (2008, p. 291). Através dessas noções, lembramos que o sujeito é dividido entre o eu imaginário que o faz pensar que seu dizer é único e o eu, efeito do inconsciente, que o constitui subjetivamente pelo conjunto de significantes. Explica-nos Mariani:

A cadeia significante precisa ser compreendida como falhada: em cada falha na cadeia significante, a cada lapso cometido – marcas dessa divisão inconsciente, da presença do *je* – o sujeito (*moi*) busca retomar, retomar ou repetir parafrasticamente um sentido aceito como unívoco, aquilo que considera como fundador de sua subjetividade, ou seja, o sujeito imaginariamente se reconstrói como unidade, como *moi*, e isso se materializa na linguagem, ganhando o contorno de um imaginário linguístico. (MARIANI, 2006, p. 27)

A partir da interpelação inconsciente, temos o eu [*je*], que só existe pela alienação do sujeito à linguagem. Na tentativa de explicar, reconstruir seu eu [*moi*], o sujeito-paciente cria muitos enunciados para estruturar tal “vazio”, tal falta no registro simbólico. Em nosso gesto de interpretação, entendemos que esse “vazio” é oriundo da não significação e antecipação dos possíveis fatos, da não identificação com o outro/mãe, que esteve presente na estruturação do eu ideal do sujeito-paciente. Na falta desse outro/semelhante, que se torna rival, os significantes se esvaem junto ao seu eu, configurado a partir dos já-ditos introjetados do outro/mãe. A inscrição à FD homossexual acarreta nesse possível “vazio” substancial pela ausência/presença de dizeres regulados pela forma-sujeito e pela contradição do pensar e dizer.

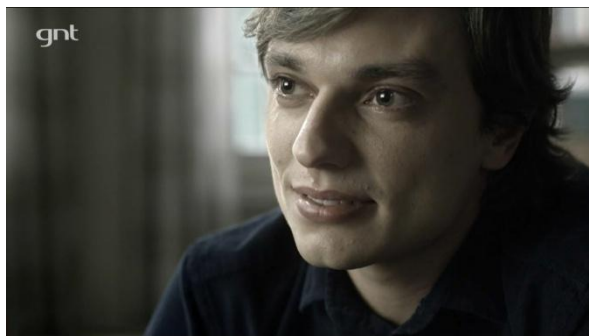
No plano enunciativo, o fotograma da SDR37 apresenta o sujeito-paciente com semblante sereno, intercalando dizeres e sorrisos breves. Uma aparente satisfação com o que conseguiu realizar, uma ilusão de domínio de si, desse eu ideal que projeta seu dizer. Entendemos a sombra, à esquerda, como algo que rompe a imagem, irrompe no dizer do

sujeito-paciente. O desejo de resistir, de “ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo”, aparece e configura um sujeito que rompe com a FD heterossexual e formula seu discurso (PÊCHEUX, 2009). Um discurso marcado pela imaginária aceitação do eu/ego, de um processo de subjetivação que constitui sua orientação sexual e uma posição filiada à FD homossexual. Ao resistir, os significantes se põem em ação, os efeitos de sentido se transformam, pois os dizeres passam a ser apoiados na forma-sujeito da FD homossexual. Os saberes dessa FD são representativos de um pré-construído constituído por discursos de aceitação das diferenças, da orientação sexual e da não estigmatização da identidade homossexual. Tensões podem surgir através da discrepância da identificação-interpelação, pois alguns saberes da FD homossexual são o avesso da FD heterossexual que está no interior da ideologia heteronormativa.

O enunciado da SDR37 aborda uma reflexão analítica, um processo que rememora dizeres do sujeito-terapeuta. Dizeres que possibilitam a apreensão de novos significantes, de novas configurações de um eu dividido. A expressão “desculpa perfeita” configura nosso gesto interpretativo, visto que é uma justificativa para as ações e os discursos anteriores, distinguindo-se da posição atual do sujeito-paciente. A palavra “desculpa”⁷⁶ é definida como “perdão de culpa ou ofensa; alegação atenuante ou justificativa de culpa, ofensa, descuido; escusa, pretexto”. Tais significações dicionarizadas permitem-nos construir sequências parafrásticas como “era a justificativa certa pra eu não me assumir”, mantendo sua inscrição do sujeito-paciente à FD homossexual. Observamos que a palavra “assumir” mantém-se como pista de uma identificação à FD em questão. Através dos efeitos metafóricos, das substituições, temos a apreensão do deslizamento de significantes que aprimoram os efeitos de sentido da (des)culpa configurada nessa cadeia de significantes.

A palavra “desculpa” traz consigo a ideia de que há uma culpa, algo a ser perdoado. Nessa conjuntura, parece surgir uma reconfiguração do eu, uma reestruturação ligada à reflexão analítica, como se o sujeito-paciente notasse o próprio equívoco. Tal gesto de interpretação origina-se da continuidade do dizer do sujeito-paciente, ao expressar “eu acho que eu fiz certo”. Sabemos que o certo e o errado são compreendidos de acordo com as filiações às FDs, por isso, tal dizer é visto como, possivelmente, correto pelo sujeito-paciente. Uma tomada de posição que marca sua inscrição na FD homossexual e a resistência à ideologia heteronormativa. Passamos para a nossa última análise:

⁷⁶ Desculpa. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/desculpa>>. Acesso em 25 ago. 2018.



Fotograma 38. Sujeito-paciente enuncia com lágrimas nos olhos e breve sorriso.

SDR38 – É! Eu acho que se eu levar um não, isso **não vai me matar**, né! (sorri, pega o presente, levanta-se e sai) Semana que vem eu te conto do Guto. Obrigado, Theo!

O final do episódio apresenta o fotograma do sujeito-paciente falando calmamente, com lágrimas nos olhos, algo que reflete sua nova posição frente ao outro. Assumir subjetivamente sua orientação sexual, mesmo com a constante censura social e presença dos já-ditos da ideologia heteronormativa, é preciso. O desejo de ficar com o sujeito-namorado, já abordado na SDR13 ao dizer “eu queria tanto assumir o Guto” retorna na SDR38. O sujeito-namorado termina a relação homoafetiva no episódio cinco, em que os sujeitos – namorado e paciente – estão em cena. Contudo, a nova posição do sujeito-paciente, quanto à constituição da sua identidade homossexual, possibilita a enunciação do desejo de buscar o vínculo e reatar o relacionamento. A ideia de que pode “levar um não” é hipotética, mas aborda a noção de aceitação do seu eu, que pode assumir sua posição. Ao pronunciar que “isso não vai me matar”, entendemos que o sujeito-paciente está “ousando pensar por si mesmo”, resistindo aos padrões estabelecidos e constituindo subjetivamente sua posição.

A SDR38 apresenta a ideia de receber um “não” e de que isso “não” vai matá-lo. O primeiro “não” parece um desejo ao avesso, como se não quisesse que tal fato ocorresse, mas que é preciso ser pensado. A partir da expressão “isso não vai me matar”, pensamos na construção parafrástica “isso não vai me destruir”, como se o sujeito-paciente pudesse manter sua posição, sua constituição, mesmo que sofra com o resultado de tal ação. Ao procurar reviver, reatar a relação homoafetiva, a constituição subjetiva do sujeito-paciente surge, a partir da configuração imaginária da sua posição e a construção de inúmeras estruturas linguísticas, filiadas à FD em que está inscrito. O desejo de ter a relação homoafetiva pode ser um das ações para essa transformação, mesmo que receba um “não”.

A necessidade de marcar o controle de si e de garantir o domínio de seu dizer e de seus sentidos é observada pela repetição do pronome “eu”. Um excesso que significa, que busca

manter os efeitos de sentido referentes à aproximação com o sujeito-namorado e a constituição do eu, identificado com os saberes da FD homossexual. O uso do verbo “achar” remetido ao desejo de “ousar” encontrar-se com o sujeito-namorado pode ser uma busca pela manutenção do seu eu, da sua nova construção subjetiva identitária. A expressão “isso não vai me matar” pode ser relacionada ao fato de que “acha certo” “assumir” (SDR37), em oposição a manter as “duas vidas” (SDR12). O desejo de resistir ao discurso do outro/mãe que o constituiu, é necessário para que o sujeito-paciente consiga configurar sua nova versão de eu.

O sorriso do sujeito-paciente é uma marca sintomática da apreensão da contradição existente no pré-construído de que ter uma relação amorosa é imprescindível para ser feliz e não ter pode ser algo fatal, o que permitiu a identificação e a contraidentificação com as FDs. Esse gesto, o sorriso, no final da sessão, remete à ideia de que algo se transformou pela movimentação dos discursos e das relações, que possibilitaram a construção de novas práticas discursivas. O quadro 8 permite a observação das transformações no discurso e a configuração desse novo eu subjetivo, configurado pelo sujeito-paciente. Entendemos que o episódio sete do seriado apresenta um novo sujeito-paciente, que acredita em seu dizer, mesmo que ilusoriamente, e configura subjetivamente seu eu. Ao se identificar, inconscientemente, com os saberes da FD homossexual, o sujeito-paciente tem a possibilidade de resistir, de romper com a FD heterossexual e a ideologia heteronormativa. Mesmo com conflitos e tensões, a posição do sujeito-paciente está vinculada a sua identidade homossexual.

Quadro 8. Metáforas presentes no sétimo episódio.

	Metáforas	Substituições significantes Sinônimos / seleções
SDR34	Enfim, ela fez de tudo pra não me ouvir, mas eu contei tudo pra Nicole. Tudo! Sabe o que ela pensava? Que eu tinha outra mulher. Ham! Ela nem desconfiava que eu era gay. Como é que ela nem desconfiava? Como é que ela não percebeu?	[...] Ela não suspeitava que eu era gay. Como é que ela nem desconfiava? Como é que ela não percebeu?
SDR35	Eu falei que eu não ia pedir desculpas pra Nicole e nem voltar atrás do que eu tinha dito. Aí ela disse que não tinha me criado pra ser um homem e não uma bicha.	[...] Aí ela disse que tinha me criado pra ser um homem e não um gay.
SDR36	Eu não sei dizer, um vazio . Sabe quando você espera muito por uma coisa e quando ela acontece, não é	Eu não sei dizer, uma falta . [...]

	como você imaginou.	
SDR37	Era a desculpa perfeita pra eu não me assumir , mas eu acho que eu fiz o certo.	Era a justificativa certa pra eu não me aceitar , mas eu acho que fiz o certo.
SDR38	Eu acho que se eu levar um não, isso não vai me matar né! Semana que vem eu te conto do Guto. Obrigado, Theo!	Eu acho que se eu levar um não, isso não vai me destruir né! [...]

7. O ARREMATE: PALAVRAS FINAIS

A presente pesquisa partiu do interesse em desvelar os efeitos metafóricos e a heteronormatividade no discurso de um personagem. Mais especificamente, buscamos compreender os efeitos de sentido produzidos no discurso do sujeito-paciente, Felipe, da série de televisão “Sessão de Terapia”, a partir das pistas encontradas na materialidade discursiva de enunciados presentes em sete episódios da terceira temporada dessa série as quais desenredam o fio que (des)conecta os processos metafóricos ao discurso heteronormativo. Como objetivos específicos, determinamos: (i) identificar os efeitos metafóricos constituintes do discurso e do sujeito; (ii) analisar os sintomas presentes na materialidade discursiva; e, (iii) reconhecer a ideologia heteronormativa conectada aos efeitos metafóricos.

Para alcançar esses objetivos, foram delimitados alguns procedimentos. Inicialmente, realizou-se a revisão das noções teórico-analíticas dos temas pertinentes ao objeto de estudo. Em seguida, os sete episódios foram transcritos e os efeitos metafóricos identificados segundo sua relação com a heteronormatividade. Elencadas e explicitadas as metáforas, passamos para a composição dos fotogramas e a interpretação das SDRs, estabelecendo relações entre os postulados da Análise de Discurso, da Psicanálise e dos Estudos de Gênero.

Em síntese, este foi o caminho percorrido. Os resultados foram, resumidamente, os seguintes: (i) a noção de metáfora na AD perpassa as demais noções, visto que os sentidos existem exclusivamente nas relações de metáfora; (ii) os efeitos metafóricos produzidos pelo sujeito-paciente relacionam-se à identificação subjetiva do sujeito do discurso, assim como o discurso é constituído por processos metafóricos presentes na memória discursiva; (iii) os sintomas verbais são metáforas simbolizadas, (re)produzidas e configuradas discursivamente no inconsciente do sujeito-paciente; (iv) há uma grande ocorrência de efeitos metafóricos que apresentam a inscrição do sujeito-paciente na ideologia heteronormativa, sendo o discurso atravessado pelas FDs heterossexual e homossexual; e, (v) o discurso do sujeito-paciente esteve repleto de efeitos metafóricos que traziam indícios de um saber regulado pela ideologia heteronormativa, uma (contra)identificação com os padrões socioculturais, éticos, morais, religiosos apresentados pelas sequências discursivas.

A análise e a discussão dos resultados permitiram responder às questões norteadoras. Primeiramente, questionou-se sobre os efeitos metafóricos, que produzem novos sentidos, possibilitarem a compreensão da constituição do discurso e do sujeito. Entendemos que a

materialidade discursiva apresentou pistas da constituição do sujeito e do discurso, produzindo diferentes efeitos de sentido que se relacionavam a inscrição em cada FD – heterossexual e/ou homossexual. De acordo com as CPs do discurso, relatadas pelo sujeito-paciente, surgiam efeitos metafóricos configurados por deslizamentos, substituições, condensações, simbolizadas em sonhos, atos falhos, chistes e sintomas, formados no inconsciente e trazidos ao consciente.

Nessa conjectura, e respondendo ao segundo questionamento, conectado às divergências e/ou convergências do discurso do sujeito-paciente quanto aos padrões heteronormativos serem representados nos efeitos metafóricos, entendemos que os discursos apresentam-se heterogêneos, produzindo distintos efeitos de sentido. Os efeitos metafóricos produzidos pelo sujeito-paciente apresentaram similaridades, atreladas à FD heterossexual, quanto às relações sociais e/ou públicas enunciadas e estabelecidas. Essa ideia reitera a noção de que as metáforas constituem o sujeito do discurso, que está inscrito em determinada FD e interpelado pela ideologia heteronormativa. Quanto às divergências, o discurso do sujeito-paciente apresenta diferentes sintomas, além de sonhos, atos falhos e chistes que configuram a ruptura do sujeito com a FD heterossexual e a identificação com a FD homossexual, ambas com saberes ainda regulados pela ideologia heteronormativa e relacionados ao relacionamento homoafetivo relatado.

Por fim, indagou-se sobre o processo metafórico produzir efeitos de sentido que pudessem romper e/ou marcar a heteronormatividade mantida por práticas discursivas institucionalizadas. Compreendemos que os efeitos metafóricos produzidos pelo sujeito-paciente, enquanto sujeito social e discursivo, nutrem a existência do padrão heteronormativo, instituído pelas práticas discursivas, constituídas e padronizadas sócio-historicamente na/pela linguagem. Contudo, algumas sequências discursivas produzem o rompimento de saberes estabelecidos e cristalizados ao constituírem sentidos divergentes e produzirem novas formas de identificação quanto à identidade social e sexual que confere ao sujeito, subjetivamente, estar no centro ou à margem da sociedade.

Quanto à noção de efeitos metafóricos, consideramos que a substituição de um significante por outro na cadeia dos significantes permitiu-nos configurar algumas relações parafrásticas de palavras e expressões. A metáfora é um lugar provisório que configura a constituição do sentido e a identificação do sujeito em determinadas CPs, podendo (des)organizar o psiquismo e o discurso do sujeito pela interferência das formações do inconsciente. A partir disso, conseguimos traçar paralelos entre os três registros – simbólico,

imaginário e real –, imbricados no inconsciente, e tratar da materialidade discursiva mostrada nos episódios do seriado “Sessão de Terapia”.

Como ganhos obtidos, destacamos que a noção de metáfora e suas inter-relações possibilitaram a compreensão dos efeitos de sentido produzidos pelo discurso, enquanto (re)produtor da ideologia heteronormativa, aqui analisada como estabilizada e dominante sócio-historicamente. Esse resultado foi decorrente da escolha do objeto de estudo e da configuração do roteiro metodológico, na medida em que se delimitou a analisar o discurso de um personagem ficcional, o sujeito-paciente, como o (re)produtor e transformador de um saber regulado e propagado socialmente.

Portanto, nosso estudo engendrou a noção dos efeitos metafóricos como forma de constituição do discurso e dos sujeitos. Como convergências encontradas, temos os dois aspectos básicos da perspectiva adotada: de um lado, os processos metafóricos como deslizamentos de significantes e produtores exclusivos do sentido ao se inscreverem em determinadas FDs; de outro, as metáforas como expressões das formações do inconsciente – sonhos, atos falhos, chistes e sintomas – condensados e apresentados ao consciente, sob a influência sócio-histórica e o atravessamento da ideologia heteronormativa. Assim, o discurso do sujeito-paciente, no que diz respeito às metáforas, apresenta a contraidentificação com determinada FD, regulada e instituída por práticas discursivas e institucionais reproduzidas na sociedade atual.

Nesse contexto, apresentamos a metáfora como (re)produtora de um sintoma apreendido na contradição do efeito de pré-construído, que é da ordem do simbólico, imaginário e real e expressa a censura social e/ou a interpelação da ideologia heteronormativa. Os sintomas revelam significantes que fazem emergir a verdade inconsciente e o desejo recalçado. A ilusão subjetiva de ser/identificar-se como sujeito heterossexual ou homossexual é necessária ao sujeito para se constituir e produzir o seu discurso, transpassado pelo inconsciente e pelas formações ideológicas que o dominavam, seja no âmbito social, político, histórico ou religioso.

No entanto, salientamos que o trabalho não está a salvo de limitações, e ponderar sobre elas pode, também, orientar encaminhamentos futuros. Por exemplo, a movimentação dos discursos e a inscrição do sujeito-paciente nas FDs heterossexual e homossexual, que convergiam e divergiam configurou, por vezes, um obstáculo. Como possibilidade de produções futuras, conjecturamos a análise e a compreensão de efeitos metafóricos que apresentam a constituição dos demais personagens (terapeuta, mãe, pai, namorado, namorada) da série de televisão através do relato do sujeito-paciente. Além disso, pretendemos, ainda

tratando de questões conectadas às metáforas, promover uma aproximação maior entre os estudos da AD e dos Estudos de Gênero.

Como efeito de conclusão, pesquisas como esta, que possibilitam a interlocução entre a Análise de Discurso, a Psicanálise e o Materialismo Histórico podem ser favoráveis àqueles que desejam, mais do que caracterizar e esclarecer fenômenos linguísticos, desenvolver reflexões sobre o uso da linguagem, a constituição do sujeito e do discurso em contextos sócio-históricos. Dessa forma, vincular conhecimentos dessas áreas pode ser um caminho para a compreensão da constituição do sujeito e do sentido via linguagem.

Por fim, nossa intenção também foi trazer o olhar que repercute nosso estar social, uma vez que o dizer do sujeito o responsabiliza e nunca se acaba, sempre reivindicando efeitos de sentido novos às palavras, às imagens, ou melhor, ao mundo. São os efeitos metafóricos, fazendo trabalhar os significantes, que organizam os discursos, pois como dito por Luciane Machado: *E algo fica por dizer... Vazios lógicos e explicáveis... As imagens escapam e se vão em silêncio, sem realidade e sem sentidos.*

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1970.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Projeto Livro Livre. Livro 346. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco/ Poética**. Trad. Leonel Vallandro; Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Os pensadores. v. 2. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/aristoteles_etica_a_nicomaco_poetica.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico AIDS e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, PN de DST e AIDS, Ano V, n 1, 01-26 semanas epidemiológicas, jan./jun. 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Deshacer el género**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 2006.
- _____. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CÂMARA JR, Joaquim Matoso. **Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.
- CARROLL, Aengus. **Homofobia de Estado: Estudio Jurídico Mundial sobre la Orientación Sexual en el derecho: criminalización, protección y reconocimiento**. 11. ed. Disponível em: <www.ilga.org>. Acesso em: 15 mai. 2016.
- CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, jan./jun., 2007.
- CAZARIN, Ercília Ana. **Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula**. Ijuí, RS: Ed. da Unijuí, 2005.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Pensamento**. Trad. Francisco M. Guimarães. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1973.

COHEN, Kenneth M.; SAVIN-WILLIAMS, Rich C. “Saindo do armário” para si mesmo e para os outros. In: LEBOUNIS, Petros; DRESCHER, Jak; BARBR, Mary E. (orgs.) **O livro dos casos clínicos GLBT**. Trad. Gabriela Wondracek Linck. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 35-52.

Conselho Federal de Psicologia – CFP. (1999). Resolução CFP nº 01/99, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em 15 mar. 2018.

CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Trad. João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Vol. II. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7-10.

CORDIOLI, Aristides Volpato. As principais psicoterapias : fundamentos teóricos , técnicas, indicações e contra -indicações. In: **Psicoterapias: abordagens atuais**. CORDIOLI, Aristides Volpato (org.). 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 19-41.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

DALTOÉ, Andréia da Silva. As metáforas de Lula: o deslizamento dos sentidos e a ordem política na língua. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v. 9. n. 2. p. 295-308, jul./dez., 2013.

DOR, Joël. **Introducción la lectura de Lacan: El inconsciente estructurados como lenguaje**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000.

DRESCHER, Jack. O que tem em seu armário? In: LEBOUNIS, Petros; DRESCHER, Jak; BARBER, Mary E. (orgs.) **O livro dos casos clínicos GLBT**. Trad. Gabriela Wondracek Linck. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 21-34.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. **Tempo social**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 115-136, 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702011000100006>

ERNST-PEREIRA, Aracy. A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/ Interpretação do Corpus Discursivo. In: **IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD**, Porto Alegre, 2009. p. 1-6.

ERNST-PEREIRA, Aracy; QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. UMA mesma diferente imagem: que objeto é esse? **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 266-287, jul./dez. 2013.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, p. 79-127, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2510/1920>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

FREUD, Sigmund. (1901). **A psicopatologia da vida cotidiana**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1900). **A interpretação dos sonhos II**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1900). **A interpretação dos sonhos I**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. (1913). **Totem e Tabu**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990a.

_____. (1923). **O Ego e o Id**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990b.

_____. (1905). **Os Chistes e sua relação com o Inconsciente**. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v. 8. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

_____. (1911-1913). **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. (1905). **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. (1915-1916). **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1930-1936). **O mal-estar na civilização**. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. (1979) **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria T. C. Albuquerque; J. A. Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Trad. Maria T. C. Albuquerque; J. A. Guilhaon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

- FRY, Peter; MacRAE, Eduard. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.
- GABBARD, Glen O. **Psicoterapia psicodinâmica de longo prazo: texto básico**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GNT. Episódios da série Sessão de Terapia. 3ª Temporada. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria: UFSM, n. 26, p. 53-62, 2003.
- GRICE, PAUL. Logic and conversation. In: GRICE, P. **Studies in the way of words**. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 22-40, 1987.
- HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido**. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2016.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.
- _____. A emergência do sujeito desejante no discurso do MST. **Gragoatá**, Niterói: UFF, n. 34, p. 27-38, 2013.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia**. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. Angústia e castração. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, set., 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952007000100006>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- JOST, François. **Do que a séries americanas são sintomas?** Trad. Elizabeth B. Duarte; Vanessa Curvello. Porto Alegre, Sulina, 2012.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphors: a practical introduction**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- LACAN, Jacques. **A identificação**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Publicação não comercial), 2003.
- _____. **O Seminário. Livro 2**. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Trad. Maria Christine Lasnik Penot; Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.
- _____. **O Seminário. Livro 20**. Mais, ainda. Trad. Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

- _____. **O Seminário. Livro 1.** Os escritos técnicos de Freud. Trad. Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. **O Seminário. Livro 11.** Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise. Trad. Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. **O Seminário. Livro 17.** O avesso da Psicanálise. Trad. Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. **Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O Seminário. Livro 5.** As formações do inconsciente. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **O Seminário. Livro 10.** A angústia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. **Meu ensino.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. **O seminário. Livro 23:** O sintoma. Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. **O Seminário. Livro 14.** A lógica do fantasma. Trad. Amélia Lyra et al. Recife: Centro de estudos freudianos de Recife, 2008.
- LAKOFF, George. LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, A. **Metaphor and thought.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University press, 1993.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. **Philosophy in the flesh.** Chicago: The University Chicago Press, 1999.
- LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan:** uma introdução. Trad. Durval Checchinato. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- LEMGRUBER, Vera Braga. Terapia focal: psicoterapia breve psicodinâmica. In: CORDIOLI, Aristides Volpato (org.). **Psicoterapias:** abordagens atuais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. (org.). **O Corpo Educado.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.
- _____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARIANI, Bethania. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 21-45, 2006.
- _____. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p. 55-71, 2007.

_____. Nome próprio e constituição do sujeito. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, jan./jun., p. 131-141, 2014.

_____. Testemunho: um acontecimento na estrutura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 12, n. 1, jan./jun., p. 48-63, 2016.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, mai./ago., p. 391-408, 2010.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando. **Nova Redação Gramática & Literatura**: aprenda a elaborar textos claros, objetivos e eficientes. 2. ed. São Paulo: DCI, 2009.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1998-2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e textualidade**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010a.

_____. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: Discurso e textualidade. 2. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010b. p. 11-31.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. (1999) 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012a.

_____. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes Editora, 2012b.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. (2001) 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012c.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. (1988) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

_____. Metáfora e interdiscurso. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

- _____. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 2014. p. 59-158.
- _____. *A análise de discurso: três épocas (1983)*. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 2014. Cap. VII. p. 307-315.
- _____. *O mecanismo do (des)conhecimento ideológico*. In: ŽIŽEK, Slavoj. **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 2014. p. 159-250.
- PRIBERAM. **Dicionário online**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- QUEVEDO, M. Q. de. *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso*. 2012. 253 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2012.
- QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RIOS, Luís Felipe *et al.* (orgs). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.
- RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. *Em torno de Observações para uma Teoria Geral das Ideologias de Thomas Herbert*. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Consquista, n. 1, jun., p. 15-21, 2005.
- VOGT, Carlos. *Dois verbos achar em português?* In: _____. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989. Co-autoria Rosa Attié Figueira. p. 165-210.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto**: visibilidade e estratégias de manipulação *no coming out* de homens homossexuais. 102 f. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2009.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- SANTOS, Andressa Regina Bissolotti dos; SILVA, Henrique Kramer da Cruz e. Identidade LGBT e capitalismo: a construção histórica da homofobia e as estratégias jurídicas para seu combate. In: **XV Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR**, 2013. p. 106-132.
- SARDINHA, Tony Beber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Augusto S. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.
- SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 241-252, jun., 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e; OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de. Ideologia heteronormativa: uma crítica à luz da Teoria Queer. In: **Anais do 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Gênero: fundamentalismos e violências**, Espírito Santo, 2016. p. 1-16. Disponível em: <[http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER\(2\).pdf](http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER(2).pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- SOUZA, T. C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Revista Ciberlegenda**, n. 6, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- THUROW, Ane Cristina; DOROW, Clóris Maria Freire. Discurso na fanpage “Só gordinhas” sobre a personagem Perséfone da novela amor à vida. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 57, n. 2, dez., p. 227-247, 2015. doi: <https://doi.org/10.20396/cel.v57i2.8642403>.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. (org.). **O Corpo Educado**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. O espectro da ideologia. In: **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 7-38.
- _____. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS DA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”

Sessão de Terapia – 3ª temporada

Paciente das quartas-feiras – Felipe Alcântara Figueiredo

Personagens:

Terapeuta – Theo Cecatto (Zécarlos Machado)

Paciente – Felipe Alcântara Figueiredo (Rafael Lozano)

Namorado de Felipe – Guto Rebelo (Rafael Primot)

Sessão 1

Felipe caminha em direção à porta e Theo abre.

Felipe – Ah, desculpa! Eu queria ir direto ao assunto. Eu tô com um problema bem urgente. Obrigado por me receber tão rápido. (sorri) O senhor foi muito bem recomendado. Posso chamar o senhor de você?

Theo – Claro.

Felipe – Você não é um daqueles que fica olhando pra gente sem falar nada, é?

Theo – (risos) Claro que não.

Felipe – Desculpa, mas eu não te conheço. Eu gostaria de saber se a gente podia fazer um *test drive*, sem compromisso. Pode ser?

Theo – (sinaliza com os ombros que sim e sorri)

Felipe – Ah! (tira do bolso o cartão de apresentação) Perdão, esqueci! (entrega a Theo) Aí está só Felipe Ortiz, mas meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, parece nome de príncipe, né! Mas não é! Eu tô me sentindo bem, eu tô relaxado aqui.

Theo – Que bom! Aqui é o lugar mesmo para você se sentir a vontade. Você trabalha com o que Felipe?

Felipe – Eu sou ator. (sorriu) Tô brincando! Sou engenheiro civil, trabalho na empresa da família, mas se eu tivesse outra profissão eu seria ator. Apesar de ser herdeiro, eu nunca fugi do batente. De *playboy* a família tá bem servida, meu pai já cumpre bem essa função. Ele era daqueles que passava o carnaval inteiro no Copacabana Palace bebendo *champagne*, pirando, psss. (mostra a foto do pai no tablet) Olha bem, Theo! Ah! Ué! Perdeu a noção da realidade.

A vida real, o trabalho, essas coisas, não existem. O que você acha de um coroa com bronzado artificial que fica andando de Lamborghini pela cidade? Ah! Meu pai nunca me emprestou esse carro. Ele tem um monte, mas esse ele nunca deixou eu encostar um dedo. Uma vez eu queria impressionar uma garota e eu pedi o carro emprestado. Sabe o que ele fez? Mandou a minha mãe me dá dinheiro para eu comprar um.

Theo – Você disse que tava com um problema urgente. É com seu pai?

Felipe – Ahn! O problema... tem a ver com essa encenação que meu pai faz. Essa coisa de alta sociedade. A minha família vive meio de fachada. A minha mãe não só apoia como incentiva essa atitude do meu pai. Enfim, porque dá *status* para a empresa e... E eu fui criado no meio disso. E demorou para eu perceber que quem sustentava minha família era minha mãe.

Alguém bate na porta. Theo levanta.

Theo – Com licença Felipe!

Entregador: Senhor Theo. Ele confirma e pega uma flor e uma sacola.

Felipe – Eu sabia que ela ia descobrir seu endereço, mas não tão rápido.

O telefone de Theo toca e ele desliga.

Felipe – Você não vai atender?

Theo – Não. Depois eu atendo. (senta-se)

Felipe – (celular toca. Ele pega, olha e respira fundo) Alô! (ouve) Tô! (ouve) Mãe é que... (ouve) Tá bom! Pra você. (Estende o braço com o celular ao Theo).

Theo – Quem é?

Felipe – Minha mãe, dona Carmem. (semblante de desaprovação)

Theo – Alô! (ouve) Sou eu mesmo. Muito obri... (ouve) É, eu recebi sim, mas vou ter que... (ouve) Eu não posso... (ouve) Eu agradeço. (ouve) Mas é que eu tô... (ouve) Tô no meio da sessão. (entrega o celular a Felipe)

Felipe – Fala dona Carmem. O que que foi agora? (ouve) Não fica perturbando o terapeuta, mãe. (ouve) Quando eu sair. (ouve) Tá bom. (ouve) Beijinho, tia, tia. Desculpa, a culpa foi minha. Eu não devia ter atendido, mas se eu não fizesse isso, uma dessas, ela aparecia aqui. Olha aqui oh! Quer vê? (mostra uma foto da mãe no celular) Tipo Sophia Loren, né?

Theo – Muito bonita, sim.

Felipe – Hum. A minha mãe é o máximo, mas ultimamente tá difícil.

Theo – O problema urgente que você se referiu tem a ver com a sua mãe?

Felipe – Tem. (para e baixa a cabeça) Isso é só uma parte do meu problema. Nos últimos anos, eu aprendi a lidar com ela, aprendi a desaparecer sem deixar rastro. Ahn! E olha que a

dona Carmem é pior que a Interpol. (riso) Ela não é nada original, sempre manda esse quite básico: orquídea, chocolate e um relógio caro pra caramba.

Theo – Bem, Felipe! Você vai me desculpar, mas eu não posso ficar com essas coisas. Você leva de volta no final da sessão, por favor.

Felipe – Você é casado?

Theo – Separado.

Felipe – Tem filhos?

Theo – Três: dois meninos e uma menina.

Felipe – Que legal!

Theo – Por que você não me diz o que te trouxe aqui.

Felipe – É... um problema... com a minha namorada. Quer dizer, na verdade, eu não tenho problema nenhum com ela. A Guta é maravilhosa, super companheira! Ela é veterinária. Super competente, trabalhadora. Abriu a clínica dela sozinha. A gente se dá super bem, convive numa boa. Dividi tudo há mais de três anos. O problema... é que ela não tem grana. E pra piorar, não foi a dona Carmem que escolheu ela pra mim. É, pois é, Theo. Minha mãe sempre fez isso. Teve uma vez que a gente tava passando uma temporada em Paris. Eu tava fazendo um curso de Engenharia lá. E tinha uma menina que eu gostava muito. Ela era atriz de um grupo que misturava dança com teatro, eles fazem umas coisas bem ousadas. Nossa, eu adorava aquilo, cara! Ia direto com ela nos ensaios, nas apresentações. Parece que minha mãe farejou isso. E num dia eu chego em casa e tem uma outra garota lá. Nicole! (sorriso) Falou com a família e a minha mãe, sem nem me perguntar, ficou falando pra eles que eu... que eu queria muito sair com a Nicole. Basicamente, eu tive que ficar saindo com a Nicole, durante todo o tempo que eu fiquei lá. E depois eu fui falar com a minha mãe e ela me disse que a Nicole era de uma família muito rica, muito fina. Entendeu, Theo? Minha mãe vê tudo como um investimento, até meus relacionamentos. É por isso que eu não posso falar da Guta. Minha família não sabe dela. Eles desconfiam, sabem que eu tô com alguém, mas...

Posso pegar uma água? (levanta e pega uma água)

Theo – Então a sua família ainda não conhece a Guta?

Felipe – (fica em pé) Não! Minha mãe já viu ela uma vez e achou que era uma amiga minha, mas como eu não tava junto, ela não sacou. Não deve nem ter percebido. A minha mãe só percebe a existência de uma pessoa pelo sobrenome. O mais irônico é que a minha mãe antes de casar com meu pai ela era mais pobre que a Guta. Aí o casamento mudou a vida dela, mudou completamente. Esse lance da Nicole, a menina de Paris. Nossa! Foi um drama!

(Sentou) Eu saí com a Nicole, mas depois eu dispensei. A minha mãe ficou sem falar comigo um mês. Inventou uma crise nervosa lá. Ela tava parando de fumar, aí sabe o que ela fez? Ela comprou aquele chiclete de nicotina e comeu uma caixa inteira. Foi parar com taquicardia no hospital. Colocou a culpa em mim. Se eu tivesse namorando com a Nicole, que era uma menina de ouro, ela não teria passado aquela vergonha que passou no hospital.

Theo – Felipe, eu ainda não entendi. Você me disse que está com a Guta há três anos. Então, qual é o seu problema tão urgente?

Felipe – Eu recebi um ultimato. A Guta disse que chegou no limite. Ela falou que chegou a hora de eu enfrentar a vida, fazer escolhas, assumir nosso namoro. Ela não tá errada, é que... (toma água) Se eu não fosse filho dos meus pais eu poderia casar com quem eu quisesse, mas... eu sei que se eu casar com alguém que não tenha sobrenome, eu vou ser deserdado. Eu vou acabar perdendo meu emprego, meu dinheiro, meus amigos, meus contatos.

Theo – Mas será que isso aconteceria mesmo?

Felipe – Com certeza.

Theo – Você acha que se você assumir a Guta, a sua mãe vai te deixar sem nada?

Felipe – (consente com a cabeça)

Theo – Você tem irmãos?

Felipe – Eu sou filho único. Entendeu o drama.

Theo – Drama. Que drama?

Felipe – Aff! Tudo sou eu. Quando eu era criança a dona Carmem tinha uma, uma tropa de babás porque eu não podia nem me arranhar. Nada podia acontecer comigo.

Theo – Então você é muito valioso para a sua família, pra sua mãe. Sendo assim, por que você acha que ela te deserdaria?

Felipe – Porque ela ia achar que eu tô cometendo um grande erro. O prazer da minha mãe ia ser esperar eu voltar com o rabo entre as pernas, só pra provar que ela tava certa. Às vezes, eu tenho uns pensamentos horríveis, Theo. Não sei nem se eu consigo te falar, mas às vezes eu... eu penso que se minha mãe morresse, a minha vida seria mais fácil.

Theo – Olha. Esse tipo de pensamento, por mais que pareça terrível, é natural, é muito humano. É uma fantasia, um desejo de liberdade, de não dever nada pra ninguém. Você me disse que se não trabalhasse na empresa da sua família, você disse que gostaria de ser ator. Mas eu fico me perguntando, será que você já não está atuando?

Felipe – Como assim?

Theo – Você tem um relacionamento há três anos que seus pais não sabem. Você já está interpretando um papel pra eles.

Felipe – É. (baixa a cabeça)

Theo – Você me disse que sua mãe veio de uma origem bem diferente do seu pai e que, depois do casamento, ela começou a interpretar o papel da mulher poderosa e se sente muito bem com isso. E você, Felipe? Você se sente a vontade no papel que você está representando? Você me contou que começou a namorar uma mulher que sua mãe escolheu, mas que não deu certo. Agora você escolheu a Guta, mas não pode assumir. Será que você não está subestimando a sua mãe? Talvez ela até simpatize com a Guta e até se identifique com ela. Assim como a Guta não vem de uma família tradicional, a sua mãe também não veio.

Felipe – Ah! Esquece. A minha mãe nunca ia aprovar.

Theo – Eu entendo Felipe, mas se você continuar vivendo assim, você não vai se encaixar em lugar nenhum. Você tem amigos?

Felipe – Claro!

Theo – Os seus amigos sabem da Guta, claro.

Felipe – Não.

Theo – Nem os mais chegados?

Felipe – Eles também não iam entender.

Theo – Por quê?

Felipe – Ah! Não sei. Porque eles são do mesmo mundo da minha mãe.

Theo – Mas se eles são seus amigos e ela é a mulher que você ama. Você não acha que eles entenderiam?

Felipe – (Consente com a cabeça) Agora ela cismou que quer ter netos. Mesmo já tendo proibido todo mundo de chamá-la de avó. Então ela tá forçando uma barra enorme para eu casar com a Nicole.

Theo – Mas você pode se opor. Você tem o direito de dizer não. Já é um adulto. Concorda?

Felipe – Já tô namorando a Nicole.

Theo – Então você está namorando as duas ao mesmo tempo?

Felipe – É!

Theo – E você gosta dessa situação?

Felipe – Ahn! Ela é bonita, inteligente, me adora. A gente transa bastante, mas ... ahn

Theo – Felipe, você percebe o jeito que você se refere a esse namoro? Você diz que ela é bonita, inteligente e que vocês transam bastante, mas pelo visto você não se sente confortável. Será que você está se contentando com um relacionamento que é o que, suportável?

Felipe – Não dá mais. Eu não aguento mais Theo. Ahn! Uma vez e outra eu até consigo, mas eu... Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Já tentei, mas... gosto de homem, sempre gostei. A

Guta não existe Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Ele é veterinário, super competente, trabalhador, os clientes adoram ele, mas ele não aguenta mais a situação que a gente tá vivendo. Tudo que eu queria era poder ficar com ele, Theo, de verdade. Mas, ao mesmo tempo, eu sou ambicioso, assumo. Eu amo o Guto e sei que nunca vou amar alguém desse jeito, mas se eu ficar com ele, se eu assumir... eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir. Ai, ai. E ela vai me odiar. Que louco! Eu achei que ia sair daqui com uma decisão, mas... (chora) A gente pode parar?

Theo – Claro.

Felipe – (pega os presentes da mãe) Me desculpa por isso, Theo! Até semana que vem.

Theo – Até.

Sessão 2

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Meu nome completo é Felipe Ortiz de Siqueira Alcântara Figueiredo, parece nome de príncipe né? Um problema com a minha namorada. Eu recebi um intimado.

Theo – Você me disse que se não trabalhasse na empresa da sua família, você tinha vontade de ser ator. Mas será que você já não está atuando?

Felipe – A Guta não existe Theo. O nome dele é Gustavo, Guto. Tudo que eu queria era poder ficar com ele, de verdade. Mas se eu ficar com ele, eu vou acabar perdendo tudo, minha mãe vai me destruir.

Theo – Você tá bem?

Felipe – Não. Ahn! Deu pra perceber né? Dormi pouco, quase nada.

Theo – Por que você não conseguiu dormir?

Felipe – Não sei Theo. Quando eu saí daqui, na semana passada, eu saí com uma angústia, uma vergonha tão grande de mim. Quando eu te contei do meu relacionamento com o Guto, você continuou me olhando do mesmo jeito. Ahn! Você não é nada meu e você me aceitou. Então eu vim hoje, eu vim pra dizer que eu não venho mais. Ahn! Eu ia te mandar um e-mail, mas aí eu resolvi vir pessoalmente, por respeito a você. Sei lá. Pensei até em mentir, fala que tava viajando, mas eu não consigo mentir pra você Theo.

Theo – Você me disse semana passada que tinha recebido um ultimado. Pelo que eu entendi, o Guto tá com pressa de vocês assumirem a relação pra poderem ter uma vida mais tranquila. Aconteceu alguma coisa nessa última semana?

Felipe – É estranho ouvir outra pessoa falar do Guto. Aqui a gente pode falar dele, aqui ele existe. Eu fico muito envergonhado com isso. Ahn!

Theo – Com o quê?

Felipe – Ah... Eu tô com um cara tão legal e não consigo assumi. É estranho! A paciência do Guto acabou. Isso tá rolando desde quarta passada. Eu contei como tinha sido a sessão e disse que é um processo, que leva tempo. Aí ele quis saber quanto tempo. Eu falei que não sei. Ele falou que já esperou de mais, que três anos é muita coisa. Ahn! A discussão acabou quando eu disse que ele não podia esperar que eu resolvesse tudo em uma única sessão, é impossível. Aí ele parou de falar comigo. Ahn! A gente só voltou a se falar no jantar do dia seguinte. Ahn! A gente não aguenta ficar mais de 24 horas brigado. E aí ontem ele descobriu que eu vinha aqui e ele voltou a me pressionar. Aí eu falei um monte de merda, ele saiu batendo a porta, não voltou. Então eu lembrei daquilo que você me disse que eu tava atuando, que eu tô vivendo um personagem. Fiquei fritando na cama, pensando um milhão de coisas. Ahn...

Theo – Quer dizer que vocês moram juntos?

Felipe – É. Eu tenho um apartamento perto do parque Vila Lobos e ele tem uma casa na Vila Madalena, mas faz dois anos que a gente basicamente mora na casa dele. Ahn! Então ele saiu de casa, foi a primeira vez que ele dormiu fora de casa, nem sei pra onde ele foi. Eu tô cansado dessa situação. Ele já até me propôs da gente se mudar, falou pra gente mora em outra cidade, outro país. É como se eu tivesse duas vidas. Aqui é o único lugar que eu vivo as duas vidas. Esse é o Guto. (mostra a foto no celular) Você nem imagina como é quando a gente sai junto. Ele faz sucesso. Teve um dia que a gente tava num restaurante, aí uma mulher chegou nele e veio com um papo que tinha uma agência de viagens, se ele conhecia a Grécia, se ele tava querendo fazer uma viagem. Aí ele deu corda. A gente costuma fazer isso, ele... bom, enfim, a gente se diverte fazendo essas coisas. Aí ele falou que eu era um primo dele e trocou o telefone com a mulher. Cara, quando ela viu que ele era veterinário, ela pirou, veio com um papo que tinha um cachorro, um poodle, que ia levar o bicho pra ele ver. A mulher ficou tão louca pelo Guto que eu acho que se for mentira esse lance de cachorro for mentira, ela aluga um, só pra ver ele de novo. Hahaha! (risos) Hilário, Theo. A gente se diverte quando sai junto. Ahn! Sabe qual é o problema Theo? Eu acho que eu não quero mudar, por mais que eu sinta raiva da minha mãe, eu amo aquela doida. Já pensei em procurar emprego em outra empresa, mas a dona Carmem ia fechar todas as portas.

Theo – Que continuariam abertas se você mantiver o relacionamento com a Nicole?

Felipe – É. Não é só isso. A dona Carmem é possessiva. O que é dela, é dela. Desde pequeno, eu ouço ela dizer que ela tá me criando pra ser melhor do que ela. Ela não vai deixar eu

trabalhar pra ninguém. Imagina se ela teve todo esse trabalho comigo pra outra pessoa se dá bem. Você acredita que teve uma vez que ela tava fechando um negócio muito importante. Eu lembro que ela levou quase um ano na negociação. Aí ela decidiu que eu tinha que fazer parte das reuniões finais. O presidente da outra empresa era uma mulher também, bem parecida com a minha mãe, só que loira. Aí eu quis impressionar, quis mostrar serviço, orgulhar a dona Carmem. A mulher me adorou e no final da reunião, ela me entregou o cartão e disse que adoraria que eu fosse trabalhar na empresa dela.

Theo – E o que aconteceu?

Felipe – A minha mãe não fechou o negócio, voltou atrás. Ahn! E ainda ficou brava comigo que eu dei em cima da mulher. Ah não, parecia ciúme de namoradinha de escola. Aí eu fiquei passado. Ela queria tanto aquela fusão.

Theo – Você me disse que sua mãe é muito possessiva, o que é dela é dela. De repente, ela te vê como propriedade dela, mas você não é. Entende isso?

Felipe – Claro. Ahn! Eu deixo ela fazer isso, eu... eu não me incomodava até o Guto aparecer. Ahn! Eu queria tanto assumir o Guto, mas, ao mesmo tempo, eu não quero perder meu trabalho, minha vida e ter tudo isso ao mesmo tempo é impossível. Ahn! Theo, se eu não tivesse te contado na semana passada, você teria sacado que eu?

Theo – Não.

Felipe – Ahn! Tem gente que procura a pessoa certa a vida toda, eu achei, mas não assumo porque fico apegado a minha conta bancária.

Theo – Será mesmo Felipe! Será que o que te impede de assumir o Guto é somente uma questão financeira? Não será uma outra coisa, outra pessoa?

Felipe – Eu não entendi.

Theo – Eu sinto que não é seu trabalho ou a sua herança que te impedem de tomar uma decisão. Isso pode ser uma fuga pra você não pensar os verdadeiros motivos.

Felipe – Você acha errado eu ser gay?

Theo – O seu problema não é a sua orientação sexual, o seu problema é assumir isso e continuar sendo aceito pela sua família, pela sua mãe e principalmente por você. E a Nicole, pretende continuar o namoro com ela?

Felipe – A gente tá noivo. Ahn! O casamento é daqui há dois meses. Ahn! Que merda! Pior que se não fosse o Guto, eu ia casar numa boa.

Theo – Mesmo sem gostar dela?

Felipe – Eu gosto da Nicole. Não tenho tesão nela. Pra transar com ela, eu preciso tomar remédio. Não sei como ela não percebe.

Theo – Ter que tomar remédio, forçar o seu corpo a ter uma reação. É um gesto muito extremo, Felipe. Como é que você se sente quando faz isso?

Felipe – Mal, mal. Quando eu era criança, a minha mãe, que nunca foi de ir na igreja, a não ser em eventos de caridade da primeira dama, me fez fazer primeira comunhão porque os filhos de um banqueiro amigo dela estavam fazendo. E aí quando chegou o dia, minha mãe me fez vestir uma roupa branca, toda cafona. Ai! (risos) Na boa, com uma mãe dessas, eu não sei como não virei uma drag? Ahn! Enfim, eu lembro que a gente tinha que confessar. E aí, bom, eu já sentia que achava os meninos mais legais. Aí eu fui perguntar pro padre, se menino podia namorar menino. Ele disse uma coisa que eu nunca vou esquecer. Ele falou que não se deita com homem como se deita com uma mulher, ele disse que era uma abominação. Pesado né, Theo! Acho que é por isso eu nunca fui ligado à religião.

Theo – Mas você também não acha que não ouvir o que seu corpo tá dizendo, agir contra a sua natureza, também não é uma abominação?

Felipe – O meu pai tá sempre jogando golfe, jogando pôquer, jogando a vida fora, né. Então, eu tenho que acompanhar a minha mãe nos casamentos, jantares, reuniões. Nessas horas, eu penso que se Deus existisse, ele teria me feito de outra maneira.

Theo – Como assim?

Felipe – Ahn! Se eu gostasse de mulher, a minha vida seria perfeita, seria tudo muito melhor. Por exemplo, ia ter a vantagem de eu não precisar mais acompanhar minha mãe em nada porque, com certeza, ela ia me dispensar se ela percebesse que eu tava dando mais atenção para outras mulheres do que pra ela. Minha mãe é assim, ciumenta, vaidosa. Ela me quer do lado dela, só pra ela. Ela adora circular com o filho bonitão. Teve uma vez que acharam que eu era marido dela, que eu tava dando o golpe na coroa. Ahn! Eu fiquei indignado, mas ela adorou. Você acredita que depois disso ela começou a me apresentar como se eu fosse marido dela. Ahn! Eu acho que eu faço o tipo da minha mãe. Nossa! Que a... Me passou uma coisa pela cabeça. Deixa pra lá, deixa.

Theo – Sabe Felipe, o amor pode se transformar em muitas coisas. Muitos sentimentos podem parecer amor. Eu sinto que você quer amar sua mãe e isso é absolutamente normal. Mas me parece que o seu conceito de amor, o que foi ensinado é que o amor só é bom quando é submisso. A sua mãe só vai te amar quando você for o que ela quer, quando você abdicar da sua vontade, quando você der a ela essa prova de lealdade. Muitas vezes, pessoas que parecem ser fortes não são. A sua mãe pode precisar desse amor para se afirmar, mas isso é uma questão dela, não sua. Amar a sua mãe não significa deixar de se amar.

Felipe – O Guto ia gostar de você. Ele me fala uma coisa parecida. Ahn! Hoje eu passei no trabalho dele e a gente foi tomar um café. Foi tudo bem. Ele foi gentil, tal, mas eu acho que foi gentil demais.

Theo – E o que que você acha que isso significa?

Felipe – Que ele não tá mais se importando. O fato de ele ter passado a noite fora de casa, foi como se ele tivesse atravessado uma fronteira e agora eu tô de um lado e ele, de outro. Eu me peguei querendo ouvir recado do celular dele, vê os e-mails, coisa que eu achei que eu nunca ia querer fazer. Fiquei com vontade de perguntar se ele tem outra pessoa.

Theo – Por que não pergunta?

Felipe – Não! Não, eu não quero saber. Aí, se ele falar que tem, eu vou ficar, eu vô fica tão arrependido.

Theo – E por que você não toma uma atitude pra mudar isso? Sabe, pelo que você me disse hoje, a sua mãe não te amaria se você deixar de ser o que ela quer, ela não te aceitaria se soubesse a verdade. Eu te pergunto Felipe, e você, você se aceita?

Felipe – Sabe o que eu tô sentindo, que eu não preciso de terapia. O que eu preciso mesmo é aprender a viver sem o Guto.

Theo – Você quer viver sem ele?

Felipe – Ahn! Eu vou depositar uma vez por mês, pode ser? (levanta e sai)

Sessão 3

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Eu sabia que ela ia descobrir seu endereço, mas não tão rápido. Eu saí daqui semana passada com uma angústia, uma vergonha tão grande de mim, da minha família. A Guta disse que chegou no limite, chegou a hora de eu enfrentar a vida, fazer escolhas. Eu já tô namorando a Nicole.

Theo – Então você está namorando as duas ao mesmo tempo?

Felipe – Se eu não fosse filho dos meus pais, eu podia casar com quem eu quisesse.

Theo – Você tem o direito de dizer não.

Felipe – A Guta não existe Theo, o nome dele é Gustavo. Aqui é o único lugar onde eu vivo as duas vidas. Eu não preciso de terapia. Eu preciso mesmo é aprender a viver sem o Guto.

Theo – Você quer viver sem ele?

Felipe – Theo, eu queria te contar uns sonhos. Na verdade, foi tipo uma trilogia, eu sonhei três noites seguidas. Aí eu anotei pra te contar hoje. Tá, é. No primeiro, eu tava casando com o Guto e a minha mãe tava me levando pro altar. O corredor era enorme, tinha, tinha uns quarenta metros, sei lá. Aí eu olhei pro meu lado e quem tava lá não era o Guto, era o meu pai. Eu olhei pro altar e quem tava lá vestida de noiva era minha mãe. Aí depois a gente tava morando debaixo de um viaduto, eu e o Guto, aí apareceu uma onda gigante e arrastava a gente, cada um ia pra um lado. Eu não conseguia respirar, aí eu acordei. Bom, isso foi o primeiro sonho. E o segundo. O segundo, eu tava numa praia... eu tava calmo, tinha um vento quente, o Guto pegava na minha mão e a gente entrava numa casa na beira da praia. O Guto começava a transar comigo e... só que de repente eu tava do lado da cama e quem tava transando com o Guto era minha mãe. Nunca tinha tido esse tipo de sonho com a dona Carmem. Foi muito estranho! Porque dentro do sonho, eu ficava com nojo de mim, eu ficava olhando e sabia que era minha mãe, mas ao mesmo tempo eu não conseguia parar de olhar. E aí, eu fui ficando cada vez mais nervoso, angustiado e, ao mesmo tempo, foi me dando um ciúme e ai, shhh, acordei. Tá, esse foi o sonho dois. O terceiro, nesse, nesse eu e o Guto, a gente tava morando numa casa toda de vidro, as paredes, o chão, os móveis, tudo era de vidro. Todo mundo que passava podia ver a gente. Aí eu tava casado com o Guto e, de repente, batiam na porta, eu ia abri. Aí é o grande momento pra você. (sorri) Você aparecia e dizia que era nosso vizinho, eu dizia que eu e o Guto, a gente era casado. Você convidava a gente pra almoçar na sua casa. Quando a gente saía com você, a casa de vidro se espatifava, quebrava toda. Aí quando olhava pro Guto, o Guto também era de vidro. Aí começava a quebrar que nem a casa. Aí eu não conseguia juntar os cacos, eu começava a chorar e... isso é horrível.

Theo – E o que você acha que esses sonhos querem dizer?

Felipe – Que eu tenho que deixar de pensar na opinião dos outros e vive a minha vida, é isso?

Theo – Me parece que esses sonhos disseram outras coisas, além dessas que você conseguiu enxergar. Seu subconsciente mandou outras mensagens. Concorda?

Felipe – Não sei. Não, quer dizer eu sei. Sei sim. Se eu ficar com o Guto, eu vou ficar na miséria. Se eu tentar um acordo entre ele e minha mãe, ela vai tirar ele de mim. E a vida com ele não vai durar, vai ser frágil que nem vidro.

Theo – Você acha que é isso? Sonhos são manifestações do nosso inconsciente, são coisas que sabemos, sentimos, mas que não vem à tona. Nos dois primeiros sonhos, são situações românticas, casamento, casa de praia. Nesses dois sonhos ou você viu a sua mãe no lugar do Guto ou ela no seu lugar. Ela não apareceu como uma terceira pessoa, mas como parte do casal. O que que você acha que pode ser isso?

Felipe – (faz sinal negativo, de quem não sabe)

Theo – Já no último sonho, o terceiro, ela não apareceu, mas vocês estão expostos. A minha presença nesse sonho, pode ser porque eu sei de vocês, sei da sua vida dupla, eu sei de vocês. Mas você Felipe, não está acostumado a ser aceito. É como se o acolhimento não pudesse durar e fosse quebrar como vidro. Ele só dura com a presença da sua mãe, só dura com a sua mãe. Você entende o que eu to dizendo? Você também falou que no seu segundo sonho, o sonho que a sua mãe transava com o Guto, você sentiu ciúmes. Ciúmes de quem, dele ou dela?

Felipe – Dele, óbvio! (estende uma sacola)

Theo – Que isso?

Felipe – Um presente.

Theo – (pega a sacola)

Felipe – É uma coleção dos filmes do Fellini. Eu sou fã dele desde que eu assisti pela primeira vez na estrada.

Theo – Por que que eu ganhei este presente?

Felipe – Por quê? Porque ahh eu gosto de compartilhar as coisas que eu gosto com pessoas que eu gosto.

Theo – Você poderia ter só me indicado os filmes. Você me deu um presente. Isso tem um significado.

Felipe – Eu acho que eu quero que as pessoas gostem de mim. Eu dei um presente pro Guto. Te contei que ele é veterinário, né? E fazia um tempo que ele tava juntando dinheiro pra comprar um aparelho de fisioterapia. É tipo uma piscina com esteira a prova d'água. É uma coisa bem cara. Mas não foi só um presente, foi um investimento pra clínica.

Theo – O Guto gostou do presente?

Felipe – Ele adorou. (sorriu)

Theo – Por tudo que você falou nas outras sessões, posso dizer que o Guto gosta muito de você. Esse presente foi pra ele continuar gostando?

Felipe – (dá de ombros)

Theo – Vamos voltar pros seus sonhos. Ficou claro que você tem a noção do que está acontecendo com você, que você sabe que poderia ou deveria ser feito.

Felipe – (sorri) Se eu assumir publicamente que eu sou bissexual. Você acha que isso resolveria meu problema?

Theo – Você acha que é bissexual?

Felipe – Acho. Bissexual que namora com um cara.

Theo – Mas o bissexual, ele se sente atraído por ambos os sexos. Ele deseja tanto um quanto o outro. Pelo que você me disse, pra transar com a Nicole, você precisa usar medicação pra se excitar. E com o Guto, você transa normalmente?

Felipe – Sim.

Theo – Sabe o que me preocupa Felipe. Vê você forçando os limites do seu corpo, tomando uma medicação tão forte, sem precisar. Você parou pra pensar como isso é violento? Aliás, duplamente violento, ter que tomar remédio sem necessidade e ter que fazer sexo sem vontade. Estou me lembrando de uma frase do Nietzsche: “A liberdade é a capacidade de alguém se tornar o que verdadeiramente é.”. Você se relaciona com um homem há três anos e vai se casar com uma mulher. Mas sabe o que eu sinto. Que o seu apego a sua mãe está confundindo seu julgamento. Talvez você esteja pautando seus conceitos no que ela acredita. É difícil pra você dizer que é gay só pra sua família ou pra qualquer pessoa?

Felipe – É difícil falar pra todo mundo, Theo. Menos pro Guto. Eu não consigo falar: “Eu sou gay” pra ninguém. Eu nunca consegui falar isso em voz alta.

Theo – Você acabou de dizer: “Eu sou gay.”.

Felipe – Ah! Saiu sem querer.

Theo – Você já parou pra pensar que você faz, mas você não consegue dizer o que faz. Parece que você tem medo. Não da sua orientação sexual, mas medo das consequências. Felipe, você tem medo que aconteça o quê?

Felipe – Não sei. É muito incômodo pensar nesse negócio do Freud de que todo gay tem Complexo de Édipo. Me dá muita aflição de pensar que uma coisa tem a ver com a outra.

Theo – Que coisa?

Felipe – Do Édipo matar o pai e casar com a mãe, sem saber o que tá fazendo.

Theo – Ah, mas quando Freud associa essas duas coisas, ele não tá falando de matar o pai.

Felipe – Ele tá falando o quê?

Theo – Vou te explicar. De uma maneira bem simplificada, tá. Por volta dos quatro ou cinco anos, é comum a criança ficar muito apegada à mãe, sentir ciúme do pai e até brigar com ele por ela. E quando o pai não consegue se impor diante do filho. A criança vai cada vez mais se apossando da mãe e afastando do pai. Com isso, a criança pode não ter uma identificação paterna e só interiorizar as características femininas da mãe. Isso pode levar a criança a ter o mesmo gosto da mãe, gosto por homens.

Felipe – Então não tem nada a ver com... sei lá. Querer ficar com a mãe.

Theo – Você tem medo de sentir desejo pela sua mãe?

Felipe – Você tá bem louco, Theo. Como assim, você acha que eu... não, nunca, nunca quis transar com minha mãe. Tá louco, não.

Theo – O que eu tô querendo dizer é que a relação mãe e filho, ela é muito sensorial, física, prazerosa. Qual é o primeiro prazer? Ser amamentado. Pelo que você me conta, sua mãe sempre foi uma presença marcante. De repente ela via como uma extensão masculina dela. São sentimentos muito fortes e que às vezes se confundem. O fato de ela gostar de exhibir você, um homem bonito, jovem e brincar que é sua mulher. Isso pode gerar em você, não um desejo, mas talvez algum tipo de informação equivocada porque pra você, ela só te ama quando você satisfaz os desejos dela.

Felipe – Eu preciso que ela me ame. Eu gosto de ver a minha mãe feliz. Ela quer ter netos, eu também quero ter filhos. Eu tentei falar sobre adoção com ela e a dona Carmem só faltou ter um piripaque. Tentei argumentar que tem muita criança de pai no mundo, mas ela falou que leva uma criança adotada pra casa é o mesmo que levar uma bomba-relógio. Ahn! Ela disse que não sabe de onde vem o DNA e que ela não ia dar nosso patrimônio pra qualquer um. Resumo: ela não ia aceitar um adotado como neto e ia me deserdar se eu insistisse.

Theo – Você sempre fala de sua mãe te deserda. Ela deixou claro isso pra você alguma vez?

Felipe – Não, mas ela sempre jogou indireta, sabe? Claro que meu pai teria que concordar, mas ele é um pau mandado. Ele faz o que ela decidir.

Theo – Mas quando ela fala deserdar, será que ela está se referindo a bens materiais? Ou será que o deserdar pode ser excluir da herança emocional, do passado, das lembranças, da vida. Será que é disso que você tem medo?

Felipe – Ahn! (fica inquieto, senta para trás) Não sei por que eu lembrei disso agora, mas tinha um cara que frequentava o meu clube e todo mundo dizia que ele era gay. A minha mãe proibiu de eu chegar perto dele. Eu acho que eu tinha uns onze anos na época. Aí eu encontrei o cara na rua e eu fui perguntar se ele era gay mesmo. Mas, nossa, juro que foi na inocência, eu não queria sacanear o cara nem nada. Ele me deu um tapa na cara. Eu não fiquei com raiva dele. Eu fiquei com pena porque eu saquei que ele tinha me batido por, sei lá, vergonha. E eu só queria que ele me contasse, me explicasse como é que era. Eu não podia falar sobre isso com ninguém. Ahn...

Theo – Tá tudo bem Felipe?

Felipe – A minha mãe arrumou outro evento beneficente nesse último final de semana. O meu pai acabou indo com ela, foi um milagre. Eu acabei indo com a Nicole e minha mãe só faltou pular de alegria. Se bem que ela não saiu do meu lado. Parecia troca de casais, a Nicole com meu pai e a minha mãe, comigo. Enfim, o Guto ficou sabendo. Ele viu uma foto no jornal e

ficou puto. Falou que aquilo era prova de que eu nunca ia me assumir. Assumir ele, nosso relacionamento. Ele tem certeza que na hora H, eu vou casar com a Nicole. Eu podia não ter isso, ter dado uma desculpa. O pior é que por causa disso, eu e o Guto, brigou de novo.

Theo – Foi por isso que você deu um presente pra ele? A impressão que eu tenho é que você dá presentes quando se sente culpado. Será que foi por isso que você me trouxe um presente hoje?

Felipe – Foi. Eu dou presentes para as pessoas não deixarem de gostar de mim.

Theo – Na última sessão, você disse que teria que aprender a viver sem o Guto. Eu gostaria de saber por que sem o Guto, se você gosta tanto dele.

Felipe – Ahn. Theo, eu amo esse cara! Só que eu acho que eu não tenho coragem de ser eu mesmo. Pode ser que eu esteja preparando terreno pra separação, pra depois eu dizer que eu tentei, que eu fiz de tudo, mas que não deu certo e que eu tive que casar com a Nicole.

Theo – Então a terapia é o seu presente de compensação. Felipe, existem coisas que não se compensam. Nós podemos até tentar, mas sempre fica faltando. Existem mães que quando o filho chora, elas sabem exatamente o que fazer. E outras que fazem tudo porque estão perdidas. Isso, uma influência inconsciente pode acontecer. Talvez você não tenha aprendido a expressar os seus desejos pra sua mãe e ela tenha acreditado que você queria o que ela queria. Como você sempre fala do seu pai de modo omissivo, ele pode ter te deixado nas mãos dela, também acreditando que era o melhor. Sem uma presença mais marcante do seu pai, você se tornou a fonte de prazer da sua mãe. Uma fonte que amadureceu, foi mudando, dando novas satisfações a ela. Mas você mesmo nunca disse o que queria. Eu acho que esse momento, seria um momento oportuno pra você dizer pra sua mãe o que você sente e o que você realmente quer, sem medo da reação dela.

Felipe – (baixa a cabeça, levanta-se e sai)

Sessão 4

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Minha mãe é assim, ciumenta, vaidosa, ela me quer do lado dela só pra ela. Ela adora circular com o filho bonitão. Eu acho que eu faço o tipo da minha mãe. Tá vendo, pra mim é difícil dizer que eu sou gay.

Theo – E a Nicole? Pretende continuar o namoro com ela?

Felipe – A gente tá noivo. O casamento é daqui há dois meses. Que merda! Pior que se não fosse o Guto, eu ia casar numa boa.

Theo – Mas sabe o que sinto, que seu apego a sua mãe, está confundindo seu julgamento. Talvez você esteja pautando seus conceitos no que ela acredita e não no que você acredita.

Felipe – A minha mãe tá internada. Nem devia ter vindo.

Theo – O que aconteceu com ela? Como ela está?

Felipe – Não sei, Theo. (começa a chorar) Com a minha mãe lá internada, doente. Eu nem sei se eu devia tá aqui. Não é egoísta pensar no próprio umbigo numa hora dessas? Ela tá frágil, pode piorar. Se acontecer alguma coisa e eu não tiver do lado dela porque eu tava na terapia falando da minha vida. Eu vou me odiar.

Theo – Felipe, me conta o que aconteceu com a sua mãe.

Felipe – Não sei, Theo. Acho que a culpa é minha.

Theo – Por que você acha isso?

Felipe – Ela teve um pique hipertensivo, praticamente desmaiou na empresa. O médico disse que ela teve uma estafa. Até desidratada ela tava. E é minha culpa. Eu deixei ela fazer o que ela queria. Não forcei a barra pra ela parar de trabalhar, descansar mais. Tem uma hora que o filho tem que cuidar dos pais. Quer dizer, no meu caso, da minha mãe porque meu pai é um merda. Só pensa nele, de estresse com certeza ele nunca vai sofrer. É impressionante! Enquanto a minha mãe se mata de trabalhar, o meu pai... (chora)

Theo – Mas pelo que você me contou nas nossas sessões, a sua mãe não está sendo forçada a fazer nada, pelo contrário, ela gosta do que faz.

Felipe – É. A minha mãe sempre falou que se ela não fizesse as coisas, ninguém faz direito.

Theo – Talvez sua mãe tenha escolhido estar nessa posição. Talvez seja um acordo entre seus pais.

Felipe – Eu lembro que até uns 10 anos atrás, meu pai ainda trabalhava na empresa. É! Aí um dia ele chegou em casa com um buquê de flores pra minha mãe. Ele queria se aposentar e queria que minha mãe se aposentasse também. Mas ela não quis, falou que ele quisesse, ele podia se aposentar sozinho que ela ia tomar conta de tudo. Foi o que ele fez. Estranho! Eu não lembrava disso.

Theo – Tem mais alguma coisa que você possa ter esquecido sobre seu pai? Você fala muito de sua mãe, até das coisas que aconteceram quando você era criança. E do seu pai, as memórias são mais recentes. Você tem alguma lembrança do seu pai quando você era criança?

Felipe – Carro. Ele só falava de carro. Engraçado, eu não lembro da gente falar de outra coisa. Só lembro da gente falar sobre carros. Meu pai falava de uma coisa que eu nunca esqueço: “No mundo, tem muito carro e pouco piloto.” Babaca!

Theo – Interessante! Me parece que seu pai estava querendo te ensinar alguma coisa. De repente, uma coisa que a sua mãe faz e que ele queria que você também entendesse. Eu quero falar que independente da opinião do seu pai e da sua, a sua mãe faz o que ela quer. Ela conduz a própria vida, ela dirige a vida dela.

Felipe – Agora a empresa tá toda na minha mão. Por pouco tempo, até ela volta do repouso que o médico mandou, mas, mesmo assim, eu fico pensando que eu não vou dar conta. Se ela não melhora, eu não sei, Theo. Eu vou ficar perdido. É impressionante, mas sem a minha mãe as coisas não funcionam.

Theo – Quando vê é essa a impressão que ela tá criando em você. Nada funciona sem ela e você não pode levar sua vida adiante. Você depende dela pra fazer as suas escolhas.

Felipe – É. Eu tô enganando minha mãe, a Nicole, todo mundo.

Theo – E você? Você não acha que também tá se enganando? É normal que você não tome nenhuma atitude, mas parece que faz anos que você sabe que precisa fazer isso pra ser feliz e não faz. Vai empurrando com a barriga e só está aqui tentando se preparar pra tomar uma atitude porque foi pressionado pelo Guto.

Felipe – Você acha que eu não quero ficar com o Guto?

Theo – Você quer mesmo?

Felipe – Ahn. Eu não tô aqui. Não tô vindo aqui toda semana, não tô investindo na clínica do Guto, não tô tentando, me esforçando. Como que você pode dizer que eu não quero!

Theo – Felipe, na última sessão, você podia estar vindo aqui pra preparar o terreno para uma separação, pra depois dizer que fez tudo que podia e tentou, mas que não deu certo. Como se a terapia fosse uma desculpa. E agora, sua mãe está doente. Será que você vai usar isso como uma desculpa.

Felipe – Porra! Parece que você tá do lado do Guto e contra mim. Você fala as mesmas coisas que ele. Você acha que eu posso chega no hospital e fala com a minha mãe no estado que ela tá.

Theo – Mas pelo que você me disse, o que sua mãe teve foi uma estafa. Claro, requer repouso, tranquilidade, mas não foi uma coisa muito grave, não acha?

Felipe – Não sei. Ela me falou que tava com medo de morrer. Quando eu cheguei no hospital, ela me abraçou chorando. Sabe quantas vezes eu vi minha mãe chorando? E ela tava sem maquiagem, ela nunca tá assim. E ela assim sem maquiagem, aí eu vi como ela envelheceu.

Os olhos fundos, a pele... a pele já quase sem cor, nem parecia ela. Parecia uma senhorinha, doente, cansada. Acho que foi a primeira vez que eu pensei que ela podia morrer. Eu sei que um dia ela vai morrer, Theo. Mas sempre foi tão distante, agora, não é mais.

Theo – Felipe, o medo que você disse que a sua mãe sentiu da morte pode ser até positivo. Agora ela vai se cuidar mais. E o medo que você está sentindo também pode ser positivo, você pode se cuidar mais, você pode ser mais independente.

Felipe – Não é hora de eu cuidar de mim, Theo. Eu preciso cuidar dela.

Theo – Você não acha que pode estar aumentando a gravidade da situação pra ter uma nova desculpa e manter tudo como está? (silêncio) Se você está aqui pra se fortalecer pra tomar essa atitude, se você ama o Guto, se você está se sentindo seguro pra assumir a sua sexualidade. O que te impede de decidir a sua vida?

Felipe – (responde agressivamente) Você não entendeu nada né Theo? Minha mãe podia ter morrido. Você sabe que eu amo o Guto, já disse isso pra você milhares de vezes. Só que agora, minha mãe vai ter que diminuir o ritmo e a empresa vai ficar toda na minha mão. Você tem noção da pressão que é isso? Eu não posso ser fraco.

Theo – Você acha que ser homossexual é ser fraco?

Felipe – (silêncio) Theo, nessa última semana, o Guto me colocou na parede de novo. Ele falou que eu tô estragando a vida dele. Eu fiquei tão mal que eu decidi que tinha chegado a hora. Eu fui até a casa dos meus pais. E eu nem ensaiei o que eu ia falar. Eu decidi que ia chegar e ia dizer. Só que no meio do caminho foi me dando um mal estar, foi me dando um negócio esquisito, um pavor fora do normal. Eu quase tive que encostar o carro de tanto que eu tremia. Aí eu respirei e consegui chegar. Quando eu saí do carro e entrei em casa, me deu um enjoo. Aí eu lembrei tudo que o Guto disse. Então eu fui pro escritório da minha mãe. Ela tava lá assinando uns papéis, nem reparou que eu tava ali. Aí quando eu disse que tinha uma coisa pra falar, ela disse que não era a hora, que tava trabalhando. Eu insisti. Falei que era importante. Foi nessa hora que ela começou a passar mal. Sabe o que é mais louco? Ela tava ali passando mal, e eu não senti nada. Me deu até um alívio de ver minha mãe na ambulância porque eu não ia poder contar. Eu ia poder adiar. Se os meus pais morressem, minha vida seria mais fácil. Ahn! Que absurdo! Eu sou um merda!

Theo – Mas espera aí Felipe. Pelo que eu entendi aqui nas sessões, o seu pai tem uma atitude diferente da sua mãe.

Felipe – Meu pai é um escroto, não está nem aí pra ela.

Theo – Você acha que ele é omissos?

Felipe – (raiva) Lógico!

Theo – Talvez seja por isso que você sinta raiva do seu pai e não consiga se identificar com ele. Mas Felipe, em relação à sua vida pessoal, ao Guto, você também não está sendo omissivo? Talvez você esteja assumindo uma postura parecida com a do seu pai. Talvez ele também queira se livrar do domínio da sua mãe. Só que quando ele faz isso, ele deixa você sozinho com ela.

Felipe – Se não fosse por ela, eu não seria ninguém.

Theo – Mas perto de sua mãe, você consegue ser você? Consegue viver a vida que você quer? Ser como você é? Amar quem você ama?

Felipe – Ai. Não sei.

Theo – Você disse que se seus pais morressem, você estaria livre da obrigação de ser o que eles esperam que você seja. Você tem certeza que eles te impuseram essa obrigação?

Felipe – Você não conhece minha mãe, Theo! Ela já montou todo o meu futuro na cabeça dela.

Theo – E como é que seria esse seu futuro?

Felipe – (risos) Ao lado dela na empresa, ganhando muito dinheiro, casado com a Nicole, cheio de filhos.

Theo – Sabe a sensação que eu tenho que essa obrigação que você sente foi uma coisa criada por você. Felipe, você não tem a obrigação de viver a vida que ela escolheu pra você.

Felipe – (telefone toca) Desculpa, Theo! Pode ser alguém me ligando do hospital. (Atende) Oi Gu! Fala! (ouve) Ela tá no hospital ainda. (ouve) Não só por precaução. (ouve) Porque ela tá mal. (ouve) É, tá mal, cara! Tsi! Depois a gente se fala, tá. (ouve) Não, não falei com ele ainda. Depois, eu (ouve) Tá. Depois que eu falar com ele, a gente se fala, tá bom? (ouve) Também. (ouve) Beijo, tiau.

Era o Guto! Ele quer vir comigo na próxima sessão. Ahn! Mas eu não quero.

Theo – Você sabe por que ele quer vir aqui?

Felipe – Não sei. Ele tá tentando se aproximar de novo. A gente ficou brigado essa semana. Acho que ele quer vir aqui pra gente resolver isso de uma vez.

Theo – E por que que você não quer que ele venha?

Felipe – Porque eu sei o que ele quer que eu faça e eu não posso. Não agora. Se ele me cobrar, o que eu vou falar? Eu quero adiar essa conversa o máximo possível. É mais gente me pressionando. Não dá. Eu vou terminar com o Guto. Cheguei a conclusão que a única maneira de eu parar de me atormentar, parar de alugar o Guto, de fingir, de me esconder. Eu acho que foi por isso que eu vim aqui, pra procurar ajuda pra terminar essa história. A Nicole é tão legal, vai ser uma excelente mãe. A família dela me adora. Ahn! Eu não quero magoar o Guto.

Do jeito que eu tô falando, parece que eu não amo ele. Eu amo! Por isso eu vou precisar da sua ajuda, Theo. Vai ser a coisa mais difícil que eu fiz na minha vida. Eu sempre achei que o Guto fosse ser uma coisa passageira. Eu nunca achei que ia amar tanto um homem. Eu transei pela primeira vez quando eu tinha dezesseis anos. Eu fiz outras vezes, mas eu sempre achei que era uma fase. Que eu ia casar com uma mulher e tudo ia mudar. Ahn! Mas não mudou.

Theo – E você acredita que tomando essa decisão, todo mundo vai sofrer menos, o Guto, a Nicole, todo mundo. E você? Você vai ser mais feliz assim? Hoje quando eu perguntei da sua infância com seu pai, a sua lembrança mais viva foi sobre as conversas que vocês tinham sobre carros. Durante as nossas sessões ficou bem claro que a sua mãe guia a própria vida. Será, então, que agora não é o momento de você dirigir a própria vida?

Felipe – Ai... Só de pensar em voltar pro hospital, me dá um... Ela tá tão abatida. Ahn! Isso me deixa arrasado. Sei lá, é como se eu tivesse doente também. É tão estranho ficar sem ela. Ela é um trator, sempre fazendo alguma coisa. Viajando. Teve uma vez que eu fiquei uns dois meses viajando com ela, Marrocos, Espanha, Itália, Grécia. Na Grécia, ela teve que voltar, e eu fiquei sozinho. Acho que foi a melhor época da minha vida, eu amei a Grécia. Não sei, acho que porque lá eu podia ser quem eu sou.

Theo – Não acha que precisou ir longe de mais pra ser você?

Felipe – (silêncio) Eu preciso ver minha mãe. (levantou-se pra ir embora e Theo abre a porta).

Theo – (volta e senta no sofá onde estava Felipe).

Sessão 5

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Minha mãe vê tudo como investimento, até meus relacionamentos. Minha mãe só percebe a existência de uma pessoa pelo sobrenome. Agora ela cismou que quer ter netos.

Theo – Mas você pode se opor. Você tem o direito de dizer não. Já é um adulto.

Felipe – A Guta não existe, Theo. O nome dele é Gustavo, Guto.

Theo – E a sua mãe, como está?

Felipe – Ótima! (sorri) Tá melhor do que eu. Já voltou pra empresa, tá a mil por hora, igual. (toca a campainha) Você está esperando alguém?

Theo – Ahn! Desculpe! Só um instantinho. (levanta e abre a porta. É o Guto)

Guto – Oi! Eu sou o Guto! Posso entrar?

(Sentados no sofá)

Guto – Você sumiu.

Felipe – Pra você é tudo muito fácil, né Guto! Pra mim as coisas não funcionam assim.

Guto – Só quero saber que lugar ela tem na sua vida e se eu sou mesmo importante pra você.

Felipe – Você sabe que é importante pra mim. Mas a minha família, minha mãe, também são.

Guto – Sua mãe principalmente né.

Felipe – Ai... Não começa a falar da minha mãe, cara.

Guto – E da pra falar de você sem falar dela? Oh Theo, ele só fala dela aqui dentro né?

Theo – Olha Guto! Eu não posso contar pra você o que eu e o Felipe conversamos aqui dentro, é confidencial. Mas por que você não fala o que está te incomodando?

Guto – Eu nem preciso mais ser apresentado pra mãe dele. Eu conheço a dona Carmem por tabela porque toda decisão do Felipe é baseada no que ela quer. Parece que ela colocou, sei lá, um chipe na cabeça dele.

Felipe – Não é porque eu respeito a minha mãe que eu sou um robô tá.

Guto – Ah não! Ou você está de casamento marcado de livre e espontânea vontade? (risos irônicos) Conta aqui pra gente, pra quando é que tá marcado a cerimônia?

Felipe – Pra daqui um mês.

Guto – (assustado) Um mês?

Felipe – É! Aconteceu um imprevisto e ela teve que adiantar tudo.

Guto – É claro! E, por coincidência, depois que você tentou se abrir, ela teve que adiantar tudo.

Felipe – Guto, quando a gente se conheceu, eu não menti pra você. Você sabia que não ia ser fácil mudar meu jeito.

Guto – É... (enche os olhos de lágrimas) Você já sabe como vai fazer?

Felipe – Vou fazer o quê?

Guto – Pra manter essa mentira? Ou você acha que depois de casar, você não vai mais querer ver um homem na sua frente? Se você não tá nem aí pra isso, pelo menos pensa nessa garota.

Felipe – Você acha que eu não penso?

Guto – Então imagina Felipe, imagina quando ela descobrir. Não, porque mais cedo ou mais tarde, ela vai descobrir que o marido dela é gay.

Felipe – Para com isso, Guto!

Guto – Fala! Fala! Quero ouvir: “Eu sou gay.” É simples: “Sou gay”.

Felipe – Eu já pedi pra você parar.

Guto – “Eu sou gay”, fala. Fala, fala assim: “Eu sou gay.”

Felipe – (grita) Para com isso, Guto!

Guto – É bem simples: “Eu sou gay”. (se olham)

Theo – Felipe, o que o Guto está querendo dizer talvez, é que o fato de você não querer falar representa uma dificuldade em aceitar quem você é.

Guto – É exatamente isso que eu tô tentando dizer, que o Felipe, ele se apega a família dele, quer dizer, na mãe dele, no trabalho da mãe. Como se fosse uma defesa, uma desculpa pra não se assumir. Só que tá tão na cara. Todo mundo sabe que você é gay. Todo mundo, só você acha que não. O problema é que ele não se conforma em ser como ele é. O problema nem é ele não assumir nossa relação. O problema é ele não se assumir.

Felipe – Eu sou uma pessoa horrível.

Theo – Às vezes, pra construir a própria identidade, pra conseguir fazer as próprias escolhas, é preciso cortar umbilical com os pais. Isso é saudável, é normal. Faz parte de um processo de amadurecimento.

Felipe – Mas não é só dos meus pais que eu tenho medo, Theo. É de todo mundo. Eu sei como as pessoas vão reagir. Eu vi isso acontece várias vezes com meus amigos, eu não quero que isso aconteça comigo. Eu não ter que passar por isso.

Theo – Então você prefere fazer uma escolha que te poupe de passar por tudo isso, mas que faça com que você tenha que se sacrificar pelo resto da vida?

Felipe – Não sei.

Guto – (pega na mão de Felipe) Eu vim aqui pra falar pra você que você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. (os dois começam a chorar) Mas não dá mais. Ham! Não dá mais. Não quero mais ser a causa desse seu sofrimento. E o que é mais triste, é que eu sei que... e que é mais triste é que sei que você vai se arrepender dessa sua decisão. Mas não dá mais. Então se você não decide. Eu decido pela gente.

Felipe – Não. (os dois choram mais)

Guto – Fica bem. Obrigado Theo! Desculpa. (levanta e Theo abre a porta).

Felipe – (corre e sai pela porta)

Sessão 6

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Nessa última semana, o Guto me colocou na parede de novo. Eu fiquei tão mal que eu decidi que tinha chegado a hora. Eu fui até a casa dos meus pais e decidi que ia chegar e ia dizer.

Guto – Fala! Fala! Quero ouvir: “Eu sou gay.” É simples: “Sou gay”.

Felipe – Eu já pedi pra você parar.

Guto – (pega na mão de Felipe) Eu vim aqui pra dizer pra você que você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. (os dois começam a chorar) Mas não dá mais. [...] Então se você não decide. Eu decido pela gente.

Felipe – Eu não quero magoar o Guto.

Felipe – Eu tô sozinho. (sorri) Eu não acordo mais com o Guto me perguntando quando eu vou assumir. Também não tenho que ficar pensando como dizer pra ele que eu não vou conseguir fazer o que ele quer que eu faça. (silêncio) Eu tenho dormido tão mal. Essa insônia começou na noite da última sessão. Eu fiquei tão puto com o Guto. Só que eu não vou procurar ele, nem pensar.

Theo – Você ficou com raiva apenas dele?

Felipe – Claro! Sabe o que ele fez? Me mandou minhas coisas lá pra casa. Eu cheguei, tinha um monte de caixa me esperando.

Theo – E a sua mãe percebeu o que tinha acontecido? Você estava triste?

Felipe – Já entendi Theo! Você acha que a culpa é da minha mãe, que ela me manipula, me usa. Ahn! A culpa é minha também. Quer saber, eu nunca vou ter filho. Eu não quero que ele tenha que me matar na terapia.

Theo – Você quer matar a sua mãe na terapia?

Felipe – Ah! Eu não quero falar disso Theo. Eu só vim pra me despedir. É! Eu não quero continuar. Tá tudo resolvido, não tá. O Guto não resolveu tudo.

Theo – Praticamente todas as suas sessões começaram com você dizendo que não queria mais fazer terapia, só que você sempre volta. A mesma coisa com o Guto. Você não queria assumir, mas nunca terminou. Na semana passada, esse era o seu plano: terminar com ele, mas você não fez isso.

Felipe – É! Eu ia fazer, mas ele me derrubou antes.

Theo – Te derrubou. É assim que você se sente em relação ao que aconteceu?

Felipe – É! Não, sei lá Theo. É por isso que eu não queria falar desse assunto. Eu realmente vou me despedir de você. Porque, de qualquer maneira, eu caso daqui a três semanas.

Theo – Você quer esse casamento?

Felipe – (silêncio) O que eu mais tinha medo que acontecesse na minha vida, aconteceu. Você perguntou se minha mãe percebeu a tristeza. Ela percebeu sim. Ham! Ela tava feliz, mas tentando esconder, entendeu?

Theo – Por que você acha que estava feliz?

Felipe – Porque ela sabe que eu sou gay.

Theo – Como ela sabe?

Felipe – Porque meu pai sabe. (silêncio) Na quarta, eu fui encontrar a Nicole e sabe o que ela fez. Me abraçou, me consolou. Falou que entendia eu tá nervoso, que tudo ia dar certo, a gente ia ser feliz. Ham! Isso foi me deixando cada vez pior. Ahn! Ela gosta de mim, ela me ama. O Guto também me amava, e eu decepcionei ele. No dia seguinte, quando eu tava me trocando pra levar a Nicole, quem toca a campainha? Meu pai. Acho que foi a terceira vez que ele apareceu lá. Ele falou que tinha uma coisa importante pra me falar e pediu pra Nicole ir embora com o motorista dele. Aí quando ela saiu, ele perguntou da outra moça. Ele insistiu em saber da outra moça. A outra que ele sabia que existia há muito tempo e me fazia feliz. Aí eu disse que realmente existia uma outra moça, mas que a gente tinha se separado porque não tinha como dar certo. Aí ele conversou comigo, como amigo. Meu pai! (sorriu) Ele falou que envelhecer sozinho é horrível. Ele me falou do casamento dele de um jeito muito sincero, como ele nunca tinha feito. Me contou do acordo que ele fez com a minha mãe de, de que se ela quisesse comandar a empresa, ele não ia participar porque ele não tinha vontade. E falou que ele tentou ser um homem de negócios, que o pai dele queria que ele fosse, mas que não conseguiu, que a pressão era tanta que ele começou a beber e. E a vida dele foi virando um inferno. Aí ele fez um acordo de cavalheiros com meu avô e passou a ser só o garoto propaganda das empresas, passou a sair nas colunas sociais, nas revistas. Bom, aí ele quis abrir um vinho e como se fosse a coisa mais banal do mundo, ele perguntou: (silêncio) “Qual o nome do rapaz?” Ham! Pensei em negar, pedir perdão, prometer sei lá o quê. Ah! Mas eu contive e fiquei com tanta vergonha, que nem eu ficava quando eu tinha uns 11, 12 anos e fazia uma besteira e levava uma bronca.

Theo – Você não é mais um menino.

Felipe – É, eu sei, eu sei. Esse é um dos motivos de eu ficar tão envergonhado. Ahn! Se eu pudesse eu me sentia de outro jeito, eu seria diferente, eu seria outra pessoa. (levanta, pega um copo de água e bebe)

Theo – Felipe, você não pode se tornar outra pessoa, essa opção não existe.

Felipe – (olha para o Theo e volta a sentar)

Theo – O que mais seu pai falou?

Felipe – Ah! Ele basicamente disse que já sabia há muito tempo, desde quando eu era criança. Nossa! Eu juro, nunca pensei ouvir isso, saindo da boca do meu pai. Ainda mais com aquela tranquilidade. Aí eu perguntei da minha mãe, aí ele disse que ela sabia também, mas que preferia fingir, fingir que não sabia, preferia se enganar. Ham! Ele falou que eu tinha que

conversar com ela, se não eu ia acabar com a minha vida. Ele falou que ele tentou ser o que o pai dele queria que ele fosse, mas... Ele casou com a minha mãe porque ele amava ela. Segundo ele, foi a única atitude de coragem que ele teve na vida, mas que depois de casado, viu que a paixão da dona Carmem era os negócios. Ham! Ele sabe que minha mãe gostou dele, gosta, mas ela casou mesmo porque ele era rico. E quando ela percebeu que ele não tinha talento pra, pros negócios, ela assumiu. Eu sou igual ao meu pai.

Theo – Eu acho que você é mais parecido com seu pai do que você pensa, mas não é igual a ele. Você me disse que ele contou que casar com a sua mãe foi o único ato de coragem dele. Ele amava sua mãe e ele assumiu esse amor.

Felipe – Ah! Meu pai sempre foi fraco pra mim. Agora ele... (silêncio) Ele me disse que se quisesse assumir, ele ficaria do meu lado. Ele deixou claro que é isso que ele quer que eu faça, que eu seja feliz do jeito que for.

Theo – E isto te surpreendeu?

Felipe – Muito! Eu falei que minha mãe ia surtar, que eu ia ser deserdado, ia perder o emprego. Ele falou que a empresa era dele que eu não ia perder o emprego e muito menos ser deserdado. Aí ele falou uma coisa tão bonita. Ele falou que eu podia ser filho da dona Carmem, mas que eu era filho dele também.

Theo – E você falou com sua mãe?

Felipe – Tentei. Quando eu cheguei na casa deles, ela veio me abraçar. Eu fiquei tão irritado Theo. Foi me dando uma raiva, eu nunca senti raiva da minha mãe. Mas, aquela hora, eu odiei ela.

Theo – A raiva é um sentimento muito poderoso porque ele pode ser transformador. Desde que você começou as suas sessões, você demonstrou ressentimento com o seu pai, com o Guto, mas nunca por sua mãe.

Felipe – Eu nunca tinha entendido o quanto ela é egoísta, ela só pensa nela. Ela sempre soube Theo, mas mesmo assim ela fez de tudo pra eu namorar e casar com a Nicole. Eu tentei, eu falei que a gente precisava ter uma conversa séria, mas ela não me ouviu, não queria me ouvir. Aí eu falei pra ela: “Mãe, eu sei que a senhora sabe.” Nossa! A cara dela virou uma pedra. Ela falou que a única coisa que ela sabia é que eu tinha um futuro brilhante e ela que não ia deixar estragar tudo por causa de um... hábito.

Theo – Talvez ela tenha medo da vida que você teria sendo diferente. Ela acredita que fazendo o que ela quer, você terá um futuro brilhante. E se você não obedecer, o seu futuro vai se estragar. Eu só gostaria que você entendesse que esse é um medo dela, não é um medo seu.

Felipe – Quando eu era criança, eu achava que a minha mãe era a coisa mais perfeita do mundo. Ela sempre dizia que eu era a única pessoa no mundo que ela amava. Sempre adorei ouvir isso. Eu não quero mais.

Theo – Isso pra você, pela sua formação pode soar estranho, mas o afastamento pode ser muito positivo tanto pra você quanto pra ela. Às vezes, a distância aproxima muito mais do que a presença.

Felipe – Sabe o que ela disse? Que se eu quisesse podia continuar fazendo o que fazia, mesmo depois de casado porque um monte de gente faz isso. Que era só ser discreto. Ham! Nossa! Isso me deu um embrulho no estômago. Achei minha mãe tão fria, tão escrota.

Theo – Talvez, esses gestos sempre estiveram lá, mas você só queria ver a beleza e a força dela. Você consegue imaginar o esforço da sua mãe para sempre parecer maravilhosa pra você? Acredito que ela poder te enxergar como ela é e você conseguir enxergá-la como ela é, pode ser muito bom pra vocês.

Felipe – (começa a chorar) Me deseja sorte!

Theo – Boa sorte! (os dois se dirigem a porta)

Sessão 7

Nos capítulos anteriores de Sessão de Terapia...

Felipe – Quando eu saí daqui na semana passada, eu saí com uma angústia, uma vergonha tão grande de mim. Eu não gosto de mulher, nunca gostei. Minha mãe vê tudo como um investimento, até meus relacionamentos. O nome dele é Gustavo, Guto. Eu achei que eu ia sair daqui com uma decisão, mas ahh.

Guto – Então se você não decide. Eu decido pela gente.

Felipe – Meu pai, acho que foi a terceira vez que ele apareceu lá e perguntou: (silêncio) “Qual o nome do rapaz?” Eu nunca pensei nisso saindo da boca do meu pai. Aí eu perguntei da minha mãe e ele disse que ela sabia também, mas que preferia fingir. [...] Só que eu acho que eu não tenho coragem de ser eu mesmo. Pode ser que eu esteja preparando terreno pra separação. [...] Ela falou que tava com medo de morrer. Quando eu cheguei no hospital, ela me abraçou chorando. Sabe quantas vezes eu vi minha mãe chorando? [...] Meu pai é escroto, não tá nem aí pra ela. [...] Você acha que a culpa é da minha mãe? Que ela me manipula, me usa. Quer saber, eu nunca vou ter filho, não quero que ele tenha que me matar na terapia.

Theo – Você quer matar sua mãe na terapia?

Felipe – Ele falou que a empresa era dele que eu não ia perder o emprego e muito menos ser deserdado. Ele falou que eu podia ser filho da dona Carmem, mas que eu era filho dele também. [...] Teve uma vez que eu fiquei uns dois meses viajando com ela. Acho que foi a melhor época da minha vida, eu amei a Grécia. Não sei, acho que porque lá eu podia ser quem eu sou.

Theo – Não acha que precisou ir longe de mais pra ser você?

Felipe – Não notou nada de diferente em mim?

Theo – O que aconteceu?

Felipe – A minha mãe, a gente cortou relações.

Theo – E como é que você está se sentindo?

Felipe – Muito bem. (sorri) Muito bem.

Theo – E como é que isso aconteceu?

Felipe – Ahn! Quando eu saí daqui, na última semana, eu vi que eu precisava tomar uma atitude. Eu já sabia qual era, mas eu não queria ter que fazer isso. Só que eu percebi que não dava pra adiar. Depois que eu tive aquela conversa com meu pai e falei com você, eu decidi. Na quarta mesmo, eu levei a Nicole pra casa, a casa que meus sogros deram pra gente, ela começou a mostrar os presentes que tavam chegando e tinha uma revista que queria fazer uma matéria com a gente na casa nova. Na hora, eu pensei que se realmente a gente fosse casar, se eu realmente gostasse dela, a gente não ia ter que fazer essas matérias *fakes*, pagas, só para mostrar como a gente tá feliz.

Theo – Tem gente que faz isso?

Felipe – Oh! Você tá por fora!

Theo – Por que você acha que essas pessoas fazem isso?

Felipe – Porque elas são que nem eu. Elas querem ser amadas, admiradas. E elas querem isso porque elas não se gostam. Porque se gostassem mesmo não precisariam desse reconhecimento. Enfim, ela fez de tudo pra não me ouvir, mas eu contei tudo pra Nicole. Tudo! Sabe o que ela pensava? Que eu tinha outra mulher. Ham! Ela nem desconfiava que eu era gay. Como é que ela nem desconfiava, como é que ela não percebeu.

Theo – Às vezes, nós nos esforçamos tanto para parecer uma outra coisa que pode parecer verdade para as outras pessoas.

Felipe – Enfim, agora ela já sabe.

Theo – Então você cortou relações com a Nicole e com a sua mãe?

Felipe – Eu não cortei relações com a Nicole, eu só falei a verdade pra ela. Agora, com a minha mãe. Bom, quando eu cheguei em casa, dona Carmem já tava lá. Lógico que a Nicole ligou pra ela e contou tudo. Minha mãe tava uma fera, transtornada. Ela disse que, por sorte, a Nicole só tinha falado com ela e não com a família. E que por isso, ainda dava pra consertar a merda que eu tinha feito. Ela mandou eu falar que era uma brincadeira de mal gosto e pedir perdão.

Theo – E você?

Felipe – Eu falei que eu não ia pedir desculpas pra Nicole e nem voltar atrás do que eu tinha dito. Aí ela disse que não tinha me criado pra ser um homem e não uma bicha. (levanta, pega um copo de água e toma. Olha um quadro com um caminho)

Theo – Felipe, que mais sua mãe e você conversaram?

Felipe – Nada! Ela só queria confirmar se eu tinha cancelado o casamento. Ham! Com tanta coisa pra me falar, ela perguntou isso. Ahn! É isso! Eu não vou mais casar.

Theo – E como sua mãe reagiu quando você disse isso?

Felipe – (sentou) Como é que você acha que ela reagiu? Ela disse que era melhor, eu casar e divorciar. Daí sabe o que ela fez? Começou a chorar, falou da vida dura que ela teve, que as pessoas torciam o nariz pra ela. Que eu tinha que casar com a Nicole, que eu devia esse casamento pra ela.

Theo – Você sabe que não deve nada disso a sua mãe.

Felipe – Aí ela pegou a bolsa e disse que não queria mais falar comigo e que era pra esquecer que tinha mãe e foi embora.

Theo – E como é que você está?

Felipe – Eu não sei dizer, um vazio. Sabe quando você espera muito por uma coisa e quando ela acontece, não é como você imaginou. Pois é. Eu achei que se ela deixasse de gostar de mim, tudo ia acabar, mas não. Eu não fui deserdado, pelo menos não até agora, eu não perdi meu emprego. Ninguém me tratou diferente. Quer dizer, menos o pai da Nicole, esse, esse sim queria me matar. Mas fora isso, nada mudou.

Theo – E isso não é bom? E como é pra você, encontrar sua mãe na empresa?

Felipe – Eu pedi demissão, mas tudo bem. Eu fiz uns contatos e até já recebi proposta de trabalho. De repente, essa resistência que eu tinha em achar que eu não ia conseguir outro trabalho tinha a ver com aquela coisa de conforto que você falou. Era a desculpa perfeita pra eu não me assumir, mas eu acho que eu fiz o certo.

Theo – (batem na porta) Dá licença! (chega um pacote e uma flor) Muito obrigado!

Felipe – Não acredito! (toca o telefone) Não atende!

Theo – Você não gostaria de saber o que ela quer? (olha o bilhete) Ué, não é pra mim não, é pra você.

Felipe – (Theo estende o presente a ele) Não, não. Deixa. (o celular toca) É ela, quer ver. (olha o celular) Meu pai! (atende o celular) Oi pai! (ouve) Sei. Como é que é? (ouve) Tá. Beijo.

Theo – Tudo bem?

Felipe – Meu pai voltou pra empresa. (aponta para o pacote) Deixa eu ver. Ham! (abre a primeira caixa) Doce de leite! Ela jogou baixo, ela sabe que eu amo. (pega outra caixa, é um relógio infantil) Caramba! Não acredito que ela guardou isso! Tá querendo me amolecer. (pega o bilhete)

Theo – Quer que eu saia pra você ler?

Felipe – Não! Pode ficar.

Felipe lê o bilhete em voz alta.

“Querido filho! Me deixar com seu pai na empresa não é justo. A construtora é sua, você é o futuro presidente. (respira, silêncio) Por isso, peço que volte logo pro seu lugar. Gostaria também de te pedir que traga seu amigo pra jantar. Estou muito feliz porque criei um homem de coragem. Mas tem um outro motivo que me deixa mais feliz. Desse jeito, eu sempre serei a única mulher da sua vida.”

Tá vendo como ela é?

Theo – Eu acho que isso pode ser o começo de uma nova relação entre vocês.

Felipe – Presidente.

Theo – E isso é bom?

Felipe – Isso é chantagem Theo! Dona Carmem só vai sair da presidência depois de morta. (rasga o bilhete) Você percebeu que ela não me pediu desculpas nenhuma vez. Ela me mandou isso porque ela sabe que assim ela me ganha, me ganhava.

Theo – Como é que você está se sentindo?

Felipe – Adulto. Eu não sei se eu sinto raiva ou pena dela. Eu só sei Theo, que se ela não consegue deixar eu viver a minha vida, quem tem que fazer isso sou eu. Eu preciso fazer isso.

Theo – Fico feliz por você. E não há nada de estranho um homem adulto tomar as suas próprias decisões.

Felipe – É! Eu só não vou poder contar tudo isso pro Guto.

Theo – E por que não?

Felipe – Ah Theo! Ele não vai querer mais nada comigo. Acabou.

Theo – Você acha realmente que acabou?

Felipe – (sorri) Não.

Theo – Ele sabe que você cancelou o casamento?

Felipe – Acho que não. (chora) Mas se ele não quiser mais nada comigo?

Theo – É um risco que você tem que correr. Eu sempre aconselho aos meus pacientes, para avaliar não o risco, mas o que pode resultar dele. O que que você acha que pode resultar dessa tentativa de você procurar o Guto? O que que você acha que pode acontecer de ruim?

Felipe – É! Eu acho que se eu levar um não, isso não vai me matar né! (sorri, pega o presente, levanta-se e sai) Semana que vem eu te conto do Guto. Obrigado, Theo!

Theo – (senta-se e pega o bilhete rasgado e sorri)